

UM DELICIOSO ROMANCE DE HARÉM INVERTIDO



TRÊS SUECOS NA MONTANHA

LILY GOLD



«Oh, meu DEUS, estou apaixonada.
Este livro é perfeito da primeira
à última página!»

GOODREADS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

UM DELICIOSO ROMANCE DE HARÉM INVERTIDO



TRÊS SUECOS NA MONTANHA



LILY GOLD

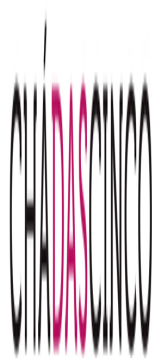


«Oh, meu DEUS, estou apaixonada.
Este livro é perfeito da primeira
à última página!»

GOODREADS



Ficha Técnica



livros com sexta-feira

Título: *Três Suecos na Montanha*

Autoria: *Lily Gold*

Editora: *Célia Almeida Nogueira*

Esta edição © 2024 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original Three Swedish Mountain Men © © 2021 Lily Gold

Tradução: *Célia Correia Loureiro*

Revisão: *Liliana Simões*

Design da capa: *Yummy Book Covers*

Data de Edição E-Book: *fevereiro, 2024*

isbn: *978-989-710-636-1*

Chá das Cinco é uma chancela do Grupo Saída de Emergência

Apartado 35

Loja CTT S.P. Estoril

2766-501 S. Pedro do Estoril

Acompanhe as nossas novidades em

www.sde.pt

[facebook](#)

[instagram](#)

e [twitter](#)

Carta da Autora

Dear reader,

Thanks for picking up
Three Swedish Mounta
Men! I hope you are
getting to know Dais
and her guys as well
as I enjoyed writing
their story.

Happy reading!

Alen

Nota da Autora

Este romance de harém invertido inclui cenas gráficas de erotismo entre vários parceiros (não se deixem enganar pela capa com desenhos fofinhos — é muito atrevido!).

Embora este seja um romance doce repleto de momentos picantes, aborda vários temas sensíveis. Pode consultar a lista completa no meu *website*: www.lilygoldauthor.com.

Boa leitura!

Daisy



Juro por Deus que o alce aparece do nada.

Num instante, vou tranquilamente no meu caminho, a conduzir por uma estrada sinuosa no meio de um pinhal gelado e resplandecente. É o meu primeiro dia na Lapónia e cheguei ao *Airbnb* algumas horas antes da hora de *check-in*, por isso decidi explorar a zona. Está uma tarde linda; as estradas estão limpas e vazias, as montanhas elevam-se ao meu redor e a neve cai em flocos pesados, que esvoaçam tranquilamente desde o céu.

De repente, faço uma curva e dou de caras com um alce gigantesco.

É enorme, duas vezes mais alto do que o meu carro, com chifres longos e cheios de ramificações que parecem suficientemente afiados para me atravessarem. O corpo bloqueia a estrada toda. Não há maneira de o contornar, de modo que buzino para o assustar.

O que se revela uma má ideia.

Quando o barulho da buzina ecoa na floresta, o alce salta, descreve uma volta quase completa e avança diretamente para o meu carro.

Juro que virei o volante para o lado e engatei a marcha-atrás, o que levou a que o carro saísse da estrada e entrasse num bosque. Por um momento, tudo parece fora de controlo, enquanto os pneus derrapam na neve. Fecho os olhos, a preparar-me para o impacto.

E, então, sou abalada por uma onda de choque. Ouço o som de vidros a partirem-se e sinto o ar gelado contra a pele quando as janelas de trás se estilhaçam e colapsam para o interior do veículo. O cinto de segurança tranca e cinge-me enquanto sou empurrada para a frente. Antes que saia a voar pelo para-brisas, o *airbag* explode na minha cara, empurrando-me a cabeça para trás. O meu crânio estala contra o assento. A dor rasga-me a nuca e eu grito quando o carro para, a chiar e a ranger.

Durante alguns segundos, fico ali sentada, a arfar. Sou percorrida por ondas de adrenalina. As minhas mãos continuam agarradas ao volante, os nós dos dedos brancos. Está tudo estranhamente silencioso. Ouço o farfalhar das árvores lá fora e o ruído dos flocos de neve grossos que caem e derretem sobre o para-brisas.

Tento mexer-me, mas o *airbag* não mo permite. Ouço-o sibilar enquanto se esvazia lentamente diante da minha cara.

Fechando os olhos, faço um balanço da situação. Não sinto que esteja molhada em lado nenhum, por isso não creio que esteja a sangrar, e nada me dói tanto que pudesse estar partido. Sinto o pescoço a arder quando tento virar a cabeça, mas espero que seja apenas tensão muscular. Expiro aos poucos, a

sentir as lágrimas a picarem-me os olhos.

Não quero ser dramática, mas não há dúvida de que esta foi a pior semana da minha vida.

Há apenas sete dias, estava numa sala de aula de artes do liceu, a ensinar alegremente técnicas de esfumar carvão a miúdos de dezassete anos. Depois do trabalho, fui a um *pub*, e, quando cheguei a casa, havia carrinhas da comunicação social à porta e nenhum dos meus amigos estava a responder aos meus telefonemas. O diretor da escola tinha-me despedido por *e-mail* e o meu atendedor de chamadas estava cheio de mensagens de jornalistas. Alguém tinha pintado a palavra «Putá» com *spray* na minha porta da frente.

Um *e-mail*. Foi tudo o que bastou para que o meu ex-namorado, nojento e traiçoeiro, destruísse a minha vida.

Eu esperava que o drama se resolvesse depressa, mas isso não aconteceu. Nos dias que se seguiram, o assédio foi piorando, com mais repórteres a baterem-me à porta e vizinhos zangados a enfiarem-me cartas desagradáveis na caixa do correio. Ontem à noite, por fim, cedi. Tinha de me ir embora. A Suécia pareceu-me um bom sítio para descansar um pouco. Há anos que queria ver a aurora boreal e pensei que, se seguisse bem, bem para norte, até à Lapónia, não haveria hipótese de alguém me encontrar. E estaria a salvo.

Como é evidente, esqueci-me de incluir alces selvagens nos meus cálculos.

Registo vagamente o som de pneus na gravilha e o meu coração dá um salto quando me apercebo de que um carro parou na estrada atrás de mim. Graças a Deus. Ouço as portas do veículo a baterem e, de seguida, passos apressados na minha direção. Duas vozes masculinas aos gritos, mas não percebo o que estão a dizer. Vejo uma forma escura do lado de fora da minha janela, e depois a porta do lugar do condutor abre-se. Um homem inclina-se para o interior do meu carro e avalia a confusão. Diz qualquer coisa em sueco que soa a urgente, mas eu ainda estou tão atordoada por causa do acidente que me limito a pestanejar na direção dele.

O tipo parece uma espécie de deus nórdico. Um rosto rude e grisalho, barba loura e olhos azuis como o gelo. Talvez seja mesmo o Thor. Como continuo simplesmente a olhar, ele entra no carro, apoia a mão enluvada na minha bochecha e repete a pergunta mais devagar. O polegar roça levemente a minha maçã do rosto.

Finalmente, a minha boca reage:

— Desculpa, mas falas inglês?

Ele levanta uma sobranceira loura. O *airbag* esvazia-se por completo e fica pendurado no volante como um saco de plástico vazio. Tiro as mãos do volante e deixo-as cair ao lado do corpo. A minha cabeça está a flutuar. Tento

lembrar-me do conjunto de frases que memorizei a partir do meu guia nessa manhã.

— Hum. *P-pratar du engelska?* Desculpa, não percebo o que estás a dizer...

O Thor vira-se para alguém atrás dele.

— É *turista* — diz ele em inglês, e as palavras estão impregnadas de repulsa.

— Nesse caso, mais vale deixá-la aí para morrer — diz uma voz baixa. Tento puxar a fivela do cinto de segurança, mas as minhas mãos estão demasiado dormientes para a abrir e escorregam sobre o plástico. O Thor baixa-se e aperta o botão com o polegar. Estremeço quando o cinto de segurança sobe pelo meu corpo, voltando a encaixar-se na base.

Foi o que me manteve viva. Uma tira de poliéster. Sem ela, é provável que estivesse morta.

Merda.

O Thor estreita os olhos na minha direção.

— Conduzes como uma parva — grunhe ele. — E esse sotaque sueco é o pior que alguma vez ouvi na minha vida.

Eu gaguejo.

— Oh, sai da frente — murmura o segundo tipo, e o Thor é empurrado para o lado. — Se ela está a morrer, pode muito bem olhar antes para alguma coisa bonita, em vez da tua cara feia.

Os meus olhos arregalam-se quando uma nova cabeça entra pela porta do carro. É tão atraente quanto o primeiro tipo — as maçãs do rosto bem cinzeladas e lábios cheios e carnudos. Os olhos são de um verde muito claro, e o cabelo é de um castanho-acobreado brilhante, e cai em caracóis desgrenhados sobre a testa. Ele faz-me um meio-sorriso e surge uma covinha numa das suas bochechas. Sinto o rosto a aquecer.

Não sei bem o que se passa comigo. Regra geral, não é costume olhar descaradamente para os homens. Talvez esteja mesmo a morrer na neve e o meu cérebro esteja a projetar uma alucinação tranquilizadora de homens bonitos enquanto me esvaio em sangue aos poucos. Seria ótimo.

— E-eu peço desculpa — articulo, estupidamente, porque é a única coisa que me ocorre dizer.

— Ah, não peças, querida — diz ele, alegremente, enquanto me percorre com os olhos. Tem um bocadinho de sotaque, uma suave declinação que confere um tom bonito e cantante às suas palavras. — Estás ferida? Doem-te as costas?

— Eu... — Giro os ombros e a dor volta a subir-me ao pescoço. — As costas não.

— Ótimo — Ele estende-me uma mão enluvada. Eu agarro-a e deixo-o puxar-me gentilmente para fora do carro destruído. — A probabilidade que tens de conseguir uma ambulância aqui em cima não me agrada. — Ele puxa-me para a estrada. O ar frio fustiga-me a cara, enquanto os flocos de neve caem, pousando no meu casaco. Tropeço quando os meus pés batem na neve espessa, e ele passa o outro braço à volta da minha cintura, mantendo-me de pé. — Estás bem — diz ele, com suavidade. — Tu estás bem. Ao contrário da pobre árvore em que acabaste de bater.

Preparo-me mentalmente, depois olho em volta para a devastação que causei. Estava mais ou menos à espera de ver uma carcaça gigante a sangrar na neve, mas, a julgar pela linha de pegadas de cascos que conduzem à floresta, o alce safou-se por *pouco*. Ainda bem para ele.

Em vez disso, bati de traseira num pinheiro.

— Que merda — balbucio, a olhar para o carro. Não é lá grande coisa. É um amontoado de metal laranja em segunda mão com a pintura lascada, mas tenho-o desde que era adolescente. Durante anos, poupei o meu ordenado de empregada de mesa para comprar este carro. Nessa manhã, apanhei o *ferry* em vez de um avião, só para poder levá-lo comigo para a Suécia. E agora está tão amolgado e rachado que nem parece um carro. — Oh, meu Deus! Estava ali um alce e...

— Eu vi-o — resmunga o Thor. — O Eli viu-o. As pessoas da aldeia viram-no. Aparentemente, a única pessoa que não o viu foste tu. — Eu olho para ele. Está de braços cruzados e mandíbula cerrada enquanto olha para mim. — Como é que não viste um animal com dois metros de altura? Conduzes como uma parva. Podias tê-lo matado.

Fico boquiaberta.

— *Eu* podia tê-lo matado? Ele é que podia ter-me matado!

Ele encolhe os ombros, como se a minha morte não fosse assim tão má.

O ruivo lança-lhe um olhar, depois vira-se para mim.

— Não lighes, ele fica todo rabugento quando os seus animais se magoam. Como te chamas, querida?

Hesito enquanto a minha mente trabalha a toda a velocidade.

— Hum. Uh... Daisy — digo eu.

Sou uma péssima mentirosa, e, a julgar pelo sobrolho franzido do Thor, ele também pensa assim, mas o outro homem limita-se a sorrir, oferecendo-me a mão.

— Daisy. Que bonito. Eu sou o Elias Sandahl. Bem, prefiro Eli — diz ele, apertando-me a mão com firmeza. — E o urso grande que está a olhar para ti por cima do meu ombro é o Cole. Peço desculpa em nome dele, tem graves problemas comportamentais.

O Thor-Cole resmunga qualquer coisa, e aplica uma palmadinha na bagageira amolgada.

— Espero que não tenhas nada de importante aqui atrás.

Arregalo os olhos. Trouxe telas e todas as minhas tintas comigo, porque pensei que, se continuasse a pintar encomendas, poderia esconder-me aqui durante meses. Para o caso de, um dia, alguém querer voltar a contratar-me.

Merda, merda, *merda*.

Corro para levantar a porta da bagageira e fito, com horror, o meu equipamento destruído. As telas estão todas completamente arruinadas, as molduras partidas e o tecido rasgado. A maior parte da tinta parece estar bem, embora um tubo de vermelho cádmio tenha rebentado, salpicando o restante material todo com um carmesim vibrante e gotejante. Parece o cenário de um crime.

O Eli posiciona-se atrás de mim, a observar a carnificina.

— Merda — diz ele.

Estico a mão para tocar na minha mala de viagem e, quando a retiro, os meus dedos estão vermelhos. Sou apanhada pela realidade das minhas circunstâncias. Encontro-me presa num país estrangeiro, sem carro, sem forma de ganhar dinheiro e sem saber onde estou. Olho para o céu. Nos últimos minutos, a neve tornou-se ainda mais pesada e as nuvens estão a escurecer de forma ameaçadora.

— *Merda* — repito.



Claro que é uma turista. *Claro* que sim.

Odeio turistas. Nenhum deles sabe conduzir aqui. Chegam com os seus pneus de verão e acham que vão ser capazes de navegar no gelo e na neve. Olho para dentro da janela partida e luto contra a vontade de praguejar. Ela está a conduzir um carro estrangeiro, por amor de Deus. O volante está do lado errado. É preciso ser-se um condutor exímio para conduzir o tipo de carro errado por estradas escuras e inverniais.

Coisa que é evidente que esta rapariga não é. É provável que tenha passado por pouco no exame. Será assim tão difícil desviar-se sem derrubar uma árvore?

Detesto turistas.

Ouçoo vagamente o Eli a namoriscar com ela atrás de mim, enquanto examino o carro. A voz dela soa suave e trémula quando responde. Parece nervosa.

É bom que esteja. É uma sorte que esteja viva. Dou a volta ao carro, a estudar os danos. O vidro traseiro está rachado e a bagageira ficou amassada como uma lata. Ela deixou a chave na ignição, por isso inclino-me e rodo-a. Não acontece nada. Com um suspiro, retiro-a, batendo com a porta do carro.

— Ei! — Levanto o olhar. A rapariga está a franzir-me o sobrolho. — O que é que estás a fazer? Devolve-me as minhas chaves.

Passo os olhos por ela. Ela é pequenina. Se não fossem as curvas suaves que pressionam o seu casaco de esqui rosa-claro, nem sequer me iria ocorrer que ela tivesse idade suficiente para conduzir. Apesar de ser do tamanho de uma boneca *troll*, está de braços cruzados, a olhar para mim como se estivesse prestes a enfrentar-me.

Não tenho tempo para isso.

— Porque é que buzinaste? — pergunto.

Ela pestaneja.

— Porque estava um alce gigante na estrada. Estava a ver se ele se mexia.

— Nunca se buzina para um alce. Acabas por assustá-lo.

— Bem, sim — murmura ela —, era esse o objetivo.

Eu estremeço.

— O que preferes, um animal de seiscentos quilos parado na estrada, ou a correr por aí de maneira imprevisível?

— Cole — começa o Eli.

Eu ignoro-o.

— *E* estavas a conduzir muito depressa.

— Eu estava abaixo do limite de velocidade! — protesta ela.

— Quando há alces na estrada, conduz-se ainda mais devagar.

— Bem, desculpa se não conheço o *protocolo dos alces* — sibila ela. — É a primeira vez que venho a este país.

Ela começa a avançar na minha direção, mas, um instante antes de me alcançar, perde o equilíbrio e fica a oscilar precariamente sobre os pés. As minhas mãos disparam e agarram-na antes de ela se estatelar no chão. Caramba! Ela nem sequer se consegue manter direita, por amor de Deus.

— Como é que podes ser tão desastrada? — vocifero, pondo-a de pé. — Estavas a conduzir bêbada?

— Podes parar de gritar, por favor? A minha cabeça está a dar cabo de mim. — Ela pega nas chaves e encosta-se pesadamente ao capô do carro, esfregando os olhos. A cor esvaiu-se toda do seu rosto.

Que merda. Ela não é apenas desastrada. Está tonta.

— Bateste com a cabeça, não foi? — digo-lhe, sem rodeios.

Que bom. Agora, mesmo que eu conseguisse pôr o carro a trabalhar, ela não seria capaz de o conduzir.

— Desculpa lá o incómodo — murmura ela.

Suspiro e estendo a mão para o seu rosto. Ela desvia-se das minhas mãos.

— O que estás a fazer?

— A ver se estás a sangrar. — Puxo o seu capuz fofo para baixo e congelo ao obter uma boa visão do seu rosto.

Oh.

Ela é linda. Muito, muito bonita. Bochechas macias, olhos castanhos enormes e uma boca rosada. Ela abana a cabeça e os caracóis castanho-chocolate desfazem-se debaixo do capuz e caem-lhe até à cintura. Ao meu lado, vejo o Eli estremecer de interesse.

— Ela não está a sangrar — digo-lhe eu, com uma voz mais áspera do que o habitual. — Mas está tonta e o carro não pega.

Ele olha com cautela para o céu.

— Então, devíamos voltar para a cidade antes que a tempestade chegue. Instalá-la num hotel e chamar um médico. Ela diz que vai ficar em Kiruna.

Eu bufo.

— Claro que vai.

Passámos o dia todo em Kiruna, a abastecer-nos de mantimentos. Odeio as coisas por lá. Está cheia de turistas nesta altura do ano, que querem andar de trenó puxado por cães, fazer festas às renas e publicar a aurora boreal nas suas histórias de *Instagram*. Olham para os nativos como se fôssemos o raio de uma exposição num museu.

O Eli suspira.

— Meu. Vá lá. A viagem até à cabana pode levar quase uma hora se a neve começar a cair com força. Podemos não conseguir chegar a tempo.

— Vamos conseguir — digo, cheio de convicção.

— Não podes estar completamente certo disso.

— Sim, estou. — Abro a bagageira da nossa carrinha e tiro uma fita de boque. — Se voltarmos à cidade, vamos ficar presos na neve. Não vou passar *semanas* naquela armadilha para turistas. — Prendo o carro da rapariga, puxo o cabo para me certificar que está firme e depois viro-me para ela. — As chaves.

— O quê?

— Devolve-me as tuas chaves.

Ela parece assustada.

— O quê? Não! Espera, o que é que está a acontecer?

Por um segundo, pergunto-me se ela é mesmo estúpida. Depois, dou-me conta de que ela não percebeu nada da nossa conversa.

Turistas.

— Não podes conduzir — resumo. — O teu carro está destruído e tens um ferimento na cabeça. O que significa que tens de vir connosco. Vem aí uma tempestade. Temos de nos pôr a andar agora.

Ela dá um passo atrás, cruzando os braços sobre o peito. Já está a tremer dentro do seu casaco cor-de-rosa fino.

— Mas vão levar-me para onde?

— Para casa.

Ela arregala os olhos.

— Eu não vos conheço. Não vou deixar que me levem para a vossa casa!

— Está bem. Então, morre aqui.

Bato com o porta-bagagens da carrinha.

O Eli põe o casaco sobre os ombros dela.

— Não tens escolha, querida — diz ele, a desculpar-se. — Já estás a congelar. Quando o vento levantar, vais ficar com hipotermia num instante. Juro que não mordemos.

— Eu posso chamar alguém para rebocar o carro. — Ela olha para mim.
— Um profissional. Não um estranho qualquer na rua.

— Boa sorte com isso.

— Com este tempo, ninguém virá — explica o Eli. — Neste momento, toda a gente está a ir para casa esperar pela tempestade. Duvido que consigas sequer apanhar rede.

Estendo uma vez mais a mão.

— Vou pedir uma última vez. Dá-me. As tuas. Chaves.

Ela olha-me fixamente, com o maxilar tenso, a raiva a arder naqueles

bonitos olhos castanhos. Os flocos de neve caem entre nós, e já se nota que estão a ficar mais agitados. Sem pensar, inclino-me e puxo o capuz do casaco dela para baixo, cobrindo-lhe a cabeça.

Ela aperta os lábios. Lentamente, abre a mão enluvada e oferece-me a chave. Pego nela e meto-a de novo na ignição do carro para destrancar a direção, depois volto para a carrinha, agarro o puxador da porta de trás.

— Entra.

Ela atira-me um último olhar duro, depois entra sem dizer nada. Eu fecho a porta e dirijo-me para o lado do condutor.

— Custava-te muito ser simpático? — resmunga o Eli, enquanto prende o cinto ao meu lado. — Ela teve um acidente de carro.

— Estou a salvar-lhe a vida. Acho que isso é muito simpático da minha parte.

— Ela está assustada — insiste ele.

— Podes dar-lhe colo quando chegarmos. — Ligo o motor. — Põe o cinto de segurança — ordeno por cima do ombro, depois arranco com a carrinha.

Daisy



Se calhar devia ter argumentado mais, penso, enquanto vejo a floresta coberta de neve a passar do lado de fora da janela. Acho que li algures que as hipóteses de escaparmos a um rapto diminuem em noventa e cinco por cento quando se entra no carro. Não conheço estes homens. Podem ser qualquer um.

Sinceramente, estou a começar a não me sentir bem. Agora que a adrenalina saiu de mim, não consigo parar de tremer. O meu cérebro está lento e enevoado e o meu pescoço está a matar-me. Acho que é um efeito secundário por ter sido empurrada para trás contra o banco.

— Tens a certeza de que não me podes levar de volta à cidade? — pergunto ao Cole, enquanto espreito pelo para-brisas. O terreno está a ficar mais íngreme à medida que subimos a montanha. O medo aperta-me. A que altitude é que estes tipos vivem? Disseram-me que Kiruna, onde era suposto ficar, é a cidade mais setentrional de toda a Suécia, mas já estamos a conduzir há algum tempo, e não vejo sinais de que vamos parar em breve.

Ele aperta o volante com as mãos.

— Não.

— Como é que eu sei que não estão a raptar-me?

— Não sabes.

— Ótimo — murmuro. — Fantástico.

Enfim. Acho que não tenho outra hipótese. Se ele tiver razão e vier aí uma tempestade, eu teria morrido na mesma. Pelo menos, ser cortada aos bocadinhos será mais rápido do que sufocar debaixo de uns quantos metros de neve.

Dou uma vista de olhos ao carro. É uma carrinha gasta, de aspeto robusto, com bancos de couro escuro. Há casacos de inverno empilhados no banco de trás, a meu lado, e a bagageira está cheia de caixas de cartão e ferramentas.

Olho para elas com desconfiança.

— Há uma arma aqui atrás.

— Sim — responde o Cole.

— E um machado.

— Bem visto.

— Será que podem explicar porquê?

Ele dobra uma esquina e entramos num troço de floresta ainda mais denso. As árvores estão tão próximas umas das outras que absorvem os faróis do carro, escurecendo a estrada.

— Não.

Excelente.

O Eli vira-se e faz-me um sorriso.

— Não te preocupes, querida. Vamos levar-te para um lugar seguro. Prometo.

O Cole murmura qualquer coisa e o Eli revira os olhos. Os homens começam a discutir num sueco rápido, e eu afundo-me no meu assento, fechando os olhos para combater a dor de cabeça latejante.

Acordo com um sobressalto quando o carro para. Devo ter adormecido. Os rapazes estão a tirar o cinto de segurança e a calçar as raquetes de neve.

Parámos em frente a uma cabana de tamanho razoável, rodeada de árvores dispersas e congeladas. As paredes são feitas de tábuas de madeira pintadas de vermelho e há luzes douradas a brilhar nas janelas. Parece saída de um postal de Natal.

Sento-me no meu lugar para ver melhor e quase solto um grito quando sinto a dor no pescoço. Está ainda mais rígido do que antes, e cerro os dentes para combater as lágrimas que me saltam dos olhos.

Sou atingida por uma rajada de ar gelado quando o Eli abre a minha porta.

— Precisas de ajuda? — pergunta ele, alegremente.

— Eu consigo — murmuro, deslizando para fora do carro e para a neve. Afundo-me imediatamente, quase até aos joelhos. A água gelada penetra no tecido das minhas calças de ganga. Estremeço e olho em redor, absorvendo o ambiente.

A neve está a cair do céu, mais espessa do que antes. É difícil ver por entre o redemoinho de flocos espessos. Para além de um grande armazém de madeira, não há mais nenhum edifício por perto. Acho que estes tipos devem viver completamente isolados. Sozinhos na floresta. Sem vizinhos bisbilhoteiros por perto para ouvirem os gritos das suas vítimas.

Ótimo.

O Eli e o Cole tiram uns caixotes da bagageira da carrinha e dirigem-se para a porta da frente. Eu tento segui-los, mas, quando dou um passo em frente, o meu pé afunda-se. Arranco a perna de trás da neve e dou outro passo em frente. É como andar em areias movediças. Só consigo avançar cerca de três metros antes de o meu pé ficar preso em algo escondido debaixo da neve. Perco o equilíbrio, oscilo e depois tropeço para a frente. Estendo os braços, preparada para levar com a neve na cara...

E um par de braços fortes envolve-me o corpo. Sou levantada e pressionada contra o peito de alguém.

Olho para cima e vejo o Cole a carregar-me, como se eu fosse tão leve como uma criança. Assim de perto, consigo distinguir as suaves cerdas louras

que lhe sombreiam o maxilar. Vejo um floco de neve a derreter na sua pele.

— Não temos o dia todo — murmura ele, enquanto avança. Atravessa a distância entre a carrinha e a cabana em apenas alguns passos largos, e, então, muito, muito gentilmente, pousa-me à porta, ao lado do Eli. — Leva-a para dentro. Eu vou meter o carro dela no celeiro — diz com aspereza, e desaparece.

O Eli abre a porta da frente e segura-a para mim.

— Tu primeiro — diz ele, animado.

Engolindo o nervosismo, entro na cabana.

Não sei bem do que estava à espera. Um matadouro salpicado de sangue? Os corpos das suas antigas vítimas todos pendurados no teto em ganchos de talho?

Na verdade, é uma casinha muito bonita. A porta da frente dá diretamente para a sala de estar. Na parede à minha direita há um conjunto de armários e ganchos, suponho que para sapatos e casacos. À minha esquerda, há um sofá de aspeto mole e um par de poltronas agrupadas à volta de uma mesa de centro. Na lareira, crepita um fogo vivaço, e as paredes de madeira estão revestidas de luzes elétricas que emitem um suave brilho dourado.

Dou mais um passo cauteloso para dentro, olhando em redor. Há estantes de livros ao longo das paredes. Uma grande mesa de jantar, rodeada de cadeiras desencontradas. A sala de estar é aberta e consigo ver uma pequena cozinha bem iluminada.

— Riv! — chama Eli atrás de mim, tirando o casaco. — Olha o que encontrámos!

Um homem aparece à porta da cozinha, a segurar uma caneca fumegante. Fico um bocado a pestanejar quando ele vem para a luz. Caraças.

É deslumbrante. Pele de um castanho intenso, maçãs do rosto altas, lábios cheios. Está a usar uma camisa branca engomada, aberta no colarinho. As mangas estão arregaçadas e revelam antebraços incrivelmente grossos, cobertos de pelos escuros. Atrás de um par de óculos de aros grossos, os olhos são penetrantes e frios. Quando ele me percorre com o olhar, sinto-me quase como se estivesse a ser examinada.

— Olá — digo eu, embaraçada. — Desculpa a intromissão.

Ele ignora-me e olha por cima do meu ombro.

— Eli. O que é isto? — A sua voz é calma e profunda, sem qualquer vestígio de sotaque.

— É uma rapariga. — O Eli ajuda-me a tirar o casaco. — Sei que já estás por aqui há algum tempo, mas de certeza que já deves ter visto alguma antes.

Um músculo treme na mandíbula do homem.

— Porque é que ela está *aqui*? — enfatiza ele.

— O carro dela avariou. Não podíamos deixá-la na tempestade, por isso trouxemo-la para aqui.

— E agora, quê? Ela vai ficar aqui?

— O que é que eu havia de fazer? — O Eli empurra-me gentilmente para uma poltrona e inclina-se para me tirar as botas. Eu tento empurrá-lo, não sou nenhum bebé, mas, quando me inclino para a frente, sinto a dor no pescoço e sou obrigada a endireitar-me com um tremor. Ele olha-me com simpatia, ajoelha-se aos meus pés e puxa os atacadores dos meus sapatos cobertos de neve. — Devíamos tê-la deixado ali a morrer?

— Não temos um quarto de hóspedes — diz o homem, friamente.

— Oh, ela é só esta coisinha pequena — diz o Eli, alegremente. — Tenho a certeza de que a conseguimos encaixar algures.

— *Ela* tem nome — interrompo, farta de os ouvir a falar por cima da minha cabeça. — Chamo-me Daisy. Prazer em conhecer-vos.

Os olhos do homem voltam a percorrer-me.

— Riven.

A porta abre-se atrás de mim e a neve cai para o corredor quando o Cole entra, a bater as botas para a sacudir.

— Cole — dispara o Riven. — O que é que se passa?

O Cole espeta o queixo na minha direção.

— Vê como ela está — ordena ele, ríspido.

— O quê? Porquê? — exige o Riven saber. — Quem é esta rapariga?

Abano a cabeça. Já estou farta disto. É evidente que o Eli é a única pessoa que me quer ali.

— Sabem que mais, talvez seja melhor ir-me embora. De certeza que há um hotel ou qualquer coisa aqui perto onde eu possa ficar.

Eu tento deslizar para fora da cadeira, mas, ao que tudo indica, depois de tudo o que aconteceu hoje, o meu corpo acabou por desistir. Os meus joelhos vacilam e dobram-se por baixo de mim.

— Ei! — Três pares de mãos agarram-me: as do Cole nos ombros, as do Eli nas ancas e as do Riven na cintura. Nem sei como é que ele atravessou a sala tão depressa. Tenho de lutar contra a vontade de arquejar quando os três homens me empurram de volta para a cadeira. É impressionante ser tocada em tantos sítios, por tantas mãos quentes e grandes.

O Eli aperta-me a barriga da perna.

— Achamos que ela bateu com a cabeça no acidente. Não se está a sentir muito bem.

O Riven dirige a sua atenção para mim.

— Estás ferida? — tenta saber.

— Dói-me um bocadinho o pescoço — admito.

— Já devias ter dito. — Ele vira-se e dirige-se para a cozinha. — Põe-na em cima da mesa. Preciso dela debaixo da luz.

Eu grito quando os braços do Cole voltam a envolver-me e me levantam do chão. Ele leva-me para a mesa de jantar de madeira escura.

— Eu consigo andar sozinha — murmuro.

— Aprendeste há pouco tempo? Não tens lá muito jeito para isso.

O Riven lava e seca as mãos, depois vem pôr-se à minha frente. Não consigo acreditar no tamanho dele. Apesar de eu estar sentada na mesa, ele continua a elevar-se sobre mim. Todos os homens parecem anormalmente grandes; o Eli é o mais baixo e, mesmo assim, tem mais de um metro e oitenta de altura.

Os olhos escuros do Riven parecem atentos enquanto estuda o meu rosto.

— Estás com náuseas? Confusa?

— Um bocadinho.

Quem é que não estaria confuso naquele momento?

— Dói-te a cabeça?

Encolho-me.

— Está a dar cabo de mim.

Os lábios descrevem uma curva para baixo.

— Hum! — Ele segura a minha cabeça com as mãos. Dou um pequeno salto ao sentir as suas mãos frias. — Muito bem. Vou só verificar se tens ferimentos na cabeça e no pescoço. Por favor, fica quieta. Isto pode doer.



Eu vou matar o Eli.

A culpa é dele. Só pode. Não sei exatamente como é que ele arranjou maneira de encontrar uma rapariga encalhada na estrada, mas tenho a certeza de que o fez de propósito. É o tipo de coisa que ele faria. Ele não conseguiria manter-se afastado de uma mulher bonita nem que a sua vida dependesse disso.

E, claro, ela tinha de ser bonita. Foi difícil não observar enquanto ela e o Eli despiam as roupas todas de inverno. O seu casaco grosso e o capuz fofo caíram, revelando curvas suaves, cabelo castanho longo e um rosto doce, em forma de coração. Vestia umas calças de ganga azuis que lhe cingiam as ancas e uma camisola térmica justa que mostrava os seios fartos. Consigo ver a linha pálida do sutiã através do tecido.

E agora ela está sentada à minha frente, e eu tenho de lhe tocar, de sentir a textura cremosa da sua pele macia. Ela olha para mim, com os seus meigos olhos castanhos sem pestanejar, enquanto eu manejo o seu pescoço, girando-o suavemente de um lado para o outro. A minha mão parece gigante debaixo do seu maxilar delicado. Ela é pequena, deve ter pouco mais de um metro e cinquenta. Alcanço a parte de trás do seu pescoço e ela estremece um bocadinho.

— Assim dói?

Toco no músculo sensível, pressionando ao de leve. Ela acena com a cabeça, depois solta um pequeno gemido enquanto eu massajo o local com o polegar, para sentir melhor. Cerro os dentes.

Sim. Eu vou matar o Eli. Devagarinho.

A Daisy deve ter percebido o meu mau humor, porque aclara a garganta de forma estranha.

— Desculpa incomodar-te com isto. Provavelmente não era assim que querias passar a noite.

— É o meu trabalho — digo, simplesmente.

— És médico?

Aceno com a cabeça, enquanto acabo de lhe examinar o pescoço e dirijo a minha atenção à sua cabeça. Os meus dedos passam pelo seu cabelo enquanto procuro por possíveis feridas no seu couro cabeludo. É como se estivesse a passar as mãos por seda. O cabelo dela é ridiculamente macio e cai até à cintura. Quando o separo com cuidado, à procura de sangue ou de um inchaço, chega-me ao nariz um aroma doce a pêssego. Sinto, literalmente, água na boca.

Ela estremece de repente, um arrepio que lhe percorre a espinha.

Faço uma pausa.

— Tens frio? Queres um cobertor?

— Estou ótima.

— Podemos aumentar o aquecimento, não há problema.

— Eu não tenho frio. Desculpa. É que... sabe bem.

Fico a olhar para ela.

Ela contorce-se, claramente desconfortável.

— Então. Hum. És médico aqui em cima? Por acaso há alguém por aqui para tratares?

— Há povoações aqui perto. Algumas aldeias sami. Faço visitas ao domicílio, sobretudo a pessoas que não conseguem chegar aos hospitais da cidade. — Acabo de lhe examinar a cabeça. — Olha para cima, por favor. — Ela obedece e encolhe-se um pouco. Há qualquer coisa a remexer-se no meu estômago.

Submeto-a a todos os testes que posso fazer em casa, verificando o seu equilíbrio, os reflexos, a dilatação das pupilas. Ela passa em todos com distinção. Por fim, tiro a caneta do bolso para ver se ela consegue seguir o movimento. Levanto-a diante da cara dela.

— Vou mover a caneta para a esquerda e para a direita. Quero que a sigas com os olhos. — Ela assente, e vai girando a cabeça enquanto mexo a caneta. Prendo-lhe o queixo com a mão. — Mantém a cabeça quieta — ordeno, baixinho. Ela olha para mim, um pouco atordoada. Mantenho a mão debaixo do seu maxilar, enquanto terminamos o teste, e sinto a sua pulsação a latejar contra os meus dedos.

Ela consegue seguir o movimento sem qualquer problema, por isso afasto-me, satisfeito. — Muito bem. — Volto a guardar a caneta no bolso. — Não tens nenhuma contusão, embora pareça que tens uma ligeira entorse no pescoço. No entanto, ainda tens uma grande amplitude de movimentos. No teu lugar, não ficaria muito alarmado. — Esfregando as mãos, dirijo-me para o armário da cozinha que usamos como armário médico, e ponho-me a remexer no seu interior. — Vou dar-te uns relaxantes musculares para as dores. Vão deixar-te sonolenta, mas é melhor dormires, de qualquer forma. É provável que os outros sintomas sejam só o choque psicológico. As experiências de quase-morte tendem a fazer-nos sentir mal. — Encontro a embalagem de comprimidos roxos que procurava e verifico a data de validade. — Depois de comeres e dormires, deves começar a sentir-te mais normal. Podes preparar-lhe alguma coisa para comer, Eli? Algo quente?

— Claro que sim. — Ele salta do balcão. — Também queres?

— Eu já comi. Quero ir dar uma olhadela ao carro dela antes que a neve fique muito má. — Entrego-lhe os comprimidos. — Toma dois quando

comeres. Onde é que estás alojada? Kiruna? — Ela acena com a cabeça. — Vai demorar um bocado até que as estradas para a cidade voltem a estar desobstruídas, mas há uma povoação sami a meio caminho. Uma aldeia. Eles têm um mecânico. Tens a carteira contigo?

Ela acena com a cabeça, tirando-a obedientemente do bolso das calças de ganga e entregando-ma.

— A sério? — diz o Eli. — Fizeste aquele estardalhaço todo por causa de o Cole rebocar o teu carro, mas dás-lhe a carteira assim sem mais nem menos?

Ela encolhe os ombros.

— Agora já estou aqui. Se vocês *forem* assassinos, não vou precisar do dinheiro quando me tiverem cortado aos bocados.

Os meus lábios contorcem-se contra a minha vontade.

— Não te estou a roubar. Vou chamar o mecânico. Ele não vai conseguir ajudar até a tempestade passar, mas será mais rápido se marcarmos já uma hora. — Abro a carteira e começo a procurar entre os cartões. — Preciso da tua carta de condução e do cartão do cidadão. — Vejo o rebordo da carta de condução e preparo-me para a remover.

De repente, ela atira-se a mim, arrancando-me a carteira da mão.

— Desculpa, desculpa, mas não pode ser — balbucia ela, de olhos arregalados. — Eu, hum... não tenho.

Sinto uma sobranceira a erguer-se.

— Não tens carta de condução?

— Bem, é evidente que tenho. — Ela engole em seco. — Mas é que... não ta quero dar agora.

— Porquê?

— Porque ainda não te conheço. Podes estar a tentar roubar-me a identidade, ou assim!

— *O-kay* — digo, lentamente. Ela retorce-se para voltar a enfiar a carteira no bolso, e de repente fica imóvel, agarrada às costelas. Franzo o sobrolho. — Doe? — Pego na bainha da *t-shirt* dela. — Deixa-me ver.

Ela afasta a minha mão.

— Que raio achas que estás a fazer?

Eu pestanejo.

— Tira a camisola. Preciso de ver o teu tronco.

— O quê? Não! — Ela resvala para trás na mesa. Parece legitimamente alarmada, como se eu estivesse prestes a arrancar-lhe a roupa toda do corpo. — Está tudo bem. Só distendi um músculo ao levantar a mala de viagem há pouco.

— Tira logo isso — resmunga o Cole da porta. — Não sejas parva.

— Para de me chamar parva — responde ela. — Não é *parvo* não querer

tirar a minha camisola, imbecil.

O Eli bufa.

— Eu não estou a tentar ver-te despida — digo, calmamente. — Só quero ver se te magoaste nas costelas.

Ela hesita e eu volto a estender a mão.

Ela afasta as minhas mãos com uma palmada.

— Não! Para!

Tento controlar a frustração.

— Porque não?

Ela cruza os braços sobre o peito.

— Porque eu disse que não! Não é suficiente? Já te disse que estou *bem*.

Estudo-a durante alguns segundos. Ela está a respirar com dificuldade, com o maxilar muito firme. Parece que está prestes a lutar comigo.

— Tudo bem. — Viro-me para o Eli. — Prepara alguma comida para ela — digo-lhe, passando para sueco. — Eu vou dar uma olhadela ao carro dela. Faz-lhe algumas perguntas. Descobre quem ela é, o que está aqui a fazer. Obtém o máximo de informação que conseguires.

Ele faz-me uma continência preguiçosa.

— Certo, chefe.

A Daisy escorrega da mesa e estremece quando a dor volta a atravessá-la. Faço uma pausa junto à porta. Estou tão habituado a que o Cole esconda ferimentos de bala e mordeduras de animais que não consigo deixar de imaginar o pior cenário possível. Hemorragia interna. Ossos partidos. Infecção.

Sinto-me um idiota por a pressionar, mas ela teve um acidente de carro. Se for grave, pode acabar por morrer sem assistência imediata. Não é que possa ser levada para as urgências no meio de uma tempestade. Ela precisa de ser examinada.

— Tenta convencê-la a tirar a camisola — acrescento. — Vê se tem alguma nódoa negra ou cortes.

— Seu tarado.

Reviro os olhos e pego no meu casaco, calçando as raquetes de neve.

— Tenta e pronto.

Eu calço as luvas e saio para a neve.

Graças a Deus que temos o Eli. Se há alguém capaz de fazer a rapariga sentir-se à vontade para me deixar examiná-la, é ele. Normalmente, é difícil convencer as mulheres a manterem as roupas *no corpo* quando estão perto dele.

Ele também vai conseguir que ela fale. Com o seu charme, o Eli consegue arrancar informações a quase toda a gente. Aposto que, em menos de uma hora, ela já terá contado a história toda da sua vida.

Então, vamos descobrir quem é afinal esta rapariga estranha.

Daisy



Fico a ver o Riven desaparecer e depois descruzo devagar os braços sobre o peito. Talvez o Cole tenha razão. Talvez eu esteja a agir como uma parva. Mas ainda não confio nestes tipos. Não parece que nenhum deles me reconheça, mas podem estar apenas a fingir. Se sabem quem eu sou, podem crer que não vou deixar que me vejam as mamas.

Por muito atraentes que sejam.

O Eli começa a remexer nos objetos da cozinha, e eu relaxo um pouco. Pelo menos um deles gosta de mim.

— Não me parece que os teus amigos me queiram aqui — digo, com ar de troça.

Ele abana a cabeça.

— Não te preocupes com eles. O Cole tem andado de mau humor. Tipo, nos últimos trinta anos. E o Riv tem problemas de confiança. Mas os dois hão de cair em si. — Ele sorri-me enquanto acende a chama do fogão. — Não és vegetariana nem nada do género, pois não, querida?

— Não. Posso comer de tudo.

— Ótimo. — Ele acena com a cabeça para o sofá grande. — Põe-te à vontade. Isto não vai demorar muito.

Deixo-me cair obedientemente no sofá. O fogo crepita ao meu lado, aquecendo-me a pele, enquanto olho à minha volta. Parece que toda a mobília foi feita à mão. As almofadas espalhadas pelo sofá têm bordados com fios de cores vivas. A mesa de centro é em carvalho grosso, com textura, e até as bases para copos espalhadas pela sua superfície parecem feitas de couro esculpido. Sem outra coisa para fazer, tiro o telemóvel do bolso e ligo-o com uma careta. Esteve desligado nos últimos dias. Tenho demasiado medo das mensagens de texto e dos *e-mails* que toda a gente me terá enviado. Só Deus sabe as coisas horríveis que estarão a dizer. O ecrã ilumina-se e fico à espera de uma série de notificações — mas não há nada. Olho para o canto do ecrã. Não vejo barras de rede.

— Não há rede?

— Normalmente, há — diz o Eli, e tira uma embalagem do frigorífico. — Deve ser a tempestade.

A notícia provoca-me um peso no estômago. Bem, acho que era isso que eu queria, quando vim para cá.

Há uns dias, depois de ter sido despedida, tentei esconder-me dos jornalistas na casa dos meus pais. Eles puseram-me na rua. Tal como todos os amigos que tentei visitar. Pior ainda, fui reconhecida por todas as pessoas por

quem passei na rua. Brighton é uma cidade pequena, e, aparentemente, toda a gente já tinha lido a meu respeito nas notícias locais. Enquanto me arrastava, a chorar, de volta ao meu apartamento, as pessoas começaram a gritar comigo do outro lado da rua. Chamaram-me. Algumas até tiraram fotografias. Um grupo de mães da escola onde eu trabalhava viu-me e perseguiu-me praticamente até ao meu apartamento, aos berros, a dizerem que iam processar-me.

Esta manhã, no *ferry*, as pessoas puseram-se a olhar-me fixamente. Nessa altura, a minha história já tinha chegado a alguns dos principais canais de notícias do Reino Unido. Estava a vaguear pela zona de restauração, a tentar encontrar um lugar para me sentar, quando um adolescente por quem passei gemeu como se estivesse a ter um orgasmo. Quase vomitei na hora.

Foi por isso que decidi viajar até Kiruna. Fica literalmente no Círculo Polar Ártico. Queria estar o mais longe possível da rede. Não queria que ninguém pudesse reconhecer-me.

Bem, agora também ninguém vai conseguir encontrar o meu corpo.

O Eli começa a cantarolar baixinho, num tom grave. Observo-o enquanto está a cozinhar. Ele tirou a camisola e está a usar uma *t-shirt* cinzenta justa que lhe cinge os ombros largos. Vejo os seus músculos a trabalharem debaixo do tecido fino. Pergunto-me se será um atleta. É muito ágil, move-se com graciosidade na cozinha.

— O que é fazes aqui em cima? — pergunto, pegando numa almofada e apertando-a contra o peito.

— Sou instrutor de esqui — diz ele, por cima do ombro. — Quando é época de esqui, trabalho na estância a alguns quilómetros daqui.

Isso explica tudo.

— Agora vou dobrar-me — acrescenta. — Vê se prestas *muita* atenção ao meu rabo.

Eu gaguejo.

— Eu... o quê?

Ele atira-me um sorriso de um branco deslumbrante.

— Consigo ver-te a observar-me no reflexo da janela. Tens de melhorar os teus dotes de vigilância, querida.

O calor sobe-me às faces.

— Hum. Desculpa.

Ele faz um gesto para me tranquilizar.

— Ei, não fiques envergonhada. É claro que queres olhar. És humana. Tenho a certeza de que não é todos os dias que se vê um corpo tão bem constituído. Por isso, se faz favor. — Sorri de novo. — Aproveita.

A minha cara fica ainda mais quente.

— Pensei que ias dobrar-te — murmuro. — Vamos lá a isso, então.

Ele ri-se, inclinando-se para tirar alguns pratos do armário. Acho que, visto que ele me deu permissão, mais vale apreciar a vista. E é realmente espetacular. As suas nádegas são esculpidas e tonificadas, e as coxas. Caramba. Acho que nunca tinha visto um indivíduo com umas coxas tão duras e grossas.

Eu engulo em seco, enquanto ele se endireita.

— Pronto. Receio que o espetáculo tenha acabado.

Ele aproxima-se e senta-se ao meu lado, pousando o meu prato na mesa de centro. Salsichas e puré de batata cobertos de molho, com uma grande colherada de algo que se assemelha a compota à parte.

Aponto com o garfo.

— O que é isso?

— Arando. É um clássico.

Ele passa o braço por cima das costas do sofá. Apesar de estar suficientemente perto para eu sentir o calor da sua pele, não é assustador. É só quente e reconfortante.

Durante os primeiros minutos, fico totalmente concentrada a devorar a minha comida. Não comia nada desde o pãozinho e a maçã que agarrei no *ferry* essa manhã. O Riven tinha razão; à medida que como, as tonturas e o nevoeiro no meu cérebro começam a dissipar-se.

O Eli aproxima-se e põe uma das suas salsichas no meu prato. Olho para ele, com a boca cheia.

— Parece que precisas mais do que eu — diz ele, com os olhos a brilhar.

Fico corada e obrigo-me a abrandar.

— Então. — Engulo a comida toda que tenho na boca. — Tu és instrutor de esqui. O Riven é médico. E o Cole? É professor de educação física? Instrutor militar? Ditador fascista?

Ele solta uma gargalhada.

— Não é bem assim. Ele trabalha no controlo da vida selvagem.

Franzo o sobrolho.

— Ele é... tipo... caçador?

— É mais ou menos o oposto. Acho que se pode dizer que é guarda-florestal? Faz o seu melhor para manter os animais vivos. — Ele distende os ombros, fazendo um ruído suave que me faz sentir um calor no estômago. — As pessoas chamam-no se um alce estiver diante das suas portas e se recusar a sair, ou se uma mãe urso se aproximar demasiado das suas casas, ou o que quer que seja.

Abro muito os olhos.

— Um urso?

— Sim, aqui há de tudo. Ursos. Lobos. Lince. Alces. Mas a maioria são alces. São arrojados.

Não consigo deixar de sorrir perante a menção aos *alces*. Tanto o Eli como o Riven falam tão bem inglês que é fácil esquecer que não é a sua língua nativa. Até é fofinho.

— Ele tem muitos problemas com os turistas — continua. — Muitos acabam por atropelar animais com os carros. Ou tentam ir à caça e não matam os animais corretamente. Deixam-nos feridos, a correr pela floresta.

— É por isso que ele estava tão zangado comigo — apercebo-me. — Eu podia ter matado o alce.

Ele encolhe os ombros.

— Ah, ele só está a ser um idiota mal-humorado. Os alces andam pela estrada a toda a hora. Pelo menos não lhe acertaste. — Ele assobia. — Isso seria o raio de um pesadelo. Terias de passar semanas a comer empada de alce. — Ele vira-se para mim. — Então, e tu? O que é que fazes?

— Sou professora — digo, e depois dou uma bofetada a mim mesma. Não devia ter-lhe dito isso. Se ele descobrir onde eu trabalhava, vai poder pesquisar-me. E depois vai encontrar os artigos de jornal sobre mim, e eu vou estar metida num monte de sarilhos. O meu coração começa a bater mais depressa. Obrigo-me a manter a calma.

— Oh? — diz ele, casualmente. — O que é que ensinas?

— Tu sabes. Escola.

Ele sorri.

— Eu queria perguntar que nível ensinas.

— Oh, era isso que querias dizer?

Ele olha-me de soslaio. Dou uma grande dentada no puré para manter a boca ocupada.

— Então, trabalhas numa escola secundária? — pergunta ele, um pouco depois. — Ou na primária?

Eu encolho os ombros.

— Vou variando.

— Que idade têm os miúdos?

Eu persigo um arando no meu prato.

— Têm todas idades diferentes — digo, com naturalidade.

— Não estou a conseguir que me digas nada, pois não?

— Bem visto.

Ele suspira.

— É justo. Como é que está o teu pescoço? Os analgésicos estão a fazer efeito?

Aceno, rodando-o.

— Não está tão dorido. Mas ainda está muito tenso.

— Sabes? — Ele pousa os talheres. — Eu tenho formação em massagens. Eu levanto uma sobranceira.

— A sério?

— Sim. Consegui a licença como presente de aniversário para uma das nossas ex.

— Uau! — Isso é que foi um presente de aniversário. — Então está bem. Acho eu. — Pousa o prato vazio. — Vamos a isso.

Ele sorri e instala-se atrás de mim, puxando-me suavemente o cabelo por cima de um ombro.

— Tens tanto cabelo, Jesus.

— Sim, eu... espera. — Franzo o sobrolho, repetindo o que ele acabou de dizer na minha mente. — Disseste *nossas*?

— Como assim? — Ele esfrega as mãos, aquecendo-as.

— Disseste uma das *nossas* ex. O que é que isso quer dizer?

Ele cantarola.

— Eu não disse isso. Foi só o meu sotaque.

— Tu não tens grande sotaque.

— Obrigado!

Antes que eu possa fazer mais perguntas, ele começa a amassar os meus ombros, e todas as palavras morrem na minha boca. Fico boquiaberta como um peixe, enquanto ele esfrega os meus músculos doridos, aliviando a tensão do dia. É uma sensação *incrível*.

Ele ri-se.

— O quê? Achaste que eu estava a mentir sobre a formação?

Eu nem consigo falar. Ele continua a trabalhar nos meus ombros durante algum tempo, apertando os músculos tensos, depois enfia os polegares num nó duro na parte de trás do meu pescoço. Eu suspiro.

Ele para de imediato.

— É demais?

— Oh, não. Não. Não, não, é ótimo — balbucio.

Ele cantarola e pressiona outra vez o músculo, esfregando a tensão. Eu treme por todo o lado.

— Isso — murmuro. — Com mais força, por favor.

Ele franze o sobrolho.

— Querida, estás tão tensa. Isto deve estar mesmo a doer-te.

Ele continua a trabalhar no nó até que o músculo relaxa, por fim, e eu sou uma massa meio derretida debaixo das suas mãos.

Eu suspiro.

— És um feiticeiro.

— Já mo tinham dito. Deixa-me tratar do outro lado.

Eu mexo-me e ele passa as mãos pelo outro ombro.

— Sabes — diz ele, com naturalidade, a trabalhar o músculo —, isto iria funcionar muito melhor se tirasses a camisola.

A minha boca descai. Salto do sofá, às arrecuas.

— Oh, meu Deus! Estás a tentar deixar-me despida da cintura para cima!

Ele tem a delicadeza de parecer envergonhado.

— O Riven pediu-me. Ele está preocupado com a possibilidade de estares a esconder um ferimento.

A fúria ferve-me no sangue.

— Não faças isso! Arranja outra coisa para te masturbares!

Ele parece surpreendido.

— Não era isso que tinha planeado fazer...

Eu interrompo.

— Ouve. Eu *não* quero. Qual é o teu problema? Não tentes enganar-me para eu me despir! Se eu disser que não, estou a falar a sério!

Ele levanta as mãos.

— Ei, desculpa. Desculpa. Só queremos saber se estás magoada. Sinceramente.

— Será que pareço mesmo assim tão frágil? Estariam a pairar sobre o Cole desta maneira?

Ele encolhe os ombros.

— Nós sabemos com o que podemos lidar. Mas tu não és de cá. E és tão pequena. Não sabemos o que consegues aguentar.

— Bem, é um comportamento de merda — atiro. — Não faças isso.

Ele morde o lábio. Um caracol avermelhado cai-lhe no rosto.

— Desculpa — volta ele a pedir. — A sério.

Respiro fundo, a tentar acalmar-me. De repente, apercebo-me de como estou vulnerável. Estou presa aqui, sem ninguém a quem pedir ajuda. A onda de pânico que se instala em mim domina-me.

— Têm casa de banho?

— Não. Normalmente mijamos na neve. — Ele faz-me um sorriso hesitante. Eu olho-o fixamente, e ele suspira, levantando-se. — Eu mostro-te onde é.

Eu recuo.

— Não. Fica aí. Não venhas comigo.

Ele pragueja debaixo da respiração e volta a sentar-se.

— Aquele corredor. — Aponta. — Segunda porta à esquerda.

Sigo as suas indicações, tropeçando no corredor escuro e caindo praticamente na casa de banho. Fecho a porta atrás de mim, baixo o tampo da

sanita e deixo-me cair sobre ele, a tentar raciocinar.

Não há razão para entrar em pânico. Até agora, os rapazes salvaram-me de uma tempestade de neve, carregaram a minha bagagem, fizeram-me um *check-up* e alimentaram-me. Até rebocaram o meu carro. Se quisessem fazer-me mal, já teriam feito. São suficientemente grandes para me obrigarem a fazer o que quiserem, e já tiveram muitas oportunidades.

Tenho de me acalmar.

Uma leve batida na porta.

— Estás bem aí dentro? — chama o Eli. — Estás a tentar fugir pela janela? O trinco é um bocado complicado, tens de o sacudir.

Levanto-me, trémula, e abro a porta. Sou imediatamente atingida por um aroma a açúcar quente e canela que me deixa com água na boca. O Eli recua um passo, dando-me espaço, e oferece-me um prato.

— Fiz-te um bolinho de canela para pedir desculpa — tenta ele.

Eu olho para o bolo. Parece delicioso.

— Foste tu que fizeste?

— Bem. Meti-o no micro-ondas. Mas fi-lo cheio de arrependimento. — Ele faz-me um sorriso esperançoso. — Olha, lamento imenso. Não te queria assustar. Juro que as minhas intenções e do Riv eram honrosas, mas tens razão, foi mau. — Ele passa uma mão pelo cabelo. — Se quiseres ficar sozinha, podes passar a noite no meu quarto e eu fico no sofá, ou... — Franze o sobrolho. — Se calhar... isso também é esquisito? Hum. Temos um quarto vago para onde posso arrastar uma cama de hóspedes, se quiseres esperar na sala de estar? Não recebemos muitos hóspedes, estávamos um bocado desprevenidos.

Ele parece tão sério, e tão genuinamente chateado por me ter assustado, que sinto o embaraço a crescer em mim.

Detesto o facto de me ter tornado assim tão sensível. Há uns meses, se um homem assim tão atraente tivesse exigido que eu tirasse a camisola para ver se *eu estava ferida*, eu tê-la-ia tirado em segundos, e é provável que ronronasse enquanto ele o fazia. Odeio o facto de ter ficado com tanto medo das pessoas. *Odeio*. Não sou *eu*. Sinto-me como um coelhinho, a saltar a cada barulho repentino, a olhar para toda a gente como se fossem potenciais predadores.

— Não. Não. Está tudo bem. Não faz mal. Obrigada. Eu... não quero ficar sozinha. — Pego no prato e volto para a sala de estar. — Desculpa ter-me precipitado. É um assunto delicado para mim, acho eu. — Volto para o meu lugar no sofá, aninhando-me nas almofadas.

Ele senta-se ao meu lado, com uma expressão de preocupação no rosto.

— O quê? Porquê? — Como não digo nada, o maxilar dele fica tenso. —

Porquê? — repete ele, a voz mais aguçada. — Alguém te magoou?

Abro a boca, mas não sai nenhuma palavra.

Ele endireita-se. Todo o charme despreocupado abandona-o, e, de repente, ele não parece nada inofensivo. Não tive dúvidas de que aquele homem pudesse dar cabo de alguém numa luta.

— Não — apresso-me a dizer. — Não. Nada do género... daquilo que quer que estejas a pensar. Eu não devia ter dito isso. — Esfrego os olhos. — Estou só cansada. Estou a falar demais.

Ele estuda-me durante alguns segundos, o rosto sério. Forço-me a sorrir-lhe. Por um segundo, penso que ele vai insistir, mas, em vez disso, a expressão suaviza-se. Ele abre os braços.

— Queres um abraço?

Pestanejo, surpreendida. Não sei do que estava à espera, mas não era disto. Sinto um estranho puxão no peito. Apercebo-me de que *quero* mesmo um abraço. Preciso muito, muito mesmo, de um abraço. Acabei de viver a semana mais infernal da minha vida. Pouso o prato.

— Eu... hum. Sim. *OK*.

Ele avança e envolve-me com os braços fortes. Nem sequer penso antes de enterrar a cara no seu ombro, e respiro o seu cheiro a açúcar com canela e pinheiro. A *t-shirt* dele é macia e quente, e consigo sentir-lhe o coração a bater firmemente contra a minha bochecha. Derreto-me nele.

Não me lembro da última vez que fui abraçada. Toda a gente que gostava de mim odeia-me, agora. Os meus próprios pais não iriam tocar-me com uma vara.

De repente, começo a sentir lágrimas a subirem-me aos olhos. Tento engoli-las, mas não consigo. Uma lágrima escorre-me pelo nariz, e depois outra. Pouco depois, estou a chorar baixinho contra a camisola dele. Não consigo parar.

O Eli faz um ruído triste.

— Oh, querida. — Ele puxa-me para mais perto. — Shh. Está tudo bem. Está tudo bem. — Ele começa a esfregar-me as costas para me tranquilizar. — Está tudo bem contigo.

Não sei durante quanto tempo choro. Parece uma eternidade. Ele abraça-me durante todo esse tempo, a murmurar suavemente contra o meu cabelo. Por fim, as lágrimas esgotam-se e afasto-me, a soluçar.

— M-meu Deus. — Limpo a cara, envergonhada. — Desculpa. Não sei de onde é que isto veio.

Ele dá uma *gargalhada*, afastando uma madeixa de cabelo da minha face molhada.

— Cristo, o que é que normalmente precisas que aconteça para chorares?

A morte de um familiar?

— Como assim?

— Estás perdida num país estrangeiro, acabaste de sofrer um acidente de carro, estás ferida, por pouco não morreste congelada numa tempestade, e agora estás presa num lugar desconhecido, sem forma de comunicar com o mundo lá fora. Acredita em mim. A maioria das pessoas iria chorar por qualquer uma dessas coisas. — Ele aperta-me por um momento. — Estás apenas exausta, querida. Não te preocupes com isso.

— Obrigada. — Dou uma fungadela. — É uma treta, mas agradeço.

— Não é treta. — Ele usa o polegar para limpar uma lágrima da minha bochecha. — Sei que não tens razões para confiar em mim — diz ele, com sinceridade. — Mas aqui *estás* a salvo. Juro.

O meu olhar encontra o dele. A chama da lareira cintila nos seus olhos verdes. A sua expressão é completamente franca e honesta. Não posso deixar de acreditar nele. Lentamente, aceno com a cabeça.

Ele afasta outra lágrima, e apercebo-me que ele ainda não soltou o meu rosto. Na verdade, não me importo. É bom sentir as suas mãos quentes em mim. Ele leva os polegares até às minhas têmporas e começa a descrever círculos, para aliviar a minha dor de cabeça.

— Posso? — pergunta ele, com uma voz baixa e rouca.

Eu aceno com a cabeça, inclinando-me para o seu toque. O fogo crepita na lareira. Lá fora, consigo ouvir os sons abafados da tempestade. A minha respiração descreve um pequeno arquejo, ainda trémula por causa do choro, e ele acaricia-me a face.

— Está tudo bem — diz ele outra vez, com a voz baixa.

Encosto-me à palma da sua mão. Estou tão cansada. Deixo que os meus olhos se fechem, a exaustão a começar a assentar lentamente no meu corpo. Só quero aninhar-me nele e desaparecer. Só por um bocadinho.

Então, de repente, ele é arrancado para longe de mim. Abro os olhos, vendo com horror que ele está estirado no tapete. O Cole está em cima dele, com a bota molhada de neve plantada no meio do seu peito. Está com uma expressão assassina.



A pobre Daisy tem ar de quem vai ter um ataque cardíaco. Ela levanta-se, de olhos arregalados.

— O que estás a fazer? — exige saber. — Sai de cima dele!

— Não.

Ela atira-se ao Cole, a tentar tirá-lo de cima de mim. Tenho de lhe dar esse crédito — ela é uma lutadora. Parte para cima dele como um gato selvagem. Infelizmente, ele está habituado a lidar com alces com cerca de catorze vezes o peso dela, por isso é provável que mal se dê conta de que ela está a agarrar-lhe o braço e a tentar arrastá-lo de cima de mim.

— O que é que se *passa contigo*? — sibila ela. — Viveste tanto tempo na floresta que te transformaste num urso? Larga-o!

— Que raio pensas que estás a fazer? — rosna-me ele. — Deixámo-te meia hora sozinho! Não conseguiste manter as mãos longe dela durante esse tempo?

Levantei as mãos.

— Eu não fiz nada!

— Ele não estava a agarrar-me — atira a Daisy. — Ele estava a consolar-me!

— Ele está a atirar-se a ti quando tens uma *lesão na cabeça* — ruge o Cole.

— Não tenho nada! O Riven disse que eu estava bem. E era *eu* que estava a aninhar-me nele, não o contrário. — Ela tenta uma vez mais empurrar o Cole de cima de mim. — Sai de cima dele, seu bruto.

— Está tudo bem, querida — digo eu. — Andamos sempre nisto. É muito fácil deitá-lo abaixo, vê. — Agarro-o pelo tornozelo e dou um puxão, com força. O Cole pragueja enquanto cai em cima de mim. Eu solto um grunhido quando o ar me foge dos pulmões. — Credo. Precisas de fazer uma dieta, meu. Acabaram-se as empadas de alce para ti.

Ele levanta-se, com os olhos a chispar.

— Chega ali ao celeiro — murmura ele. — O Riven quer falar contigo.

A Daisy dá-me a mão. Não preciso dela, mas não vou dizer que não a qualquer oportunidade de lhe tocar. Envolver o seu pulso minúsculo com os dedos, permitindo que me ajude a pôr-me de pé, e depois ajeito a roupa com as mãos.

— Vês? Ninguém se magoou. O Cole não faria mal a uma mosca, a sério.

— Pois não. — Ela parece cética. — Onde vamos?

— Tu não — ordena o Cole. — Fica.

Ele empurra-a de volta para as almofadas do sofá.

Ela gagueja.

— Eu não sou um cão!

— Vamos falar sobre ti. Não podes vir.

— Vamos dar uma olhada no teu carro — esclareço, a olhar para ele. — Mais vale ficares aqui no quentinho. Toma. — Tiro um cobertor do cesto ao lado do sofá e enrolo-o à volta dela. — Come o teu bolinho de canela. Nós voltamos num instante.

Os olhos dela estreitam-se. Não é uma miúda que goste que lhe digam o que fazer. Tomei nota. Sorrio-lhe da forma mais angelical possível, até que ela volta a sentar-se, ainda com um olhar desconfiado.

Entediado com esta interação, o Cole roda sobre os calcanhares e afasta-se, dirigindo-se para a porta.

Eu apanho-o a meio caminho do celeiro, aos tropeções na neve. Está a cair bastante, agora. Não temos muito tempo.

— Podes abrandar um bocado? — pergunto, enquanto ele avança furiosamente. — Estava só a dizer-lhe que está segura aqui. Acho que o teu ato de violência aleatório não vai ajudar a convencê-la.

— Não devias ter tentado beijá-la quando ela estava sob efeito dos medicamentos e a chorar — murmura ele.

— Eu não ia beijá-la.

— Ias.

— Não ia! Estava a secar-lhe a cara. Ela estava transtornada!

Ele lança-me um olhar frio.

— Nunca viste uma rapariga bonita que não tentasses beijar.

— Na verdade, é o contrário. Nunca uma rapariga bonita que *me* tenha visto decidiu que não queria beijar-me. A culpa não é minha, sou incrivelmente beijável.

— A sério? — Ele não parece muito impressionado. — Nem sequer pensaste nisso?

Escarneço:

— Bem, eu não disse isso.

Claro que pensei. Tenho estado a pensar nisso desde que vi a Daisy pela primeira vez. Ela estava adorável com os seus olhos castanhos enormes, as bochechas coradas por causa do frio. E depois levámo-la para dentro, e pude vê-la por inteiro. Ela é deslumbrante. Toda ela curvas e cabelo esvoaçante. Quando se aconchegou no sofá comigo, pude ver-lhe a boca rosada e macia de perto. Por isso, sim, *pensei* em beijá-la. Mas eu penso numa série de coisas. Na verdade, não ia fazer isso. Não sou tão sacana que fosse capaz de beijar uma rapariga assustada e a chorar.

No entanto, a reação do Cole é bastante interessante. Tendo em conta o

facto de parecer que ele não gosta nada da Daisy, é com certeza bastante protetor em relação a ela.

Sorrio-lhe.

— Isso é fofinho, sabes. Apareceste como um príncipe encantado. Até parece que *gostas* dela...

Eu grunho quando ele me empurra de lado para um monte de neve.

O Cole rebocou o carro da Daisy até ao nosso armazém. É um edifício de madeira grande onde guardamos todos os nossos veículos e mantimentos. Um canto está cheio de lenha cortada, coberta com uma lona. No outro, temos comida; enlatados e produtos secos, e uma tonelada de carne congelada. O carro da Daisy está estacionado ao lado da carrinha do Cole. O Riven tem a cabeça metida no capô.

— Então? — Fecho a porta do celeiro.

— Morreu. — Ele dá um pontapé no pneu. — Precisa de um mecânico a sério. Não há maneira de ela conseguir pô-lo a arranjar antes do fim da tempestade. — Ele franze a testa. — Mesmo assim, ela não vai conseguir ir muito longe sem mostrar a carta de condução.

Recordo-me do pânico nos olhos dela quando agarrou a carteira.

— Se calhar já expirou? E ela pensou que a íamos meter em sarilhos?

— Não somos polícias de trânsito — murmura ele. — Ela também não tinha dinheiro sueco. Só inglês.

Consigo ver a mente dele a trabalhar enquanto tenta montar o *puzzle*.

O Riven é sempre assim. Adora decifrar enigmas. Acho que é isso que faz dele um bom médico. Pessoalmente, sou da opinião que quando uma mulher linda vem parar a nossa casa, não devemos interrogá-la.

— Ela não sabe falar a língua — diz ele, devagar. — Não tem roupa adequada, não mudou os pneus. É como se não tivesse planeado nada. — Ele olha para mim. — Ela disse-te o que faz?

— Diz que é professora.

— Que tipo de professora?

— Sei lá. Quando a pressionei, ela paralisou. Foi evidente que não queria falar sobre isso.

— Não estamos a meio do ano letivo? Ela abandonou os alunos para vir a conduzir, completamente desprevenida, para o meio da natureza? É como se, de repente, tivesse sido obrigada a largar tudo e fugir.

— Parece que está metida em sarilhos com a lei — diz o Cole, de dentes cerrados. — Temos de a meter fora daqui.

— Esta casa não é apenas vossa — digo eu.

Quando nos deparamos com a cabana, era mais uma espécie de barracão

em ruínas. Entre os três, transformámo-la numa verdadeira casa; instalámos a canalização e um gerador, reconstruímos todas as paredes e janelas, acrescentámos painéis solares e aquecimento por piso radiante. O Riven tratou dos custos e dividimos o trabalho entre nós. Não é que o Cole possa tomar decisões sozinho sobre os hóspedes da casa.

— Devíamos votar — decido. — Eu voto a favor de que a britânica *sexy* fique o máximo de tempo possível. Riven?

Viramo-nos os dois para olhar para ele. Ele aperta os lábios.

— Acho que, se ela quer ficar, devia responder a algumas das nossas perguntas. Ou, pelo menos, deixar-nos ver algum tipo de identificação.

Levanto as mãos.

— Bem, acho que estão os dois a ser parvos. Se ela fosse um homem, estariam a agir com tanta desconfiança?

Nenhum deles responde. Sabem a resposta. Se a Daisy fosse um homem, provavelmente já estaria a dormir numa cama de visitas.

— Bem, então — digo eu. — Talvez seja melhor deixares de ser tão sexista.

O Cole resfolega.

— Pois. Porque é por isso que queres que ela fique. Estás a defender os direitos das mulheres.

— Acho que as mulheres têm direito a não morrerem de frio, sim — respondo. — Por amor de Deus, vê se atinas. Ela precisa de ajuda. *Não* tem culpa de ser bonita.

O Riven esfrega os olhos.

— Ela pode ficar até a tempestade passar — decide. — Depois, o Cole pode rebocar o carro dela até à cidade para ser arranjado, e ela pode ficar alojada num hotel.

— Isso pode levar dias — resmunga o Cole.

Eu atiro-lhe um sorriso.

— Tenho a certeza de que vamos encontrar algumas formas de passar o tempo.

Temos uma velha cama desdobrável guardada no fundo do celeiro, por isso levamo-la connosco para a cabana. Porém, ao entrarmos, parece que não há necessidade; a Daisy adormeceu no sofá, enrolada numa pequena bola debaixo do cobertor. O Riv regressa ao escritório, para trabalhar. O Cole vai tirar as tralhas do quarto de arrumações. Eu fico na sala de estar por um bocado, a aquecer-me junto à lareira e a ver a luz a dançar na cara dela.

Daisy



Não sei se é da exaustão, ou dos medicamentos, ou do ar selvagem do Ártico que tenho andado a respirar, mas tenho um sonho muito estranho.

No início, nem sequer me apercebo de que estou a sonhar. Continuo deitada no sofá dos rapazes, enrolada no cobertor deles. Estou a dormir, algures entre o sono e a vigília, quando o Eli entra na sala. Os seus olhos verdes estão a brilhar. Ele sorri-me, depois segura na bainha da camisa e puxa-a por cima da cabeça num movimento suave, deixando-a cair no chão. Sinto a boca a abrir-se. Todo ele é músculos rijos e definidos. Os meus olhos percorrem-lhe os peitorais robustos, os abdominais firmes, e descem até ao músculo em V que desce pela cintura das calças.

— Estás a gostar do que estás a ver? — Ele sorri e vem ajoelhar-se entre as minhas pernas. O calor atravessa-me quando ele inclina a boca para cima e começa a plantar beijos nas minhas coxas. — Quero saborear-te, querida — murmura ele, contra a minha pele. — Quero enterrar-me em ti. Chupar-te e beijar-te até explodires na minha cara.

A minha boca abre-se.

— Oh — sussurro.

A boca dele vai subindo, subindo, a provocar-me arrepios, até que os seus lábios pousam uns milímetros acima do meu sexo molhado. Sinto o calor a acumular-se e estremeço um pouco. Ele sorri contra mim e inclina-se, lambendo a faixa quente e firme entre as minhas pregas. A minha respiração assobia ligeiramente, um som suave de prazer, e eu entrelaço os dedos nos seus caracóis. Ele lambe-me uma e outra vez, pressionando com o rosto bem a fundo. O calor entranha-se na minha pele, como se estivesse a afundar-me num banho quente. Os meus músculos enfraquecem todos e eu encosto-me ao sofá, a sentir as bochechas ruborizarem e a respiração a ficar mais pesada.

A porta abre-se de novo. O Riven entra e vem sentar-se ao meu lado. Por alguma razão, e apesar de a boca do Eli estar nesse momento entre as minhas pernas, não me sinto estranha por tê-lo tão perto.

— Daisy, pareces corada — diz ele, com um ar de reprovação, e começa a passar as mãos por mim, com o seu toque suave de médico. A língua do Eli percorre as minhas pregas. Começo a sentir uma ânsia, bem lá no fundo, e contorço-me involuntariamente, ajustando o meu peso para conseguir a

pressão certa. O franzir de sobrolho do Riv torna-se mais profundo. — Deixa-me só verificar se estás bem — diz ele, baixinho, inclinando-se para levantar a minha camisola. Tento protestar, mas, antes de conseguir fazê-lo, a minha camisola e o sutiã desapareceram. Ele fica a olhar para as minhas mamas despidas, os olhos escuros esfomeados. Lentamente, levanta um dedo e passa-o à volta do meu mamilo, provocando arrepios na minha pele. Solto um gemido quando ele aperta gentilmente o botão endurecido, puxando-o para longe do meu corpo.

Entre as minhas pernas, o Eli desliza a língua quente para dentro de mim. De repente, o calor monótono no meu interior irrompe em chamas. Os meus olhos arregalam-se e os meus quadris começam a mover-se, impotentes, enquanto eu tento esfregar a ânsia que se está a formar. A língua do Eli desliza em profundidade, e é bom, tão bom que estou a lutar por ar, mas preciso de mais. Preciso de muito mais. Estou a arder e a latejar, doem-me os seios, o meu núcleo contrai-se. Agarro-me às almofadas do sofá, com um gemido a crescer no fundo da minha garganta. O Riv parece compreender e começa a beijar-me o pescoço enquanto alterna entre apertar e beijar os meus seios, provocando-me até parecer que os meus nervos estão em chamas. O meu corpo contorce-se, esfrega-se em si mesmo, enquanto tenta aliviar o formigueiro da excitação. Sinto-me a chegar a um clímax arrepiante, de corpo inteiro. Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Não aguento mais. As minhas ancas sofrem um espasmo, depois outro...

— Eu vou... — sussurro, ofegante.

— Não. — Uma mão pesada pousa no meu ombro. — Abre os olhos, rapariga.

Abro-os e vejo o Cole a pairar acima de mim apenas de roupa interior.

— Oh, Deus — deixo escapar num sussurro, ainda a balançar desesperadamente os quadris sobre o rosto do Eli. Ele, também?

Os meus olhos arregalam-se quando ele baixa os boxers. O pénis é enorme e hirto, e fica ainda mais duro conforme ele o percorre com a mão. Fico com água na boca só de reparar na sua pele macia e delicada. Quero-o na minha boca. Quero saboreá-lo.

— Por favor — engasgo-me.

Ele inclina-se e toca suavemente no meu lábio inferior.

— *Quero que o ponhas todo na boca.*

Eu limito-me a fitá-lo:

— *Não me parece que...*

— *Tu consegues — diz ele, com aspereza. Inclino a cabeça para trás com um suspiro, a boca relaxada quando o Cole o empurra gentilmente para o interior. Envolver-me a cabeça do pénis com os lábios e sinto-o a estremecer deliciosamente quando começo a lamber o seu sabor quente e salgado, gemendo de prazer.*

De repente, a língua do Eli vibra contra mim. Eu grito, tomada de espasmos. Sinto arrepios a descerem-me pela espinha, a percorrerem-me por completo. Não consigo aguentar mais. Torço as mãos no cabelo do Eli, fechando os olhos quando começo a vir-me, cada músculo do meu corpo a tremer, impotente com a libertação, enquanto onda após onda de prazer revibra através de mim...

-Daisy?

Acordo de repente, a suar, com a mão entre as pernas. Sinto um formigueiro na pele. Estou quente e a tremer, e sinto uma dor ao fundo da barriga. Durante alguns segundos, não sei onde estou. Olho à minha volta, de olhos esbugalhados, a observar as paredes de madeira, as vigas no teto, a grande mesa de jantar de carvalho. Por fim, os meus olhos pousam no Eli e o meu estômago revira-se. Ele está tão *sexy* como no meu sonho, com uma *t-shirt* branca apertada nos bíceps, e um par de calças de fato de treino largas. Os caracóis estão despenteados, como se tivesse acabado de sair da cama. Olho para a janela. A luz do sol da manhã chega-me filtrada através das cortinas. Dormi a noite toda.

O Eli sorri-me.

— *Estás bem, querida? Estavas a contorcer-te um bocadinho. Pensei que podias estar a ter um pesadelo.*

Olho para baixo. Estou tapada por um cobertor, graças a Deus. Afasto a mão da virilha. Meu Deus, estou mesmo molhada. Sinto a frieza peganhenta colada às minhas coxas.

Nem sequer me lembro da última vez que tive um sonho de cariz sexual. Quanto mais um em que acordei molhada. Engulo, limpando sorrateiramente a mão na coxa.

— Não. Não, eu estou bem.

Ele franze o sobrolho.

— Ei. Estás toda rosada, querida. Apanhaste uma constipação na neve?
— Ele aproxima-se e as pontas dos seus dedos roçam a minha testa. Eu recuo, com o coração acelerado. Acho que não consigo lidar com as mãos dele em mim nesse momento. A minha visão é assaltada pela imagem da cabeça dele entre as minhas, tão vívida que tenho de a afastar.

Ele levanta as mãos.

— Desculpa, desculpa. Não queria assustar-te. — Ele aponta para a cozinha com o polegar. — Estou a fazer panquecas. Queres uma?

Aclaro a garganta.

— Sim. Sim, uma panqueca seria ótimo.

— Ótimo. Vai demorar cerca de dez minutos, por isso tens tempo suficiente para tomar um duche. Deixei-te ali uma toalha.

— Obrigada — guincho, deslizo do sofá e sigo a coxear até à casa de banho. A minha mala cor-de-rosa está no corredor, por isso paro para agarrar alguma roupa lavada antes de fechar a porta da casa de banho atrás de mim.

Olho em redor. Estive ali na noite anterior, mas estava tão assustada que nem reparei no chuveiro. Foi construído de forma a parecer o interior de uma sauna; as paredes são feitas de tábuas de madeira clara e há um pequeno banco embutido num dos lados. Encontro o manípulo da água e rodo-o, arquejando debaixo dos salpicos escaldantes. Sou castigada por jatos de água potentes, que eliminam a tensão do meu corpo. Fecho os olhos e fico ali por um momento, a saborear a água, depois procuro alguma coisa com que possa lavar-me. Há uma pequena prateleira com champô na parede, com três frascos alinhados. Um preto, um branco e um verde. Tenho a certeza de que o Eli não iria importar-se se eu usasse o dele; só tenho de descobrir qual é. Pego no preto e abro a tampa, cheirando-o. O cheiro é quente e almiscarado, como uísque e especiarias. É *delicioso*, mas não me parece que seja a praia do Eli.

Experimento o frasco branco. Tem um cheiro fresco e limpo, como lençóis e sabonete. É possível que seja este. Assim como o verde, que cheira a pinheiro acabado de cortar. Fico ali quase um minuto, agarrada aos frascos e a deliberar sob o fluxo de água quente, antes de conseguir libertar-me.

Meu Deus! Que raio se passa comigo? Será que é alguma coisa no ar? Haverá menos oxigénio a esta altitude, ou algo do género? Por que raio estou eu no chuveiro de um homem estranho a inalar o seu gel de banho?

Espremo um pouco do frasco preto, lavo-me, depois saio e visto-me rapidamente. Quando volto para a cozinha, a entrançar o cabelo, o Eli está ao lado do fogão, a empunhar uma frigideira fumegante. O cheiro doce e amanteigado das panquecas chega-me ao nariz e fico imediatamente com água na boca.

Eu acabo de prender a ponta da minha trança.

— Posso ajudar? Queres que ponha a mesa ou assim?

— Não te preocupes com isso, querida. Senta-te. — Ele lança-me um olhar de soslaio. — Como te sentes?

Esfrego a parte de trás do meu pescoço tenso.

— Bem.

— Ainda te dói, não é? — Ele faz-me um sorriso. — Se vais mentir, devias aprender a fazê-lo melhor. Nós temos muita experiência a lidar com o Cole. Uma vez, o tipo foi mordido por um alce e só nos disse dois dias depois, quando começou *literalmente a morrer* de septicémia.

Eu começo a girar os ombros.

— Um bocadinho dorida — admito.

Ele lambe um pouco de massa do polegar:

— Sabes, a oferta da massagem continua de pé.

— Vai sonhando.

Ele ri-se com leveza.

— Oh, confia em mim, vou mesmo. Ei, olha só. — Ele remexe a frigideira algumas vezes, depois atira a panela ao ar, apanhando-a com cuidado. Vejo os seus bíceps largos a fletirem debaixo da manga da *t-shirt*.

— Muito fixe — acabo por conseguir articular.

Ele lança-me um sorriso reluzente e depois vira-se para a comida.

— Bom dia — diz-me uma voz baixa.

Olho para cima e vejo o Riv à porta, com o cabelo escuro desgrenhado. Usa uns óculos de armação grossa e uma *t-shirt* branca justa que está praticamente a brilhar contra a sua pele negra. Na noite anterior, não me tinha apercebido de como ele é forte. Ele é ainda mais musculado do que o Eli. Os músculos dos seus braços são como cordas. Ele serve-se de uma caneca de café, dá uma palmada no ombro do Eli, depois vem para perto de mim. Dou um salto quando ele se inclina, segurando o meu pescoço entre as mãos com cuidado.

— O que...

Ele passa os polegares por baixo do meu maxilar e move suavemente o meu pescoço para cada lado. De repente, sinto-me envolvida pelo seu cheiro; limpo e fresco, como linho rígido acabado de sair da máquina de secar. Dá-me vontade de enterrar a cara na *t-shirt* dele.

— Pensei que tinhas dito que estava tudo bem? — digo, debilmente, enquanto ele vira o meu rosto sob a luz.

— Não faz mal certificarmo-nos — murmura ele. Quando ele retira as mãos, poderia jurar que o seu polegar roça a minha bochecha. — Toma. — Ele empurra mais dois comprimidos para a minha mão.

— Hum. Obrigada. — O Eli pousa um prato de panquecas à minha

frente, e dá um puxão na ponta da minha trança. — Obrigada — digo, uma vez mais. — A sério. Vocês os dois estão a ser muito generosos.

Digo *os dois* de forma bastante incisiva. O Eli bufa, sentando-se ao meu lado. Eu começo a devorar a minha comida.

O Riv vai até ao fogão preparar o seu prato.

— Falei com as enfermeiras da cidade pelo rádio — diz ele, por cima do ombro. — Parece que a neve vai parar esta tarde.

Eu fico animada.

— Isso é ótimo!

O Riv faz uma careta.

— Não é assim tão simples. Mesmo que a tempestade tenha passado, não quer dizer que possas viajar.

O Eli faz um sinal com a cabeça para a janela.

— Primeiro, temos de nos desenterrar. E depois esperar que desobstruam as estradas.

— Na cidade, há limpa-neves, mas aqui em cima o governo paga aos agricultores para usarem os seus tratores — acrescenta o Riven. — Só Deus sabe quando é que vão começar a meter mãos ao trabalho. — Bebe um grande gole do seu café. — No entanto, isso significa que a rede dos telemóveis deve voltar a funcionar. Deve haver muita gente preocupada contigo.

Eu espeto as minhas panquecas.

— Duvido. Ninguém sabe que estou aqui.

Ele levanta uma sobranceira.

— Nem mesmo a tua família?

— Deixaram de falar comigo.

— Não tens amigos?

Deixei de ter. Sorrio com tristeza.

— Não.

— Nenhum namorado? — pergunta o Eli, com indolência. Olhamos os dois para ele, e ele encolhe os ombros. — Estava só a perguntar-me. Parece ser uma informação importante.

— Não. Não tenho namorado.

Ele solta um suspiro.

— Coitadinha. Se alguma vez quiseses tratar disso...

— Cala-te — diz o Riven, enquanto fecha os olhos.

Liga-me, faz o Eli com a boca, piscando-me o olho. Eu bufo, usando o meu último pedaço de panqueca para absorver os restos da compota, e depois recosto-me no meu lugar, totalmente satisfeita.

— Então, e agora? O que é que vocês fazem quando não podem sair de casa?

O Eli inclina-se para a frente e olha-me nos olhos.

— O que achas do Uno? — pergunta ele, com muita seriedade.

Daisy



O Riven tem razão. A tempestade para. Ao meio-dia, a queda de neve é apenas um suave gotejar; às duas horas, o céu está completamente limpo. Os rapazes reúnem-se na sala, a prepararem-se para limpar a neve antes que congele. Eu acompanho-os e começo a vestir-me também.

— Podemos mesmo tratar disto sozinhos — diz o Riven, franzindo o sobrolho. — Não quero que fiques pior do pescoço.

— O meu pescoço está ótimo — insisto. — A sério. Os comprimidos resultaram; já nem sequer me dói.

Ele lança-me um olhar severo.

— Só porque não estás a sentir dor, não significa que não estejas magoada.

— Vou ter cuidado — prometo. — A sério. Não vou ficar sentada como uma princesa, enquanto vocês fazem o trabalho todo.

Ele suspira e estende-me uma pá. É tão grande que tenho dificuldade em levantá-la. Jesus. Estar com os rapazes faz-me sentir como se tivesse encolhido. Tudo neles é grande: os corpos, o equipamento, a mobília. E, infelizmente, as roupas.

— Podes usar o teu casaco cor-de-rosa — diz o Eli, a revolver o armário do corredor. — Mas vais precisar de algo por cima até começares a suar.

Eu espreito por baixo do braço dele e vejo que o armário está cheio de roupas de esqui comprimidas umas contra as outras.

— Uau! Tens tantos casacos.

— Recebo um por cada torneio — diz ele, distraidamente, tirando um casaco vermelho, segurando-o contra mim e depois voltando a enfiá-lo lá dentro.

— Tu competes?

— Ele é campeão nacional de esqui alpino — interrompe o Riv, enquanto aperta os atacadores das botas. Tenho um breve vislumbre de glúteos apertados e arredondados quando ele se dobra, antes de me obrigar a desviar o olhar, com a cara a aquecer.

— Aqui tens. — O Eli puxa um casaco branco com o seu nome gravado nas costas. — Este é um bocado pequeno para mim, por isso pode ser que não desapareças totalmente nele.

Ele ajuda-me a vesti-lo e eu tento fechá-lo, mas parte do meu cabelo fica presa no fecho-éclair. Faço uma careta quando sinto a ardência no couro cabeludo, ao tentar libertá-lo, mas os fios estão enredados no pequeno fecho.

De repente, sinto umas mãos grandes nos meus ombros. Fico muito quieta enquanto um cheiro obscuro a uísque e especiarias invade o meu nariz. O Cole solta cuidadosamente o fecho e depois torce-me o cabelo num rabo-

de-cavalo e enfia-o nas costas do casaco. Os seus dedos são incrivelmente suaves, fazem-me sentir faíscas na pele. Engulo em seco quando ele se afasta.

— Obrigada — digo eu.

— Porque é que ela vem? — resmunga ele. — Como é que ela vai limpar a neve se nem se consegue vestir sozinha?

Olho-o de soslaio.

— Oh, de certeza que *ela* consegue aprender. *Ela* não é totalmente estúpida.

Posso ser pequena, mas sou forte.

Ele levanta uma sobancelha, tira um par de luvas do bolso e atira-mas por cima do ombro

— Tenta não congelar — balbucia.

Por fim, estamos todos equipados e calçados e saímos para a neve. É a primeira vez que vejo o sítio onde os rapazes vivem, e a vista deixa-me sem fôlego. Estamos a meio da montanha, a olhar para baixo, para as florestas de pinheiros. Está tudo coberto de neve e a paisagem está toda a brilhar, com delicados reflexos azuis e prateados do sol de início de primavera. Olho para cima. Os cumes elevam-se à nossa volta, pairam sobre as nossas cabeças.

— Uau!

O Eli sorri.

— É giro, não é?

— É mais do que giro. — Eu olho em volta, a absorver tudo. Sinto os dedos a formigarem de vontade de agarrar num pincel, e estremeço quando me lembro das minhas telas destruídas. Tenho de me certificar de que tiro boas fotografias de referência antes de me ir embora. — O que é aquilo ali? — Aponto para uma estrutura de pedra em ruínas na beira da estrada. O Eli segue o meu olhar.

— Ah, é o casebre. É onde o antigo dono guardava lenha, mantimentos e outras coisas. Era demasiado pequeno para nós, por isso construímos o celeiro. Devíamos mesmo começar a deitá-lo abaixo.

Ouço um tinido e viro-me para ver o Cole a agarrar um escadote amarrado ao lado da cabana. Com o ancinho sobre um ombro, ele começa a subir ao telhado só com uma mão.

Observo-o enquanto sobe.

— Aquilo é seguro?

O Riven encolhe os ombros.

— Ele ainda não morreu. — Vira-se para o Eli. — Eu fico com o celeiro. Vocês tratam do caminho de acesso?

O Eli assente. O Riv desaparece em direção à estrutura enorme, enquanto eu e o Eli caminhamos pesadamente para a estrada. Um vento forte passa por

nós e arrepio-me, apesar de estar a usar dois casacos.

— Credo. Está muito frio?

Inclinando a cabeça, o Eli atira:

— Diria que cerca de uns vinte graus negativos? — arrisca, alegremente.

— Como é que sabes?

Ele encolhe os ombros.

— Tem aspeto de neve quando estão vinte graus negativos. Não te preocupes. Vais aquecer depressa. — Ele estende-me a minha pá. — Agora lembra-te. Usa as pernas para levantar o peso.

Meia hora depois, sou uma máquina de limpar neve. *Baixar. Levantar. Largar. Baixar. Levantar. Largar.* Baixo-me e levanto-me e largo vezes sem conta, limpando a neve o mais depressa possível. É um trabalho cansativo, e doem-me os músculos todos, mas não me importo. Atiro-me ao trabalho. Quero estar à altura. E quero mostrar ao Cole que não sou completamente inútil.

Uma gota de suor escorre pela minha nuca e eu espeto a pá na pilha crescente de neve desviada, endireitando-me para abrir o fecho do casaco do Eli e apertá-lo à volta da cintura. Olho em volta, ofegante. Sou atingida por uma pequena onda de triunfo quando percebo que a secção que limpei é quase tão grande como a do Eli.

Ele também parou de limpar com a pá e está encostado a um pinheiro, a olhar para mim. Não está a fazer nada. Só a olhar.

— O que foi? — pergunto.

Ele abana a cabeça.

— Nada. Estou só a olhar para ti.

Eu bufo, voltando a concentrar-me na neve.

— Tarado. — Volto a enterrar a pá na neve e esforço-me para a levantar, com todos os músculos do meu braço a tremerem. Algo duro bate nas minhas costas e quase me derruba. Volto-me para ver o Eli a fazer mais uma bola de neve. — O que é que te deu?!

Ele encolhe os ombros.

— Tu chamaste-me de tarado. Isso não é simpático. Estou muito ofendido. — Ele inclina-se para apanhar mais neve, e eu aprecio a vista. Ele também tirou o casaco, por isso consigo ver os seus músculos tapados-pela-camisola em toda a sua glória. As suas maçãs do rosto altas estão rosadas por causa do frio, e o cabelo acobreado está despenteado. Ele parece *delicioso*.

Limpo a neve do meu ombro.

— Se não queres que te chamem de tarado, para de olhar para mim.

— Mas é tão bom olhar para ti. — Ele endireita-se. — Toma. Apanha.

— Apanho o quê?

Ele leva o braço atrás e atira a bola de neve diretamente à minha cara. Eu arquejo quando me atinge a bochecha, tão fria que quase parece uma queimadura. Sem pensar, largo a pá e salto, agarrando um galho do pinheiro acima de nós os dois e sacudindo-o com força. O Eli solta um grito quando um monte de neve tomba para cima dele.

— Merda! — Ele dobra-se e agarra mais neve, fazendo outra bola descuidada, e eu corro à procura de abrigo. A bola de neve passa-me mesmo ao lado da cara, raspa na minha orelha e eu recolho freneticamente o meu próprio monte de neve para lhe atirar de volta.

Depressa estamos no meio de uma luta de bolas de neve. Derrubamo-nos um ao outro, sem nos contermos. Ele não se retrai por eu ser mais pequena do que ele; usa cada grama de força do seu corpo de atleta gigante para me acertar. E é *divertido*. Muito divertido. Sinto-me como uma criança. O Eli é tão brincalhão que está a despertar uma leveza em mim que eu não sentia há meses. Tenho andado tão preocupada com o ordinário do meu ex que parece que me esqueci de me divertir. E agora este homem, com o seu sorriso indolente e a sua provocação constante, fez com que essa parte de mim voltasse a sair do esconderijo.

Adoro.

Espreito a partir da árvore atrás da qual tenho estado escondida, lanço o meu próprio míssil na direção dele e solto um grito de triunfo quando lhe acerta em cheio na testa. Ele franze as sobrancelhas, sacudindo a neve do cabelo como um cão molhado, depois inclina-se e varre braçadas de neve, juntando-as. Os meus olhos arregalam-se enquanto vejo a bola a crescer.

— Não te atrevas! — grito, por cima do vento. Ele sorri, enquanto junta mais e mais neve. Deixo-me cair no chão para fazer a minha própria bola gigante, mas, quando volto a olhar para cima, ele está ali de pé, a levantar uma porção de neve maior do que a minha cabeça.

— Últimas palavras? — pergunta.

Eu recuo lentamente, erguendo as mãos no ar.

— Eli...

Ele levanta os braços para atirar e eu viro-me e corro. Mal consigo afastar-me três passos antes de a bola de neve gigante me atingir nas costas. Desequilíbrio-me, tropeço numa das raquetes de neve, derrapo e escorrego, caindo de rabo no chão. Solto um gemido e viro-me, a olhar para o céu azul-pálido. O sangue lateja nos meus ouvidos. A neve gelada cai-me pelas costas do casaco.

Há muito tempo que não me sentia tão viva.

Ouçó a neve a ser esmagada quando o Eli vem a correr até mim,

ofegante.

— Derrotada — entoa ele. — Estás bem?

Não resisto a meter-me com ele. Encolho-me, enquanto me apoio nos cotovelos.

— Não sei bem. Acho que torci o tornozelo.

O sorriso desaparece-lhe do rosto.

— Que merda. A sério? RIV! — Ele aproxima-se e oferece-me a deixa de que eu precisava. Agarro-o pelo joelho e dou um puxão, deitando-o ao chão tal como o vi fazer ao Cole a noite passada. Ele cai em cima de mim, os nossos membros todos emaranhados. — *Filha da mãe.*

— Desculpa. — Solto uma gargalhada. — Foi demasiado tentador.

Ele repreende-me:

— Querida, se querias ficar debaixo de mim, era só dizeres. — Ele instala-se mais confortavelmente em cima de mim. Eu empurro-o, mas parece que ele fica ainda mais pesado, prende-me ao chão. Ele inclina-se tanto para mim que os seus caracóis roçam a minha cara. Sinto pequenas faíscas de eletricidade a tremeluzir na minha barriga. O meu olhar percorre os seus olhos verdes cintilantes, registam a pequena explosão de sardas abaixo da sobrancelha, a cicatriz descolorada na maçã do rosto.

— Rendes-te? — Ele está praticamente a ronronar.

— Nunca — sussurro.

— A sééério. — Ele arrasta a palavra.

Não consigo respirar bem. O peito dele está a pressionar o meu; consigo sentir-lhe os músculos sólidos a esmagarem-me os seios. O meu estômago dá voltas e reviravoltas, enquanto os olhos dele descem até à minha boca.

Quero beijá-lo, apercebo-me. Quero beijá-lo tanto que me doem os lábios. Quero um pouco da sua felicidade soalheira para mim. As suas pestanas descem e ele baixa a cabeça até os nossos lábios quase se tocarem. Deixo que os meus olhos se fechem enquanto inclino a boca para a dele, e ele é sacudido por uma ligeira inquietude de aprovação. Ele desce mais um pouco, os lábios mal roçam os meus...

Estico o braço, agarro numa mão-cheia de neve e enfio-a pela gola da camisola dele.

Ele engasga-se e estremece, enquanto ela lhe desliza pelo peito.

— Oh, *Jesus*...

— Nunca! — volto a anunciar, a sorrir.

Ele franze o cenho e vira-se para agarrar a sua própria mão-cheia. Eu encolho-me, à espera de que a neve me cubra a cara toda. Em vez disso, ele agarra apenas uma pitadinha entre os dedos. O meu coração acelera quando ele se inclina para a frente, com os olhos muito fixos na minha cara, e pausa

os cristais de gelo nos meus lábios. A sensação gelada arranca-me um queixume. O corpo dele é percorrido por um suspiro ao ouvir esse som, todos os seus músculos ficam tensos. A mão alonga-se sobre o meu pescoço, levantando-me o maxilar.

— Deixa-me tratar disso — diz, rouco.

Assinto e deixo que os meus olhos se fechem quando ele me beija por fim.

É um beijo minúsculo, como se ele estivesse a sorver a neve dos meus lábios. A sensação da sua boca quente na minha pele gelada é quase orgásmica. Suspiro, agarrando-me firmemente aos seus ombros, e beijo-o de volta, com força. Ele geme e passa os braços ao meu redor para me puxar para mais perto.

O beijo do Eli é exatamente como eu esperava que fosse: brincalhão, com mordidinhas, e doce. Sou tomada pela emoção quando ele pousa um beijo leve no meu lábio inferior, e depois suga-o devagar para dentro da sua boca, com as mãos a acariciarem-me através de todas as camadas de roupa. É evidente que ele sabe o que está a fazer. O Sam, o meu ex-namorado, beijava-me sempre exatamente da mesma maneira, como se estivesse a seguir uma rotina; cinco segundos de boca fechada, dez segundos de língua, voltar ao início e repetir. O Eli é muito mais natural, move-se em cima de mim, responde a cada ínfimo movimento do meu corpo e a cada suspiro que sai dos meus lábios.

O cheiro a pinheiro invade-me os sentidos quando ele me abre os lábios com os seus e desliza a língua contra a minha. A minha cabeça começa a andar à roda. Agarro-o pela camisola e ouço um ronronar profundo no fundo da sua garganta. O som atravessa-me, põe-me o estômago a vibrar e deixa-me os seios doridos.

Sem pensar, as minhas mãos voam para a bainha da camisola dele. Tiro as luvas e deslizo os dedos por baixo da camisola, sentindo a sua pele ardente e os seus músculos quentes e firmes. A neve nas minhas costas está gelada, infiltra-se no meu casaco de esquí; mas o homem que está em cima de mim é como uma fornalha, irradia calor, e eu só quero aconchegar-me nele. Corro os dedos pelos cumes dos seus músculos enquanto o beijo e ele estremece em cima de mim, soltando um gemido baixo junto ao meu ouvido. Os seus lábios deixam os meus, descem pela minha bochecha até à minha garganta. Os seus caracóis fazem-me cócegas na pele conforme ele começa a depositar beijos quentes e a sugar-me a lateral do pescoço. Sinto a humidade a começar a acumular-se entre as minhas pernas e arqueio-me quando ele atinge um ponto especialmente sensível.

De repente, ele para e depois afasta-se, ignorando o pequeno gemido que

deixo escapar quando os seus lábios deixam a minha pele. Ele ajeita uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Ei. A sino.

Abro os olhos, pestanejando por entre a luxúria que me tolda o cérebro.

— Hã?

— É *mesmo* a sino — diz ele, olhando atentamente para o meu pescoço.

— Raios. Isso é tão fofo.

— Que sino? A tua pila? — Movo as ancas, sentindo a protuberância endurecida entre as pernas dele.

Ele grunhe, esmagando-me em retorno, e a minha boca abre-se num arquejo.

— Não é o sino. É a *Si-no*. — Ele passa um dedo atrás da minha orelha, fazendo-me estremecer, e eu percebo que ele está a passar a ponta do dedo por cima da minha tatuagem. É uma pequena silhueta de fada, tão comprida quanto a minha unha, escondida atrás da minha orelha.

— Queres dizer Sininho? Fiz depois de ter ido à Disney, há uns anos.

— Sininho. — Ele inclina a cabeça, a observar-me. — Hum. Fica bem. São as duas mais ou menos do mesmo tamanho.

Eu estreito os olhos.

— Não sou grande fã de piadas sobre estatura — aviso.

Ele sorri com malícia.

— O que é que vais fazer? Dar-me um pontapé nos tornozelos?

— Provavelmente, num ponto mais acima. Acho que, se me esticar, consigo chegar aos teus tomates.

— Graças a Deus. Imagina a tragédia que seria se não conseguisses chegar aos meus tomates! — Ele aninha-se no meu pescoço. — Querida, estás a tremer. Estás a ficar cheia de frio. Anda daí. — Ele beija-me a tatuagem. — Vamos aquecer-te.

Ele levanta-se e pega na minha mão. O mundo transforma-se num borrão de branco quando ele me puxa para cima. Ele encaixa as duas pás debaixo do braço e seguimos para a casa. O meu corpo está todo a zumbir. Os meus lábios estão a formigar. Sinto o calor a correr-me pelas veias, a incendiar-me por dentro.

Que raio foi aquilo? Dou uma espiadela ao perfil do rosto bonito do Eli, enquanto caminhamos pesadamente sobre a neve. O que se segue agora? Vamos para dentro e fingimos que não aconteceu? Beijamo-nos outra vez? Acho que nunca tinha beijado um estranho sem ser numa discoteca. Não consegui evitar. Pareceu-me tão natural.

O Eli aperta-me a mão.

— Relaxa, Sininho. Queres chocolate quente? Eu preparo-o do zero.

Abano a cabeça, como se pudesse descartar todos os pensamentos ruidosos e dolorosos que me vêm à mente.

— *Se faz favor.*

Voltamos a entrar na cabana. O Riven já lá está, sentado à mesa da cozinha, diante do computador portátil.

— Divertiram-se? — pergunta ele, sem se dar ao trabalho de olhar para cima.

Eu coro, descalçando as botas.

— O Eli é uma criança. Começou uma luta de bolas de neve.

— Tenho a certeza de que ele está a gostar de ter alguém com quem brincar — diz ele, e depois acena com a cabeça para o meu telemóvel. — Pus o teu telemóvel a carregar. Alguém chamado Sam está sempre a ligar-te.

Levanto a cabeça num instante.

— *O quê?*

Ele pisca os olhos, surpreendido pela minha reação.

— Não quis bisbilhotar. O nome dele apareceu.

Sacudo o casaco e atravesso a sala a correr para agarrar no telemóvel. Há uma mensagem de texto do Sam a fulminar-me no ecrã e o meu estômago dá um salto. Apago rapidamente a mensagem sem olhar para ela.

— É o meu ex-namorado. Já acabámos há meses, mas ele ainda não me deixa em paz.

O Eli assobia enquanto leva uma panela ao fogão.

— Isso é uma merda.

— Pois. É mesmo.

Praticamente tudo sobre o Sam foi uma merda, para ser honesta. Conheci-o há uns quatro anos, numa exposição de arte. Ele arrebatou-me. Mas, quanto mais tempo passávamos juntos, mais ele mudava. Era ciumento. Estava sempre a tentar afastar-me dos meus amigos. Não me deixava falar com outros homens. Reconheço um alerta vermelho quando o vejo. Dei-lhe algum tempo para se recompor e, como não o fez, fui-me embora.

Então, ele mostrou-me exatamente o tipo de pessoa de merda que era.

Com um suspiro, percorro o resto das notificações. Há centenas, na sua maioria mensagens de velhos conhecidos que me viram nas notícias. Há *e-mails* indignados de pais dos meus alunos. Várias chamadas não atendidas da escola. Apago-as todas, tentando ao máximo não olhar para elas, e depois abro a caixa de correio eletrónico da minha empresa de pintura. Depois do grande escândalo, não estou à espera de nenhum cliente; mas parece que toda a publicidade é boa publicidade, porque tenho uma mão-cheia de pedidos de encomendas de retratos. Bem, três, para ser exata, e depois um par de *e-mails* de pessoas que me apelidam de escória. Porque agora a minha vida é isto.

O Eli pousa o queixo no meu ombro e encosta um quadrado de chocolate aos meus lábios. Os seus caracóis roçam a minha bochecha.

— O que é isso?

Apago rapidamente uma mensagem anónima com o assunto MORRE SUA CABRA ORDINÁRIA e aclaro a garganta.

— Hum... o meu *e-mail* para encomendas. Tenho aqui umas pessoas que querem que lhes faça uns quadros. — Abro a boca, deixando que ele ponha o chocolate lá dentro.

— Encomendas? — Os dedos do Riven pousam sobre o teclado. — Pensava que eras professora?

Humedeço os lábios.

— Estou... hum. Estou a fazer uma pausa no ensino. Só o faço por dinheiro. A minha licenciatura é em Belas Artes. Eu sempre quis ser pintora.

O fogão crepita e o Eli vai espreitar o chocolate quente. Consigo praticamente ver os pensamentos a girarem na cabeça do Riv, enquanto ele vai montando o *puzzle*.

— Oh? E era por isso que tinhas todo aquele equipamento de pintura no carro?

Aceno com a cabeça.

— Na verdade, vim cá acima para pintar a aurora boreal. Sempre quis vê-la e precisava de umas férias, por isso achei que era a altura certa.

— Hum. — Ele franze os lábios. — Há um grande mercado para pinturas a óleo hoje em dia?

— Eras capaz de ficar surpreendido. É uma prenda de casamento muito comum. As pessoas gostam de ter retratos das suas famílias, e coisas do género. Eu prefiro paisagens, mas... — Encolho os ombros, desconfortável com o curso do interrogatório. — Acho que é o que atrai os clientes.

Ele bate com a ponta da caneta no lábio inferior carnudo.

— Tens alguma página na *web*? Gostava de ver alguns dos teus trabalhos. *Nem pensar nisso*.

— Está em construção — digo eu, alegremente. — Desculpa.

Ele franze ligeiramente o sobrolho.

— Como é que consegues arranjar clientes se a tua página está em baixo?

Abro a boca para tentar responder, mas, felizmente, o Eli interrompe o interrogatório, pousando quatro canecas fumegantes sobre a mesa. Ele passa levemente a mão pelo meu braço.

— Queres ir ver o teu quarto? — murmura ao meu ouvido. — O Cole montou-o ontem à noite. É provável que seja mais confortável do que o nosso sofá. — Ele faz uma pausa. — Sem dúvida que oferece mais privacidade.

Acho que vejo o Riven a revirar os olhos. Aproveito a oportunidade para

me ir embora e agarro em dois chocolates quentes.

— Vai à frente.

O Eli leva-me pelo corredor até uma porta que eu nunca tinha visto antes, e desvia-se para o lado para me deixar entrar. Eu capto um breve vislumbre de um berço pequeno e de um candeeiro, antes de o Eli largar as canecas no chão, virar-me e prender-me contra a parede, a boca dele a apropriar-se da minha num beijo lento e profundo. Os lábios dele são macios e sabem a chocolate, e eu suspiro e derreto-me debaixo dele.



A doro tempestades.

Tornam a vida muito mais simples. Ficamos em casa com a lareira acesa. Leem-se livros, vê-se a neve a cair. Comemos refeições simples e deitamo-nos cedo. Nada de compras. Nada de estranhos. Nada de trabalho. Estamos sempre sem rede, por isso nada de telemóveis ou televisão. Faz-nos bem. Limpa a cabeça. Ajuda a reiniciar.

Ou ajudava.

A rapariga não para de rir.

Pousei o livro pela quinta vez, a tentar controlar o aborrecimento.

Estou habituado a viver com mais dois homens. O Riven é bastante calmo e, apesar de o Eli ser barulhento, pelo menos a voz dele é baixa o suficiente para ser abafada pelo rádio. Tinha-me esquecido de como as vozes das mulheres são agudas. A Daisy está a rir-se e parece o som da porcaria de um sino a tocar, atravessa facilmente as paredes da cabana. Está a deixar-me nervoso.

Não gosto dela. Ela é demasiado evasiva. Ontem à noite, quando o Eli lhe perguntou o nome, ela mentiu-lhe descaradamente. Recusa-se a contar-nos qualquer coisa sobre a sua vida. Só Deus sabe que segredos estará a esconder.

Por fim, o som diminui. Volto para o meu livro, folheio uma página. Só consigo ler algumas linhas antes de o Eli dizer alguma coisa *hilarante*, porque ela volta a rir-se às gargalhadas.

Cerrando os dentes, levanto-me, raspando com o banco de madeira no chão. Não consigo aguentar mais isto. É demasiado irritante.

Sigo as suas vozes até ao quarto de hóspedes que preparei para ela no nosso velho quarto das tralhas. É bastante simples; apenas uma cama, uma cómoda e um candeeiro. Não é luxuoso, mas não vejo como ela poderia precisar de muito mais do que isso. Deixaram a porta aberta e eu paro para espreitar.

A Daisy e o Eli estão sentados na cama, a analisar um jogo de cartas. Enquanto observo, a Daisy joga uma carta que faz o Eli soltar uma longa sequência de palavrões. Ela ri-se e empurra-o pelos ombros.

Sou mordido pelo ciúme. O que é estranho. O Eli está sempre rodeado de mulheres. Elas colam-se a ele como moscas. Na época de esqui, ele dorme praticamente na estância de esqui. Tem sido assim desde que éramos miúdos — toda a gente se sente atraída por ele. Eu nunca me importei com isso. Na verdade, quando éramos pequenos, tínhamos uma espécie de pacto: se precisássemos de conhecer uma série de pessoas, ele ia à frente e encantava-as

a todas, para que eu pudesse esconder-me nas sombras e ficar à espera até podermos ir embora. Ele sabia que falar com estranhos não era a minha praia, tal como eu sabia que estar sozinho não era a dele. Combinávamos bem.

Mas agora, ao vê-lo a sorrir para a Daisy, a rir-se com ela como se fossem amigos desde sempre — tenho ciúmes. E não faço a mínima ideia porquê.

Enquanto observo, ele passa a mão pela ponta da trança dela e puxa, depois baixa-se para lhe beijar o pescoço exposto. Ela arqueja, mordendo o lábio. Sinto a pila a contorcer-se quando ele passa a boca sobre a sua pele macia.

Merda. Merda, merda, merda.

Há tanto tempo que eu não via o Eli com uma mulher. Aparentemente, o meu corpo continua igualmente interessado nisso. A respiração dela acelera enquanto ele a beija, os seios cremosos incham contra o decote fundo do *top*. Não consigo ignorar a dor nos meus testículos quando um tom rosado lhe sobe pelo decote. O Eli murmura alguma coisa contra a pele dela, esfregando os caracóis contra a sua bochecha, e ela ri-se de novo, o som belo e radioso.

Não consigo mais lidar com isso.

Entro no quarto.

— Podem *calar-se, por favor?* — disparo. Saltam os dois, afastando-se.
— A tua voz está a causar-me dores de cabeça.

O Eli revira os olhos, passando um braço por cima do ombro dela.

— Por amor de Deus, meu...

— Não. — A Daisy corta-lhe a palavra. — Não, não faz mal. Ainda bem que avisaste, Cole. Ia ficar chateada se falasse demasiado alto e te provocasse uma enxaqueca.

Passo os olhos por ela. Ela está praticamente nua no seu pijama de verão. Ela remexe-se sob o meu olhar, puxando a bainha dos calções minúsculos para baixo.

— Que raio tens vestido? — grunho eu.

Ela olha para cima, com os olhos cintilantes.

— *Desculpa?*

— Vieste numa viagem ao Círculo Polar Ártico e compraste *isso?* — Olho para a mala dela, aberta no chão. Está cheia de coisas com rendas e folhos. Parece que ela nem fez as malas. Limitou-se a agarrar um punhado de coisas ao acaso. Recordo-me do seu equipamento de inverno. Era novinho em folha, e eu podia jurar que o tinha visto numa prateleira do *Intersport* há uns meses. Ela comprou-o na Suécia.

— Para de olhar para a minha roupa interior.

Ela aproxima-se e fecha a mala com uma palmada.

— As tuas roupas são todas assim? — pergunto. — Fizeste a mala para

umas férias de verão?

— Vocês têm aquecedores em todos os quartos — diz ela, com firmeza.

— Eu até podia aguentar mais uma hora sem morrer congelada.

— Estou a falar a sério. Não planeaste vir para aqui, pois não? Isto não foram umas férias planeadas.

As bochechas dela ficam mais quentes.

— O que é que isso importa?

— Importa, porque significa que nos mentiste sobre o motivo para estares aqui.

— Para com isso — diz o Eli, franzindo a testa. — Deixa-a em paz, meu. Eu ignoro-o.

— Quem és? — exijo saber.

Ela pestaneja.

— C-como assim? Sou a Daisy.

— Quantos anos tens? Onde vives? O que é que fazes?

— Eu disse ao Eli. Sou professora. — Ela brinca com o canto da colcha.

— Sou de Londres.

— Sim? O que é que ensinas?

Ela abre a boca, depois volta a fechá-la.

O Eli levanta-se com um suspiro, encostando-se a mim.

— Estou a falar a sério. Deixa-a em paz.

Não posso acreditar. Nós já fomos queimados uma vez por uma mulher mentirosa. E o Eli magoou-se mais do que qualquer um de nós. Não consigo perceber porque é que ele não aprende a proteger-se.

— Ouviste-a, certo? Ela praticamente admitiu que está a esconder merdas.

Ele encolhe os ombros:

— Ela não tem de nos contar nada.

— Mas...

— *Para* — ordena ele, olhando-me fixamente.

Eu estou sem palavras. O Eli não faz este tipo de merdas. Normalmente, é demasiado calmo para discutir comigo ou com o Riv. Levanta uma sobrancelha, depois faz um gesto com a cabeça a indicar-me a porta.

— A sério?

— Sim.

Passam alguns segundos. Ele não cede.

Caramba.

— Falem baixo — murmuro, virando-me para ir embora.

Encaminho-me furiosamente para a cozinha. O Riv está sentado à mesa, ao computador. Ponho a chaleira a ferver e vou buscar café aos armários.

Tenho a cabeça às voltas. Está aqui alguma coisa errada. Não pode acabar bem. É evidente que a Daisy está a esconder-nos coisas, e isso faz dela uma ameaça. Devíamos estar a tratá-la como a uma mentirosa, não a abrimo-nos com ela. Sirvo duas canecas de café e trago-as para a mesa.

— O Eli já se atirou a ela — murmuro, pousando-as. O Riv não desvia os olhos do ecrã. — *Riven*.

— E estás surpreso? — Ele estende a mão para a bebida, enquanto continua a digitar no teclado com uma mão. — Havia alguma hipótese de eles *não* se envolverem?

— Ele vai afeiçoar-se.

— Da última vez que me informei, o Eli era perfeitamente capaz de ter sexo casual.

Eu abano a cabeça.

— Ele não está a ter sexo com ela. Eles estão tipo... a beijar-se, e a jogar às cartas, e merdas do género. Ele parece bastante feliz. — O Eli teve muitos encontros de uma noite nos últimos cinco anos. Ele não costuma ser tão carinhoso com elas. — Ele confia demasiado. É como se não tivesse aprendido nada desde a última vez que isto aconteceu.

O Riven solta um «hum».

Eu cerro os punhos.

— *Riven*.

Por fim, ele olha-me nos olhos.

— O que queres que eu faça em relação a isso? Tranco-a no quarto? Ele é adulto. Se ele quer divertir-se com ela, ele é que sabe.

Deixo-me cair num cadeirão e olho para lá da janela.

— Não confio nela.

— Que surpresa.

— Ela está a mentir sobre quem é. Mentiu sobre o seu trabalho. — Ela não é lá grande mentirosa. Fica toda ruborizada e evasiva.

O Riv suspira, fechando o portátil.

— Eu sei. E podes parar de te preocupar. Recebi uma mensagem há meia hora a dizer que as estradas para a aldeia estão desimpedidas. Vamos lá amanhã, levamos o carro dela para a oficina. Depois disso, ela só deve ficar connosco mais uns dias.

Todos os músculos do meu peito relaxam.

— Por que raio não começaste logo por aí? — rosno.

O canto da boca dele começa a tremer.

— É fofo ver-te preocupado com ele.

— Vai-te lixar...

Ele ri-se enquanto dá um gole no seu café. Eu recosto-me na cadeira.

Alguns dias. Só mais uns dias e ela vai-se embora. Posso evitar cruzar-me com ela por uns dias.

Outra gargalhada abafada ecoa pelas paredes. Esfrego a testa, tirando uma nota mental para comprar tampões para os ouvidos amanhã.

Daisy



No dia seguinte, o Cole para num pequeno parque de estacionamento atrás de uma oficina. As estradas para Kiruna, onde fica o meu *Airbnb*, ainda não estão desimpedidas, mas ele conduziu-nos até uma povoação local, rebocando o meu pobre carro amolgado.

Espreito pela janela.

— Tens a certeza de que não vou conseguir encontrar um sítio para ficar aqui?

— Nós não gostamos de turistas — resmunga o Cole. — Não me parece que alguém tenha posto um dos seus quartos para alugar.

— Vais ficar mais um bocadinho connosco, Sininho — diz o Eli, dando-me uma palmadinha no joelho. — Não te preocupes. As estradas para a cidade já devem estar desimpedidas daqui a uns dias.

A mão dele pousa na minha coxa por um momento, e eu sinto o estômago a apertar-se. Estudo-o pelo canto do olho, percorrendo-lhe o maxilar quadrangular e o cabelo rebelde. Estou um pouco surpreendida com a força do meu fraquinho por ele. Acho que nunca me liguei a alguém tão depressa. Passámos a noite anterior toda juntos no meu quarto pequeno, a jogar às cartas, a beber e a conversar. E a beijarmo-nos. Só um bocadinho. Ele só saiu depois de o Cole ter entrado, com um piscar de olhos e um roçar de lábios lento e demorado.

Os seus olhos verdes cruzam-se com os meus, reluzentes, e, durante alguns segundos, não consigo desviar o olhar.

O Riven vira-se no banco da frente.

— Daisy?

Inclino-me para a frente.

— Sim!

Ele segura uma lista de compras.

— Quando fazemos uma viagem para abastecimento como esta, na época das tempestades, trazemos sempre mantimentos suficientes para pelo menos um mês, para o caso de ficarmos presos.

Arregalo os olhos.

— É muito pouco provável que isso aconteça — garante-me ele. — Mas mais vale prevenir do que remediar. Pensa no futuro. Há alguma coisa de que vás precisar no próximo mês ou assim?

— Não. Não preciso de nada em especial, como o que vocês tiverem.

— Não é só comida. Artigos de higiene pessoal, ou alguma coisa da farmácia?

— Não. Tenho tudo.

Os olhos escuros do Riven não se afastam dos meus.

— Tens a certeza? — insiste ele. — Tens tudo para mais de um mês, se for preciso?

— Hum. Sim? — Não sei porque é que ele está a insistir tanto.

— Não há nada que possas precisar no próximo mês, ou assim?

— ...Não?

— Ele está a perguntar se precisas de tampões — diz o Cole, a partir do lugar do condutor.

Faz-se silêncio. Depois desato a rir.

— Eu tenho alguns na minha mala. Mas obrigada.

— Está bem. — O Riven volta a virar-se para a frente. Eu tento abafar o riso. — Tens os nossos números todos. Vai começar a escurecer por volta das três, por isso devíamos tentar ir embora antes disso. Se te perderes sozinha, pergunta a alguém onde fica a praça principal.

— Entendido.

Todos abrem as portas e saem do carro. Olho em redor. Estamos num pequeno parque de estacionamento cheio de carros de aspeto desgastado. Do outro lado da estrada vejo fileiras de casas. O ar gelado enche-me os pulmões e respiro fundo.

— Anda, Sininho. Vamos para dentro. — O Eli pega na minha mão, puxando-me pelo parque de estacionamento até um pequeno escritório com paredes de vidro. Uma campainha toca quando atravessamos a soleira da porta. Lá dentro é limpo e acolhedor; há uma zona de espera com assentos em couro macio e uma máquina de venda automática encaixada a um canto. Um homem de cabelo prateado está sentado atrás do balcão, a olhar para o computador como se quisesse pegar-lhe fogo. Tem uma taça de caramelos na mão.

— *Hej, Ulf*. — O Eli aproxima-se e agarra dois antes de o homem lhe arrancar a taça, resmungando qualquer coisa. — Não, não parti outra mota de neve — responde o Eli, em inglês. — Na verdade, desta vez nem sequer fui eu! — Ele desembulha um caramelo e mete-o na boca. — A minha amiga Daisy deu cabo do carro dela. O Cole teve de o rebocar até aqui.

O Ulf arrasta os olhos do Eli para mim.

— *Amiga* — grunhe.

— Ela é *muito* amigável. — O Eli sorri, metendo o outro doce no meu bolso.

Dou-lhe uma cotovelada de lado. O Ulf suspira e obriga-se a levantar-se da cadeira.

— Cartão do cidadão?

Merda. Viro-me para o Eli.

— Hum. Se tens de ir tratar de outras coisas, eu consigo resolver isto sozinha.

Ele encolhe os ombros.

— Não me importo de ficar contigo. Não tenho nada para fazer.

Eu mordo o lábio, experimentando uma abordagem diferente.

— É que... gostava de passar um bocadinho de tempo sozinha? Estás a ver... depois de ter estado presa dentro de casa nos últimos dias. Gostava de ter um bocadinho de espaço para respirar.

Tenho medo de estar a ser mal-educada, mas ele encolhe os ombros e afasta-se, dirigindo-se de volta à neve. Acho que, depois de viverem juntos durante tanto tempo, os rapazes compreendem a noção de necessidade de espaço.

Entrego o meu cartão do cidadão ao Ulf e a carta de condução, com o coração a bater com força. Ele examina-os e a minha garganta aperta-se quando o seu olhar se torna mais sério. Os seus olhos viajam entre a minha cara e a carta de condução. Passam longos segundos. Preparo-me para o pior, à espera de que ele diga alguma coisa — mas ele limita-se a escrever qualquer coisa no computador e depois devolve-me os documentos sem fazer qualquer comentário. Solto um suspiro de alívio. Ele não me reconhece.

Meu Deus. Odeio viver assim.

— Muito bem. — Ele levanta-se da cadeira atrás da secretária. — Vamos lá ver. — Saímos para o parque de estacionamento. Ele assobia quando vê o estado do meu carro. — Que raio lhe fizeste?

— Alce.

— Ah!

Ele abre o capô e examina o motor. Fico à espera, meio sem graça, enquanto ele remexe no interior e depois passa para a bagageira. O meu telemóvel vibra no bolso e eu tiro-o para fora, fitando o texto que preenche o ecrã.

Sam: Por favor, querida. Dá-me outra oportunidade.

Apago a mensagem e devolvo o telemóvel ao seu lugar, enquanto o Ulf se endireita, limpando o pó das mãos.

— Vai dar muito trabalho. Preciso de encomendar algumas peças novas. Vai demorar pelo menos duas semanas e meia, se o tempo estiver bom. Mais, se houver outras tempestades.

Aceno com a cabeça, o meu coração afunda-se.

— Quanto achas que vai custar?

Ele dispara um número que me deixa boquiaberta. Esse valor acabaria de vez com as minhas poupanças. Não haveria hipótese de arrendar um quarto em Kiruna enquanto espero. Merda. Que raio hei de fazer?

O Eli vem-me à cabeça. Tenho a certeza de que ele não se importaria que eu ficasse com os rapazes, mas os outros não vão querer que eu fique por lá durante algumas semanas. Não posso viver na rua até o carro estar pronto, mas também não posso ir para casa sem ele.

Estou tramada.

Com um suspiro, pego no orçamento que o Ulf imprimiu, pago o depósito e volto lá para fora. Preciso de pensar. Começo a andar pela rua empedrada, com a cabeça a ferver.

A aldeia é linda e pitoresca; uma estranha mistura de moderno e tradicional. Um banco com um letreiro luminoso está espremido entre bares de aspeto antiquado com lanternas penduradas à porta. Há crianças na rua a brincar na neve, passam por mim em pequenos trenós.

— Ei! — chama alguém. Viro-me automaticamente. Estou a passar por um pequeno bar. As portas estão fechadas contra o frio, mas há grupos de pessoas sentadas no exterior, em mesinhas de metal, enroladas em cobertores. Aquecedores cor-de-laranja brilham acima das suas cabeças enquanto bebem cerveja e conversam. Um homem levanta-se de uma das mesas e olha para mim. As suas bochechas estão vermelhas e ele está a oscilar nos próprios pés. Estuda-me o rosto, depois passa os olhos pelo meu corpo, pousando o olhar no meu peito.

Merda.

Faço-lhe um sorriso débil e viro-me para me afastar dali. Ele grita qualquer coisa atrás de mim e eu acelero o passo, com o coração a bater na garganta. Passos soam atrás de mim, cada vez mais rápidos, e dou um salto quando uma mão pousa no meu ombro. Com uma dor interior, viro-me para o encarar. É um homem de meia-idade, provavelmente na casa dos cinquenta. O cabelo louro e oleoso está desalinhado sobre a cabeça e os olhos estão lacrimejantes e ensanguentados devido à bebida. Resmunga qualquer coisa de forma embrulhada que soa bastante mal. Posso não perceber o que ele está a dizer, mas o assédio tem um tom muito específico.

— Peço desculpa. Não falo sueco — digo-lhe eu. Ele volta a gritar.

Vejo algumas pessoas na praça a olharem para nós, de olhos esbugalhados, e encolho-me. Que merda. Isto é a última coisa que eu queria quando vim para aqui. Atenção.

Ele dá uma palmadinha no meu casaco.

— Desculpe — digo, recuando mais um passo. — Eu não percebo o que

está a dizer.

O meu sapato fica preso nas pedras geladas e eu cambaleio para trás. Ele agarra-me pelo braço. Os seus dedos atarracados pressionam dolorosamente a minha pele, mesmo através do casaco grosso.

Parte de mim está em choque. Isto não pode estar a acontecer. Estamos em público. Não vou ser assaltada em plena luz do dia, em frente a uma praça cheia de gente. Mas ninguém parece disposto a fazer nada. Ele agarra-me pelo braço, puxando-me para si, de modo que caio contra ele. O hálito quente e fermentado da cerveja espalha-se pela minha cara, enquanto ele me aperta contra o corpo. Tento empurrá-lo, mas ele tem o dobro do meu tamanho, e não adianta de nada quando ele tenta descer o fecho do meu casaco. Ele dá-lhe um puxão, como se quisesse arrancar-mo. Sou tomada de raiva e levanto o calcanhar, acertando-lhe com força no pé.



Fecho os olhos e respiro pelo nariz, tentando manter a irritação sob controle.

— Já lhe disse — digo, pacientemente —, não pode andar na neve. O seu tornozelo está instável e os seus ossos estão demasiado frágeis.

Anna, a idosa de cabelo grisalho que estou a tratar, troça.

— Ando por aí sem problemas há noventa e cinco anos.

— O problema é esse — murmuro, espetando a pele inchada com o dedo. Ela dá-me uma leve palmada no ombro.

— Não sejas tão mal-educado — repreende.

Suspiro, alongando as costas. Estou ajoelhado no chão da cozinha da Anna, a picar-lhe o tornozelo enquanto ela se recosta na sua cadeira preferida. É a quinta vez este ano que ela me chama para tratar de uma lesão. Nem sequer sei porque é que ela se dá a esse trabalho; na verdade, nunca faz nada do que lhe recomendo.

O neto está perto do fogão, a preparar um chá.

— Avó, por favor, não batas no médico. Do que é que ela precisa, Riv?

Eu agacho-me.

— Uma radiografia. Assim que removam a neve até à cidade. Até lá, aplique gelo durante quinze minutos, de hora a hora, e tome os analgésicos que deixei da última vez.

Olho para o frasco de comprimidos fechado sobre o balcão.

— Eu não preciso de *analgésicos* — resmunga a Anna. — Não sou nenhuma criança.

— Não são só para as dores — explico, de forma o mais paciente possível. — Também reduzem o inchaço. Se o inchaço for demasiado grande, o tornozelo pode deslocar-se. Quer que isso aconteça? — Ela resmunga, baixinho. Volto a olhar para o neto. — E, por amor de Deus, não a deixes fazer isso.

— Sem dúvida.

Endireito-me, aperto as mãos de ambos e volto a sair para a neve.

O meu estado de espírito é sombrio enquanto ando pelas ruas. Adoro o meu trabalho, mas esta é a pior parte. A Anna precisa de tratamento hospitalar e, enquanto as estradas não estiverem desimpedidas, não lho posso proporcionar. É muito frustrante não poder tratar devidamente os doentes.

Viro a esquina da praça principal e dirijo-me para a farmácia. Do nada, um braço agarra-se ao meu ombro, quase que me estrangula.

— Tudo bem? — pergunta o Eli.

Eu empurro-o de cima de mim.

— Não era suposto estares com a Daisy?

— Ela mandou-me embora — diz ele, alegremente, acertando o passo com o meu. — Disse que conseguia tratar do carro sozinha.

— Provavelmente, está outra vez a esconder o cartão de identidade — balbucio.

— Pois.

Os meus olhos deslizam até ele. Parece um gato satisfeito, feliz e preguiçoso. Tem uma mancha do batom rosa brilhante da Daisy espalhada na bochecha.

— E então? Vocês estão juntos, agora?

— Claro que não. — Ele olha-me de lado. — Porquê? Gostas dela? Vi-te a olhar para ela há bocado.

— Eu olho para um monte de coisas.

Ele suspira.

— Não faz mal, meu. Não tens de te transformar num monge por causa de uma má relação.

Eu faço uma careta:

— Não foi só uma *relação má*. Arruinou as nossas vidas todas, durante anos.

— Bem, talvez seja exatamente disto que precisas. — Ele põe-se à minha frente, bloqueando-me o caminho. — É óbvio que não estás preparado para uma coisa séria.

— Nunca vou estar. — Projeto-me para a frente, tentando passar por ele. Ele começa a andar às arrecuas. — Eli...

— Então, porque não tentas com ela? — insiste ele. — Aos poucos, certo? Sem compromisso, apenas uma aventura casual antes que ela tenha de se ir embora. E seríamos dois. Isso era capaz de aliviar parte da pressão.

— Será que devíamos estar a ter esta conversa sem ela? Tu nem sequer sabes ainda se ela está interessada em mim.

Ele bufa.

— Confia em mim. Se ela está interessada em mim, de certeza que vai estar interessada em ti. Médico alto, negro e bem-parecido?

— Isso não vai acontecer.

Ele aperta-me o ombro.

— Não sentes falta disso? — diz, com os olhos verdes sérios, de repente. — Eu sinto. Parece que falta alguma coisa. E se for ela?

Eu tento afastá-lo.

— Eli, eu tenho trabalho para fazer.

— Pensa nisso — diz ele, deixando-me ir. — Vou buscar comida.

Ele vai-se embora, desaparece numa esquina. Fico a vê-lo partir, com a cabeça a andar à roda. As suas palavras repetem-se vezes sem conta na minha mente. *Parece que falta alguma coisa. E se for ela?*

Ele tem razão. Sinto, de facto, que falta alguma coisa. Tenho-o sentido ao longo dos últimos cinco anos, como um buraco no peito. Construímos uma pequena família aqui em cima, longe da civilização, mas ainda não está completa.

A imagem da Daisy vem-me à cabeça. Ela é linda, realmente. Tem sido um inferno tê-la a vaguear pela casa, para ser sincero. É um bocado difícil concentrar-me no trabalho quando há uma mulher a andar pelos corredores, com curvas suaves, pele cremosa e cabelo comprido e espesso. Não estou habituado a ter esse tipo de distração por perto.

Mas ela é apenas isso. Bonita. Isso não significa que tenha alguma ligação especial com qualquer um de nós.

O telemóvel vibra no meu bolso. Agarro-o e olho para o ecrã. Número desconhecido. Deslizo para o abrir e aceitar a chamada.

— Dr. Nilsson.

— *Riven, querido* — canta a minha mãe com o seu forte sotaque americano. Imobilizo-me de imediato.

— Mãe? Estás bem? De quem é este telemóvel?

— *Oh, estou ótima, querido. É de uma das empregadas. Eu sabia que não irias atender se soubesses que era eu a ligar. Tens andado a ignorar-me nos últimos dias.*

— Não tenho andado a ignorar-te. Estamos outra vez sem sinal de rede.

— *Meu Deus. Não sei porque continuas a viver nesse lugar horrível. Eles são praticamente medievais.*

A raiva atravessa-me.

— Não tiveste problemas em criar-me aqui.

— Sim, mas agora as coisas são diferentes. Podemos dar-nos ao luxo de ter um estilo de vida melhor.

Eu suspiro.

— O que é que querias? Estou ocupado, agora.

— *Ainda vens cá em junho, não vens? Quero organizar uma festa.*

— Não. Desculpa.

— *Mas tínhamos feito planos!* — queixa-se ela. — *Não podes fazer planos e cancelá-los assim, sem mais nem menos!*

— Não tínhamos planos nenhuns. Disseste-me que eu ia aí a casa. Eu disse que não ia. Tu ignoraste-me.

Ela bufa.

— *Será que uma visitinha de nada ia custar-te assim tanto? Temos*

saudades tuas, Riven.

— Sim. Sou médico. Se desaparecesse durante três meses, faria mal a muita gente.

— *Bem, esses nativos não têm todos as suas próprias ervas medicinais, ou assim?*

Eu cerro os dentes.

— Desculpa, eu não vou. Mais alguma coisa, ou posso ir fazer o meu trabalho?

Ela suspira.

— *Olha, querido. Sei que ainda estás zangado. E eu e o teu pai pedimos desculpa pelo pequeno problema que causámos com a Johanna. Mas já se passaram anos. Não será, finalmente, altura de nos perdoares?*

O meu coração congela no peito.

— Não foi um *pequeno problema* — sibilo. — Ela destruiu a vida de toda a gente de quem eu gosto. E vocês *ajudaram-na* a fazê-lo.

— *Bem, a situação era difícil. A culpa foi vossa por a terem envolvido naquela coisa da ménage à trois que vocês fazem. Só podia acabar em lágrimas, Riven, a sério. Só fizemos o que achámos que era melhor para ti.*

Fecho os olhos.

— Não, não vou a casa este verão. Mãe, desculpa, mas tenho mesmo de trabalhar — desligo o telefone.

O meu telemóvel volta a tocar de imediato. Volto a metê-lo no bolso e esfrego a cara com uma mão. Detesto falar com os meus pais. Acabo sempre por ficar completamente furioso. Era capaz de cortar relações com eles em definitivo, se eles não continuassem a fazer donativos para o hospital daqui. Mas...

— PUTA!

Um grito vindo do outro lado da praça arranca-me aos meus pensamentos. Demoro alguns segundos a perceber de onde vem a voz. Um velho bêbado está à porta de um dos bares locais, a disparatar contra uma pobre rapariga. Ele afasta-se, trazendo-a para o meu ângulo de visão, e eu vejo um casaco cor-de-rosa pálido que me é familiar.

Daisy.

Nem sequer penso antes de atravessar a praça, a correr a toda a velocidade. À medida que me aproximo, consigo ouvir as coisas nojentas que ele lhe está a dizer.

— Pensei em ti quando me vim ontem à noite — diz ele. — És só uma putinha, não és? Espera. — Ele apalpa-lhe o bolso. — Dá-me o teu telefone. Eu dou-te a minha morada. Podes passar lá mais tarde, sim? Não te preocupes, a minha mulher não se vai importar.

A Daisy afasta-se, o seu rosto transparece confusão.

— Desculpe — diz ela. — Eu não percebo o que está a dizer.

— Não seas má — murmura o homem, a avançar para ela. — Vamos lá. Dá-me o teu número. Eu pago-te para passares por lá. — Ela tenta recuar novamente e ele agarra-lhe o braço. — Quanto é que queres, hã? — Ele dá-lhe um puxão e ela vai contra ele.

A raiva atravessa-lhe o rosto.

— Não me toques — sibila ela, e depois acerta-lhe no pé, com força.

O tipo uiva.

— Sua *cabra*! — cospe ele.

— Ei! — berro eu. — Que raio estás a fazer? — Ambos olham para mim. O alívio inunda a cara da Daisy. Puxo-a para trás de mim e viro-me para o homem. É evidente que ele está fora de si. As bochechas e o nariz estão vermelhos e tem os olhos vidrados. — Não lhe tocas, não falas com ela, não *olhas* para ela, porra! — disparo. — Estás a perceber?

O homem olha para nós os dois.

— Doutor, a sua miúda é uma puta — titubeia. — Já me fez vir várias vezes.

A Daisy estremece. Eu puxo-a para mais perto de mim.

— Desaparece daqui, seu monte de merda.

— Ela gosta de levar no cu — cacareja ele. — Ela gosta de levar no cu à bruta. Também lhe vais ao cu?

Passo-me. Dou um passo em frente e agarro o indivíduo pelo colarinho, empurrando-o para trás.

— Se voltares a aproximar-te dela, chamo a polícia. Estás a assediar sexualmente uma mulher em plena luz do dia. Há muitas testemunhas.

Ele tropeça ao recuar.

— A polícia não se vai importar — murmura, e depois arrota. — Só estou a dizer a verdade. Ela é uma puta.

— Desaparece. Daqui.

A resmungar baixinho, ele vira-se e cambaleia pela neve, de volta ao bar. Respiro fundo, a tentar acalmar-me. O instinto protetor que me acometeu é tão forte que fico surpreendido. Há muito tempo que não me sentia tão zangado. Fecho os olhos, respiro pelo nariz e viro-me para a Daisy. Ela está imóvel, com os braços cruzados sobre o peito, como se estivesse a tentar esconder-se dele.

— Estás bem? — pergunto.

— O que é que ele estava a dizer?

Enrolo o lábio.

— Coisas desagradáveis.

— Oh! — Ela esmorece. — Bem me pareceu. Mas não tinha a certeza, por isso não sabia o que fazer. Não queria dar-lhe um pontapé nos tomates se ele fosse só um velho esquisito. Mas depois ele agarrou-me. — Ela morde o lábio. — O que é que ele estava a dizer, exatamente?

— É melhor nem saberes.

O seu rosto endurece.

— Riven. Estou a falar a sério. O que é. Que. Ele. Estava. A. Dizer.

Eu solto um suspiro.

— Só um monte de tretas sexistas. Ignora.

— *Diz-me* — insiste ela.

— Queres mesmo que eu traduza? — Ela acena com a cabeça, com os olhos castanhos muito abertos. Esfrego a cara. Nem sequer quero repeti-lo. — Ele chamou-te... prostituta. Disse que tu, hum... — Tento dizê-lo de uma forma simpática. — Gostas de sexo anal. — A cara dela perde a cor à medida o sangue lhe foge todo das bochechas. — É só um bêbedo a dizer disparates — asseguro-lhe. — Provavelmente, diz isso a todas as raparigas bonitas que vê. — Ela olha para baixo, engolindo com dificuldade. Os seus ombros tremem. Por um segundo terrível, penso que ela pode estar a chorar. Pouso a mão nas costas dela. — Ei. Está tudo bem.

Quando ela encontra o meu olhar, os seus olhos estão secos. A boca descreve uma linha firme.

— Claro que sim — diz ela, com bravura. — Eu já estive muito, muito pior.

O meu estômago revira-se.

— Acredites ou não — digo, lentamente —, isso não me faz sentir muito melhor.

— Eu não estava a tentar fazer-te sentir melhor. — Ela cruza os braços sobre o peito e olha para o outro lado da rua, franzindo os lábios em forma de coração rosado.

Eu hesito. Os meus compromissos do dia já terminaram. Ainda tenho mais alguns recados que preciso de riscar da minha lista, mas não posso deixar a Daisy assim sozinha. Não vou deixar uma mulher a vaguear por sua conta numa cidade estrangeira depois de ter sido assediada sexualmente.

— Tens fome? — pergunto, de repente.

Ela pestaneja, depois acena com prudência.

— Acho que sim.

— Queres ir almoçar?

— Eu... está bem.

— Vamos lá.

Sem esperar por ela, começo a atravessar a estrada. Estou habituado a

andar com o Cole e o Eli, mas ela tem dificuldade em acompanhar-me visto que tem pernas mais curtas. O pé dela bate num pedaço de gelo, e ela desequilibra-se. Agarro-a antes que ela caia no chão, passando um braço à volta da sua cintura. Olhando em redor, vejo que estão a observar-nos com curiosidade. A maioria das pessoas da aldeia conhece-me. Tenho a certeza de que os mexericos já começaram a espalhar-se. Fantástico.

— Vamos — repito, um pouco mais ríspido, apressando-a a atravessar a praça.

Daisy



O Riven leva-me a um pequeno bar de aspeto tradicional, com uma placa de madeira a oscilar na porta. No interior, o ambiente é acolhedor e cheio de luz dourada. As paredes estão cobertas de chifres de rena e de candeeiros a gás. Numa grande lareira de pedra, crepita um fogo vermelho.

Uma mulher de meia-idade radiante, com bochechas rosadas, aproxima-se de nós e conduz-nos a uma mesa ao fundo da sala. Há outros grupos espalhados por ali; a maioria constituída por homens a rir demasiado alto com as suas cervejas, mas também algumas famílias.

Dou um salto quando sinto umas mãos nos meus ombros. O Riven tira-me gentilmente o casaco, pendurando-o num gancho pregado na parede.

— Obrigada.

Inclina a cabeça, afastando uma cadeira para mim.

— O que achas de comer rena? No que diz respeito à carne, é o mais ético possível. Os nativos daqui usam todas as partes do animal. — Ele sorri para a mulher. — É a especialidade da Charlotte.

Eu encolho os ombros.

— Eu experimento tudo, pelo menos uma vez.

Ele diz qualquer coisa à Charlotte, que sorri e corre para a cozinha para começar o pedido. O Riven serve-nos dois copos de água de uma torneira do bar, depois volta a sentar-se no seu lugar assim que a comida chega. Pediu duas grandes tigelas de guisado fumegante, cheio de batatas, carne e cenouras. De repente, apercebo-me de como estou esfomeada. Pego na colher e começo a comer. O guisado é espesso, rico e saboroso.

— Isto é delicioso!

— Ainda bem que gostas. — Ele pousa um pedaço de pão na borda do meu prato. — Come.

— Obrigada.

Estou um bocadinho nervosa. Ainda não passei tempo a sós com o Riven. Desde o primeiro dia, ele tem sido educado, mas deixou claro que não me quer por aqui. Não fala muito enquanto comemos, concentrando-se sobretudo no telemóvel. Aproveito a oportunidade para o estudar, observando a luz da lareira a incidir sobre as suas maçãs do rosto esculpidas e pele castanho-escura. Ele é mesmo bonito, de uma forma antinatural. Por baixo do casaco, veste uma camisola preta de aspeto dispendioso, que lhe assenta bem no corpo, expandindo-se um pouco nos seus ombros largos e nos bíceps. Os óculos de armação grossa refletem a luz do ecrã do telemóvel quando ele baixa a cabeça. O conjunto todo resulta num médico cem por cento *sexy*.

Algumas mesas à frente, um grupo de homens bêbados irrompe subitamente numa canção, com as suas vozes a ecoarem pela sala. As pessoas

das outras mesas juntam-se a eles, rindo e levantando os copos. O Riven sorri ligeiramente, mas não levanta os olhos do telemóvel.

— O que é que eles estão a cantar? — pergunto eu. Toda a gente parece conhecer. Até a menina da mesa ao lado está a cantar alegremente.

— *Ja, må han lever. É tipo Parabéns a Você.*

— Oh! — Bato palmas com toda a gente quando acabam. — Parece mais uma canção de copos.

— Acho que o foi, de início.

Ele franze o sobrolho, percorrendo o ecrã. Há uma linha entre as suas sobrancelhas escuras. Tenho de lutar contra a vontade súbita de me aproximar e de a acariciar até que desapareça.

— Riven, passa-se alguma coisa?

Ele levanta o olhar.

— Hum? Ah! Não. — Ele põe o telemóvel no bolso. — Desculpa, estou a ser mal-educado.

— De maneira nenhuma! Eu consigo entreter-me sozinha. Só achei que... parecias um pouco chateado. — Inclino a cabeça, estudando o seu rosto. — Estás bem?

Os lábios dele separam-se. Ele faz uma pausa por um momento, como se estivesse a tentar decidir se me deve ou não contar.

— Os meus pais estão sempre a mandar-me mensagens — acaba ele por dizer. — A minha mãe está a tentar que eu volte para casa no verão. — Franze o rosto. — Agora recorreu a uma oferta de dinheiro.

Eu corto um bolinho de massa tenra ao meio.

— Uau! Ela deve mesmo querer que volte. Ela mora aqui perto?

Ele abana a cabeça.

— Na América. O lado da família da minha mãe é dos Estados Unidos. Daí o nome. Ela insistiu que, se o meu apelido ia ser sueco, devia ser ela a escolher o meu primeiro nome. Acho que ela queria algo mais exótico do que Anders ou Mattias.

Ele torce o lábio.

— Espera. Então és americano?

— O meu pai insistiu em criar-me aqui em pequeno, mas os meus pais emigraram para Los Angeles quando eu era adolescente. A minha mãe acha que, se conseguir que eu a visite, vou ficar tão maravilhado com a piscina, o iate e a mansão que nunca mais vou querer ir-me embora. Ela está convencida de que deve haver algo de errado comigo, por querer viver aqui em cima no frio, longe de todos os centros comerciais.

— Tu não pareces ser do tipo que gosta de centros comerciais.

Ele sorri secamente.

— Não.

— Estava a pensar porque é que não tinhas sotaque sueco. O Eli tem só um bocadinho, mas às vezes nota-se.

Ele acena com a cabeça.

— Eu fui criado bilingue. O Eli e o Cole aprenderam inglês na escola.

Pego noutra colherada de guisado.

— Chegaste a viver na América?

— Só durante dois ou três anos, quando andava no liceu. Voltei para cá quando o conclui para estudar medicina.

— Deve ser difícil estar tão longe da família.

— Não, de forma alguma. O meu pai é... — Sorri com tristeza. — Bem. Talvez o conheças. Hans Nilsson.

O nome parece-me familiar. Eu reflito sobre isso.

— Ele não andou nas notícias há uns anos? Qualquer coisa sobre um *rapper*?

O Riven acena com a cabeça, rigidamente.

— Ele é advogado.

Tudo se encaixa.

— É o advogado que livrou aquele *rapper* da acusação de homicídio!

O Riven olha para a sua tigela.

Eu lembro-me desse caso. Foi uma história feia. Um *rapper* muito famoso esfaqueou a namorada até à morte quando ela o apanhou com outra mulher. O mais louco é que o tipo confessou literalmente o assassinio, mas, de alguma maneira, o advogado conseguiu que fosse absolvido. Apareceu em todos os jornais.

— Como é que ele fez isso?

O Riven encolhe os ombros.

— Ele é conhecido por vencer casos impossíveis. Sempre que alguém muito, muito rico faz asneira, ele é a primeira pessoa a quem telefonam.

— Mesmo que tenham sido eles a fazê-lo?

Ele solta uma gargalhada amarga.

— Sobretudo se foram. Ele é especialista em meter espectadores inocentes na cadeia.

Inclino-me para trás na minha cadeira.

— Merda.

— Para que tenhas uma ideia, tento evitar os churrascos de família. Mas, de vez em quando... — Ele faz uma careta quando o telemóvel volta a tocar. — Bem. Os meus pais já doaram uma bela maquia aos hospitais locais. Não consigo deixar de falar com eles.

Bebo um gole da minha água, com a cabeça a andar à roda.

— Foi por isso que vieste para cá?

Ele encolhe os ombros.

— Quando estava na América, estava rodeado de pessoas muito ricas e nada parecia real. Aqui. — Ele faz um gesto com a cabeça em direção à porta.
— As pessoas têm menos, e tudo é muito mais simples. As pessoas cuidam umas das outras. Sabem que os seres humanos são mais importantes do que as contas bancárias.

— Uau!

Olho para a minha tigela. Tinha-me perguntado porque é que o Riven tinha decidido trabalhar tão a Norte. Agora tudo faz sentido.

A Charlotte aproxima-se, a empunhar uma vela num castiçal esculpido. Pousa-a entre nós e acende-a, dizendo algo em sueco ao Riv. Ele abana a cabeça, mas ela ri-se, dá-lhe uma cotovelada e afasta-se de novo.

— O que é que ela disse?

Ele suspira.

— Que nunca me tinha visto aqui com uma rapariga. E, se isto é um encontro, devíamos ter uma iluminação romântica.

Eu sopro para o meu guisado.

— Bem. Sinto-me honrada por ser a primeira rapariga que trazes aqui.

Comemos em silêncio durante algum tempo. Agora que penso nisso, a situação assemelha-se um bocadinho a um encontro. Especialmente com a luz amarela das velas a iluminar os nossos rostos e mãos. Não me lembro da última vez que um homem me levou a comer fora, só os dois. O Sam nunca gostou muito de encontros.

Como se estivesse a ouvir os meus pensamentos, o Riven estende a mão de repente e pega na minha. A minha respiração dissolve-se nos pulmões. Observo, de olhos arregalados, enquanto ele leva os meus dedos ao rosto, examinando-os com uma expressão de desaprovação.

— Devias voltar a calçar as luvas. Está a ficar sem circulação. — Ele toca com a almofada do polegar na minha unha do mindinho. — Estão a ficar azuis.

Eu suspiro, frustrada.

— Como é que aguentas tão bem o frio e eu sou tão frágil?

— Tu não és frágil. Apenas pequena. Precisas de ganhar um bocadinho de peso.

— Perdi muito peso recentemente — admito.

— Sem querer?

Aceno com a cabeça.

— Estiveste doente? — Ele leva os meus dedos à boca, soprando-lhes. Sou surpreendida por uma onda de calor na barriga. Aperto as coxas debaixo

da mesa.

— Não. Foram só uns meses difíceis. Foi por isso que vim para cá. Para me afastar.

— Uma má separação? — Ele põe as mãos à volta das minhas, aquecendo-as. Eu remexo-me na cadeira. Parece-me incrivelmente íntimo.

— Pode dizer-se que sim.

— O que é que aconteceu?

— Reparaste que deixei de te fazer perguntas pessoais quando começou a parecer que estavas desconfortável?

Os olhos dele brilham à luz das velas.

— Acho que mereço alguma informação sobre a mulher estranha que trouxe para a minha casa.

— Sou uma rapariga de um metro e cinquenta e dois que, aparentemente, não consegue comer uma tigela de sopa sem que os dedos lhe caiam. Acho que vocês, três homens das montanhas grandes e fortes, estão em vantagem nesta situação.

Então, ele sorri devidamente e eu recosto-me, um pouco atordoada. O sorriso dele é lindo. Grande, branco e cintilante. O meu coração revibra literalmente no meu peito. Não consigo deixar de sorrir também.

O telemóvel dele volta a tocar, o sinal estridente a estragar o momento. O Riven suspira, recosta-se e tira-o do bolso. Olha fixamente para o ecrã.

— Talvez devesse atender — digo-lhe eu. — Se os teus pais estão a tentar contactar-te com tanta insistência, pode ser importante. Talvez tenha acontecido alguma coisa.

Ele acena com a cabeça, levanta-se devagar e dirige-se para a rua. Eu acabo de comer o resto da comida na tigela, ensopando o caldo com a última fatia de pão. Acabo de lambar o último bocado de manteiga dos dedos quando a Charlotte reaparece.

— O que achaste da comida? — Ela sorri, enquanto empilha as nossas tigelas.

— Estava deliciosa, obrigada! — Procuo a minha carteira. — Aceitam cartão? Não tenho nenhum dinheiro sueco comigo.

Ela ri-se.

— Sim, aceitamos cartão. Não estamos na idade das trevas. Mas não tens de pagar. O Dr. Nilsson come sempre de graça. — Ela olha para a cadeira vazia do Riven. — Onde é que o homem foi?

— Foi atender um telefonema.

Ela suspira.

— Tens de ser paciente com ele. Ele não tem muita prática com as mulheres.

— Dá para perceber.

Ela atira a cabeça para trás e ri-se com vontade, depois belisca-me a bochecha.

— És muito bonita.

— Oh! — Ruborizo. — Obrigada.

— É bom para ele — diz ela. — Encontrar uma rapariga. Ele trabalha tanto. Ele cuida de muitos de nós na aldeia. — Ela faz aparecer um pano de cozinha do nada e começa a limpar a mesa. — Quando o meu filho adoeceu no ano passado, estava a chover a cântaros. Não podíamos levá-lo ao hospital. O Dr. Nilsson dormiu no nosso sofá para tomar conta dele durante toda a noite. É um homem muito bom.

O meu coração aquece.

— Eu também acho.

Ela estende o braço e aperta-me a mão.

— Por favor, diz-lhe que tem de voltar em breve. E espero que ele te traga com ele.

Quando saio, encontro o Riven junto à entrada do restaurante, encostado a um candeeiro de rua. Escureceu muito mais desde que entrámos; o céu está agora de um azul profundo, a caminhar rapidamente para o preto. Ele ainda está ao telefone, a falar com aspereza. Pela postura dos seus ombros, consigo perceber que ele não está nada contente.

— Não há valor nenhum. Já te disse, não. Não vai acontecer — diz ele, terminando a chamada e deixando cair o telemóvel no bolso.

Vejo-o respirar fundo e fechar os olhos.

Aproximo-me por trás dele, esmagando a neve.

— Riven? — Os olhos dele voltam a abrir-se. — Ei. Estás bem?

Um músculo agita-se no seu maxilar. Ele acena com a cabeça, mas eu sei que está a mentir. Por detrás da sua máscara de calma habitual, parece muito, muito perturbado.

O meu coração aperta-se. Sem sequer pensar, dou um passo em frente e puxo-o para um abraço. O topo da minha cabeça só alcança o meio do seu peito. Ele fica parado por alguns segundos, congelado — então, envolve-me com braços fortes, puxando-me para ainda mais perto, prendendo as suas mãos atrás das minhas costas. Para alguém que parece tão reservado, os seus abraços são fantásticos.

Ficamos assim durante algum tempo. A neve cai sobre nós, e ouço risos e conversas à medida que as pessoas passam; mas limitamo-nos a ficar no meio do passeio, abraçados um ao outro. Acaricio-lhe lentamente as costas através do seu casaco, sentindo a tensão a pulsar no seu corpo. O seu cheiro a linho

limpo e quente invade-me de novo, e enterro o rosto nele.

Por fim, ele afasta-se, com o peito a expandir-se num grande suspiro. Os seus olhos, normalmente calmos, parecem estranhamente escuros à luz do dia. Ele humedece os lábios.

— Parece que estavas a precisar disso. — Sorrio. — Eu...

Interrompo-me quando ele leva uma mão enluvada à minha bochecha. O polegar dele move-se sobre as minhas faces, limpando os flocos de neve. Ele não diz nada. Está a respirar com mais dificuldade do que o habitual, todos os músculos no seu corpo estão tensos.

— Riven? — sussurro. — Está tudo b...

Ele inclina-se e encosta os seus lábios aos meus.

O mundo fica mudo. Parece um exagero, mas estou a falar a sério; assim que o Riven me beija, é como se alguém me tivesse enfiado um par de auscultadores com cancelamento de ruído nos ouvidos. Tudo o que consigo ouvir é a minha respiração trémula e o roçar suave da barba do Riven na minha bochecha. O beijo dele é suave no início, uma pressão quente, de boca fechada, que põe o calor a correr nas minhas veias. Sem sequer pensar, entrelaço as duas mãos nas lapelas do seu casaco e estico-me, beijando-o de volta, com força. Ele geme, o som troveja-lhe no peito e enreda uma mão no meu cabelo para me puxar para ainda mais perto. Os seus dedos massajam a minha nuca enquanto o beijo se aprofunda, tornando-se longo e escorregadio. Seria totalmente perfeito, mas depressa as barrigas das minhas pernas começam a tremer. Pelo menos quando beijei o Eli pela primeira vez, estávamos deitados. O Riven é o mais alto dos três homens. Por fim, não aguento mais e começo a afastar-me, mas ele passa os braços à volta da minha cintura e pega em mim, levantando-me facilmente até um degrau sem quebrar o contacto com a minha boca. Beijamo-nos com mais e mais intensidade, até eu ofegar contra a sua boca, esfregando-me contra o seu corpo, praticamente a ver estrelas. Nunca tinha tido um beijo como este. Parece o tipo de beijo que se vê no final dos filmes, quando o herói persegue a heroína até ao aeroporto e chega à sala de embarque mesmo antes de ela apanhar o seu voo. Passo as minhas mãos em redor do pescoço dele, chupando-lhe o lábio inferior.

— Daisy — murmura ele, e eu estremeço e aproximo-me mais ainda. Mais perto. Quero estar mais perto.

— Aí estão vocês os dois! — chama, de repente, uma voz alegre do outro lado da praça.

Separamo-nos, arquejando por ar. Por um momento, não consigo desviar o olhar dos olhos escuros do Riven. Ele está a olhar para mim com uma expressão no rosto que não consigo sequer compreender — uma mistura de suavidade e confusão.

— Pessoal! — A voz volta a soar, e eu deixo-me levar, os meus olhos passam por cima do ombro dele, enquanto o Eli e o Cole vêm a correr pela neve na nossa direção.

Merda. Será que viram que estávamos a beijar-nos? Pelo ângulo de onde vêm, é possível que só tenham visto as costas do Riven. O Eli não parece ter reparado em nada, porque aproxima-se com o seu sorriso habitual com covinhas. Traz consigo uma caixa de cartão e parece muito satisfeito consigo próprio.

A culpa nasce no estômago. Não me sinto culpada por ter beijado os dois; não estou numa relação. Posso beijar quem eu quiser. Mas parece-me um pouco injusto, uma vez que eles são tão próximos. Isto pode tornar a convivência muito incómoda.

Especialmente porque não parece que o Riven queira soltar-me. O seu aperto na minha cintura é cada vez mais forte, como se me quisesse afastar dos outros dois.

— Riv — murmuro eu. — Larga-me.

Aos poucos, ele endireita-se e, com relutância, solta as mãos.

— Trouxeste tudo? — pergunta.

O Cole acena com a cabeça.

Eli levanta a sua caixa.

— Eu comprei bebidas!

— Ele comprou bebidas suficientes até ao ano que vem! — acrescenta o Cole com humor.

— Pois é. — O Eli agita delicadamente a caixa, e eu ouço o tilintar das garrafas de vidro. — Esta noite vamos festejar!

O Cole tira-lhe a caixa, presumo que antes que ele parta alguma coisa.

— Vamos embora. Não vou conduzir em estradas pouco limpas e às escuras.

Afasta-se em passadas largas pela rua sem esperar por nós.

O Riven aproxima-se e ajusta o meu cachecol, enfiando-o cuidadosamente debaixo do meu casaco. Arrepio-me quando as suas luvas de couro me tocam no pescoço.

— Vamos — diz ele em voz baixa, apoiando uma mão no fundo das minhas costas.

O Eli junta-se a nós, posicionando-se do meu outro lado.

— Divertiram-se sem mim? — pergunta ele, alegremente.

— Eu... hum... — atrapalho-me. Estou entre dois homens quentes e musculosos, e ainda hoje beije os dois, e esse fato está a queimar-me um bocadinho o cérebro. — Sim. Eu e o Riven comemos guisado.

— Picante.

Chegamos ao carro e eu ajudo os rapazes a arrumarem a bagageira. Pouco antes de entrar para o banco de trás, sinto um formigueiro no pescoço. Sinto que há alguém a observar-me. Viro-me e vejo o velho de há bocado, parado no meio da estrada, a olhar para mim.

O meu coração gela no peito. Será que ele me seguiu?

Não ficaria surpreendida. Na semana anterior à minha partida de Inglaterra, tive muitos homens assustadores a seguirem-me em Brighton. A tremer, entro no carro e fecho a porta, encolhendo-me dentro dos meus casacos. Por um segundo, permiti-me esquecer aquilo de que estou a fugir.

Mas acho que nunca posso fugir da verdade.

Daisy



O Eli prepara esparguete com almôndegas para o jantar, e eu faço uma salada César para acompanhar. Depois de comermos, abrimos a bebida e vamos para perto do fogo. Os rapazes têm um gira-discos, e eu e o Eli vasculhamos as pilhas de velhos discos de *rock*, até escolhermos o que pôr a tocar.

Para minha surpresa, o Cole também ficou por aqui. Ele não fala muito, está simplesmente sentado na poltrona, perto da janela, a beber o seu uísque, a contemplar a neve que cai lá fora. Tem um livro no colo, mas está a ignorá-lo.

Enquanto folheio as capas de discos antigos, observo-o pelo canto do olho. Há algo de misterioso nele que não consigo identificar. Quando nos conhecemos, pensei que ele era só um tipo malcriado — e é mesmo —, mas há algo mais profundo nele. Outra camada. Ele parece quase triste enquanto olha pela janela, a ver os flocos de neve a caírem no chão. Solitário.

O Eli põe um álbum no gira-discos, depois tira uma caixa de plástico do frigorífico. Está cheia de garrafinhas de vidro, como as bebidas espirituosas que se compram a bordo de um avião.

— Muito bem. Vamos arranjar-te uma bebida.

Olho para as pequenas garrafas com ar duvidoso.

— *Snaps*?

— Podes crer. É uma espécie de vodca aromatizada com ervas aromáticas, acho eu. Vamos começar com calma. — Ele investiga o rótulo de uma das garrafas. — Que achas de casca de laranja e canela?

— Delicioso.

— Certo. — Ele tira a tampa e deita a garrafa num copo pequeno. — Aqui tens, querida.

Bebo timidamente. Arde ao descer, mas deixa um travo agradável e picante. Dou umas palmadinhas nos meus lábios.

— É bom.

O Eli serve a sua própria bebida, depois afunda-se no sofá ao meu lado.

— Então, como foi o dia de toda a gente?

O Riven tira uma garrafa da caixa.

— Bem, a minha mãe telefonou e ofereceu-me vinte mil dólares para voltar para casa.

O Eli assobia.

— Porra.

— Sim. — A boca do Riven parece sombria. — É a última coisa que quero fazer, mas o hospital daqui precisa mesmo desse dinheiro. Não sei o que fazer.

— Aguenta até ela te oferecer mais. — O Eli encolhe os ombros. — Ela

pode pagar mais do que isso. — Ele aponta para mim. — E tu, querida? Como foi na oficina? O teu carro vai ficar bom?

Eu faço uma careta. Estava tão preocupada com o cretino à porta do bar que me esqueci completamente do mecânico.

— Mal. Vai ficar *muito* mais caro do que eu pensava.

O Eli acena com a cabeça.

— Quase tudo é caro na Suécia. Impostos.

— Se não tiveres dinheiro, podemos pagar, não há problema — acrescenta o Riven.

— Não. Nem pensar. Nem pensar nisso. — De momento, já estou em dívida para com estes tipos. A última coisa que quero fazer é aceitar o seu dinheiro. — Eu mesma consigo mandar arranjar o carro; o único problema é que isso vai levar todo o dinheiro que eu tinha poupado para a viagem. Não vou poder alugar um quarto em lado nenhum. Teria de voltar diretamente para casa.

Tenho de esconder um arrepio ao pensar nisso. Não posso voltar para casa, para os vizinhos que me julgam e para os jornalistas que me batem à porta. Não posso.

— Não disseste que tinhas umas encomendas? — pergunta o Riven. — Serão suficientes para pagar o resto da viagem?

Aceno com a cabeça.

— Mas não posso trabalhar no carro.

O Eli dá uma palmada na coxa e levanta-se:

— Bem, sendo assim. Então é isso. Vais ter de ficar.

Eu pestanejo.

— Ficar?

— Sim — diz ele, simplesmente. — Fica connosco até acabares as encomendas, Sininho. Assim, não pagas renda e podes poupar o dinheiro mais depressa.

— Eu não quero caridade — começo eu.

— Não é caridade. Nós queremos-te aqui, como convidada. Estamos a convidar-te a ficar. Certo, pessoal?

Ele olha para os outros dois. O Riven hesita por alguns segundos, depois acena com a cabeça.

Viro-me para o Cole. Não vou continuar a impor-me a ele se ele não quiser. Não é justo. Esta casa também lhe pertence.

Ele olha para mim por cima da borda do copo de uísque, com os olhos azuis esfumados a considerar.

— Porque é que vieste para aqui, mesmo? — pergunta ele, de repente.

Eu contorço-me.

— Eu expliquei. Para pintar a aurora boreal.

— Não me venhas com tretas.

Eu respiro fundo.

— Eu... queria um sítio para me afastar de toda a gente. — Remexo na bainha da camisola. — Um sítio sem *internet*.

— Nós podemos arranjar *internet*.

— Tu sabes o que quero dizer. Um sítio remoto, onde as pessoas estivessem menos ligadas à tecnologia. E ninguém me pudesse encontrar.

Ele estreita os olhos.

— Fugiste.

Eu aceno com a cabeça. Não vale a pena negá-lo.

— Porquê?

— Não posso dizer.

— Porque não?

— Não quero que saibas.

Os lábios dele apertam-se.

— Estás em perigo?

Eu penso. Sinceramente, não sei. *Sinto-me* como se estivesse. O arrepio na aldeia hoje parece provar essa teoria. Mas talvez esteja apenas a ser paranoica.

Seja como for, a minha hesitação é aparentemente suficiente para o convencer.

— Até o carro estar arranjado — murmura ele, levantando-se e pegando na sua garrafa. Depois, vai-se embora sem dizer mais nada.

— Adeus, Nalle! — grita o Eli. — Gostamos muito de ti!

Ouve-se um grunhido baixo em resposta e depois a porta fecha-se.

— Ainda não estou muito convencida de que ele goste de mim — digo eu.

O Eli encolhe os ombros, inclinando-se para encher o meu copo.

— Como dizemos por aqui, *smaken är som baken*. O gosto é como um rabo.

— Como?

— Dividido.

— *O quê?*

Ele encolhe os ombros e encosta o seu copo ao meu.

— *Skål*.

— *Skål* — repito, e depois engasgo-me quando o *Snaps* me desce pela garganta. — Caramba. Que raio era isto?

Ele confirma na garrafa.

— Pimenta e endro. Não?

— *Claro* que não.

Ele atira a cabeça para trás e ri-se. No canto da sala, o gira-discos muda de faixa. Não reconheço a melodia, mas é uma balada, lenta e harmoniosa. Eu bocejo, espreguiçando-me, e deixo o cabelo cair numa cortina sobre o meu rosto enquanto me enrosco no sofá.

— Oh — diz o Eli, a sua voz suave ao meu ouvido. — O nosso bebé está a ficar cansado.

Ele puxa-me para a curva do seu pescoço e eu inspiro o seu cheiro.

O nosso bebé. Que coisa estranha para me chamar. Faz-me tremer as entranhas.

O Riven senta-se do meu outro lado com um suspiro, pousando o copo na mesa de centro. O Eli resmunga, mas afasta-se para lhe dar espaço. Eu aconchego-me de novo nas almofadas do sofá. Meu Deus, isto é que é vida. O fogo a crepitar na lareira. A neve a cair para lá das janelas. E um homem atraente de cada lado, a aquecer-me. Podia adormecer aqui mesmo.

Na verdade, tinha começado a dormir quando o Riven afasta o meu cabelo do pescoço e encosta os lábios à minha garganta.

Fico imediatamente desperta. O meu coração bate no peito e o calor queima-me. Não mexo um músculo enquanto ele passa a boca quente pelo meu pescoço, pressionando os lábios sobre a minha pulsação.

Do outro lado, o Eli começa a brincar com a alça do meu sutiã, passando o polegar por baixo do tecido. Eu engulo com força. Caraças.

O Riven aproxima-se mais um pouco, a face coberta de barba a roçar na pele sensível da minha garganta. O Eli aproxima-se, passando o dedo pelo meu pescoço e despertando arrepios na minha pele. Eu abro a boca, mas não sai nenhum som.

Não acredito que isto esteja a acontecer. Estou sentada entre dois homens que se estão a atirar a mim, e nenhum deles sabe que o outro o está a fazer. Esta é, simultaneamente, a experiência mais excitante e mais estranha da minha vida.

Fecho os olhos e forço-me a afastar-me.

— Esperem. Parem. — Olho de um para o outro, as minhas faces a incendiarem-se. — Pessoal. Tenho de vos dizer uma coisa.

Os dois homens parecem divertidos.

— Sim? — pergunta o Riven.

— Eu, hum... — Meu Deus, porque é que isto é tão difícil de dizer? Sinto as bochechas a arder.

O Eli inclina a cabeça.

— O que é que se passa?

Eu faço uma careta.

— Acho que... beijei os dois. — Os dois trocam um olhar. Eu passo uma mão pelo rosto. — Deixei-me ir, no momento. E vocês são os dois tão giros. E eu estou... bem, eu não estou arrependida, posso beijar quem quiser, e é tudo apenas casual de qualquer maneira, então não é como se qualquer um de vocês tivesse algum tipo de reivindicação sobre mim, mas eu entendo que é estranho porque vocês são os dois melhores amigos e eu não queria tornar as coisas estranhas entre vocês os dois, então acho que vocês deviam saber que...

O Eli leva um dedo aos meus lábios.

— Oh, meu Deus, para antes que rebentes. Ele já sabe, Sininho.

Eu pestanejo.

— O quê? — Viro-me para o Riven. — O que é que tu sabes?

— Eu sabia que tu e o Eli tinham estado juntos quando te beijei na praça — diz ele calmamente, bebendo um gole de *Snap*s.

— *Como?*

O lábio dele dobra-se para cima.

— Não foste propriamente subtil — assinala. — Além disso. — Ele atira um olhar carinhosamente irritado ao Eli. — Ele contou-me. Cheio de entusiasmo.

Eu esforço-me por entender.

— Mas... então... beijaste-me porquê?

Ele pousa novamente a sua bebida e pega na minha mão entre os seus dedos quentes. Começa a massajar a minha mão lentamente, relaxando todos os tendões e músculos. Sabe tão bem que fico de olhos semicerrados.

— Já há algum tempo que não fazemos isto — diz o Eli, perto do meu ouvido.

— Fazem o quê? — sussurro. Os dentes do Eli roçam o lóbulo da minha orelha, e eu estremeço. — Oh... — Não consigo evitar que um gemido me saia da boca.

Os dois homens respiram fundo de forma idêntica. Os dedos do Riven apertam a minha mão.

— Tens razão — diz ele ao Eli. — Tive muitas saudades disto.

O ruivo sorri.

— Falta de quê? — Estou praticamente a balbuciar, enquanto o hálito quente do Eli passa pela minha orelha. O Riv leva a minha mão à boca e dá um beijo quente no centro da minha palma. O desejo invade-me.

Afasto-me dos dois, abanando a cabeça para a desanuviar.

— Muito bem, podem dizer-me o que se está a passar?

O Riven senta-se e volta a pegar na sua bebida, como se nada tivesse acontecido.

— Sempre partilhámos as mulheres — diz ele, casualmente, bebendo um gole.

Fico a olhar para ele.

— Partilharam do género... os dois tiveram sexo com ela? — Olho para os dois homens. — Ao mesmo tempo?

— Nós os três. O Cole, também. — O Eli beija o meu ombro nu. — Não apenas sexo.

O Riven lança-lhe um olhar, mas eu mal reparo. A minha cabeça está às voltas com toda esta informação nova.

— Porquê?

— Desde miúdos que somos melhores amigos. Partilhamos praticamente tudo — diz o Eli, com naturalidade. — Da primeira vez, aconteceu sem planearmos. E soube tão bem que continuámos a fazê-lo.

— E isso excita-te?

Os seus olhos verdes escurecem.

— Podes crer que sim.

— Mas o que é que vocês ganham com isso? — Parece que eles estão a ficar com a parte mais crua do negócio.

Ele encolhe os ombros.

— Não há nada mais excitante do que ver uma rapariga a ficar cada vez mais excitada. E quando a vemos com outra pessoa. — Ele sopra a respiração quente na minha orelha, fazendo-me estremecer. — Podemos apreciar convenientemente o espetáculo.

— Mas só se quiseses — corrige o Riven. — Não queremos que te sintas pressionada por estares aqui. — Ele pega na minha mão e retoma a massagem. Quando o polegar dele roça na minha palma, eu encolho-me, soltando um suspiro.

Parece ridículo que, há apenas alguns dias, eu estivesse a afastar as mãos do Riv de mim. Agora, quero-as em cima de mim mais do que tudo. Depois de ele me ter defendido na praça, sinto-me mais do que segura com ele. E juro que os meus lábios ainda estão a formigar por causa do seu beijo. Se ele continuar a massajar-me as mãos, é provável que eu acabe por rastejar para o seu colo a ronronar como um gato.

— Nunca pensei em sexo a três — admito. — Nunca me passou pela cabeça.

— Pondera agora — sugere o Eli. — Nós esperamos.

Então, eu pondero.

Nem sempre me senti tão nervosa em relação a sexo. Antes de conhecer o Sam, eu adorava ser aventureira na minha vida sexual. Eu amava os homens. Adorava o meu corpo. Adorava experimentar coisas novas. Durante algum

tempo, perdi esse meu lado, mas agora tenho uma hipótese de o recuperar. Ninguém aqui me conhece. Posso fazer tudo o que me apetercer.

Então, porque não?

Uma chispa de antecipação percorre-me a espinha. Humedeço os lábios.

— Eu... está bem, então. Vou experimentar. Por favor.

O Eli relaxa.

— Graças a Deus. Pensei que estavas ofendida.

Os meus olhos arregalam-se.

— Porque é que ficaria ofendida?

Ter dois homens lindos de morrer a tentarem dormir comigo está a fazer maravilhas pelo meu ego.

— Não queremos que te sintas usada, só isso — diz o Riven.

Eu troço.

— Eu já fui usada. Acredita em mim. Decidir ter sexo com dois homens doces e sensuais não é ser usada.

A preocupação flutua no rosto do Riv.

— O que é que queres dizer?

Céus. Não conseguiria manter a boca fechada nem que a minha vida dependesse disso.

— Nada. Esquece que eu disse alguma coisa.

O seu cenho franzido aprofunda-se.

— Daisy...

Eu decido arriscar e agarro a bainha da camisola, puxando-a para cima para revelar o meu sutiã.

Isso faz com que ele se cale.

— Jesus Cristo — diz o Eli, a voz já profunda a baixar de tom. Eu deslizo para trás contra as almofadas do sofá, deixando os dois darem uma boa olhada. — Tu és...

— Incrível — diz o Riv em voz baixa. O seu olhar intenso percorre o meu sutiã.

O Eli passa o polegar sobre a renda que reveste as copas.

— Riv. Olha para as florzinhas — sussurra ele. — Meu Deus. És gira como o raio.

Eu contorço-me. Os meus seios ficam de repente desconfortavelmente cheios e pesados. Quero as mãos dele neles. Aclaro a garganta. É uma sensação muito estranha, estar seminua diante de dois homens completamente vestidos enquanto eles conversam sobre o meu corpo.

— Como é que fazemos isto, então? Vocês simplesmente vão-me rodando como um porco no espeto?

Os homens trocam um olhar e depois desatam a rir.

Eu franzo a testa.

— O que foi?

O Riven levanta uma mão e passa-a suavemente pelo meu braço, sentindo-me a pele.

— Podemos fazer isso, se quiseses. Mas talvez pudéssemos começar um pouco mais devagar.

O meu coração está a bater na garganta.

— Como?

O Riven acena com a cabeça para o Eli.

— Beija-o — ordena ele.

Nem sequer tenho tempo de me virar antes de os meus ombros serem reclamados por braços fortes e de ser puxada contra um peito quente. Fecho os olhos, respirando o cheiro a pinheiro. Os lábios do Eli encontram-se com os meus numa paixão quente, e eu suspiro quando a sua língua se enrola na minha, penetrando fundo na minha boca. A luz vermelha da fogueira cintila sobre nós enquanto nos beijamos lentamente, languidamente, recebendo tragos vagarosos da boca aberta do outro. As pontas dos seus dedos percorrem as minhas costas nuas, desenham padrões que causam um formigueiro na minha pele e deixam-me a tremer.

A minha cabeça está a flutuar e sinto a pele quente quando me afasto dele por fim, com o coração a bater com força. Viro-me para olhar para o Riven. Ele está a observar-me com os olhos escuros, tocando-se com calma através das calças de ganga. Nem sequer penso antes de me inclinar para a frente e encostar os lábios aos dele também. Ele aperta-me o maxilar e beija-me com fome, a sua língua desliza, quente e possessiva, contra a minha. Atrás de mim, ouço o Eli a soltar um pequeno som abafado. Há um ruflar de tecido. Espero bem que seja ele a despir-se.

As mãos do Riven descem pelas minhas costas até à curva da minha cintura, provocando-me ondas de arrepios na pele. Quando chegam às minhas ancas, agarra-as, puxando-me para o seu colo. Encosto-me a ele, beijando-o com mais e mais força, até que a tensão começa a crescer no meu ventre e tento não me esfregar no seu colo. Estou tão quente, por todo o lado. Atrás de mim, sinto dedos cálidos nas minhas costas. A alça do sutiã está solta, e as copas caem. As mãos grandes do Eli envolvem-me, segurando-me os seios. Mordo o lábio, arqueando-me para ele, e depois solto um gemido quando o Riv me chupa a língua.

— Cristo. — Ele respira contra mim, vendo o Eli começar a apertar lentamente os meus seios. — Acho que devíamos sair daqui.

— Vamos ficar aqui — sussurro, e os meus olhos fecham-se sonhadoramente. — Eu sempre quis fazer isto perto de uma lareira.

De repente, o Eli puxa um dos meus mamilos, e uma faísca cintilante voa entre as minhas pernas.

— Ah! — suspiro, com o meu corpo a contorcer-se entre os dois homens.

O Riv fecha os olhos. O Eli encosta a testa às minhas costas.

— Vou morrer esta noite — diz ele. — Sininho, escolhe-me uma lápide bonita, está bem? Não deixes que seja o Cole a fazê-lo, ele vai deixar-me numa campa sem identificação.

Ocorre-me um pensamento. Passo as unhas pela nuca do Riven.

— Perguntamos ao Cole? Se ele quer juntar-se a nós?

Certo, não gosto do sujeito. Mas desde que ele ficasse de boca fechada, acho que ia gostar de ter sexo com ele. Seria como ser castigada pelo martelo do Thor.

— De certeza que não quer — diz o Riven, suavemente. — Ele ainda está a habituar-se a ti.

— Oh! — tento não deixar transparecer a desilusão. Mas rapidamente se dissipa quando ele se inclina, roçando os lábios na curva da minha orelha.

— Queres-me dentro de ti?

Eu aceno, o pensamento faz o sangue a subir às minhas faces.

O Eli desliza para fora do sofá.

— Vira-a — diz ele, e o Riv pega nas minhas ancas. Parece que sabem o que estão a fazer, por isso deixo-os manipularem-me gentilmente. Acabo por ficar sentada no colo do Riv, com o seu peito nu encostado às minhas costas, de frente para a lareira. Enquanto ele me puxa o cabelo para trás e me começa a sugar o pescoço, o Eli ajoelha-se à minha frente e beija a parte interior da minha perna. Fecho os olhos, adorando a sensação dos seus lábios quentes na minha pele.

— Talvez queiras que eu te deixe um bocadinho mais solta primeiro — diz ele. — Tu sabes, antes do porco no espeto. O Riv é bastante grande.

— Eli... — O Riv parece exasperado.

— O quê? É suposto eu fingir que não reparo? Eu não fico temporariamente cego a cada vez que te despes.

Arqueio as costas, roçando-me no Riv. Caramba. Ele não está a brincar. O Riv sopra um suspiro por entre os dentes, agarra-me pelo maxilar e puxa-me a boca para junto da sua. O beijo começa casto, mas depressa se transforma em algo sujo e molhado. As nossas línguas movem-se em conjunto e as suas mãos passam pelas minhas mamas, cintura e ancas, apertando e experimentando. Entre as minhas pernas, a boca do Eli sobe mais alto. Os seus caracóis espessos roçam nas minhas coxas e eu aperto os músculos quando ele para, a boca aberta a milímetros do meu sexo trémulo. O seu hálito quente passa por cima de mim, fazendo com que a pele sensível se arrepie. As

minhas mãos dispararam.

— *Meu Deus.*

Atrás de mim, o Riv passa um antebraço largo à volta do meu tronco, prendendo-me os braços de lado.

— Ela está molhada? — pergunta, calmamente.

O Eli acaricia-me entre as pernas.

— Oh, sim!

Dá um beijo na minha entrada.

— Ótimo.

— Mas aposto que a podemos pôr ainda mais molhada. Quero vê-la a pingar.

— Ei? — guincho. — Eu estou aqui.

— Desculpa, amor. — O Eli sopra outra respiração quente sobre o meu sexo. Parece quase como penas, a roçarem os meus nervos sensíveis de forma quase impercetível, e eu fecho os olhos com força, a sentir mais humidade a acumular-se entre as minhas pregas. O Eli delicia-se devagar, depois sorri, lambendo os lábios. — Jesus, mulher. Tu sabes a Céu. — Ele inclina-se mais uma vez, e sua língua passa finalmente sobre o meu clitóris.

— Oh, *Deus.* — O meu corpo estremece por completo. Ele recua um pouco, passando a ponta da língua em volta do botão, roçando-o *quase* com a pressão necessária. — Por favor, por favor.

Ele murmura, dando-me outra lambidela provocante. Não é suficiente, então começo a esfregar-me lentamente contra a sua boca. Ele solta um gemido profundo.

— Sim, querida — sussurra, dando um beijo doce entre as minhas pernas. — Deus. É isso mesmo. Faz o que quiseses.

Eu faço, descrevendo pequenos círculos com as ancas sobre o seu rosto.

Ao que parece, isso deixa-o absolutamente louco. Ele começa a gemer e a mexer-se, ofegando com força contra mim, como se estivesse demasiado excitado para ficar quieto. Eu espreito para baixo e vejo que ele está a tocar-se devagar por cima dos boxers pretos justos. Mesmo cobertos pelo tecido, é óbvio que ele é enorme.

— Deus — balbucia ele, mordiscando levemente o meu ponto sensível. Eu vacilo contra ele, e a sua mão agarra a minha coxa. — Oh, meu Deus, querida. Tu és perfeita, perfeita. — Ele lambe uma faixa entre os meus lábios. — Perfeita como o raio.

— T-tira isso — digo, rouca.

Sem afastar a boca de mim, o Eli prende um dedo no cóc dos boxers e tira-os. Eu observo quando a sua ereção salta, livre. Ele é grosso e está inchado. A cabeça lisa brilha à luz dourada do fogo, uma gota de líquido pré-

ejaculatório a reluzir na ponta. Dói-me a boca só de pensar nos meus lábios à sua volta. Ele deixa cair um braço, tocando-se com a palma da mão.

— Não — sussurro. — Espera por mim.

A mão dele tem um espasmo, mas ele deixa-a cair ao lado do corpo.

— Está a *doer* — geme ele, voltando a beijar-me entre as pernas.

Eu suspiro, deixando a cabeça cair de novo no ombro do Riv — e depois solto um gemido quando ele me envolve o queixo com a mão e vira o meu pescoço para o lado, pressionando a boca na minha garganta e chupando a minha pele pulsante. Ao mesmo tempo, o Eli enfia dois dedos dentro de mim. Eu contorço-me quando ele os move para dentro e para fora, dobrando-os para me abrir, enquanto lambe o ponto sensível cada vez mais rápido, percorrendo-me com a língua áspera. A tensão que se acumula dentro de mim quebra-se, e sinto-me a correr para a libertação mais depressa do que nunca. Dobro-me e contorço-me, mas quase não tenho espaço para movimentos.

— Eu vou... Riv, Eli... não consigo...

O Riv aperta-me ainda mais contra o peito, os braços musculados como ferro à minha volta, enquanto pesa os meus seios nas mãos. Eu debato-me contra ele. Quero agarrar a cabeça do Eli e empurrá-lo para dentro de mim. Quero enrolar os dedos no seu cabelo. Mas não posso. Tudo o que posso fazer é entregar-me à sensação de ter duas bocas no meu corpo. Quatro mãos a apertarem-me. A pele a deslizar contra a minha. É demais. Não consigo parar de tremer. As minhas ancas sacodem-se e contorcem-se debaixo da boca do Eli. Começo a balouçar sobre ele, montada na sua cara, esfregando, impotente, a minha vulva molhada contra a sua boca, e ele solta um som de agonia.

— Oh, meu *Deus* — geme ele, a enterrar desesperadamente a cara em mim, a encharcar as faces e a boca e o queixo enquanto me beija e me lambe e me mordisca. Abro os olhos. É demais. Demasiadas sensações. Cravo as unhas nos antebraços do Riven, a lutar para respirar. Em seguida, o Eli prende-me o clitóris entre os lábios e suga, *com força*. As minhas costas arqueiam-se e eu solto uma espécie de grito enquanto me desfaço.



Sentir a Daisy a tremer de prazer contra mim é tão excitante que parece que me vou ficar por ali, com o seu rabo a roçar na minha ereção crescente através das calças de ganga. Aperto-lhe os pulsos com mais força. Consigo sentir o a pulsação dela a vibrar contra os polegares. Ela contorce-se em cima de mim, a suar e a gritar, enquanto o Eli continua a lambê-la, prolongando o seu clímax. Eventualmente, porém, ela começa a estremecer com o excesso de estimulação. As mãos dela tremem no meu aperto, então solto-as; e ela agarra a cabeça dele e empurra-a para longe.

— Oh, meu *Deus* — arfa ela, sentando-se no meu colo. As bochechas estão coradas e o cabelo cai-lhe, em redor dos ombros. — Mas que...

O Eli levanta-se, limpando a boca molhada, e sorri-me.

— Acho que ela está pronta para ti.

A Daisy guincha enquanto eu lhe dou uma última beliscadela no mamilo, depois ponho-me de pé, trocando de posição com o Eli. Ele vira-a no lugar, posicionando-lhe as pernas sobre o braço do sofá, enquanto eu tiro rapidamente as calças de ganga. Os olhos da Daisy arregalam-se quando ela repara na ausência da minha roupa interior. Abro o preservativo que o Eli me dá e coloco-o, depois fico de pé entre os joelhos dela, com uma mão em cada coxa, e abro-lhe suavemente as pernas. Ela está rosada e reluzente à luz do fogo. Sinto o coração a bater-me na garganta.

— Sim? — pergunto.

— Sim — arqueja ela. — Por favor.

Passo os dedos pelos seus lábios brilhantes, abrindo-os cuidadosamente para a contemplar. Esta é a primeira vez que tenho sexo com uma mulher em mais de cinco anos. Pensei que talvez nunca mais voltasse a ter. Quero aproveitar o momento.

Ela mexe-se, inquieta. A humidade escorre e cola-se às suas pernas. Quer esfregar as coxas uma na outra para fazer um pouco de pressão e aliviar a ânsia, mas eu seguro-lhe as pernas com firmeza, deixando que a cabeça da minha pila lhe toque no clítoris muito, muito ao de leve. O seu clítoris agita-se furiosamente e ela engasga-se, a tentar encaixar-se em mim.

— Penetra-me. Agora. Meu Deus. *Agora*. Por favor. Por favor, Riv...

— Shh.

Acaricio-lhe a coxa, depois inclino-me para percorrer delicadamente as suas pregas, traçando os contornos da sua pele macia. Ela geme, estremece, depois estende o braço e agarra a minha mão.

— Por favor — sussurra ela, os olhos castanhos a derreterem-se nos

meus. — Está a doer.

Bem, isso é que não pode ser. Por fim, posiciono-me e engulo em seco. Entro nela muito lentamente.

Ela é incrível. Suave e húmida e extremamente quente. E também é *apertada*, tanto que tenho de deslizar para dentro dela aos poucos, dando-lhe tempo para se expandir e poder receber-me. Ela inclina a cabeça para trás, com um rubor cor-de-rosa a espalhar-se pelo pescoço e pelo peito. Quando estou dentro dela por completo, ela fica imóvel.

Forço-me a parar.

— Estou a magoar-te? — pergunto-lhe, baixinho.

— Não. Sabe bem — murmura ela, ajustando-se. — Preenchida. — Ela vira-se para olhar para o Eli. — Tu também, por favor.

— Tão educada — provoca ele. — Onde é que me queres, querida?

— Na boca — diz ela, numa voz rouca.

Ela não precisa de o dizer duas vezes. Tento manter-me firme enquanto ele desliza vagarosamente para dentro da sua boca, mas quando vejo os lábios cheios e cor-de-rosa dela curvados em torno do seu comprimento, as minhas ancas disparam e não consigo evitar investir ligeiramente para dentro dela. Ela solta um queixume.

— Merda — ouço o Eli murmurar entre dentes. Agarro-me ao braço do sofá, com os nós dos dedos a ficarem brancos, a tentar manter o meu corpo sob controlo. — Pronto, Riv?

Aceno-lhe com a cabeça, depois volto a recuar as ancas e projeto-me com força. Ela grita de prazer, com as costas arqueadas. Agarro-lhe as coxas, encaixo-as em redor das minhas ancas e lanço-me num ritmo pesado e intenso de investidas. Ela geme e contorce-se, empurrando a pélvis ao meu encontro enquanto chupa o Eli. Consigo ver a cabeça dela a balançar de entusiasmo enquanto ele se move contra a boca dela. É evidente que ela está a adorar isto, está realmente empenhada enquanto o saboreia. Tem as faces cor-de-rosa enquanto a cara dele está retorcida de prazer.

Estou espantado com a facilidade com que ela entra no ritmo das coisas. Encontrar alguém com quem fazer isto é mais complicado do que procurar simplesmente uma rapariga que esteja disposta; temos de estar todos na mesma frequência, ou o ritmo não será o mesmo e o sexo será apenas esquisito e desajeitado. Juro por Deus, nunca foi tão fácil. É como se ela tivesse sido feita para combinar connosco.

Aperto as mãos nas suas coxas e entro nela, sentindo as suas paredes a apertarem-se com força à minha volta, sugando-me. Ela sabe a paraíso, escorregadia, quente e ávida à volta da minha pila. Enquanto isso, continua a lambe o Eli. A julgar pelos ruídos que saem da boca dele, é boa nisso. Talvez

demasiado boa.

— *Jesus!* — Eu olho para cima e vejo-o a recuar suavemente para fora da boca dela. Ela geme, esticando-se atrás dele. Os seus lábios estão vermelhos e molhados, e os meus testículos doem só de os ver. — Desculpa, querida — diz ele. — Não aguento por muito mais tempo. — Ele engole em seco. — Não estou pronto para que isto acabe.

Ela beija-lhe a ponta com um gesto de sucção e ele geme, passando uma mão pelos olhos.

— Daisy — pergunto, lutando para manter a voz equilibrada. Como se estivesse a falar com um paciente. — Costumas ter orgasmos múltiplos?

— Sim — suspira ela. — Quando estou sozinha, pelo menos. Mas nunca quando estou com um ho...

Faço círculos com as ancas, atingindo o tecido sensível dentro dela. Ela grita, atirando a cabeça para trás, e sinto-a a apertar-se quando começa a vir-se outra vez, com as coxas a fecharem-se à minha volta.

— Linda — murmura o Eli, observando com olhos famintos, enquanto ela se abandona de cabeça para trás. — Linda, linda, linda menina. Vejam só como é linda.

Eu concordo com a cabeça. Ainda a vir-se, ela agarra-o pelo pescoço e puxa-o para um beijo. Os dois beijam-se desajeitadamente, enquanto eu me afundo nela, fodendo-a até ao clímax, arremetendo uma e outra vez contra o seu sexo apertado.

Por fim, ela afasta-se do Eli. As mamas cheias estremecem, enquanto ela tenta respirar.

— Riven... — Ela tenta afastar-se de mim. — Não consigo...

— Relaxa — ordeno. — Consegues...

— Não consigo mais uma vez... Eu, eu... — Desço a mão para a estimular entre as pernas e o calor sobe-lhe às faces. — Caraças. — Ela arregala os olhos. — Oh, oh, oh meu Deus... por favor, não pares, Riven, por favor, por favor.

Eu não paro. Continuo a investir, de dentes cerrados. Ela grita a cada assalto, arqueando-se como se estivesse a ser eletrocutada. O Eli levanta-se e pressiona a cabeça do pénis contra os lábios dela. Ela abre a boca e recebe-o a fundo, chupando-o freneticamente, como se não pudesse esperar para poder voltar a saboreá-lo. Sinto os testículos cada vez mais tensos e projeto o maxilar. Não consigo aguentar muito mais tempo.

Pelos vistos, nem os outros dois.

— Merda, vou ejacular — diz o Eli. — Querida, querida. — Ele toca-lhe no ombro. — Queres que o tire, querida?

Ela não consegue falar, mas emite um som de desaprovação à volta da

pila dele.

— Sim? — arfa ele, com as ancas a sacudirem-se. — Queres que seja na tua boca, querida?

Ela acena com a cabeça. Ele atira a cabeça para trás e grita enquanto se vem. A mão dele agarra-lhe o cabelo, puxando-o, e acho que a Daisy deve gostar disso, porque é finalmente atingida por uma terceira onda lenta de libertação, com o esperma dele ainda a encher-lhe a boca. O sexo dela aperta-se à minha volta como um torno, prendendo-me quando as suas paredes começam a pulsar, e, de repente, é demais para mim. Eu grito quando me liberto por fim, fechando os olhos.

Depois de mais de cinco anos a tocar-me como um adolescente, estar dentro de uma mulher — especialmente de uma mulher tão incrivelmente *sexy* — é quase avassalador. As minhas ancas embatem nela enquanto eu explodo e perco qualquer réstia de controlo. Fico de mente vazia e dourada, a *cantar* como um sino, e continuo a investir para dentro dela, agarrando-lhe as coxas com força contra mim até que sinto que os testículos se esvaziaram por completo.

Quando por fim volto a mim, apercebo-me de que a Daisy ainda está a gemer e a arfar. Abro os olhos e vejo o Eli de joelhos, a chupar-lhe uma das mamas. Ele olha para mim e sorri.

— Para acabar em grande.

— Tu nunca sabes quando parar, pois não? — Ainda a recuperar o fôlego, deslizo cuidadosamente para fora dela. Ela contorce-se e engasga-se, com o corpo a tremer, enquanto o Eli continua a brincar com os seus seios. Eu esfrego-me contra ela, aumentando a pressão.

— Não consigo... — sussurra ela. — Eu não consigo, eu não consigo. Ooh! — Agita debilmente a mão, estendendo-a para agarrar os caracóis do Eli. — Por favor. Sinto que...

— Shh. Estás quase lá, querida.

Acaricio-lhe a coxa, esfregando-me com mais intensidade contra ela. Ela abre a boca numa careta ofegante. Eu seguro as ancas dela com firmeza enquanto ela estremece, geme, e depois cai uma última vez do penhasco. Dessa vez, eu e o Eli temos uma visão frontal enquanto o prazer lhe atravessa o corpo, levando-a a contorcer-se e a sacudir-se. As pestanas dela agitam-se e uma lágrima manchada de rímel corre-lhe pela face. O Eli baixa-se para lha lamber, e depois aconchega-se no seu pescoço.

Como é que tivemos tanta sorte?

Ela ainda está a gemer baixinho quando eu deslizo as mãos por baixo dela e a deito no chão. O Eli deita-se ao nosso lado. Deito o preservativo fora e acabamos todos emaranhados no tapete, esbaforidos. O Eli está deitado atrás

da Daisy, com a cara enterrada no cabelo dela. Ela está colada ao meu peito, com as mamas esmagadas contra mim. O fogo crepita na lareira de pedra, aquecendo os nossos corpos. Fecho os olhos, passando a mão lentamente pela anca dela, enquanto ela recupera o fôlego. Ela ainda está a estremecer e a ter espasmos secundários. As bochechas estão coradas e os olhos castanhos estão vidrados e enevoados. Ela parece arrasada.

— Coitadinho do nosso bebé — murmura o Eli. — Partimos-te, Sininho? — Ele afasta alguns fios de cabelo da cara dela.

— Caraças — sussurra ela. — Hum. Uau! — Ela vira-se um bocadinho, com um arrepio. — Nunca me vim assim tantas vezes.

Ele dá-lhe um beijo rápido nos lábios.

— Isso é o que gostamos de ouvir.

— Estás bem? — pergunto-lhe.

Ela olha para mim por entre as pestanas.

— O que é que achas?

— Não exagerámos?

Ela encolhe os ombros.

— Talvez. Talvez eu goste de exageros. — Ela apoia a cabeça no meu ombro. — Como foi para ti?

O Eli sorri.

— O melhor sexo que tive em anos. Diabos, eu acho que o Riv até chegou a ver Deus, por um instante. Pensei que ia perder os sentidos.

A Daisy vira-se para mim.

— Achas que o Cole ouviu?

— Ele pode estar no celeiro. Mas é possível que sim. Isso incomoda-te?

Ela arrepia-se:

— Não — diz ela, mordendo o lábio. Há qualquer coisa que ela não está a dizer, mas acho que não é altura para insistir.

Levanto-me.

— Põe-na na minha cama — digo ao Eli, em sueco.

O Eli franze o sobrolho.

— Porque não na minha?

— Porque não confio no teu talento para lavar roupa.

— Vai-te lixar, eu lavei os meus lençóis ontem!

— Sabes ao menos como é que a máquina funciona?

— Sim!

A Daisy franze o sobrolho.

— Ei. Não falem outra língua quando acabaram de me comer. É falta de educação.

— Estamos a comentar como és atraente — assegura-lhe o Eli,

levantando-a nos seus braços. — Só a ponho na tua cama se eu também puder ir — diz-me ele.

Eu reviro os olhos.

— Tudo bem.

A cama é suficientemente grande para nós os três.

A Daisy aconchega-se no peito dele enquanto ele a leva pelo corredor até ao meu quarto. Acendo a luz.

O meu quarto está um bocado desarrumado. Está tudo limpo, mas há apontamentos por toda a secretária e algumas pilhas de livros empilhados contra a parede. Apesar de estar sempre a comprar mais estantes, nunca consigo que acompanhem o ritmo a que compro livros. Por esta altura, é provável que haja um diagnóstico para esse vício.

O Eli leva a Daisy para a cama *king-size*, deitando-a mesmo no meio da colcha branca. Ela esfrega a cara nas minhas almofadas.

— São de seda? — murmura ela.

— Para o cabelo do Riv estar sempre bonito. — Eli atira os caracóis para trás. — Claro que o meu não precisa de tanto trabalho. Sou uma beleza natural.

Não digo nada, apenas aprecio a visão dela enrolada nos meus lençóis. Ela ainda está completamente nua, rosada e suada. Há ondas suaves de cabelo castanho a flutuar sobre as minhas almofadas. Ela contorce-se debaixo do meu olhar, pressionando as coxas uma contra a outra.

— O que foi?

— Ficas linda na minha cama.

Ela cora e estica os braços.

— Então venham. Quero aninhar-me nos dois.

Levanto a colcha e estendo-me ao lado dela. Ela deita a cabeça no meu peito, enrolando-se numa pequena bola. Do outro lado, o Eli aperta-se contra as costas dela, abraçando-a. Ela agarra a mão dele e puxa-a para a enrolar à sua volta, para que ele a segure com força, e depois suspira feliz.

— O que achas? — murmura o Eli. — Sentiste-te como um porco no espeto?

Eu bufo. Ela abana a cabeça e aconchega-se melhor contra mim.

— Sinto-me mais feliz do que me senti em muito, muito tempo.

Daisy



Acordo no Céu. Não há outra palavra para o descrever. Tudo à minha volta é macio e quente. Estou deitada num colchão ridiculamente confortável, coberta por uma colcha macia, e de cada lado de mim está um homem quente, nu e musculado. Tenho de lutar contra a vontade de me beliscar. É impossível que isto seja a minha vida. Eu não tenho este tipo de sorte.

O Eli está deitado à minha frente, com os caracóis a caírem-lhe sobre os olhos, a respirar num ritmo regular. Ele empurrou a colcha durante a noite, que agora está enrolada nas suas ancas. Os meus olhos seguem o rasto de pelo fino que desce até ao seu pénis meio ereto.

Caramba. Isso é que é tesão matinal.

— Bom-dia — resmunga uma voz baixa atrás de mim.

Viro-me para o lado. O Riven está acordado, apoiado no cotovelo, com um livro aberto no colo. Ainda não pôs as lentes de contacto e está a usar os óculos de aros grossos. Tem o cabelo despenteado. Fico praticamente com água na boca. Tem um ar pecaminoso. Como um professor *sexy*, inalcançável, ou algo do género.

— Dormiste bem? — pergunta ele, com um leve sorriso. Ele tem um ar tão *sexy* que não consigo evitar elevar os lábios para o beijar. Ele fica tenso por um instante, surpreendido; depois segura-me o rosto, aprofundando o beijo. Suspiro, derretida. Ele passa a mão por baixo do cobertor, deslizando-a entre os meus seios e sobre a minha barriga.

— Como te sentes? — murmura ele, as pontas dos dedos a descrevem pequenos círculos na minha pele sensível. Eu arqueio as costas, pressionando-me contra ele. — Dorida?

— Se eu disser que sim, fazes-me um exame íntimo? — sussurro.

Ele ri-se, inclinando a minha cabeça para levar a sua boca quente à minha garganta. Fecho os olhos. Debaixo dos cobertores, sinto-me molhada de novo.

— Acho que te dei uns chupões ontem à noite. — Ele toca-me levemente no pescoço com as pontas dos dedos. — Talvez me tenha deixado levar — admite. — Não consegui conter-me. Os sons que estavas a fazer...

Abano a cabeça.

— Eu faço nódoas negras com facilidade. E estamos no meio do nada; não é que alguém as vá ver, de qualquer forma.

Na verdade, até gosto da ideia de ele me ter marcado. Há algo muito possessivo e primitivo nisso. Ele baixa uma vez mais a cabeça, mordendo suavemente a minha garganta, e eu contorço-me debaixo dos lençóis conforme o fogo se acende em mim. Estendo-me para o agarrar pela nuca,

enredando os dedos no seu cabelo espesso.

De repente, ouve-se um sinal sonoro estridente vindo de um canto do quarto. O Riven geme e afasta-se com relutância.

Eu agarro-o.

— Não. Volta aqui. O que é aquilo?

— O meu rádio. Alguém está a tentar contactar-me. — Ele olha por cima do ombro para o rádio, hesitante.

Eu suspiro.

— É melhor veres, então. Pode ser uma emergência.

Ele parece surpreendido.

— Sim?

— Claro que sim. Não me vou meter entre ti e os teus pacientes. Alguém pode estar a precisar de ajuda.

Ele estuda-me, com os olhos escuros quentes e derretidos por detrás dos óculos, depois dá-me um beijo no ombro e desliza para fora da cama. Eu observo, quase a babar-me, enquanto ele cobre as coxas musculadas com um par de calças de fato de treino cinzentas. Antes de sair, pega na almofada e usa-a para bater no rosto do Eli. O Eli desperta, a vociferar uma série de palavras.

— Cala-te — ordena o Riven. — Tenho de atender uma chamada. Faz companhia à Daisy.

O Eli pestaneja na minha direção e a expressão relaxa, transformando-se num sorriso preguiçoso.

— Olá, menina bonita. — Ele rebola para mais perto de mim e passa um braço em redor das minhas ancas, puxando-me para mais perto. — O Riv beijou-te?

— Hum. Sim?

— Coitadinha. — Ele segura-me o rosto e dá-me um beijo suave. Não é como os seus beijos habituais, sensuais e molhados; este é mais gentil, mais íntimo. É um beijo de bom dia entre dois amantes. Só de pensar nisso, sinto-me a irradiar um brilho quente e suave quando ele se afasta por fim. — Pronto. Espero que isso anule a falta de jeito dele.

Eu rio-me, passando uma mão pelo seu peito bronzeado.

— Não tenho preferência. Ambos beijam igualmente bem.

— Claro, claro — sussurra ele, enquanto me acaricia a garganta. — Olha o estrago que ele fez no teu pescoço. Ele é algum vampiro, ou assim?

— Tenho a certeza de que as minhas coxas estão igualmente maltratadas, graças a ti.

— Deixa-me só verificar

Ele mergulha debaixo da colcha antes que eu o possa agarrar. Fecho os

olhos quando sinto os seus caracóis a fazerem-me cócegas. A minha boca abre-se quando ele deposita um beijinho entre as minhas pernas e depois volta a pôr a cabeça de fora.

— Tens razão — diz ele, entristecido. — Pareces completamente arrasada. Peço desculpa por isso.

Estou prestes a exigir que ele termine o que começou, quando reparo num borrão branco do lado de fora da janela.

— Oh, *não*.

O Eli passa os dedos sobre a minha coxa.

— Normalmente, não é a resposta que eu recebo quando estou na cama com uma miúda, mas tudo bem.

Eu aponto para a janela.

— Está a nevar outra vez.

— Sim. Isso acontece com frequência no Círculo Polar Ártico.

Olho-o fixamente. Ele sorri, passa um braço à minha volta e pega no telemóvel.

— Queda de neve forte esta noite ou amanhã — lê, na aplicação de meteorologia. — Sim. Parece que vai haver outra tempestade.

— Meu Deus. Como é que aguentas? Estar aqui preso o inverno todo deve ser como estar na prisão.

Ele abana a cabeça.

— Isto não é nada parecido com uma prisão. Se fosse, eu sabia.

Aperto os lábios.

— Porquê, já estiveste preso?

Para meu espanto, ele acena com a cabeça.

— Vê só a minha tatuagem da prisão.

Ele vira-se, expondo uma tatuagem no bíceps em que eu não tinha reparado na noite anterior. Inclino-me para a ver mais de perto. Está um pouco desbotada, mas permanece nítida; uma estrela de quatro pontas feita em tinta preta.

Passo a ponta dos meus dedos sobre as linhas, observando os seus músculos espessos a ficarem tensos.

— Estás a falar a sério? Fizeste isso na cadeia?

— Não há muito mais para fazer lá dentro — diz ele. A amargura na sua voz surpreende-me. — E alguns dos tipos são bastante artísticos. — Ele franze o sobrolho, fazendo um pequeno movimento com os ombros, como um pato a sacudir a água das costas, e depois volta a deitar-se na cama. — Gostas de gajos com tatuagens, querida? — sussurra ele, voltando à sua personalidade preguiçosa e descontraída. — Eu posso fazer outras.

Eu recuso-me a deixar que ele me distraia.

— O que aconteceu?

Ele sorri, ironicamente:

— Não é suposto perguntares *o que aconteceu*. É suposto perguntares *o que é que fizeste*.

Eu encolho os ombros.

— O que quer que tenha sido, não pode ter sido assim tão mau.

— Porque é que dizes isso?

— Porque tu não és uma pessoa má.

Os seus olhos suavizam-se um pouco.

— Meu Deus, és tão querida.

— Talvez eu esteja a confiar demasiado. É agora que me dizes que vocês são assassinos a trabalhar em conjunto? Seduzem as mulheres até à cabana, o Cole assassina-as com um machado e depois o Riven dissecas para lhes tirar os órgãos?

Ele acena com a cabeça, mas o sorriso não chega aos olhos.

— Não abras o congelador. Está cheio de rins. Não, foi posse de droga. Cocaína. Estive preso durante um ano.

Caramba. Um ano inteiro?

— Que idade tinhas?

— Foi há uns anos — reflete ele. — Cinco, acho eu? Eu tinha vinte e quatro.

A minha boca abre-se. Isso é tão recente.

— Oh, meu Deus, estás bem?

— Sim. Não é um ponto alto da minha vida. Mas o que é que hei de fazer? — Ele sorri, com as covinhas a surgirem na bochecha. — Senti falta das mulheres, acima de tudo.

Eu estreito os olhos.

— Só dizes disparates.

— Não és a primeira que mo diz — admite, espreguiçando-se por cima das almofadas. Olha para mim por baixo das pestanas, com os olhos verdes a reluzirem. — Devias ter-me perguntado se fui mesmo eu, sabias?

— Devia?

Ele acena com a cabeça.

— És péssima nisto. Não quero lançar-me num monólogo sobre o meu passado trágico sozinho. Assim fico tímido.

— Desculpa. Não sabia que precisavas da participação do público. — Eu enrosco-me ao lado dele, pousando a cara na almofada. — Foste mesmo tu? — sussurro.

Ele aproxima-se mais um pouco.

— Não — sussurra ele de volta. — Incriminaram-me.

Levanto as sobrancelhas.

— A sério?

Ele acena com a cabeça.

— Eu estava só no lugar errado à hora errada. Uma cabra rica viciada em drogas recreativas e com um bom advogado culpou-me.

— E passaste um ano na prisão no meio de traficantes de droga? Oh, meu Deus, Eli.

O maxilar dele aperta-se.

— Sabes qual foi a pior parte? — Ele estende a mão para brincar com uma mecha do meu cabelo.

— Qual?

— Foi o pai do Riven que me pôs na cadeia.

Ficamos na cama durante pelo menos mais uma hora, enrolados, e depois acabo por me obrigar a levantar e a ir tomar um duche. Tinha acabado de me ensaboar quando ouvi uma pancada forte na porta. Enxaguo-me rapidamente e enrolo-me numa toalha para abrir a porta.

O Cole está do outro lado, de braços cruzados sobre o peito. Está de cenho franzido.

— Desculpa, precisas de ir à casa de banho? Dá-me um segundo, vou só secar-me...

— Quanto tempo é preciso para tomar a porcaria de um duche? — atira ele.

Eu olho para o relógio de parede.

— Estou aqui há dois minutos.

— Como é que vou trabalhar se estás a gastar a água quente toda?

Quando aqui cheguei, irritou-me o facto de ele ser tão insolente. Agora, porém, acho que estou a ficar mais à vontade com ele, lembra-me um velho rabugento. Olho para o café que ele tem na mão.

— Olha, talvez devesse cortar no café — recomendo, baixando a voz. — Ouvi dizer que demasiada cafeína pode deixar-nos mais irritáveis. Parece-me que é claramente um problema grave para ti.

Ele franze ainda mais o sobrolho.

— É a minha primeira chávena.

— Então... é só a tua personalidade? — Eu sorvo a respiração por entre os dentes. — Meu Deus. Que grande azar, não é?

— Sai da casa de banho.

— Está bem.

O Cole sai para o trabalho depois do banho e o Riven enfia-se no quarto, a atender telefonemas, de modo que eu e o Eli passamos o dia a relaxar na cabana. Preparamos um *brunch* — ovos, *bacon* e torradas de abacate — e depois sentamo-nos no tapete em frente à lareira para jogar mais uns jogos de cartas.

Depois da noite passada, mal consigo tirar os olhos dele. Ele está com um aspeto incrível, com o maxilar quadrangular realçado pelas chamas, o cabelo ruivo todo desgrenhado iluminado a dourado. A cada vez que ele se inclina para espreitar o lume ou para acrescentar mais lenha, tenho uma excelente visão dos seus bíceps.

Passo os dedos sobre o tapete macio e gasto. Há apenas algumas horas estava aqui deitada, nua e ofegante, enquanto dois homens se revezavam a lamber, beijar e chupar-me toda. Um rubor sobe-me às faces com a recordação.

— Em que estás a pensar? — murmura o Eli. Os olhos a desviarem-se das suas cartas. — Deve ser algo porco.

O meu rubor aprofunda-se. O fogo aquece a minha pele de uma forma quase desconfortável. Eu remexo-me, abanando-me com a mão.

O sorriso do Eli torna-se perverso. Ele deixa cair as cartas e inclina-se para a frente para me agarrar no e começa a beijar-me devagar. Acabamos por ficar estendidos nas almofadas, em amassos preguiçosos, o jogo entretanto esquecido.

À medida que o dia avança, a neve começa a cair com mais rapidez e densidade para lá das janelas. Acho que o Eli estava certo a respeito da tempestade.

— Quando é que o Cole volta? — pergunto, mordendo o interior do lábio. Ele limita-se a encolher os ombros. Eu franzo a testa. — Mas... e a tempestade? E se ele for apanhado no meio?

— Não vai. O gajo tem um talento incrível para prever o tempo. — Ele pousa outra carta no chão. — De qualquer forma, ele é um *ranger*. Ele sabe lidar com o frio melhor do que qualquer um de nós. É a tua vez, querida.

Tento voltar ao jogo, mas não consigo concentrar-me. Tenho um mau pressentimento. Tenho a certeza de que há qualquer coisa errada, mas não consigo identificar o quê. Depois de perder mais três jogos seguidos, desisto.

— Onde é que *ele* está? A neve está a ficar muito má.

Tudo o que consigo ver pela janela é uma mancha branca espessa.

— Ele deve ter decidido passar a noite na aldeia. — Ele levanta-me o queixo com o dedo. — Relaxa, Sininho. Ele teria telefonado se estivesse em apuros.

Não gosto de pensar nisso. E se ele não *puder* telefonar, por alguma razão? E se ele se magoou? E se foi atacado por um animal, ou escorregou no gelo e partiu a cabeça, ou...

De repente, as luzes ficam intermitentes e depois apagam-se. A cabana fica escura e sombria. A única luz é o cinzento do reflexo da neve do lado de fora da janela e o laranja tremeluzente do fogo.

— Merda. Deve ser o gerador. — O Eli levanta-se de um salto. — Dá-me um segundo, vou reabastecê-lo. Acho que o Riv se esqueceu.

Eu recosto-me.

— Qual é o problema com o gerador?

— Se calhar ficou sem combustível. Não te preocupes, temos um de reserva e também um monte de pilhas carregadas. Mesmo que esteja avariado, não vamos ficar sem energia.

Ele sai da sala.

Levanto-me e vou até à janela. Ao fundo, ouço o Riv a falar rapidamente no rádio. Apesar de a sua voz soar urgente, o tom cantado do seu sueco acalma-me. Encosto-me ao parapeito da janela e deixo a minha mente vaguear enquanto observo a tempestade. Nunca vi tanta neve na minha vida. Rodopia e esvoaça tão depressa que só consigo ver branco, à exceção de uma pequena mancha cinzenta ao longe.

Franzo o sobrolho, espreitando por entre os flocos que caem. Há de facto qualquer coisa ali. Uma forma escura move-se lentamente na minha direção. Enquanto observo, tropeça.

Raios partam. É uma pessoa.

Inclino-me ainda mais para a janela, pressionando o nariz contra o vidro. Reconheço os ombros largos e a silhueta gigantesca e corpulenta.

É o Cole.

É evidente que está a debater-se. Tem algo grande em cada braço e, a cada passo que dá, para, dobrando-se. A julgar pela lentidão com que se move, parece que está ferido.

Eu nem sequer penso. Dirijo-me à porta e pego nas botas e num par de raquetes de neve, depois, visto o meu equipamento de inverno. As minhas mãos mexem, tateiam as molas do casaco. O meu coração está a bater depressa nos meus ouvidos. Não estou a ser rápida o suficiente. Ele está *ferido*.

Por fim, estou completamente vestida. Olho para o alpendre à procura de algo que possa usar para o ajudar, e os meus olhos veem um trenó encostado à porta. Agarro-o, preparo-me e abro a porta, dirigindo-me para a neve.

Oh, meu Deus, está tanto frio. Nunca senti tanto frio na vida. Mesmo com o

casaco, sinto-me como se tivesse acabado de levar com um balde de água gelada no corpo. Os flocos de neve chocam contra a minha cara, picando-me a pele como uma colmeia de vespas zangadas. Lembro-me demasiado tarde que devia ter posto óculos de proteção, mas não tenho tempo para voltar atrás e ir buscá-los. Tenho de o alcançar. Fechando os olhos, avanço em direção à sua silhueta. À medida que me aproximo, vejo que ele está a agarrar o ombro com uma mão e a carregar uma trouxa com a outra.

Quando por fim o alcanço, ele está de olhos esbugalhados atrás dos óculos de proteção. Tropeço na borda da raquete de neve e quase caio. O seu braço livre estende-se para me agarrar e vejo a dor a atravessar-lhe o rosto.

— Sua imbecil! — Ouço-o rugir por cima do vento. — Que raio estás a fazer?

— Cala-te. — Aproximo o trenó dos pés dele. — Põe-na aqui.

Ele baixa cuidadosamente a trouxa para o trenó com um grunhido de dor. Pego na corda e começo a puxá-lo em direção à casa. Ele agarra a corda. Eu afasto-a dele.

— Estás ferido.

Acho que o ombro deve estar mesmo a doer-lhe, porque ele deixa-me arrastar o trenó de volta para a casa, empurrando-o através da neve cada vez mais espessa. O vento sopra nas nossas costas, por isso é muito mais fácil assim. Chegamos à porta da frente e ele tenta rodar a maçaneta, mas as mãos dormentes escorregam repetidamente. Eu abro-lhe a porta e caímos para dentro da cabana.

Ele começa a gritar ainda antes de eu ter fechado a porta atrás de nós.

— Que raio se passa contigo? — grita ele, enquanto eu tiro as luvas. — Não se sai durante uma tempestade! És estúpida? Podias ter morrido!

— Não sou *eu* que estou a pingar sangue no chão — respondo. — Jesus, estás bem? O que é que aconteceu?

Meto o trenó a um canto e aproximo-me para o ajudar a abrir o fecho do casaco. Ele está a tiritar convulsivamente, com as mãos trémulas.

— Para. — Ele afasta-me. — Não me toques.

Dispo-lhe o casaco e estremeço quando vejo a camisola dele. Tem uma mancha vermelha no ombro.

— Deixa-me ver. Se calhar é melhor fazer pressão, ou assim. O que é que aconteceu? Caíste? — Tento tocar-lhe e ele afasta-se. — Fica quieto. Temos de ver se é grave, Cole...

— PARA! — Ele dá um passo atrás, agarrando a maçaneta da porta. — Tenho de voltar lá para fora.

O meu queixo cai.

— *O quê?*

O rosto dele está sombrio.

— A visibilidade era demasiado má para conduzir o carro até ao celeiro. Preciso de ir cobri-lo.

— Estás *doido*? Estás ferido!

— Estou ótimo.

Eu passo por ele, bloqueando o caminho para a porta.

— De maneira nenhuma. Nem pensar.

Ele enfia os óculos de proteção na minha cabeça. Os seus olhos azuis estão a arder de raiva.

— Que *raio* te faz pensar que podes dizer-me o que posso e não posso fazer?

— Tu estás fraco, não vais conseguir! — Aponto para o vermelho que se espalha pela camisola dele. Juro que a mancha já está maior. — Olha a quantidade de sangue que perdeste! Cole, estou a falar a sério, pode ser muito mau.

Ele tenta passar por mim. Eu bloqueio-lhe o caminho outra vez.

— Tenho de tirar o carro da neve — repete ele, lentamente, como se eu fosse parva. — Sai da minha frente.

— Não.

Ele levanta as sobrancelhas:

— Vais tirá-lo de um monte de neve amanhã? Vais pagar por qualquer dano? Vais descongelar o motor?

— Claro. Com todo o gosto. Agora *vai sentar-te*.

Tento empurrá-lo para a sala de estar, mas ele agarra-me pelos ombros e empurra-me para o lado, sibilando por entre os dentes quando o movimento lhe distende o braço. Observo, horrorizada, as gotas de sangue a salpicarem o chão da cabina, mas ele ignora-as, voltando a baixar os óculos de proteção sobre a cara.

Não o consigo parar. Ele é demasiado grande; sinto-me como um *chihuahua* minúsculo a morder-lhe os tornozelos. A mão dele fecha-se à volta do puxador da porta e eu faço a única coisa que me ocorre. Volto a correr para a sala de estar, levanto a voz e grito «Riven!» a plenos pulmões.



-És um idiota — murmura o Riven entre dentes, enquanto puxa a gola da minha camisola para baixo.

— Estou bem — obrigo-me a dizer. Dói-me imenso o ombro, mas não é que nunca me tenha magoado antes. E detesto que me chateiem.

Olho para a Daisy. Ela está a uns metros de distância, com a cara pálida.

— Não estás bem — resmunga o Riv. — Tira a camisola.

O Eli suspira e tapa os olhos da Daisy. Eu respiro fundo pelo nariz. Não estou com disposição para lidar com as merdas de nenhum deles neste momento.

— Não.

— Queres ter outra septicémia?

— Vá lá, Nalle — sussurra o Eli. — Faz o que o médico simpático diz.

Se te portares bem, até pode ser que ganhes um chupa-chupa.

Franzo o sobrolho.

— Não me chames isso.

É claro que a Daisy espeta logo as orelhas.

— O que é que isso quer dizer?

O Eli sorri.

— Ursinho. Toda a gente lhe chama Cole, mas na verdade é uma alcunha. O seu primeiro nome significa «urso» em inglês. Mas ele não faria mal a uma mosca, então, quando se põe todo rabugento, eu trato-o por «ursinho».

Ela levanta uma sobrancelha.

— O teu primeiro nome significa literalmente Urso? Jesus, saíste do útero a rosñar?

— Se não tirares a camisola nos próximos dez segundos — diz o Riven com firmeza, calçando um par de luvas —, vou cortá-la.

Puxo a peça de roupa com uma careta. Sinto uma dor no ombro e sangue quente a jorrar pela minha pele. A Daisy suspira baixinho.

— Vai, se te incomoda assim tanto — rosno.

Ela cruza os braços.

— Nem pensar. Não me vou embora.

O Riven inclina-se, lavando o sangue da área com água morna, e eu sinto o seu hálito na pele, enquanto ele examina a mordida.

— Isto está feio — murmura ele, os dedos a tatearem os rebordos da ferida. — O que é que foi? Outro alce?

— Há uns meses, ele encontrou um alce que tinha comido uma tonelada de bagas fermentadas de um arbusto estava embriagado — murmura o Eli para a Daisy. — Entrou no parque de estacionamento de uma escola e bateu em metade dos carros até que o Cole conseguiu tranquilizá-lo. Também lhe

deu uma bela dentada no ombro.

— Era uma mãe — digo-lhe, com aspereza. — Encontrámos a cria aqui perto. Normalmente não são tão agressivas.

O Riven levanta-se, a franzir o cenho.

— Isto não é uma mordidela de alce. A não ser que o vosso alce tenha desenvolvido caninos.

— *Husky* — grito, com a mandíbula cerrada.

O Riven solta um silvo. As dentadas de um *husky* são quase tão poderosas como as de um lobo. Ele tira um tubo do estojo.

— Vou aplicar uma anestesia local para poder ver melhor. Garantir que não entrou nada na ferida. Parecia raivoso?

— Claro que não parecia *raivoso*, não temos raiva neste país.

— Eu tinha de perguntar.

— Pois — resmunga o Eli. — Íamos odiar se ficasses irritável e agressivo.

— Se não vão dizer nada de útil, porque é que não vão tapar o caro? — cuspo.

— Estás a brincar? Nem pensar que vou sair com este tempo. — Ele vira-se para a Daisy. — Raios, não acredito que o tenhas feito. Vais salvar-me se *eu* tiver uma experiência de quase morte? Porque isso é muito excitante. Tenho a certeza de que consigo arranjar alguma coisa.

— Ninguém vai a lado nenhum — diz o Riven. — A neve está a cair com muita força agora. Levantaste alguma coisa? As bordas da ferida parecem rasgadas.

— Não.

— Ele estava a carregar aquilo tudo — diz a Daisy, acenando com a cabeça para o trenó junto à porta.

Eu fulmino-a com o olhar. Ela retribui.

O Riven lança-me um olhar de reprovação.

— Bem, vais precisar de levar pontos. Eli, podes levar a Daisy para o teu quarto?

— Não — anuncia a Daisy. — Vou ficar aqui. — Os olhos dela estreitam-se. — Assim ele não pode mentir.

— Pode tornar-se um bocadinho sangrento — avisa o Riven, calçando um novo par de luvas.

Ela bufa.

— Eu sou professora. Não sou melindrosa. Uma vez tivemos uma adolescente grávida a dar à luz numa aula.

Senta-se no braço do sofá e fica a ver o Riv a aplicar um creme antibiótico que arde.

— Não devias meter-te no que não te diz respeito — balbucio.

Ela revira os olhos.

— Oh, por amor de Deus. Para de agir como se eu te tivesse denunciado. Aqui o único que está a agir como um idiota és tu, não eu, *Ursinho*.

O Riven volta a coser-me e eu cerro os dentes, tentando ignorar o facto de estar a ser observado como um inseto debaixo de um microscópio.

— Pronto. — Ele dá um nó ao terminar, apertando-me o ombro não ferido. — Agora, como teu médico, gostaria de te recomendar que fosses ao hospital e que fosses visto assim que a neve passar.

— Eu não vou fazer isso.

— Já calculava. — Ele suspira, descalçando as luvas e deixando-as cair num saco de lixo amarelo. — Bem, estou farto disto. Tenho doentes que querem os meus conselhos à espera. Chama-me se ele começar a espumar pela boca.

O Eli levanta-se, espreguiçando-se.

— Vou trabalhar mais um bocado no gerador.

— Não está a funcionar? — Olho em volta. As luzes ainda estão todas acesas.

— Estamos a usar o de reserva neste momento. Não deve ter nenhum problema; acho que os filtros só precisam de ser limpos.

Aceno com a cabeça e ele sai, com os passos a ecoarem pelo corredor. Encosto-me às almofadas do sofá, deixando finalmente que os meus olhos se fechem. O meu ombro arde debaixo do creme anestésico. Sei que devia ir lavar-me, mas estou demasiado cansado para me mexer.

Uma mão toca no meu braço. Abro os olhos. A Daisy está à minha frente, com o cabelo comprido caído à volta do rosto.

— Vem para junto da lareira — diz ela, baixinho, puxando-me para cima e para mais perto. — Ainda estás a tremer.

— Estou ótimo.

— Pareces um figurante do filme *Saw*. Tens sangue por todo o lado. Pelo menos deixa-me limpar-te. — Ela aponta para um rolo de papel de cozinha e uma bacia de água que pousou no tapete.

— Eu posso tomar um duche.

— Não ouviste nada do que o Riven disse? Não podes molhar os pontos. — Ela olha para a minha camisa e para a camisola, amarrotadas no chão. — Quando acabar, se me deres a roupa, eu trato das nódoas.

— Como é que sabes tirar sangue da roupa?

— Tenho esta condição estranha, em que sangro da vagina durante uma semana todos os meses. Não sei porquê, é esquisito. Agora, *senta-te*.

Nem sequer tenho forças para discutir com ela. Sinto-me pesado, como se

os meus ossos fossem feitos de chumbo. Ela empoleira-se no braço do sofá a meu lado e molha um pedaço de papel na água. Está tão perto que consigo cheirá-la — uma fragrância doce a pêssegos e natas que parece emanar-lhe da pele. É tão inebriante que sinto a cabeça à roda.

— Como é que ele te mordeu? — pergunta ela, inclinando-se para pressionar o papel contra a minha garganta. Quando o retira, está vermelho-sangue.

— Alguém o magoou. — Solto um grunhido. — Achou que eu também o ia magoar.

Ela junta as sobrancelhas.

— O quê? Porque é que alguém haveria de magoar um cão?

— Foi numa atração turística perto da cidade. Cães a puxar trenós. Uns imbecis estavam a fazer uma corrida de trenós puxados por cães e um deles decidiu chicotear o cão para ele correr mais depressa. — Ela fica boquiaberta. — O cão caiu e partiu a perna — continuo, sombrio. — Fugiu da matilha e a lesão deixou-o agressivo.

Precisei de várias horas para o encontrar e, quando tentei levá-lo para a jaula nas traseiras da carrinha, ele partiu para o ataque. Atirou-me ao chão.

— O que aconteceu?

— Levei-o ao veterinário para podermos tratar-lhe da perna.

Ela parece incomodada.

— Não vão pô-lo a dormir, pois não?

— Pô-lo a dormir onde?

— Matá-lo.

Sacudo a cabeça.

— Não. Vai só retirar-se das corridas. Vai ter direito a ser um cão de casa, em vez de andar por aí a carregar turistas para o resto da vida.

Os ombros dela relaxam.

— Graças a Deus. — Arranca um novo pedaço de papel de cozinha e mergulha-o na água, aproximando-se da minha face.

Eu afasto-me.

— O que foi?

— Tens sangue na cara. Como é que conseguiste fazer isso? — Ela passa o papel por baixo do meu maxilar em movimentos lentos e suaves, limpando o sangue que provavelmente secou na minha barba. Os seus dedos pequenos roçam a minha pele. Sinto algo a apertar-se no meu peito.

Não consigo lidar com isto. Não consigo lidar com a forma como ela me está a tocar. Apesar do tom incisivo nas suas palavras, os seus dedos são ridiculamente ternos enquanto ela me limpa a pele. Não me lembro da última vez que alguém me tocou assim, e não quero lembrar-me. Não sou uma

boneca de porcelana. Não há necessidade de receber carícias.

Afasto a cabeça do seu toque.

— Para de me mimar.

Ela ignora-me. Agarro-lhe o pulso.

— Para com isso.

Ela suspira, afastando-se.

— Preferes ficar a marinar em sangue seco?

— Eu consigo fazer isso sozinho.

— Só estou a tentar ajudar.

— Então não ajudes! Não preciso da tua ajuda! — Só me apercebo que estou a gritar quando ela dá um salto. Respiro fundo pelo nariz, tentando acalmar-me. — Não preciso da tua ajuda — repito. — Nem agora, nem há uma hora. Eu teria chegado bem à cabana. Foi uma estupidez vires atrás de mim.

Juro por Deus que, quando a vi lá fora, o meu coração parou. Ela estava a tropeçar na neve como o raio do Bambi. Não tinha o equipamento adequado. Podia facilmente ter escorregado, torcido o tornozelo e congelado até à morte antes de qualquer um de nós dar por isso. Raios, se tivesse sido dez minutos mais tarde, a visibilidade seria tão má que ela podia ter-se perdido e morrido.

Ela podia ter *morrido*.

Ela cruza os braços, defendendo a sua posição.

— Estou a tentar ajudar.

— Então não tentes! — disparo. — Não estás a ajudar! És um risco! Estávamos bem antes de apareceres, e agora está tudo a encaminhar-se para a merda!

Os olhos dela brilham.

— E de que forma é que é culpa minha que tenhas sido mordido por um cão? Como é que eu causei a tempestade? Não tenho culpa se não te importas com a tua segurança pessoal. Passaste este tempo todo a chamar-me de estúpida e a agir como se eu fosse uma turista tola, mas não me vês *a andar por aí a pingar sangue*. Não vou pedir desculpa por não ter deixado que te matasses.

A luz da lareira ilumina-lhe o rosto. Ela parece tão pequena ao meu lado. Tão *delicada*.

Eu não vejo nada delicado por aí. Estou habituado a que tudo à minha volta seja pesado, forte e robusto. Tem de ser, para sobreviver a estas condições. E agora a Daisy está aqui, com um metro e meio de altura, macia, pequena e gentil. Ela é a pior combinação possível: frágil, mas demasiado corajosa — ou estúpida — para se importar com isso. Encharcada, ela teria metade do meu peso, mas ainda assim acha que pode acompanhar-me, a mim

e aos outros.

A constatação atinge-me com força. Ela não pode ficar aqui. Se ela não quer zelar pela sua própria segurança, temos de a tirar do Norte. O mais depressa possível. Independentemente daquilo de que ela esteja a fugir, em Inglaterra, não pode ser tão mau quanto ela acabar por morrer devido à sua própria estupidez.

— Mudei de ideias — anuncio. — Não vamos esperar pelo arranjo do teu carro. Assim que a neve desaparecer amanhã, vais-te embora.

Ela suspira como se eu fosse uma criança difícil.

— Porquê?

— Porque não te queremos aqui — sublinho.

— Isso não é verdade. *Tu* podes odiar-me, mas os outros gostam de mim.

Eu solto uma gargalhada. O som é amargo.

— Por favor. Eles só te deixam ficar aqui porque querem dormir contigo.

Percebo que passei todos os limites assim que as palavras saem da minha boca. O silêncio instala-se entre nós. Ela pestaneja um par de vezes. Vejo a sua garganta a contrair-se dolorosamente quando ela engole.

Ela atira os guardanapos para o lixo e sai sem dizer uma palavra.

— Uau! — diz o Eli da porta. — Deixei-te com ela por dez minutos, meu.

A porta do quarto de hóspedes fecha-se. Apesar de o som ser abafado, ambos conseguimos ouvir quando ela começa a chorar.

Daisy



Nessa noite, durmo com o Riven e o Eli, aconchegada entre os seus corpos. Ou melhor, partilho a cama com eles. Não consigo dormir de todo. Mesmo depois de ter sido comida até ficar entorpecida e de me ter vindo várias vezes, a minha mente não se desliga. Deito-me entre eles no escuro, enquanto eles respiram contra mim, e fico a olhar para o teto, a ouvir as palavras do Cole vezes sem conta.

Eles só te deixam ficar aqui porque querem dormir contigo.

É uma noite muito, muito longa.

Desisto de dormir por volta das cinco da manhã, saio de baixo dos braços dos rapazes e vou até à cozinha. Preparo uma chávena de chá e sento-me à janela, a olhar lá para fora. A neve ainda está a cair, mas nada que se compare ao nevão da tarde anterior. Agora, os flocos parecem delicados e suaves enquanto esvoaçam inocentemente até ao chão. Bebo o meu chá, lembrando-me da sensação horrível e angustiante que me atingiu assim que reconheci o Cole a debater-se no meio da tempestade, praticamente um borrão à distância.

O Cole disse que o problema foi a visibilidade. Normalmente, ele teria conduzido o carro direto ao celeiro, mas não conseguiu, porque a neve era tão espessa que nem sequer conseguia ver para onde estava a ir. Teve de abandonar o carro a meio do caminho.

Parece-me estupidamente perigoso. Se os rapazes não conseguem ver por onde estão a andar durante uma tempestade, podem morrer. Mas nenhum deles tomou qualquer tipo de medida de segurança, para o caso de isso acontecer. É uma parvoíce.

Estabeleço um plano. Pego num pedaço de papel que tiro da secretária do Riven e começo a desenhar um mapa do pátio. Depois, volto em bicos de pés para o quarto. Os rapazes ainda estão a dormir.

Aproximo-me e dou um leve toque no ombro do Eli.

— Eli — sibilo.

— O quê? — resmunga ele.

— Tens uma corda muito comprida? E alguns ganchos de metal? E um martelo?

— As ferramentas estão todas no alpendre — murmura ele, estendendo-me a mão às cegas. — Volta para a cama.

— Não. Quero fazer uma linha de segurança do caminho de acesso até à casa. Uma espécie de corrimão. Pode ser?

— Pode ser — murmura ele, rebolando e voltando a enterrar a cara na

almofada.

Quando encontro a corda e algumas ferramentas, já está a começar a ficar claro lá fora. Visto a minha roupa de neve e saio para o quintal, levando a corda comigo. Começo mesmo à porta de casa. Demoro quase vinte minutos a martelar um gancho na ombreira da porta e a atar-lhe a corda. Espero que os rapazes não se importem; a cabana está bastante desgastada por fora, por isso julgo que não lhe prestam grande atenção. Depois de ter apertado bem o nó, levanto a corda e sigo o meu mapa, descrevendo um trilho até à entrada. De vez em quando, enrolo a corda à volta de uma árvore, apertando-a bem.

Não demoro muito a chegar ao celeiro. Largo a corda e inspeciono a ombreira da porta, à procura de um bom sítio para a prender. Talvez seja melhor do lado de dentro? Passo pela porta e começo a examinar as paredes.

— O que estás a fazer? — interroga uma voz grave.

Todos os pelos do meu corpo ficam arrepiados e hirtos. Eu projeto o maxilar e viro-me para o Cole. Ele está agachado no chão do celeiro, rodeado por finas tábuas de madeira. Está a martelá-las em forma de quadrado. Parece que está a fazer uma espécie de moldura.

Eles só te deixam ficar aqui porque querem dormir contigo.

Porque é só para isso que sirvo, certo? Não tenho mais nenhuma qualidade, fora o facto de ter uma vagina. Porque é que algum homem haveria de me querer por perto?

Eu levanto a corda.

— Estou a fazer uma linha de segurança. Tens alguma ideia de onde posso martelar o gancho?

Ele endireita-se.

— Não devias estar aqui fora.

— Eu sei, não é? — Suspiro. — Devia estar a fazer broches aos outros. Por sorte, estão os dois tão cansados que posso gozar de uma pequena pausa sem ter de os foder até aos miolos. É um trabalho duro, isto de ser um pedaço de carne ambulante.

Ele suspira, esfregando a boca com a mão.

— Não foi isso que eu quis dizer. O que eu disse ontem à noite não é verdade. Eles não te querem por aqui só para dormires com eles.

— Bem, foi o que eu pensei. A não ser que o Eli tenha algum fetiche por Uno que ainda não me tenha contado. — Eu estudo as pesadas vigas que compõem a moldura da porta do celeiro. Já há algumas argolas de metal enterradas na madeira, acho que costumavam pendurar ali algum equipamento. Dou um puxão na maior. Não se mexe de todo. — Achas que posso usar esta?

Ele grunhe.

— Muito útil. Obrigada pela tua opinião.

Pouso o estojo de ferramentas e puxo a corda com força. Ele observa-me quando começo a enrolar a corda à volta do gancho. Consigo sentir os seus olhos em mim, como pontos de *laser* na minha pele. Suspiro, virando-me para o encarar.

— *O que foi?*

— Só... — Ele faz uma careta. — Não faças isso outra vez. Não venhas atrás de mim. Não ponhas a tua vida em perigo só para me ajudar.

— Eu é que decido por quem quero arriscar a minha vida, obrigada.

O rosto dele escurece.

— Eu não teria morrido.

— Provavelmente não — concordo. — Mas de certeza que terias ficado ferido com mais gravidade. O Riv diz que se tivesses ficado lá fora muito mais tempo, é provável que tivesses acabado por ter hipotermia. Terias perdido mais sangue. Carregar aquela mochila estava a abrir a ferida. Se eu não tivesse ido buscar-te, não estarias aqui sentado a cortar troncos. Estarias a ser levado para um hospital para receber uma transfusão. Não estou à espera de um agradecimento, mas seria bom se parasses de me chamar parva por três segundos.

Ele não responde àquilo. Ficamos em silêncio por alguns minutos, enquanto eu torço a corda num nó duplo apertado, depois dou um passo atrás, testando-a com alguns puxões. O nó mantém-se firme.

— Eu não sou... bom a lidar com pessoas — começa ele.

Eu relaxo um pouco.

— Oh, não sei. Acho que és melhor do que pensas. Tens os teus momentos de charme.

Ele levanta uma sobrancelha.

— A sério?

— Não. Não deviam permitir que te apresentasses em público. — O lábio dele retorce-se. Olho em volta para a confusão no chão. — O que estás a fazer? Móveis?

— Vai ver por ti. Há alguns acabados ali atrás, debaixo da lona.

Intrigada, aproximo-me e levanto a folha de plástico azul. Os meus olhos arregalam-se.

— Oh, meu Deus! — Debaixo da lona estão três telas dispostas numa pilha, da maior para a mais pequena. — Foste tu que fizeste isto?

Levanto uma para a examinar. Está perfeita. A madeira foi lixada. O tecido está perfeitamente esticado, agrafado à moldura na parte de trás. Parece ainda melhor do que as telas que eu teria comprado na loja, que são de

qualidade profissional, mas um pouco ásperas. É perfeita para paisagens de montanha.

— Achei que assim ia conseguir manter-te calada — diz ele, com aspereza. — Não podes andar por aí a atravessar-te no caminho de toda a gente. É bom que estejam boas o suficiente, porque não vou fazê-las de novo.

— Pensei que ias expulsar-me — recordo-lhe, passando o dedo pela linha de agramos perfeitamente uniformes.

— Duvido que os outros deixassem.

Olho para ele.

— É esta a tua forma de pedir desculpa?

Ele volta a sua atenção para o prego que está a martelar.

— Não tenho nada por que pedir desculpa.

Eu troço.

— Pois. Claro.

Tenho quase a certeza de que é um pedido de desculpas. O Cole não é exatamente o melhor a dizer as coisas em voz alta, mas os gestos dizem mais do que as palavras, certo? Ele viu que eu estava aborrecida por causa das minhas telas quebradas, e decidiu resolver o problema. Isso é um pedido de desculpas.

— Obrigada — digo, baixinho.

Ele acena com a cabeça e depois vira a cabeça para o nó que eu fiz.

— Onde é que aprendeste a fazer aquilo?

— Oh! — Volto a olhar para ele. — O meu pai era da marinha. Quando eu era pequena, ele costumava praticar os nós comigo. Aprendi todos os que havia no livro.

— São próximos?

A minha garganta aperta-se.

— Éramos.

— Ele morreu?

— Não. Só que... já não somos chegados. — Recordo-me da última vez que vi os meus pais. Foi há cerca de uma semana. O olhar de repulsa do meu pai quando eu apareci a chorar à sua porta passa-me diante dos olhos.

Nenhum deles me telefonou. Acho que nem sequer se aperceberam que saí do país.

Afasto a tristeza que me aperta.

— E tu? Como é a tua família?

Ele encolhe os ombros.

— Não tive nenhuma.

— Ninguém?

— Não tenho irmãos, e a minha mãe só se preocupava com o namorado

que tinha na altura. Na prática, cuidei de mim sozinho. — Aquilo explica muita coisa. — A mãe do Eli tomou conta de mim, quando eu estava na escola — continua ele. — Passei metade da minha infância em casa dele ou do Riv.

— E vivem juntos desde então?

— De vez em quando.

Fico à espera de que ele diga mais qualquer coisa, mas ele volta ao trabalho.

A conversa está claramente terminada.

Olho para lá da porta, para a neve que cai suavemente.

— Estava a pensar em pôr aquele casebre na linha de segurança. O Eli disse que não o usam, mas seria um bom abrigo, se não conseguirem trazer o carro até à casa.

— Não vale a pena. Eu sou o único que segue nessa direção.

Eu estreito os olhos.

— E então? Podes ser um tolo, mas não mereces morrer mais do que os outros.

— Perda de tempo — repete ele.

Eu suspiro, pegando na corda.

— Enfim. Vou fazê-lo à mesma. Obrigada pelas telas.

Ele não responde e eu volto para o quintal, arrastando a corda atrás de mim.

O Eli sai de casa a bocejar no momento em que estou a terminar. A linha de corda parece perfeita; à altura da cintura, percorre os limites do pátio esticada, estendendo-se desde o fundo do acesso até à casa. É suficientemente discreta para se misturar com as árvores, a não ser que estejamos ativamente à sua procura.

O Eli parece impressionado.

— Caramba. — Ele dá um puxão na corda. — Isto é mesmo inteligente.

— É? — Eu sacudo os resíduos de neve das minhas luvas. — Achas que vai ajudar?

— Não vejo como não. — Ele dá-me um beijo na cabeça. — Obrigada, querida.

— Não tens de quê. — Encolho os ombros. — Não dormi bem. Acho que vou dormir uma sesta.

Ele dá-me uma palmada brincalhona no rabo quando passo por ele em direção ao corredor, sacudindo a neve do meu corpo. Depois daquele trabalho todo, estou morta de cansaço. Sigo pelo corredor até ao quarto de hóspedes, pronta para me deitar na cama dobrável.

Porém, quando abro a porta, a cama desapareceu. Em vez disso, o quarto tem a configuração de um pequeno estúdio.

Olho em volta, de olhos esbugalhados. Enquanto eu estava no pátio, o Cole deve ter trazido as minhas tintas todas para ali. Empilhou os frascos contra a parede, junto da pilha de telas e dos rolos de lona. O meu cavalete está orgulhosamente disposto no meio do espaço, com um pequeno banco ao lado. Há uma secretária e uma cadeira de aspeto gasto empurradas para o canto, e ele adicionou mais alguns candeeiros para que eu possa ajustar a iluminação.

De repente, já não me sinto nada cansada. O entusiasmo acende-se no meu estômago. Inclino-me para agarrar numa tela e pousá-la no meu cavalete, depois começo a vasculhar entre as minhas tintas.



Estou tão aborrecido.

Vagueio pela cabana sem descanso, agarrando em coisas e voltando a pousá-las. Não há nada que possa fazer. Já passou mais de uma semana desde a última tempestade, por isso passei os últimos oito dias no trabalho, a dar aulas particulares de esqui. Mas hoje é o meu dia de folga e toda a gente está demasiado ocupada para passar tempo comigo. O Riven está a trabalhar. O Cole está à porta do celeiro, a esfolar uma peça de caça que um caçador lhe trouxe. A Daisy está a pintar.

Os meus pés levam-me pelo corredor até à sua porta. A Daisy deixou-a aberta, por isso encosto-me à ombreira e fico a observá-la. Ela está a pintar uma mulher sentada numa cómoda, a prender o cabelo. A fotografia de referência que o cliente enviou está colada no topo da tela e ela consulta-a vezes sem conta enquanto trabalha. É óbvio que o quadro ainda não está pronto, mas, mesmo meio acabado, não posso deixar de admirar o seu realismo. Quase podemos sentir a textura suave da pele da mulher.

A Daisy pega num pincel limpo e dá uma voltinha. Ela dança enquanto trabalha, abana as ancas ao som de uma música *pop* qualquer que está a passar na rádio. O cabelo está puxado para trás por uma bandolete e tem tinta cor-de-rosa espalhada na bochecha.

É tão fofo.

Ela está connosco há quase duas semanas e tem sido o paraíso. Tem havido muito sexo. Muito mesmo. Sexo matinal, sexo à noite, rapidinhas-à-tarde-antes-do-trabalho. Mas é mais do que isso; gosto de estar com ela. Gosto de ter alguém à minha espera quando volto para casa. Estamos sempre a conviver, cozinhamos, jogamos jogos, assistimos a filmes. Na maioria das noites, passamos horas a falar, sem dar pelo tempo passar. Vou mesmo dizê-lo: tenho um fraquinho enorme pela miúda. Não sei o que vou fazer sem ela. Estou a pensar seriamente em subornar o mecânico para ele voltar a partir-lhe o carro.

Enquanto observo, o telemóvel dela apita. Ela pousa o pincel e pega nele, olhando para a notificação. Os seus ombros descaem enquanto lê.

Bem, isso é que não pode ser.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ela salta para fora da sua pele.

— Jesus, Eli! Pregaste-me um susto do caraças!

— Desculpa, Sininho. O que é que se passa?

— Nada. Só uma mensagem. — Ela põe o telemóvel no bolso e sorri-me.

O meu coração dispara no peito. Não consigo lidar com a forma como ela olha para mim. Há tanta suavidade e carinho nos seus olhos. — Precisas de alguma coisa?

— Atenção.

Ela ri-se, atravessando a sala em direção aos meus braços abertos. Beija-a, longa e profundamente. Ela faz um som suave, arrastando as mãos desde os meus ombros até aos meus bíceps. Eu faço questão de os flexionar, para que ela possa viver a experiência completa ao tocar-me, e ela cantarola em tom apreciativo. Os seus dedos percorrem a minha tatuagem.

— Como foi na prisão?

É como se eu me fechasse. De repente, não consigo sorrir mais. Mal consigo respirar.

Acho que deve transparecer na minha cara, porque ela parece abatida.

— Desculpa. Desculpa, fui intrometida. Se é difícil para ti, não tens de me contar nada.

— Não. — Franzo o sobrolho. — Não, está tudo bem. Eu consigo falar sobre isso. — Detesto o facto de parecer que estou a convencer-me a mim próprio.

Ela passa uma mão em redor da minha nuca.

— Não quero que fales, se te doer — diz ela, baixinho. O meu estômago sofre uma vertigem enquanto olho para aqueles olhos castanhos derretidos.

Lembro-me do que ela disse quando lhe contei pela primeira vez sobre tempo que passei na prisão. *O que quer que tenha sido, não pode ter sido assim tão mau, porque tu não és uma pessoa má.* Esta rapariga, que na altura me conhecia há literalmente três dias, acreditou em mim. Eu conhecia o Riven e o Cole há quase duas décadas e eles não acreditaram em mim. Os meus pais não acreditaram em mim. Um júri inteiro, uma prisão cheia de funcionários e todas as pessoas que conheci depois não acreditaram em mim.

Mas ela acreditou. Ela viu o meu interior. Se há alguém com quem posso falar sobre isso, é ela.

Aclaro a garganta.

— Foi tranquilo. Melhor do que na maioria dos outros países, acho eu. A Escandinávia é conhecida pela humanidade nas suas prisões.

— *Humanidade* é uma fasquia muito baixa — diz ela, com secura.

— Havia alguma violência, alguma droga, mas, no geral, era uma boa prisão, acho eu. Mas ainda assim, eu estava... tu sabes. Preso. — Esfrego o peito apertado. — Passava grande parte do tempo sozinho. Não tinha ninguém que pudesse vir ver-me. Os meus pais cortaram relações comigo. O Riven e o Cole estavam zangados comigo. Então eu estava simplesmente... sozinho. — Meu Deus. Detesto pensar nisso. Sinto o coração a bater nas minhas costelas.

— Era mais difícil, tipo, no meu aniversário, no Natal, e isso. Os outros tipos recebiam visitas. Eram gajos que tinham impérios de droga e sentenças de quarenta anos. Faziam chantagem com mulas e vendiam droga a menores. Os pais deles iam à mesma. Tinham namoradas, amigos, irmãos. Nunca ninguém me foi ver. — Tenho de parar de falar para conseguir engolir. Tenho a boca seca. — Não sei. Estar fechado numa cela e depois ser abandonado por todos os que gostavam de mim, quando não tinha feito nada de mal, doeu muito. Demorei algum tempo a ultrapassar isso.

Na verdade, não estou certo de o ter feito por completo. Como é que se pode confiar em alguém que nos ame a sério, depois disso?

A Daisy não diz nada. Viro-me para olhar para ela. Os seus olhos castanhos enormes estão a brilhar.

— Oh, querida. Não chores...

— Isso deve ter acabado contigo — sussurra ela. — É a pior coisa que alguém te poderia fazer.

Eu não nego.

— Aconteceu. Não posso recuperar esse tempo. Tudo o que posso fazer é ultrapassar e seguir em frente.

Ela passa os braços à volta do meu pescoço e inclina o rosto para cima para me beijar. É tão baixa que, mesmo em bicos de pés, está praticamente a estrangular-me. Envolver-me a cintura com um antebraço e puxo-a para mim. Quando os nossos peitos ficam espremidos um contra o outro, esbugalho os olhos. Afasto-me, e de repente sinto-me muito mais animado.

— Não estás a usar sutiã.

Os olhos dela cintilam.

— E arriscar-me a sujá-lo com tinta? São caros, sabias?

Eu rosno e giro-a nos braços, para que o seu rabo fique pressionado contra a minha ereção crescente. Ela roça-se alegremente em mim enquanto eu lhe puxo a gola da camisola para baixo, deixando as suas mamas cheias e pesadas caírem. Aperto uma em cada mão, apertando-as suavemente. Deus, ela é tão, tão *macia*. Passo levemente os polegares sobre os seus mamilos endurecidos, mantendo o meu toque leve e provocador. Ela geme, arqueando-se contra mim, a tentar conseguir mais um bocadinho de pressão.

— Acho que não quero falar mais — murmuro na sua pele. — O que é que queres? Os meus dedos? — As ancas dela batem contra mim e a minha pila contorce-se com a fricção. — A minha boca? — Continuo, percorrendo a lateral da sua garganta com os lábios. Ela inclina o pescoço para trás, para me permitir um melhor acesso, e eu deposito um beijo quente mesmo acima do ponto que está a pulsar. — Ou a minha pila? — Giro as ancas atrás dela, esfregando-me contra ela.

Ela recosta a cabeça no meu ombro, olhando para mim com olhos vidrados.

— Porquê escolher? Tens os três, não tens?

Eu sorrio e deslizo uma mão pela sua barriga, enfiando-a debaixo da cintura dos seus calções. Ela suspira quando a acaricio através da roupa interior, a tensão começa a derreter-lhe os músculos.

Desabotoo-lhe os calções, ajudando-a a tirá-los, depois enfio um dedo por baixo das cuecas e desço-lhas pelas coxas. Ela prepara-se para as chutar para longe, mas eu agarro-as, amassando-as numa pequena bola de renda molhada.

— Posso ficar com elas, pode ser? — Enfio-as no bolso antes que ela possa argumentar, depois continuo a brincar com ela, afastando-lhe os lábios inferiores com os dedos. Ela está tão molhada que os meus dedos deslizam sobre a pele quente e delicada.

— Oh! — Ela agita-se nos meus braços. — Por favor!

— Por favor, o quê?

— Toca-me. Como deve ser.

Lambo a almofada do meu polegar, depois começo a desenhar círculos lentos no seu botão doce. Ela estremece toda e eu vejo um rubor rosado a subir pelas suas mamas brancas e macias. Levanto a mão livre e apalpo uma delas, sentindo o coração dela a martelar-lhe no peito.

— É bom assim? — murmuro-lhe ao ouvido, aumentando ligeiramente a pressão.

Ela aperta as coxas e geme.

Com o polegar ainda a trabalhar, começo a insinuar as pontas dos meus dedos à volta da sua entrada, girando sobre a pele sensível. Quando ela volta a mexer-se, começo lentamente a introduzir as pontas dos meus dedos nela, para depois recuar, mantendo o meu toque leve e provocante, até ela começar a contorcer-se. Sou obrigado a fechar os olhos quando o seu rabo firme e apertado se esfrega contra a minha virilha. Estou dolorosamente duro, e ouvi-la a gemer e a gritar não está a ajudar.

— Oh, *Deus*. *Enfia-os* — ordena ela. — Agora!

Lá fora, no corredor, ouço o Riven começar a falar. Está a usar a sua voz de médico, por isso deve estar ao telefone. Eu digo-lhe.

— Aquilo parece-me importante. Devias estar calada. Tenho a certeza de que o paciente dele não quer ouvir enquanto te metem os dedos.

Ela torce-se e apanha a minha camisola entre os dentes, mordendo-a. Mesmo com a boca cheia de algodão, ela não consegue parar de arfar quando eu deslizo os meus dedos para dentro dela. Ela está encharcada e a escaldar por dentro.

Solta um grito quando eu aumento a pressão do polegar, contorcendo-se

desesperadamente.

— Não consigo, não consigo, Eli...

— Não?

— Não.

Está praticamente a soluçar.

— Se não consegues vir-te baixinho — ofereço, sem abrandar o ritmo —, talvez devesse segurar-te.

— Não, não, não consigo...

Aproximo a boca do ouvido dela.

— Se aguentares — prometo —, troco os dedos pela minha pila.

— Se não me fizeres vir agora, dou-te um murro *na* pila — rosna ela, mas sinto que está a tentar acalmar-se. As suas mãos agarram-se debilmente à minha camisola. Dou-lhe um beijo de boca aberta na garganta, sorrio e dobro os dedos, massajando o seu ponto G.

É cruel, de facto. Por muito que ela tente, não consegue evitar a explosão. Desmorona-se contra mim, enterrando a cara no meu ombro e tremendo em silêncio, enquanto eu a dedilho durante a libertação. Continua a atingi-la em ondas. A cada vez que penso que ela já não está a vir-se, as suas paredes voltam a contrair-se em redor dos meus dedos e ela continua a tremer.

Eventualmente, o clímax acaba por desvanecer. Ficamos os dois no meio dos seus quadros, ofegantes. Ela encosta-se a mim, sem parar de tremer.

Ouve-se um rangido na porta. Olhamos para cima e vemos o Riv ali parado, a observar. Ele passa os olhos pela Daisy toda conforme ela pestaneja de volta à realidade.

Dorido, retiro os meus dedos devagar, percorrendo a humidade entre as suas pregas até ela estremecer. Ela estende a mão ao Riven enquanto chupo os meus dedos.

— Queres juntar-te a nós?

Ele aclara a garganta, deslocando o seu peso de forma desconfortável.

— Por muito que gostasse, tenho um compromisso de emergência em Kiruna. Algum de vocês quer ir à cidade por umas horas?

Hesitamos os dois. Estou tão duro que me sinto a latejar. Os meus tomates estão a doer tanto que estou a sentir dores físicas. Cada célula do meu corpo está a implorar-me para agarrar a Daisy, virá-la e mergulhar nela. Mas há muito tempo que não vamos à cidade. Eu sei que a Daisy quer sair. Não quero que ela se farte de nós e se vá embora.

De qualquer forma, sou um grande fã de adiar a gratificação.

Arranjo-lhe o cabelo atrás das orelhas.

— Vamos a isso. Se a minha pila não morrer e cair enquanto estivermos lá fora, podemos retomar isto mais tarde.

— Vistam-se, então — diz o Riv, com a voz um pouco rouca. — Partimos daqui a cinco minutos.

Dirige-se para o corredor. Vejo-o a ajustar subtilmente as calças enquanto sai.

A Daisy suspira. Eu baixo-me para lhe dar um beijo rápido na mama.

— Vou ter saudades tuas — sussurro, voltando a enfiá-la na camisola dela. — Vemo-nos em breve.

— És tão tolo — murmura ela, encostando-se a mim.

— Reparaste!

O Cole desaparece assim que estacionamos em Kiruna, para fazer o que quer que seja que o Cole faz. Pego na mão da Daisy e conduzo-a pelas ruas, mostrando-lhe todos os sítios que eu, o Riven e o Cole costumávamos frequentar quando éramos pequenos. Aponto o café onde íamos depois da escola. O parque onde jogávamos futebol. A biblioteca onde passávamos tardes intermináveis, quentes e sonolentas, enrolados debaixo dos radiadores enquanto tentávamos fazer os trabalhos de casa. Ela ouve tudo com estrelas nos olhos.

— É tão giro que vocês se conhecessem todos já nessa altura. Gostava de vos ter visto em crianças.

Eu encolho os ombros.

— Éramos praticamente iguais. O Riv era um pouco menos sério. Mas costumava gritar comigo por eu correr com uma tesoura na mão ou por não apertar os atacadores, coisas desse género. O Cole era tão rabugento e calado como é hoje. Era o miúdo mais tímido que alguma vez conheci.

Ela inclina a cabeça para o lado, a sua longa trança a oscilar.

— Nunca pensei que ele fosse tímido — diz ela, pensativa.

— Isso é porque agora ele é um homem grande e musculado. Mas, na altura, era apenas um miúdo magro com roupas sujas e problemas de comportamento. Não vivia na cidade, pertencia a uma das povoações sami. Entrou na nossa turma no terceiro ano.

— Ele é nativo?

— Meio. É por isso que é um guarda-florestal tão bom. Ele cresceu perto das manadas de renas.

— Há tanta coisa que não sei sobre vocês.

Passamos por uma loja de *lingerie* na qual eu nunca tinha reparado antes. Normalmente, passaria por ela sem me deter, mas hoje há algo na vitrine que chama a minha atenção. Entre todas as manequins desumanamente magras que exibem sutiãs e robes, há uma, mesmo no meio, com uma combinação de seda cor de pêssego, com pequenas margaridas brancas bordadas.

Não consigo deixar de o imaginar nela. O tecido pálido iria derreter-se sobre a sua pele macia. Iria agarrar-se às curvas das suas mamas e ancas, e é provável que a bainha apenas roçasse a parte inferior das suas nádegas.

Apercebo-me que estou a olhar para ele há demasiado tempo quando ela me dá uma cotovelada nas costelas.

— Queres experimentar? — sussurra ela.

— Por muito bem que me ficasse.... — Olho de relance para a janela. — Gostas? A do meio?

— É linda.

Agarro-lhe na mão e puxo-a para o interior. A campainha toca quando entramos na loja pequena. Levo-a diretamente ao cabide.

— Escolhe o teu tamanho.

Ela ri-se.

— Eli, estou a tentar poupar para arranjar o meu carro, não vou gastar dinheiro em *lingerie*.

— É uma prenda, querida.

Ela franze o sobrolho.

— Eu não quero nada de ti. Já me estás a dar um sítio gratuito para viver, por amor de Deus. Não tenho como te pagar nada disso, para começar.

— Confia em mim. — Deslizo uma mão pela parte de trás do casaco dela. A pele dela está a arder debaixo de todas as camadas de isolamento. — Eu vou mesmo beneficiar dessa prenda. Quando muito, é um presente para mim.

— E para o Riven?

— Talvez. Se me apetecer partilhar-te esta noite.

Ela levanta-se e dá-me um beijo na maçã de Adão.

— Nesse caso, obrigada. Vamos lá.

Pago a combinação, insistindo para que embrulhem com o papel mais elegante que tiverem, e voltamos a sair para a neve. Quando a porta se fecha, vejo o Cole e o Riven a virem na nossa direção. O Cole olha para a fachada da loja.

— O Eli está a fazer experiências com o seu visual — explica a Daisy. — Eu estava a ajudá-lo a encontrar o tamanho certo de sutiã.

Beijo-lhe a orelha. Ela está a usar brincos minúsculos e brilhantes em forma de estrelas. Talvez eu devesse comprar-lhe uns brincos também. Pergunto-me se conseguiria esgueirar-me sem que ela desse por isso.

— Estás a fazer compras? — pergunta o Riven, olhando para o saco. — Precisas de mais roupa?

— Vamos divertir-nos esta noite — diz a Daisy, com doçura. — O Eli quer acabar o que começou.

Os olhos dele escurecem. Ele aclara a garganta.

— Bem, então. Ah. Tens fome?

— Estou a morrer de fome.

— Podemos ir comer qualquer coisa antes de voltarmos para casa. O que é que te apetece?

— Apetece-me *pizza* — digo eu.

— Tu votas sempre em *pizza* — murmura o Riv.

A Daisy olha de relance para o Cole.

— E tu, Cole? O que é que te apetece?

O Cole não diz nada. O que não é particularmente invulgar; ele não é propriamente um homem muito conversador.

— Cole — pergunto eu. — A Daisy perguntou onde queres comer.

Ele continua sem responder. Viro-me para olhar para ele. Ele está a olhar sombriamente para algo do outro lado da rua. Sigo o seu olhar e o meu estômago dá um salto.

Não. Nem pensar. Não é possível.

A nossa ex-namorada, a Johanna, está a poucos metros de distância, a estudar a montra de uma loja de desporto. Acho que devo ter matado um monte de gatinhos ou algo assim numa vida passada, porque, quando me ponho a olhar fixamente para ela, ela levanta o olhar e os seus olhos azuleiros encontram os meus.

O reconhecimento cintila na sua face. Ela começa a aproximar-se. Tenho de lutar contra a vontade de agarrar na Daisy e fugir.

— Johanna — diz o Riven calmamente, enquanto ela se aproxima de nós. O seu cabelo louro está um pouco mais comprido e tem mais algumas rugas no rosto, mas, no geral, está exatamente igual desde a última vez que a vi, na sala de audiências.

— Riven. Cole. — Ela nem sequer se dá ao trabalho de me reconhecer.

Andei com esta mulher durante dois anos. Estive dentro dela centenas de vezes. Mas ela olha para mim como se eu nem sequer estivesse ali.

O que é ótimo. Estou habituado a isso.

Parece que o meu coração está prestes a sair-me do peito.

Os olhos dela recaem sobre a Daisy, que está entre nós.

— Uau! Então ainda continuam a fazer isso?

— Não queremos falar contigo — balbucia o Cole.

— Não é preciso seres mal-educado — diz ela com frieza, virando-se para a Daisy. — Como é que está a correr? Já te mudaste lá para casa?

A Daisy limita-se a pestanejar, sem perceber.

— Hum. *Förlåt*. Não falo sueco.

Os lábios cor-de-rosa de Johanna abrem-se de surpresa.

— Uma estrangeira? Agora vêm por encomenda do estrangeiro?

O Riven põe-se à frente de Daisy.

— Não fales com ela — ladra ele. — O que é que estás a fazer aqui em cima?

A Johanna pestaneja.

— Oh. Estamos apenas de visita a casa.

— Nós?

Ela acena com a cabeça, olhando por cima do ombro.

— Rickard! — chama. — Vem cá dizer olá!

Um miúdo de cabelo louro esbranquiçado desprende-se de uma montra e corre na nossa direção, tropeçando um bocadinho na neve.

— Olá — diz ele, alegremente, parando ao lado da mãe. — Quem são vocês?

A cor desaparece da cara do Cole. Ele chega mesmo a recuar um passo, cambaleando na neve. O meu coração contrai-se por ele.

A Johanna começa a mexer no cabelo do miúdo.

— Estes são uns velhos amigos. Conheceram-te quando eras bebé. Este é o Riven, o Cole, e... bem, Elias, acho que nunca conheceste o Rickard, pois não? Ainda estavas na prisão.

Sinto-me como se tivesse levado uma bofetada. O Riven respira fundo. A mão do Cole fecha-se num punho. A Daisy olha entre todos nós, claramente confusa.

A Johanna sorri sem graça.

— É bom saber que te deixaram sair.

Juro por Deus que a minha visão escurece nas orlas. Os meus ouvidos enchem-se de estática. De repente, não consigo aguentar mais aquela merda. *Não consigo*. Largando a mão da Daisy, viro-me e afasto-me, tirando o telemóvel para chamar um táxi.

Nem sequer registo a viagem. É como se tivesse perdido os sentidos. O meu cérebro desliga-se. Quando dou por mim, estou no balcão de aluguer das pistas, a negociar com a minha colega Carolina.

— Preciso de alugar equipamento — digo-lhe com aspereza. Estou encostado ao balcão, a tremer e a suar. Parece que o meu coração está a sair do peito. Bato com o punho no esterno, a tentar que aquela porra se acalme.

Ela olha para mim, preocupada.

— Eli, não acho que isso seja uma boa ideia.

Puxo o cabelo para trás com uma mão trémula.

— Preciso de equipamento — repito.

— Querido, precisas é de te sentar. Parece que vais desmaiar.

Ela agarra-me pelos ombros para me empurrar para uma cadeira, mas eu

sacudo-lhe as mãos.

— Dá-me. O. Equipamento — cuspo. — *Agora*, por amor de Deus!

Os olhos dela arregalam-se. Não me surpreende. Nunca falo assim com ninguém. Amanhã vou sentir-me um imbecil, mas neste momento não me sinto nada dócil. É como se a minha cabeça estivesse prestes a explodir.

Ela separa algum equipamentos para mim, e eu subo para a gôndola, navegando para o diamante negro duplo mais difícil. Não há mais ninguém lá em cima. Esquio até ao início do trilho e olho para baixo. A encosta é íngreme; é quase uma queda vertical a direito pela montanha abaixo. As árvores estão alinhadas dos dois lados, estreitando o caminho, e há um rebordo afiado de penhasco em queda no final.

Baixo os óculos de proteção. O tempo abranda. O meu peito aperta-se. Consigo ouvir a minha própria respiração trémula nos ouvidos. É provável que a Carolina estivesse certa; eu não devia fazer isto agora. Não estou com a cabeça no lugar. O meu tempo de reação vai estar todo lixado. Devia ir percorrer os trilhos mais fáceis até me acalmar.

Mas, neste momento, estou-me nas tintas. Impulsiono-me da berma, voo por um instante e depois começo a sentir que estou a cair.

Daisy



Vagueio pela estância de esqui, passando por grupos de pessoas com pranchas de *snowboard* e bastões de esqui. Tenho a cabeça às voltas. Não faço ideia do que acabou de acontecer. Quem era aquela mulher loura? Porque é que ela teve um efeito tão forte em todos os rapazes? O Cole e o Riven voltaram para o carro assim que ela saiu, mas eu pedi para ser deixada aqui, em vez de ir para a cabana. Achei que, se o Eli estivesse aborrecido, teria vindo para aqui.

Ao atravessar a estrada, vejo duas raparigas louras com casacos com o logótipo da estância e interpelo uma delas.

— Desculpa. Sabes onde está o Elias Sandahl?

Ela bufa.

— Meu Deus. Se eu tivesse dez coroas por cada vez que uma rapariga me pergunta isso.

— Ele está nas pistas — diz a amiga. — Está lá em cima há algum tempo. — Ela vira-se e olha para as montanhas que se elevam acima de nós. — Hum! — Ela examina a vista, depois aponta. — Ali! É ele, ali, com o casaco verde.

Eu sigo o dedo dela e o meu coração aperta-se quando o vejo. Caraças.

O Eli está a descer a montanha a uma velocidade incrível, inclinado de lado, de modo que o seu corpo quase roça o chão. Enquanto observo, ele endireita-se mesmo a tempo de voar sobre uma rampa. Os esquis escorregam debaixo dele e fico de boca aberta quando ele tomba, dando uma volta preguiçosa no ar. Aterra sem esforço nos esquis, a contornar uma curva.

— Aquilo é seguro? — guincho, enquanto ele desce a colina.

Ela ri-se.

— Acho que ele consegue desenrascar-se bem.

Fico a ver com a respiração suspensa até ele chegar ao fundo da encosta, e depois obrigo-me a virar costas. É óbvio que ele precisa de desabafar, por isso mando-lhe uma mensagem a dizer que estou aqui e dirijo-me ao bar mais próximo para esperar.

Enquanto aguardo, pego no telemóvel para ver o *e-mail* das minhas encomendas. Tenho de abafar um gemido quando vejo três mensagens novas do Sam. Não sei por que raio é que ele não me deixa em paz. É óbvio que não quero falar com ele. Com um estremecimento interior, deslizo para abrir a mensagem.

Querida, sei que estás aí. Por favor, responde. Precisamos de falar.

Que raio quer aquilo dizer? Com as mãos a suar, escrevo uma resposta concisa.

Não temos nada para falar. Para de tentar contactar-me. Este é o meu e-mail de trabalho.

A resposta chega quase de imediato.

Graças a Deus que estás bem! Eu estava tão preocupado. Onde é que te meteste? Sei que estás zangada, querida, e peço desculpa. Fui infantil. Mas podemos ultrapassar isto. Funcionamos tão bem juntos.

A raiva inunda-me. Como é que ele pode falar assim, como se não tivesse arruinado a minha vida toda? Fez com que me despedissem, virou toda a minha família e amigos contra mim, e agora diz que devemos «ultrapassar»?

Estou a sair com outra pessoa. Mesmo que não estivesse, és a última pessoa no planeta com quem eu haveria de sair. Deixa-me em paz.

Envio o *e-mail*, depois desligo o telemóvel e volto a guardá-lo no bolso. Estou tão zangada que nem consigo ver bem. Não dá para acreditar. Ele quer mesmo voltar a namorar comigo, depois de me ter humilhado diante de toda a gente que conheço? Agarro-me ao balcão, em silêncio.

— Daisy? — Uma mão pesada pousa no meu ombro.

Viro-me para ver o Eli, ainda com a roupa de esquiador. Sem sequer pensar, levanto-me e beijo-o. Os seus lábios estão gelados; ainda há gelo no seu cabelo e neve a derreter na sua roupa. Ele fica imóvel por um momento, como se não soubesse o que fazer; depois suspira e abre a boca, deixando-me beijá-lo como deve ser.

— Bem. — Os seus olhos verdes brilham quando nos separamos por fim.

— Esta foi a melhor receção depois das pistas que alguma vez tive.

Encosto-me ao seu flanco.

— Estava tão preocupada contigo. Parecias tão perturbado.

— Oh, Sininho. — Ele vira-se para a empregada, que está a observar-nos com um ar divertido. — Maria, podes trazer-nos um *glögg*? Acho que os meus órgãos estão congelados.

— É para já — diz ela, animada, e vira-se para tirar um pouco de líquido fumegante de uma grande panela prateada sobre o fogão. O Eli sacode o

casaco de esquí, depois agarra no meu banco e arrasta-o para mais perto, passando um braço em redor dos meus ombros. Eu aconchego-me a ele, respirando o cheiro morno das agulhas de pinheiro.

— O que é *glooog*?

— *Glögg*. Vinho tinto quente, com... coisas lá dentro. Especiarias e isso.

— Como vinho quente?

— Isso, acho eu.

— Aqui têm. — A Maria pousa duas chávenas fumegantes à nossa frente no balcão.

Bebo um gole cauteloso e depois sorrio.

— É delicioso.

— Sim — diz o Eli, suavemente, olhando para o meu rosto.

Pego na sua mão e entrelaço os dedos nos dele.

— Estás bem? Porque é que vieste aqui? Quem era aquela mulher?

Ele pestaneja e olha para baixo.

— Era a nossa ex. A Johanna.

— Oh! — Aquilo fica a remoar na minha cabeça. — A *nossa ex*? Tipo, a ex de vocês os três?

— Sim.

De repente, sinto uma pontada de ciúmes em relação à mulher. Ela ficou com os três. O Cole também a queria.

— Amava-la?

Ele acena com a cabeça, a remexer na asa da sua caneca.

— Todos a amávamos. Muito.

— Parece sério.

— Foi muito sério. Durou dois anos. Bem. — Ele faz uma careta. — A minha relação com ela durou dois anos. Os outros dois estiveram mais tempo com ela.

— Porquê?

Ele encolhe os ombros, tenso:

— Ela fartou-se de mim.

Fico de queixo caído.

— Como é que isso é possível?

Ele ri-se.

— *Du ser ut som en fågelholk*.

— O quê?

— Pareces uma casa de pássaros. — Ele fecha-me a boca com o nó do dedo. — És gira.

— Como é que alguém se pode faltar de *ti*? — atiro. Parece-me impossível. Ele é uma das pessoas mais enérgicas, divertidas e carismáticas

que alguma vez conheci.

Ele suspira pesadamente, dando um longo gole no *glögg*.

— Sei que é difícil de acreditar, mas sim, mesmo com tanto charme, inteligência e boa aparência, as pessoas continuam a aborrecer-se comigo. Não faz mesmo sentido.

Ele está a desviar o assunto. Eu toco-lhe no braço.

— Bem, eu acho que ela é louca por não te querer.

Ele resfolega.

— Ah, sim?

— Sim. Eu vi-te a descer as encostas há pouco. És inacreditavelmente talentoso. E és bonito e inteligente e doce e encantador...

— E tenho uma pila grande — acrescenta ele.

— ...Tens *uma pila mesmo grande*, Eli — reforço. — A sério, tens tudo para oferecer. Qualquer mulher, qualquer pessoa, teria de ser louca para não te querer na sua vida.

Ele baixa a cabeça, mas não consegue esconder o sorriso que se espalha pelo seu rosto.

— Obrigado, Sininho. És mesmo querida. — Ele bate com uma mão no balcão. — Vamos lá. Acaba a tua bebida e depois voltamos. Acho que eu e o Riven devíamos contar-te a história toda.

Quando voltamos à cabana, todas as luzes estão apagadas. Parece fria e vazia.

— Riv? — chama o Eli.

— Oi.

Chega-nos uma voz da mesa da cozinha. Viro-me para ver o Riv, debruçado sobre uma pilha de papelada no escuro. A sua voz soa abatida.

— Onde é que está o Cole? — pergunta o Eli.

Ele faz um gesto com a cabeça em direção à janela. Dá para ouvir um som constante de *trás* a chegar constantemente do exterior.

— A desfazer uma árvore inocente em pedaços.

— Ele está bem? — Eu desenrolo o meu cachecol que trago à volta da garganta.

O Riv encolhe os ombros.

— Vai ficar. Só precisa de cortar alguma coisa com o machado. — Passa uma mão pelo cabelo. Tem um ar tão triste e desgastado. Descalçando as botas, atravesso a sala e deslizo para o seu colo, passando os braços em redor do seu pescoço.

Ele fica hirtos de surpresa, mas depois descontrai.

— Ei — murmura ele, puxando-me para o peito.

— Estás bem?

— Porque não haveria de estar?

— Eu disse-lhe que íamos falar-lhe sobre a Johanna — diz o Eli, entrando na cozinha e acendendo as luzes.

O Riv franze o sobrolho.

— O quê? Porquê?

— Não achas que ela merece uma explicação, depois de hoje?

— Mas será que é boa ideia?

O Eli bufa.

— Achas que vai inspirar-se e ficar má, ou assim? Não vejo que haja problema em contar-lhe.

O Riven afasta-se ligeiramente, a ler a minha expressão. Eu fico calada. Estou desejosa por saber a história, mas não vou pressioná-los.

— Acho que não — diz o Riven, em voz baixa. — Mas vou precisar de uma bebida para ter esta conversa.

— É para já. — Viro-me e vejo o Eli a tirar um misturador de coquetel de um armário. — Estou a preparar das *fortes*.

Daisy



Vinte minutos depois, o fogo está a crepitar na grelha, estamos todos a beber um segundo uísque *sour* e já nos mudámos para o sofá. Estou sentada ao lado do Eli, a observar o Riven a sentar-se com rigidez. Parece um homem que acabou de ser condenado à morte.

— Vamos lá a isto, então — murmura ele.

Estico o braço e aperto-lhe a mão.

— Certo. — O Eli acaricia-me o braço. — Bem. Conhecemos a Johanna em Kiruna, há sete ou oito anos. Eu e o Cole estávamos a trabalhar num centro desportivo e o Riv estava a fazer o seu *allmäntjänstgöring*. — Aceno com ar conhecedor, e ele inclina a cabeça. — É tipo... o estágio que se faz depois da faculdade de medicina, para obter a licença. A Johanna mudou-se para o apartamento ao lado do nosso. Era bonita e doce. Apaixonámo-nos imediatamente por ela, e a coisa tornou-se séria bastante rápido. Nesse ano, passámos o Natal com a família do Riv, na América, os quatro.

— Oh! — Arregalo os olhos. — Vocês são abertos em relação a isso?

— Não é que estejamos a fazer algo que nos cause vergonha. Passaram-se dois anos, depois disso. Ela acabou por se faltar de mim e deixou-me, mas nessa altura vivíamos todos no mesmo apartamento, por isso ainda éramos colegas de casa. — Ele aclara a garganta. — Um dia, a polícia bateu-me à porta. Eu tinha alugado um carro nesse dia, e a empresa de aluguer encontrou um saco enorme de cocaína escondido nas costas de um banco. A Johanna também tinha usado o carro, mas estava alugado em meu nome, por isso acabei por ser preso. Ninguém acreditou em mim quando eu disse que não era meu, fui parar à cadeia, essa parte da história já conheces.

Aceno com a cabeça, apertando-lhe a coxa.

— Logo a seguir ao julgamento, a Johanna disse ao Riv que queria estar apenas com ele. Queria deixar o Cole e casar-se. E o Riv estava apaixonado por ela, por isso pediu-a em casamento, mudaram-se e começaram a planear o casamento. O único problema foi que, alguns meses depois, ela descobriu que estava grávida. Fez os cálculos e disse que o Cole era o pai.

Bebo um gole da minha bebida.

— Isto parece uma telenovela, ou algo do género.

— Ainda bem que estamos a entreter-te — diz o Riven, com ar de gozo.

O Eli dá-lhe uma cotovelada.

— O Riv não ficou muito entusiasmado com isso, mas é um risco, tendo em conta o que fazemos. Eles só ficaram juntos em exclusivo depois do noivado, por isso não foi como se ela o tivesse traído ou algo do género. —

Ele bebe o resto do copo. — O bebé nasceu. O Rickard. A Johanna e o Cole fizeram um acordo em que o Cole tomava conta dele aos fins de semana. Ele estava tão entusiasmado; converteu um quarto do apartamento num berçário, comprou todas as coisas para o bebé. E *depois*... — Faz uma pausa dramática. — Uma noite, quando o Cole estava a tomar conta do bebé, veio um homem bater-lhe à porta a dizer que era o *verdadeiro* pai do bebé. O Cole ficou furioso. Ele amava *mesmo* o miúdo. Quase espancou o homem no meio da rua. Quando a Johanna veio buscar o Rickard, ele contou-lhe o que tinha acontecido, e ela ficou estranha e na defensiva. Então, ele exigiu um teste de ADN, e eis que o Cole não era o pai.

— Ela andava a trair-te? — pergunto ao Riven. — Hum. Aos dois?

O Riven assente.

— Mas não percebo. Porque é que ela diria que o bebé era do Cole e não do Riven?

O Eli lança-me um olhar incisivo.

— O quê?

— O Riven é negro — diz o Eli, gentilmente. — O Cole é branco.

Eu sinto-me a corar.

— Oh, claro!

Dah!

— Não reparaste? — resmunga o Riven, dando outro gole profundo na sua bebida.

— Eu tento não olhar para ele.

O Eli ri-se.

— Seja como for, foi um golpe duro para o Cole. Mesmo *muito* duro. Foi como se tivesse perdido o filho. Ele desapareceu, simplesmente. Pegou em si e saiu da cidade. Entretanto, o Riven não conseguia acreditar que a noiva o andava a trair, por isso começou a vasculhar as coisas dela, à procura de provas. E adivinha o que encontrou?

— Tens de tornar isto tão interativo? — murmura o Riv. Olho para a cara dele. Os seus olhos estão marejados. Ele não está mesmo a gostar disto.

Afasto-me do Eli e vou aconchegar-me debaixo do seu braço, deitando a cabeça no seu peito. Ele beija-me o cabelo enquanto respira fundo.

— Ele encontrou saquinhos de cocaína — continua o Eli. — Um monte deles. Ela estava a guardá-la para uma festa em que ia participar.

É provável que os meus olhos estejam do tamanho de pratos.

— Ela armou-te uma emboscada.

— O meu pai sabia que o Eli estava inocente — força-se a dizer o Riven. — Ele defendeu a Johanna em tribunal de graça, porque os meus pais odiavam o facto de eu ter relações em grupo. Viram ali uma oportunidade

para me prenderem a uma mulher inteligente, bonita e educada. — Os seus dedos tamborilam no rebordo do copo. — O pai disse-lhe que tratava do caso *pro bono* se ela concordasse em deixar os outros dois e casar comigo. E eu caí na armadilha. — Ele engole com dificuldade. — Assim que me apercebi do erro, tentei visitar o Eli na prisão, mas ele não me quis receber. Encontrei-o meses depois de ele ter saído. Ele estava desempregado, a encharcar-se em bebida num quarto de motel.

— É muito difícil conseguir um emprego depois de uma acusação de tráfico de droga. — O Eli encolhe os ombros. — Mas não houve problema, porque, depois disso, ele resolveu tudo.

Eu dou um suspiro de alívio.

— Resolveu mesmo?

O Eli acena com a cabeça.

— Qualquer outra pessoa teria desistido de nós e seguido em frente. Mas o Riv encontrou o Cole em Estocolmo e trouxe-nos aos dois para aqui, onde crescemos. Arranjou-me um emprego como instrutor de esqui na estância. Apresentou-me ao proprietário. E comprou este sítio. — Ele faz um gesto que abrange a cabana. — Estava a cair aos bocados, mas arranjámo-la juntos. E o resto é história.

— Uau! — Encosto-me às almofadas do sofá. — Essa é a história da relação mais louca que alguma vez ouvi na minha vida. — Faz com que a minha péssima separação pareça canja. — Pelo menos tem um final feliz.

O Riven bufa. Eu olho para ele.

— Não achas?

— Não — diz ele, rapidamente. — Não é um final feliz. O Eli foi preso injustamente. O Cole perdeu um filho. Nada disso devia ter acontecido, mas eu deixei que ela me manipulasse.

— A culpa não foi tua, meu — protesta o Eli. — Por isso é que é manipulação.

— Eu percebo — digo eu. — Eu também já fui manipulada por um ex. Quando amamos assim tanto alguém, essa pessoa tem imenso poder sobre os nossos pensamentos. Nem sequer têm de entrar na tua cabeça; já lá estão.

O Riven franze o sobrolho, o seu olhar concentra-se em mim.

— Quem te manipulou?

Olho para baixo, examinando a rodela de laranja no fundo do meu copo. Por um segundo, penso em contar-lhes o que aconteceu com o Sam. Mas as palavras morrem na minha boca.

Não posso. Ia estragar tudo. Se eles soubessem, eu não poderia continuar aqui com eles.

— Foi só um ex que não queria que eu o deixasse. Foi há uns tempos. —

Aclaro a garganta, à procura de uma forma rápida de mudar de assunto. — Hum. Bem. Obrigada por me terem contado. — Pouso o copo e saio debaixo do braço do Riv. — Sabes, o Eli deu-me um presente, hoje.

O Eli sorri, animado.

— Dei mesmo.

— Queres ver?

— Está bem.

O Riven parece divertido.

— Só um instante.

Vou praticamente em corrida até à casa de banho para me refrescar, e depois vou a correr para o meu quarto para mudar de roupa. O Riv deixou o saco da *lingerie* em cima da cama e eu desdobro depressa o papel de seda branco e lúcido, tirando a combinação. Passo a mão sobre o tecido. É incrivelmente macio e sedoso, de um pêssego delicado, tipo sapatilhas de *ballet*. Enfio-me nele, sem me preocupar com a roupa interior, depois aplico um pouco de maquilhagem, passo um bocadinho de perfume no cabelo e passo os dedos pelos meus caracóis, soltando-os. Quando me vejo ao espelho, fico impressionada. Estou uma brasa.

Sinto uma pontada no estômago quando olho para o meu reflexo. Estou mesmo. Estou uma *brasa*. Estou uma brasa e estou sensual e até... bonita. Estico a mão, tocando no vidro com a unha.

Nunca o admitiria, mas antes de partir para a Suécia, achava que nunca mais iria voltar a sentir-me *sexy*. Nem sequer conseguia olhar para o meu corpo no duche. Toda a gente que eu achava que era minha amiga estava de repente a falar nas minhas costas, a chamar-me ordinária. Nas notícias, os jornalistas falavam como se eu fosse uma espécie de depravada. Para onde quer que fosse, sentia os homens a olharem para mim, a despirem-me com os olhos. Não sentia que o meu corpo fosse *sexy*; mas sim usado, como um bocado de sujidade no fundo de um balde de lixo.

Mas agora sinto que o meu corpo voltou a pertencer-me. Sinto-me corada, excitada e animada. E isso é incrível.

Imprimindo mais volume ao cabelo com as mãos, volto para a sala de estar descalça. Os rapazes estão a conversar debruçados sobre as suas bebidas. O Riven vê-me primeiro e fica paralisado a meio de uma palavra.

Daisy



O Eli olha para o lado.

— Oh, querida. Fica-te ainda melhor do que eu imaginava. — Ele estende-me a mão e eu avanço para os seus braços, deixando-o alisar o tecido sobre as minhas ancas com os dedos. — Meu Deus. És tão linda.

Oscilo em direção a ele, mas depois dou um salto quando sinto outras mãos nos meus ombros. O Riven vira-me suavemente para eu poder encará-lo, fazendo-me girar no meu lugar como uma bailarina. Passa os olhos por mim lentamente, absorvendo-me a um nível tão profundo que sinto o calor a subir-me às faces. Ele repara e levanta a mão para passar o polegar sobre a minha bochecha, com a sua maçã de Adão a agitar-se.

— Tu tens bom gosto — diz ele ao Eli, com a boca seca.

O Eli não responde, está demasiado ocupado a alisar a seda sobre o meu rabo com as mãos. Segura as minhas nádegas, apertando-as, e depois dá-me um pequeno beliscão que me faz estremecer. O Riven enfia um dedo por baixo de uma das tirinhas rendadas, puxando-a do meu ombro. Depois, puxa-me para mais perto e enterra a cara nas minhas mamas. Chego mesmo a soltar um grito, arrebatada pela sensação dos seus lábios quentes a percorrerem-me a pele sensível. Sinto a aspereza das suas faces cobertas de barba por fazer contra mim, enquanto ele usa a boca no meu decote, respirando com dificuldade.

Atrás de mim, o Eli desliza uma mão pelo interior da minha coxa, alcançando o ponto entre as minhas pernas. Ele passa dois dedos entre as minhas dobras e arqueja ao respirar:

— Querida. Estás *encharcada*.

Eu tremo e não digo nada enquanto ele passa o polegar pela minha entrada, provocando-me, até que descrevo um arco com as ancas na sua direção. Ele levanta a bainha da camisola e mordisca-me a nádega, arrancando-me um grito.

— O que queres? — diz o Riven, beijando-me o peito. Os meus olhos fecham-se enquanto ele lambe o tecido sedoso da combinação, molhando a minha pele sensível por baixo.

— Tu. Os dois. Agora.

— Porque é que não comesas tu? — diz o Eli, afastando-se devagar. Eu observo, enquanto ele volta a esparramar-se no sofá, passando um braço atrás dele, e lambe preguiçosamente os dedos. — Estou a gostar muito da vista.

O Riven olha para mim e eu aceno com a cabeça, passando uma mão pelo seu cabelo encaracolado.

— Preservativo? — diz ele.

Eu pondero. Já tivemos a «conversa da proteção»; o Riv trouxe os

resultados das análises ao sangue dos dois, e eu fiz testes assim que acabei com o Sam. Há dois anos que uso DIU, por isso podemos fazer o que quisermos.

O que quisermos.

Eu quero muitas coisas.

— Quero que te venhas dentro de mim — decido.

O Riv solta um ruído do fundo da garganta, depois passa os braços à volta da minha cintura e levanta-me do chão. Eu grito quando ele me faz girar e me encosta à parede, de modo que o seu peito fica encostado às minhas costas e a sua ereção roça entre as minhas nádegas. Deslizando uma mão por baixo da combinação, ele passa os dedos entre os meus lábios menores.

— Estás tão molhada — murmura.

Pressiono-me contra ele e dou um grito quando se encosta a mim, posicionando o pénis contra o meu sexo trémulo. As suas mãos percorrem-me toda, tocam-me no rabo, apertam-me as ancas, e eu fecho os olhos, sentindo ondas de dormência a viajarem pela minha pele. A sua cabeça dura insinua-se entre as minhas pernas, provocando-me até eu começar a balançar-me para trás, tentando trazê-lo para dentro de mim. O Riv pragueja em sueco ao ceder e avança lentamente para dentro de mim. Sinto que estou a abrir-me para ele, a desabrochar como uma flor. Ele introduz o membro grosso em mim, centímetro a centímetro, e a minha boca vai-se abrindo perante a sensação de plenitude intensa. As minhas mãos voam. Aperto os seus bíceps tensos e trementes e, por um momento, ficamos imóveis.

— É bom? — sussurra ele, e eu aceno com a cabeça.

— Por favor. Por favor, por favor.

Ele apoia uma mão na parede e deposita um beijo na minha nuca.

— Linda menina — sussurra ele, e então começa a foder-me com investidas fortes e profundas. Atiro a cabeça para trás, contra o seu ombro, enquanto ele me penetra com vigor, a derreter-me no seu abraço. Não posso fazer muito mais; mal me aguento de pé. Os seus dedos prendem as minhas ancas e sinto os músculos do seu peito e dos seus braços a fletirem-se enquanto ele me penetra, o seu falo duro a deslizar contra as minhas paredes sensíveis uma e outra vez. Encolho os dedos dos pés e sinto-me a sufocar ao sentir que a libertação já está a agitar-se dentro de mim, a pairar sobre a minha cabeça, fora do meu alcance. Contorço-me, mas não consigo lá chegar.

— Mais — grito.

Ele obedece, pressionando-me ainda mais contra a parede. Os meus seios são esmagados contra os painéis de madeira. O seu hálito quente ofega contra o meu pescoço enquanto ele acelera o ritmo, colidindo contra mim. Começo a gemer sem parar, à medida que cada investida me aproxima um pouco mais

do limite. O Riv lambe o dedo, depois desce a mão e passa-o sobre o meu ponto de tensão.

É demais. Eu sacudo-me contra ele.

— Oh, *Deus*, Riv...

— Shh — sussurra ele, mordiscando-me o lóbulo da orelha. Começa a acariciar-me suavemente entre as pernas, ao ritmo das suas investidas. O seu toque é provocador e frustrante, demasiado ténue para fazer outra coisa que não seja inflamar-me ainda mais. Contorço-me contra ele, arquejo e suspiro. Ele continua a atingir naquele ponto perfeito dentro de mim, a castigar os nervos sensíveis, fazendo com que o prazer me percorra. Quando penso que já não aguento mais, que *estou prestes a matar este homem*, ele cede e passa o polegar sobre o meu clítoris. Eu solto uma espécie de grito quando sou atingida pelo clímax, que explode no meu estômago e sai disparado por todo o meu corpo. Desabo contra o peito do Riv e ele segura-me enquanto eu tremo e me contorço, ainda a ir ao encontro da sua pila, agarrada ao seu antebraço. As suas investidas estão a ficar trémulas e irregulares. Ele está perto, mas está a tentar conter-se. Eu empurro o rabo na sua direção, esfregando-me nele enquanto o meu clímax se desvanece, e acho que ouço o Eli assobiar ao fundo.

— Tens a certeza? — arfa o Riven, contra o meu ouvido.

— *Sim*. Meu Deus, *vem-te*, Riv. Vem-te em mim.

Grito quando ele enterra os dedos nas minhas ancas e se solta por fim. A sua libertação é um estremecimento de corpo inteiro e o calor espalha-se pelo meu ventre enquanto ele se derrama dentro de mim, enchendo-me a fundo. Fecho os olhos. A sensação é incrível. Ele continua a investir contra mim enquanto se vem, bate no meu ponto G e arqueja no meu cabelo. Contudo, eventualmente, as suas investidas abrandam até parar. Ficamos os dois de pé, ofegantes, as nossas ancas ainda a descreverem ligeiros movimentos circulares uma contra a outra. Ele roça os lábios pelo meu pescoço, pelos meus ombros, a sua respiração quente a embaciar a minha pele arrepiada.

— És um sonho — diz ele.

— Bom espetáculo? — chamo debilmente o Eli por cima do ombro.

— Os críticos dão-lhe dez em dez. — Ele levanta-se, sacudindo os caracóis ruivos para longe dos olhos. O seu lábio inferior está vermelho, como se o tivesse mordido, e está a respirar pesadamente. Pega na minha mão. — Acho que é a minha vez.

O Riv encosta os lábios à minha nuca e depois afasta-se devagar. Esfrego as coxas uma na outra, a tentar mitigar o vazio que ele deixou. Uma humidade quente e pegajosa escorre pelas minhas pernas e eu sorrio. Todo o meu corpo está a zumbir. Sinto-me quente como tudo.

O Eli solta-me suavemente dos braços do Riv e puxa-me para um abraço apertado. Honestamente, eu estava à espera de que ele me atirasse para o sofá, por isso o gesto é de uma doçura que me derrete o coração. Aconchego-me a ele, sentindo a respiração acalmar.

— Como é que queres, querida? — sussurra ele no meu ouvido. — Por trás?

— De costas — peço-lhe. — Quero ver a tua cara.

— Quem não? — Ele sorri, empurrando-me para o sofá. Fico estendida de costas, com as pernas sobre o braço do sofá. O Riv, ainda a suar e a respirar com dificuldade, põe um par de almofadas debaixo dos meus ombros enquanto o Eli se posiciona entre as minhas pernas. Eu encaixo os calcanhares no V musculado das suas costas, tentando puxá-lo para mim, e ele esfrega a sua ereção nos meus lábios, fazendo-me gemer e contorcer-me.

— Eli... por favor...

— Vamos lá, querida. Deixa-me molhar-me um bocadinho primeiro. Não quero que fiques dorida.

Ele rebola as ancas outra vez, espalhando a minha humidade ao longo do seu comprimento. Não sei como é que ele está a conseguir esperar. Está tão duro que deve ser doloroso, o membro grosso parece ruborescido e suplicante. Enquanto observo, ele estende a mão para baixo e aperta os testículos, com um ar de desconforto a atravessar-lhe o rosto. É provável que o coitado tenha passado metade do dia com uma ereção.

— Está a doer?

— Como tudo. Preferia que me dessem um pontapé nos tomates. — Sorri. — Mas não vai ser por muito mais tempo, certo? — Ele passa a mão entre as minhas pernas. Eu tremo, soltando um gemido quando ele acaricia as minhas pregas escorregadias, e o seu sorriso fica ainda mais largo. — Estes *barulhos* que fazes. Posso gravá-los? Fazer de ti o meu alarme matinal?

— Não, de maneira nenhuma.

O Riv recosta-se no cadeirão e fica a ver. Pelo canto do olho, vejo-o a acariciar-se até ficar duro. Engasgo-me quando o Eli me dá um pequeno beliscão.

— *Elias Sandahl* — digo, por entre dentes cerrados. — Entra em mim. Agora.

Ele ri, posicionando-se. Ele não precisa de ir com calma como o Riv fez; eu já estou solta e a arder por ele. Em vez disso, ele agarra-me nos joelhos, afasta-os e depois penetra-me de uma só vez. Eu ofego, todos os nervos do meu corpo ganham eletricidade quando ele se lança num ritmo punitivo, com investidas constantes, e incendeia as minhas entranhas.

— Mais acima — gemo. Ele levanta um pouco os meus quadris,

atingindo um ângulo melhor, e eu quase derreto no sofá. — Oh... Por favor... Por favor... Por favor...

É tudo o que consigo dizer, enquanto ele avança em mim. A sensação é incrível.

Estou tão distraída que mal reparo no ranger da porta da cozinha a abrir-se. Só me apercebo quando o Eli para a meio da investida. O meu coração afunda-se. Lentamente, inclino a cabeça para trás para ver o Cole, parado à porta da cozinha, com um copo na mão. Ele está sem camisa, usa apenas um par de calças de ganga. O seu cabelo louro está húmido e os olhos azuis brilhantes parecem enormes enquanto me olha. Porra, o gajo é um matulão. Os seus abdominais são como uma pilha de tijolos empilhados uns sobre os outros e os braços estão cheios de músculos. Olho para o ombro dele e vejo que o Riv já lhe removeu os pontos; a mordida já se transformou numa cicatriz avermelhada. Combina na perfeição — ele tem cicatrizes por todo o lado, umas novas, outras antigas. Parece uma espécie de guerreiro *viking*.

Ele não diz nada quando os meus olhos voltam, por fim, para o seu rosto. Os outros ainda estão imóveis à minha volta, à espera de que eu diga alguma coisa.

Estendo-lhe a mão.

— Queres juntar-te a nós?



Todos os músculos do meu corpo ficam estáticos enquanto observo a cena à minha frente. Aperto o copo com mais força.

Estou cansado. Depois de ver a Johanna e o miúdo na cidade, voltei para casa e cortei lenha para um mês. Nem sequer precisamos dela, mas precisava de uma tarefa física.

Agora estou exausto, mais do que pronto para me deitar. Só vim aqui para beber água, mas, em vez disso, encontro os meus três colegas de casa a fornicarem freneticamente na sala de estar.

De repente, já não me sinto tão cansado.

A Daisy passa a língua pelos lábios e estende-me a mão.

— Queres juntar-te a nós? — pergunta, a sua voz rouca e profunda.

Passo lentamente os olhos por ela. O Riv e o Eli deram cabo dela. A pele está corada e reluz de suor, e o seu cabelo castanho cai em caracóis emaranhados em redor do rosto. Está de *lingerie* — uma peça pálida e sedosa. Contemplo as suas mamas que tremem contra a renda do decote, conforme ela respira.

— É o que queres? — acabo por perguntar. Tenho sido tão rude com esta rapariga. Não há razão para que ela queira ter alguma coisa a ver comigo.

Mas ela morde o lábio e acena com a cabeça, os olhos descem para a protuberância crescente nas minhas calças de ganga.

— Muito.

Eu pondero por alguns segundos, depois aceno com a cabeça, avançando um passo. O Eli prepara-se para se levantar com gentileza, oferecendo-me o lugar entre as pernas dela, mas eu sacudo a cabeça.

— Não. — A Daisy está estendida no sofá, com a cabeça encostada ao braço. Eu aproximo-me do seu rosto. — Quero a tua boca.

Os olhos dela escurecem. Acerco-me e toco com o polegar no seu lábio inferior.

— Queres? — pergunto de novo.

Ela acena com a cabeça, devagar. Passo a mão pela sua garganta, passando pela clavícula e por entre as suas mamas macias. Ela contorce-se debaixo de mim enquanto os meus dedos deslizam sobre o tecido escorregadio, e olha para mim por baixo das pestanas. Os meus dedos brincam com um dos seus mamilos, fazendo-a suspirar.

— Então tira isso.

Puxo a alça da camisa de dormir dela. Ela senta-se e tira-a e eu volto a posicionar-me atrás da sua cabeça, abrindo o fecho das calças de ganga. Já

estou dolorosamente duro.

— Tu também — diz ela.

— O quê?

Ela faz uma careta.

— O quê, achas que vais abrir o fecho das calças e foder-me com metade da roupa vestida? Se eu estou nua, toda a gente tem de estar.

Fico a olhar para ela. Ela retribui o olhar, estreitando os olhos. Devagarinho, empurro a cintura das calças de ganga para baixo, deixando-as cair no chão. Os olhos dela recaem entre as minhas pernas e os seus lábios separam-se.

— O teu ego vai rebentar com a cabana se eu fizer um comentário ao seu tamanho enorme?

Eu grunho.

— Vais conseguir. Abre a boca.

Ela inclina a cabeça.

— Quando foi a última vez que fizeste sexo?

— Há algum tempo.

— Nota-se, falinhas mansas. Pareces o raio de um dentista — grita ela, de repente, quando o Eli, que estava a morrer em silêncio, meio enterrado nela, aparentemente decide que não aguenta esperar mais. Ele agarra-a pelas ancas e investe.

— Vocês os dois podem namoriscar *enquanto* eu a fodo? — murmura ele, por entre dentes cerrados. — Estou a perder a vontade de viver.

Ele rebola as ancas, esmagando-se contra ela, e a cabeça da Daisy cai para trás com um suspiro. Continuo a acariciar-me, apreciando a vista por um momento, antes de ela tentar agarrar-me. Ajudo-a a levar a cabeça da minha pila até aos lábios. Ela brinca com ela durante alguns segundos, beijando a ponta, passando a língua pela fenda. Fecho os olhos enquanto ela me lambe, desde os testículos até ao pénis, e depois acolhe-me lentamente na boca, sem quebrar o contacto visual enquanto desce os lábios pela minha pila. Eu solto um silvo. A boca dela é incrível, escaldante e incrivelmente macia. Achei que ela ia ficar-se pela cabeça, mas ela continua, puxando-me quase por inteiro para dentro da boca.

— Não te magoes — murmuro. Ela revira os olhos, indo ainda mais fundo. Eu solto suavemente uma imprecação por entre a respiração, enquanto deslizo contra a parte de trás da sua garganta. Jesus. Será que a rapariga não se engasga?

Lentamente, ela recua, depois volta a avançar, com a cabeça a balançar. Juro que sinto estrelas a explodir atrás dos meus olhos.

Ela fecha os olhos e cantarola ligeiramente enquanto o Eli lhe levanta

uma perna mais alto e começa a investir ainda mais fundo nela. Seja lá o que for que ele esteja a fazer, é evidente que está a fazê-lo bem; a cada vez que ele avança dentro dela, ela contrai a respiração e o corpo inteiro agita-se. Meu Deus. Estou a adorar. Adoro sentir na sua boca as reações que ele lhe arranca ao fodê-la.

— Sabes. — Enrosco os dedos debaixo do seu maxilar. — Acho que gosto mais de ti quando não podes falar.

Ela recua e diz algo que soa muito a *«queres levar uma dentada»*? Mas eu não consigo prestar atenção, porque as vibrações que percorrem a minha pila estão a deixar-me o cérebro morto. Agarro-lhe na cabeça, forçando as minhas ancas a ficarem quietas e a não baterem na sua boca. É provável que ela não achasse graça a isso.

De repente, ela começa a gemer alto, arfando ao meu redor. Eu sinto o seu corpo a contrair-se e olho para cima, para ver o Eli a esmagar os tomates contra ela. Ela estende uma mão, a debater-se por ar e, sem pensar, aproximo-me e aperto os seus dedos entre os meus. Ela agarra-se à minha mão, os gemidos vão ficando cada vez mais altos, e então o seu corpo arqueia-se por completo e estremece quando ela se vem, aos gritos.

Caraças. Enrosco a mão livre no seu cabelo e recuo um pouco, para que ela não se engasgue. Nunca, durante todo o tempo em que fizemos isto, senti uma rapariga vir-se enquanto me tinha na boca. O orgasmo abate-se sobre ela em ondas, deixando-a a tremer, corada e quente, a arfar à minha volta. Aperto-lhe a mão durante o tempo todo, a beber aquela visão.

Eventualmente, ela acaba por se acalmar embora continue a soltar pequenos queixumes. Solto-lhe a mão, acaricio-lhe o cabelo comprido e o Riv avança, batendo palmas com as mãos. Ele já se veio, a julgar pela substância pegajosa que reluz entre as coxas da Daisy, mas está outra vez com tesão. Não posso censurá-lo, depois daquele espetáculo. A Daisy tenta alcançá-lo, indicando-lhe o lado do sofá. Quando ele se aproxima o suficiente para ela conseguir tocar-lhe, ela envolve-o com a mão e começa a acariciá-lo com força e rapidez. Ele engasga-se e passa uma mão pela boca.

Passam-se alguns segundos descoordenados durante os quais ela tenta manter o ritmo de o masturbar enquanto me chupa e é penetrada pelo Eli. Depressa percebe que não está suficientemente coordenada, e retira a boca, beijando-me desajeitadamente até à ponta da pila, lambendo e chupando a cabeça.

— Fode-me na boca — murmura ela, rouca.

Eu engulo em seco. O meu pénis contorce-se contra os seus lábios, e ela sorri.

— Não quero magoar-te — respondo, brusco.

— *Anda logo* — ordena ela. Quando hesito, ela olha-me fixamente. — Se eu digo que consigo aguentar, é porque consigo.

Soltando um gemido profundo, agarro-lhe a cabeça, seguro-a com firmeza e introduzo-me na humidade quente da sua boca. Uma. E outra vez. Tento não ir muito fundo, mas ela nem sequer treme quando perco o controlo e as minhas ancas se impulsionam para a frente. A sensação é incrível, ela a tremer debaixo de mim enquanto o Eli continua a martelar nela. E, nesse tempo todo, ela continua a friccionar o Riven.

Parece que é mais do que ele consegue aguentar. Ele inclina a cabeça para trás, com o maxilar quadrado a cerrar-se.

— Posso...

— Vem-te nas minhas mamas — sopra ela, torcendo a mão sobre ele. Ele agarra o braço do sofá com uma mão, para se apoiar. Os músculos largos dos seus braços sacodem-se quando ele sibila por entre os dentes e se derrama sobre o peito dela. A Daisy contorce-se e suspira debaixo dele, espalhando o seu esperma na pele, e a imagem é demasiado para mim. Sinto os testículos a formigarem e a contraírem-se dolorosamente.

Não consigo aguentar muito mais tempo. Puxo a cabeça dela para trás para que ela olhe para mim. Ela está a acenar ainda antes de eu abrir a boca.

— Sim.

Aceno com a cabeça, cerrando os dentes enquanto a penetro mais uma, duas, três vezes...

Perco o controlo.

Sinto que estou a esvair-me na sua boca, o meu esperma quente a deslizar-lhe pela garganta. Ela fecha os olhos ao engolir, ainda a chupar-me, e a visão é tão lasciva que não consigo deixar de me esfregar contra a sua cara. Parece que não me vinha há anos, sinto toda a tensão a deixar o meu corpo enquanto me derramo nela, mas ela não recua quando tenho um espasmo na sua boca. Na verdade, parece que até gosta. Começa a gemer à minha volta outra vez, a olhar para mim, a contorcer-se contra as almofadas do sofá em que está deitada, enquanto as suas bochechas ganham um tom vermelho. Pelas suas coxas trémulas, percebo que está a preparar-se para outra libertação. O meu cérebro ainda está enevoado de endorfinas, mas inclino-me e começo a apalpar-lhe as mamas, dando um puxão forte num dos mamilos. Ela grita, arqueia-se e vem-se outra vez com um grito, a boca aberta enquanto é percorrida de espasmos. À minha frente, o Eli grita enquanto se agarra às coxas dela e explode no seu interior, com o corpo todo a tremer. A Daisy continua a vir-se ao mesmo tempo, a gemer e a ofegar debaixo de nós os dois. Aperto-lhe os seios, sentindo o seu coração a martelar debaixo dos dedos, e ela torce-se, agarra uma vez mais a minha mão e aperta-a com força.

Por fim, ela acalma-se. Ficamos todos em silêncio durante alguns segundos, ofegantes. Esfrego os olhos e retiro-me cuidadosamente da boca dela. Sinto-me o mais leve que me senti em anos. Todas as cores da sala parecem demasiado radiosas à minha volta, como se estivesse num sonho.

A Daisy suspira por baixo de mim, enroscando-se no sofá.

— Sonhei com isto — diz ela, sem fôlego, limpando os lábios vermelhos com as costas da mão. — Vocês todos juntos, assim. Eu sonhei com isso. — Ela puxa a minha mão e prende-a debaixo da bochecha como se fosse uma almofada, depois inclina os lábios para mim. — Beijas-me?

Eu hesito. Jesus, eu quero. Ela tem um ar tão doce, assim deitada debaixo de mim. Nem sequer me lembro da última vez que beijei alguém, mas os meus olhos são atraídos para a sua boca macia como ímanes. Aclaro a garganta.

— Eu não beijo as raparigas com quem durmo.

— O quê, nunca?

— Não.

— Tens muito mau hálito, ou algo assim? — Reviro os olhos. Ela estica-se. — A sério, acabei de te chupar e nem sequer me dás um beijo?

— Não.

Ela franze ligeiramente o sobrolho.

— És esquisito, Ursinho — sussurra ela, encostando a bochecha à minha mão.

— Não me chames Ursinho.

Ela cantarola. Os seus olhos fecham-se.

Eu levanto uma sobrancelha.

— Cansada?

— Ela é pior do que nós — diz o Eli. — Quer sempre adormecer logo a seguir. — Ele aperta-lhe o arco do pé e ela estremece deliciosamente. — O que é que tu queres, Sininho?

— Conchinha! — ordena ela, estendendo os braços dramaticamente. Os outros dois riem-se.

Eu retiro a mão e afasto-me, odiando a forma como ainda estou ligeiramente a tremer. O Riven e o Eli enroscam-se à volta dela, enquanto eu apanho as minhas calças do chão. O Riven limpa-lhe a pele, enquanto o Eli lhe dá beijos no cabelo, com sons suaves e reconfortantes. Ela sorri sob as mãos deles, deliciando-se com a atenção.

Ainda em tronco nu, vou-me embora, deixando-os a sós. Eu não faço conchinha depois do sexo. Não dou mimos. Se ela quer beijos, carícias e conforto, o Riven e o Eli tratam disso.

— Fica — diz ela em voz baixa, enquanto me dirijo para a porta.

Detenho-me junto à porta, com o coração a bater no peito. — Por favor? — sussurra ela. — Não precisas de te aninhar em mim. Ou de me beijar. Podes simplesmente ficar.

Cerro os dentes e vou-me embora.



O s dez dias seguintes passam num borrão. O céu mantém-se limpo de tempestades; e eu, o Cole e o Eli seguimos as nossas rotinas com normalidade. O Eli vai até às pistas de esqui para dar as suas aulas particulares. Eu dirijo-me às povoações vizinhas para visitar os doentes. O Cole passa os dias a cortar lenha e a cumprir os seus deveres como guarda-florestal. Todas as noites, comemos juntos, convivemos durante algumas horas e depois vamos para a cama. É uma rotina familiar.

Mas agora, com ela, tudo é diferente. As coisas aborrecidas que eu odiava, como limpar a neve e lavar a louça, são de repente excitantes só porque ela está por perto. Quando estou a assinar receitas ou a tratar de papelada, ela está enrolada no canto do sofá, ou a cantarolar para si própria nos corredores. Todas as noites, em vez de se deitar sozinha numa cama fria, dorme entre mim e o Eli, exausta e a luzir com um rubor pós-sexo.

Já a tivemos em todas as posições possíveis, por toda a casa. Ela gritou os nossos nomes em todas as divisões da cabana. Tocámos em cada centímetro do seu corpo. Às vezes, o Cole junta-se a nós, outras vezes não. Há uma tensão abrasadora entre ele e a Daisy que parece ficar mais forte a cada dia que passa. Ele continua a recusar-se a beijá-la e só dorme com ela quando eu ou o Eli também lá estamos. Estava com receio que isso a irritasse, mas acho que a Daisy vê a sua indiferença como um desafio; ela tem tentado cada vez mais encurralá-lo e apanhá-lo a sós. Ele está a resistir, mas é apenas uma questão de tempo até ceder. Qualquer idiota consegue ver que ele está mortinho por lhe tocar.

Mas não se trata apenas de sexo. Nunca vi os outros dois tão felizes. Especialmente o Eli. É evidente que ele está a apaixonar-se por ela. A primeira coisa que ele faz quando chega a casa do trabalho é ir atrás dela e abraçá-la. Está sempre a trazer-lhe coisas, sabonetes, chocolates e presentes que vai buscar às lojas da estância. Os dois conseguem passar horas juntos, a rir, a brincar e a namoriscar.

O Cole é mais difícil de ler, mas vejo-o mais relaxado agora do que vi em anos. Ele tem passado muito tempo no celeiro, a fazer mais telas para ela. Atualmente, está a trabalhar num novo conjunto de gavetas para ela poder guardar as tintas todas. Não sei bem porque é que ele se está a incomodar. Não é que ela vá ficar tempo suficiente para as usar. Estamos todos a ignorar o facto de que isto é temporário. Ela vai-se embora em breve e vamos ficar sozinhos de novo.

Acabamos por discutir o assunto na quinta-feira à noite. Depois de algumas horas debruçada na cama à vez, por cada um de nós, a Daisy adormece, exausta. São apenas oito da noite, por isso deixamo-la aninhada no quarto do Eli e mudamo-nos para o meu, para não a incomodarmos. O Eli estende-se na minha cama, a bater com uma bola de borracha contra a parede. O Cole anda de um lado para o outro, quase a abrir um buraco no meu tapete. Estou a tentar concentrar-me no meu exemplar de *A Ilha do Tesouro*.

É uma rotina confortável. Não consigo imaginar quantas vezes passámos tempo assim no quarto uns dos outros, desde que éramos crianças. Mas hoje o ambiente está tenso. Quando estávamos todos deitados na cama do Eli, a tentar recuperar o fôlego, a Daisy anunciou, sonolenta, que as suas encomendas estavam acabadas e secas, prontas para serem enviadas no dia seguinte. Ela só está à espera do pagamento final.

Todos nós sabemos o que isso significa. E nenhum de nós está contente com isso.

O Cole para de andar abruptamente junto à janela, a olhar para a neve, e rosna qualquer coisa.

— Usa palavras humanas, Nalle — murmura o Eli. — Já falámos sobre isto. Nós não falamos urso.

Ele levanta a voz.

— Ela podia ficar.

Eu levanto os olhos do meu livro.

— O quê?

— Ela podia ficar aqui — repete o Cole.

— Tipo... oficialmente? — pergunta o Eli. — Pedimos-lhe que se mude para cá e namore connosco?

O Cole faz um pequeno aceno de cabeça. Os dois olham para mim.

O meu estômago revira-se.

— Não me parece que seja boa ideia — digo, devagar.

O Eli bufa.

— Claro que *não* achas. Mas eu duvido seriamente que ela seja uma Johanna 2.0. A não ser que sejamos, literalmente, os homens mais azarados do planeta.

Eu tiro os óculos e esfrego os olhos.

— Não é só isso. Pensa. Ela tem um emprego. Estudantes. Tem uma vida para a qual precisa de voltar. Não podemos pedir-lhe que deixe Londres e venha viver para o *Círculo Polar Ártico*.

O Eli senta-se. Está todo desganhado. A *t-shirt* está amarrotada, o cabelo está praticamente em pé desde que a Daisy enrolou os dedos nele, e tem chupões por todo o pescoço.

— Como é óbvio, podemos *perguntar-lhe*.

Abano a cabeça, com as têmporas a latejar.

— Mesmo que ela dissesse que sim, ficaria infeliz. Ela está a divertir-se agora, porque está de férias. Mas não conhece a língua. Não poderia trabalhar. Não teria amigos. Ficaria completamente isolada da sociedade. Ficaria aqui fechada com os três, o dia todo, todos os dias. Iria sentir-se encurralada. E iria começar a odiar-nos.

— Mas...

— Sabíamos desde o início que isto ia ser temporário — digo, o mais gentilmente possível. — Vocês prometeram-lhe isso.

O Eli olha para baixo. Um músculo treme na mandíbula do Cole. Uma vez. Duas vezes.

Ele vira-se e sai, deixando a porta fechar-se atrás de si.

No dia seguinte, as previsões dizem que se aproxima outra tempestade. Passo o dia na cidade, a despachar as encomendas da Daisy, a ver como estão as pessoas e a comprar comida fresca para nos precavermos. Quando volto a estacionar na cabana, a neve recomeçou a cair e já está a ficar preocupantemente espessa. Tiro as compras do porta-bagagens e dirijo-me para a casa, mas só a meio do caminho é que o meu telemóvel começa a tocar no bolso. O velho casebre de pedra fica ali perto, por isso entro lá para dentro para atender a chamada.

— Estou?

— *Alô* — diz um homem em sueco. — *É o Ulf*.

O mecânico.

— Ulf — cumprimento-o. — Porque me estás a ligar? Não estás doente, pois não?

— *Não, não, estava a ligar por causa do carro da rapariga. Sei que ela está em tua casa e não atendeu o telefone nas últimas horas.*

Já tinha reparado nisso na Daisy. Mesmo quando temos sinal, ela é péssima a atender o telemóvel. Na maior parte das vezes, deixa-o desligado, a acumular mensagens de texto e *e-mails*.

— Acho que ela deve estar ocupada.

— *Bem, o carro dela está pronto para ser recolhido. Mas terá de ser depois de a próxima tempestade passar. Parece que já começou.*

Olho para o céu branco.

— Não está assim tão mau aqui.

— *Vai ficar* — avisa ele. — *A minha mãe vive mais a norte, a tempestade já a atingiu. Ela diz que é a pior que tivemos durante todo o inverno. Vocês deviam manter-se em segurança. Tenham todos os mantimentos à mão.*

— Vou lembrar-me disso. E obrigado pelo trabalho no carro da Daisy.

— *De nada. Adeus.*

— Fica bem.

Desligo e volto a enfiar o telemóvel no bolso. O meu coração está a bater forte.

O carro dela está pronto. Ela pode ir-se embora.

Ela vai-se embora.

Volto para dentro. Preciso de a encontrar e de lho dizer. Não sei exatamente onde ela está — o Eli mandou-me uma mensagem há pouco, a dizer que ele e o Cole iam à aldeia vender umas peles, mas presumo que não tenham levado a Daisy na carrinha. Duvido que ela gostasse de partilhar o banco de trás com um monte de peles de animais.

A primeira divisão que vou espreitar é a sala de pintura, mas ela não está lá. Dou uma vista de olhos rápida pelo quarto, maravilhado com a quantidade de trabalho que ela conseguiu fazer em apenas algumas semanas. Não percebo muito de arte, mas o trabalho dela continua a deixar-me sem fôlego. O quadro equilibrado no cavalete mostra as montanhas ao amanhecer; grandes faixas de azul, prata e branco, com a luz dourada do sol a escorrer pelas fendas da rocha e da neve.

Estou prestes a sair, quando reparo no retrato equilibrado contra a parede no canto da sala. O meu coração para.

É um retrato meu.

Na verdade, de todos nós. Eu, o Eli e o Cole, todos sentados à volta da mesa na sala de estar, a rir com os nossos copos de *Snaps*. As nossas caras estão iluminadas a laranja à luz da lareira, e a janela atrás das nossas cabeças mostra um nevão branco lá fora. O pormenor é incrível. Ela reciou a cor exata dos olhos do Eli, e a boca sardónica do Cole. Há um pequeno pedaço de papel preso na parte inferior da tela. Inclino-me para ver mais de perto. Com um lápis ténue, ela escreveu a palavra *Casa*, com a data de hoje. A minha garganta aperta-se com tanta força que mal consigo engolir.

Ela considera este sítio como a sua casa?

Os meus pulmões parecem-me demasiado pequenos. Passo uma mão sobre a boca. Se isso for verdade, então talvez o Cole e o Eli estejam certos. Talvez ela queira mesmo ficar aqui. Talvez, se eu pedir, ela não diga que não.

Olhando uma última vez para o quadro, volto para o corredor.

Por fim, encontro-a no quarto do Eli. Ela está na cama dele, enrolada, a mexer no seu *tablet*. Ela olha para mim.

— Riv! Como correu o trabalho? Pareces congelado.

— Acabei de chegar. O trabalho foi ótimo. — Passo os olhos por ela. — Porque estás deitada? Senteste bem?

Ela geme.

— O Eli preparou imensa comida. Acho que preciso de hibernar para digerir tudo.

Os meus lábios contorcem-se.

— Ele acha que, se te engordar, aumenta as tuas hipóteses de sobreviver aqui em cima.

— Será?

— É possível.

— Pensei que ele só queria que eu tivesse um rabo maior — murmura ela. — Enfim. Não me estou a queixar.

Ela boceja, espreguiça-se delicadamente e depois enrola-se numa pequena bola. O seu cabelo está solto e espalhado pelas almofadas em ondas soltas, cor de chocolate. Fico na ombreira da porta a observá-la. Não consigo mexer-me.

Não quero mesmo, mesmo nada, contar-lhe sobre o carro.

Não a quero perder, apercebo-me disso. Não consigo suportar a ideia de nunca mais a ver.

— É difícil dormir quando estamos a ser observados de forma assustadora — murmura ela para a almofada.

Aclaro a garganta.

— Desculpa. Posso aquecer-me contigo?

O sorriso dela ilumina-lhe todo o rosto. Ela estende os braços.

— Por favor.

Tiro a camisola e as meias e deito-me na cama ao lado dela. Ela aconchega-se no meu peito e eu envolvo-a com os meus braços, puxando-a para junto de mim.

— Estás tão frio — sussurra ela, inclinando o rosto para cima para me beijar o pescoço. Ela dá-me beijinhos rápidos e vibrantes que sobem e descem a minha garganta, os seus lábios mal roçam a minha pele. Sabe bem, mas não retribuo.

Ela franze o sobrolho e afasta-se.

— Espera. Não foi um convite?

— Estou só... — Fecho os olhos. — Só quero abraçar-te.

— Oh — sussurra ela. — Está bem, então. — Aconchega o rosto no meu pescoço. — Abraça-me.

Meu Deus, ela é tão fofa.

— Querida.

— *Querida*. — Ela aconchega-se melhor. — Gosto disso.

Eu ganho coragem.

— Tenho uma coisa para te dizer.

— Hum?

— Recebi uma chamada do mecânico. O teu carro está pronto. — Ela fica tensa. Eu continuo a falar apesar do nó na garganta. — Assim que a neve desaparecer, podes ir embora. Tens o dinheiro das tuas encomendas, certo?

Ela acena lentamente com a cabeça.

— Entrou na minha conta esta manhã.

— Bem, então. O que é que vais fazer? — Passo a mão pelo cabelo dela, afastando-lho do rosto.

Ela fica um bocado calada, a pensar.

— Não sei. Ainda não estou pronta para ir para casa. Acho que vou reservar um *Airbnb* em Kiruna. Talvez tenha sorte e consiga finalmente ver as luzes.

— Podias ir para a estância de esqui do Eli — proponho. — Ele que te dê umas aulas. Sei que ele está mortinho por te pôr nas pistas.

Ela abana a cabeça.

— Não. Não. Eu... não posso ficar em lugar nenhum perto daqui.

O meu coração contrai-se.

— Porque não?

— Não consigo.

Respiro fundo, segurando-lhe as bochechas para a fazer olhar para mim.

— Eu vi a tua pintura de nós os três.

Ela geme.

— Riv! Era para ser surpresa!

— Sinto muito. — Não sinto nada. — É lindo. Mas... porque é que o pintaste?

— Pensei que seria algo para se lembrarem de mim, quando eu for embora. E um agradecimento a todos vós, por me terem ajudado durante tanto tempo.

— Chamaste-lhe «Casa».

Ela contorce-se um pouco.

— Huum. Pensei em algo um pouco mais descritivo. Tipo *Três Suecos na Montanha*, ou *Encurralados na Neve*, ou algo do género. Mas «Casa» pareceu-me melhor.

Passo a língua pelos lábios.

— Podias ficar aqui. Aqui mesmo.

Ela sorri com tristeza.

— Não posso — sussurra ela. — Sinto muito.

— Porque não? — Estou a ficar desesperado. — O Eli quer que tu fiques. O Cole também, ainda que nunca o dissesse. Podes ficar aqui o tempo que quiseres.

— Riven...

— Como é óbvio, não iríamos cobrar-te nenhuma renda, mas se isso te incomoda assim tanto, podes pagar. — Tonto. — Depois de as auroras boreais acabarem, há outras coisas que podes pintar. O sol da meia-noite também é incrível. — Não é, é mesmo muito irritante, mas neste ponto estou disposto a dizer qualquer coisa para a fazer ficar.

Ela abana a cabeça e põe-me a mão na boca para me impedir.

— Não posso, Riv. Desculpa.

Aceno com a cabeça, com o estômago a afundar-se.

— Claro. Claro. — Eu tinha razão, a noite passada. Ela tem uma vida para a qual precisa de voltar. Isto nunca poderia funcionar.

— Não posso ficar aqui — continua ela. — Como se estivesse numas férias prolongadas, a comer-vos a todos até que se fartem de mim.

Franzo o sobrolho.

— Daisy...

— Isto tem sido muito divertido para mim — insiste ela. — A sério. Tem sido uma experiência incrível. Mas... não sei por quanto tempo mais posso continuar a ter sexo convosco sem começar a ter sentimentos. Iria partir-me o coração ficar aqui, a ter sexo «casual», enquanto me apaixono aos poucos por vocês todos...

— Daisy, não estás a perceber. Estou a pedir-te que fiques aqui numa relação. Como parceira romântica. Como namorada.

Ela senta-se. Os caracóis desfeitos caem-lhe sobre a cara.

— *O quê?*

Rebobino o que acabei de dizer na minha cabeça.

— Eu... não sei como dizer isso de forma mais clara.

Os olhos dela arregalam-se.

— Não está mesmo *nada* claro! Queres que eu namore contigo?

— Não apenas eu. Todos nós. — Ela fica a olhar-me fixamente. — Não é assim tão difícil de entender — digo-lhe, suavemente.

Ela fica a olhar.

— *OK*, dica profissional, não chames estúpida a uma rapariga quando estás a pedi-la em namoro.

— Não estou a chamar-te estúpida. Só quero dizer que estaríamos a fazer exatamente a mesma coisa que temos feito nas últimas semanas.

— Mas, em vez de ser casual — diz ela, lentamente. — Eu seria a tua namorada.

— Sim.

— Só eu.

— Meu Deus, sim.

— Eu teria três namorados.

— *Sim*, querida. — Ela pressiona os pequenos lábios rosados, os seus olhos percorrem a minha cara. Quem me dera poder lê-la melhor. — Não é convencional, mas já o fizemos antes. Funciona para nós. A questão é simplesmente se funciona para ti.

— E os outros? — insiste ela. — Como é que sabes que eles querem namorar comigo?

— Falámos sobre isso ontem à noite. Ambos concordaram.

— Até o Cole?

— Foi o Cole que tocou no assunto. — Coço o pescoço. — Não estou a par da lei, mas és cidadã da UE, por isso acho que podes ficar aqui por seis meses antes de teres de arranjar um emprego ou começar a estudar. Dependendo de quanto valem os teus quadros, isso pode ser o suficiente para conseguires residência. Ou então, temos vistos *sambo* para casais numa relação, não é preciso casar para obter um visto, aqui. — Ela não diz nada, os seus olhos castanhos reluzem. Eu engulo com dificuldade. — Então, o que é que achas?

Ela atira-se a mim e eu engasgo-me quando ela me empurra de costas, arrancando-me todo o ar dos pulmões.

— Sim! É claro! Eu ia adorar!

O alívio inunda-me. Agarro nas suas ancas e puxo-a com mais força para o meu corpo, moldando-a contra mim. Ela aperta-me o rosto e beija-me profundamente.

— Estás feliz? — pergunto, depois de nos separarmos.

— Tão, tão, tão feliz — sussurra ela.

O calor derrama-se em mim, enchendo-me as veias.

— É tudo o que eu quero — digo-lhe, baixinho.

Ela sorri e agita-se em cima de mim, esfregando-se na minha virilha.

— A sério? Mas eu tenho muito mais para oferecer. E quero sexo comemorativo com o namorado.

Eu rosno, puxando-a para mais perto.

Estamos a começar a divertir-nos quando somos interrompidos por uma estática estridente vinda da sala de estar. Faço uma pausa, à escuta, mas o som desaparece de novo. Encolhendo os ombros, concentro a minha atenção no pescoço da Daisy. Ela suspira, estremecendo contra mim, e eu sinto uma agitação nas calças. Merda. Tenho de a ter. Deslizo as mãos pela cintura das suas calças de fato de treino, agarro-lhe o rabo e aperto-lhe as nádegas macias.

De repente, o rádio volta a tocar. Desta vez, ouve-se uma voz.

Dr. Nilsson. Está a ouvir-me? Responda, Dr. Nilsson.

Franzo o sobrolho. A mensagem está em inglês, o que é estranho. A

Daisy dá-me um beijo rápido no rosto e depois empurra-me para fora da cama.

— Vai lá — diz ela. — Vai salvar vidas.

— Espero que não seja nada assim tão grave — murmuro, agarrando na camisola e avançando descalço até à sala de estar. Dirijo-me à secretária e pego no rádio. — Daqui fala o Dr. Riven Nilsson. Escuto.

— *Oh, graças a Deus* — diz a voz do homem. — *Há horas que estou a tentar falar convosco. A Jenny está aí consigo?*

— Jenny? Peço desculpa. Não conheço ninguém com esse nome. Escuto.

— *A Jenny Adams. Segui-a até aqui. Estou numa povoação a norte de Kiruna. Mostrei a fotografia dela a algumas pessoas da aldeia e várias pessoas disseram que a viram consigo.*

— Acho que deve ter recebido a informação errada. Desculpe. Terminado.

— *Por favor!* — Ele está quase a gritar. — *O mecânico disse que a viu. E uma mulher num bar. Charlotte Lundquist?*

Franzo o sobrolho. A Charlotte não me ia confundir com outra pessoa. Já devo ter estado no restaurante dela uma centena de vezes.

— Se me der a descrição dela e o seu número de telefone, posso ficar atento. Mas duvido seriamente que a tenha visto. Nós raramente saímos aqui de cima.

— *Ela é inglesa. Muito, muito baixa, cabelo castanho comprido, olhos castanhos. Conduz um carro laranja bastante desgastado. Tem uma pequena tatuagem de uma fada atrás da orelha.*

Fico em silêncio por um momento.

— Desculpa, como é que disse que ela se chama?

— *Jenny Adams? Jennifer? Por favor, se souber onde ela está, diga-me. Desapareceu há umas semanas e estou a enlouquecer de preocupação.*

— Quem é você? — pergunto.

— *Sou o namorado dela.*

É como se tivesse sido atropelado por um camião.

Ouçoo passos no corredor. A Daisy mete a cabeça no vão da porta.

— Desculpa interromper — sussurra ela, com os seus olhos escuros a brilhar. — Posso telefonar aos outros e contar-lhes?

Viro-me para ela lentamente. Ela franze o sobrolho.

— Querido? Estás bem? — Ela entra na sala. — Meu Deus, não são más notícias, pois não?

— Quem é a Jenny Adams? — pergunto-lhe. O rosto dela fica sem pinga de sangue.

Daisy



— Onde é que ouviste esse nome? — Os meus olhos passam para o rádio que ele tem na mão. — Com quem estás a falar?

O rádio faz um barulho de estática.

— *É ela? Oh, graças a Deus. Jenny, querida. Jenny, pega no rádio. Diz-me que estás bem.*

Sam. Eu dou um passo atrás. *Não. Não.* O Riven estende-me o rádio, com o rosto vazio. — Devias responder-lhe.

Não. Não. Passo a língua pelos lábios.

— Não — obrigo-me a dizer.

— Segundo consta, é o teu namorado — diz o Riven. A sua voz está completamente inexpressiva. — Ele parece preocupado contigo. Não o devias deixar preocupar-se.

— Ele não é meu namorado.

O rádio está a crepitar.

— *Jenny, querida, é tão bom ouvir a tua voz. Estás bem? Que raio estás a fazer?*

— Pega — diz o Riven, atirando-me o rádio. Eu afasto-me, deixando-o cair ao chão. A voz do Sam interrompe-se.

— *Não.* Não vou falar com ele. E ele não é o meu namorado, é o meu ex.

— A sério. — A voz do Riven não transparece nenhuma emoção.

— Sim! A sério! Porque é que acreditas nele e não em mim, se nem sequer o conheces!

— Parece que nem sequer te conheço. — Ele abana a cabeça. — Como é que te chamas?

— D-Daisy Whittaker.

Os seus lábios apertam-se enquanto ele me observa. Tremo quando os seus olhos frios me avaliam. O homem à minha frente não se parece nada com o homem que se estava a rir no meu pescoço há poucos minutos. Ele parece furioso. Como se me odiasse.

— Dá-me a tua carteira — diz ele, de repente.

— O quê?

Ele olha à volta da sala e vê a minha mala pendurada numa cadeira da cozinha. Vai buscá-la, remexe nela até encontrar a carteira.

Eu atiro-me a ela.

— Que raio estás a fazer? Devolve-me isso!

— Para — ordena ele, abrindo-a e sacudindo todos os meus cartões para cima da mesa. Ele examina-os lentamente, estudando a minha carta de condução, o meu cartão da biblioteca, o meu cartão de débito. Lê o nome impresso em todos eles. *Jennifer Adams.*

Sinto gelo a descer-me pelas costas.

— Eu posso explicar — sussurro.

Ele ignora-me, continuando a vasculhar na minha mala até encontrar o meu passaporte. Folheia as páginas até encontrar o meu nome e a minha foto.

— Parece-se mesmo contigo — diz ele, sem rodeios. — Bem... Acho que agora tudo faz muito mais sentido. — Ele atira o passaporte para a mesa.

— Riven, juro que não é o que estás a pensar...

— Alguma coisa que nos tenhas dito é verdade? — Ele exige saber. — Alguma coisa? Vives mesmo em Londres?

— Não — sussurro. — Brighton.

— O quê?

— Eu não vivo na cidade. Vivo junto ao mar, em Brighton.

— Estou a ver — diz ele, com a voz gelada. — E o teu trabalho? És professora de arte? Estás mesmo aqui de férias?

Eu hesito.

Os olhos dele estreitam-se.

— Diz-me a *verdade*, raios partam.

— Eu sou professora de arte. Ou era — admito. — Mas não estou de férias. Fui despedida.

Um músculo contrai-se no seu maxilar. Ele volta-me as costas, a respirar fundo.

— Jesus Cristo.

Fecho os olhos, com as lágrimas a escorrerem-me pelas faces. Não sei o que fazer. Não sei o que dizer. Não consigo explicar o que aconteceu sem lhe contar a história toda. E depois ele pode ver o vídeo. Preferia morrer a deixá-lo ver o vídeo.

— Para de chorar — ruge ele, pondo-se de pé. Ele eleva-se sobre mim. Parece que está a encher a sala inteira com a sua fúria fria. — Quem *és* tu? Porque é que estás aqui? Por que raio vieste para aqui? Porque fizeste com que todos nós gostássemos de ti, quando tudo não passava de uma mentira?

Eu agarro-o.

— Riven, lamento imenso. Por favor, deixa-me explicar...

— *Não*. — Ele puxa o braço para trás. — Não quero que expliques. Não quero ouvir as tuas desculpas.

— Mas...

— *NÃO!* — ruge ele e eu recuo, horrorizada, enquanto a sua voz ecoa pela sala. — Tens estado a mentir-me este tempo todo! Não quero ouvir mais mentiras!

Fecho a boca. O Riv nunca tinha gritado comigo. Nem sequer pensei que fosse capaz. Mas agora o médico calmo e gentil desapareceu e já não o

reconheço.

Ele fica em silêncio por um momento, com o peito a arfar. Depois vira-se e dirige-se para a secretária, abrindo o portátil.

O medo invade-me.

— Não. Por favor, não faça nenhuma pesquisa...

Ele ignora-me. Agarro-lhe no braço, tentando afastá-lo do portátil.

— Riven, por favor, por favor, *por favor*, se te preocupas comigo, *não me procures. POR FAVOR!*

Ele sacode-me.

— Preciso de saber quem é que meti na minha casa durante este tempo todo. Quero saber quem é que tenho deixado entrar na minha cama *todas as noites*. O quê, és alguma espécie de criminosa? Tens problemas com a polícia?

— Não, eu...

— Então porque te ralas tanto se eu pesquisar o teu nome? — Ele abre um navegador de *internet*.

O medo atravessa-me. Não o posso impedir. Ele vai ver o vídeo.

Ele vai ver o vídeo.

Tenho de sair daqui. Não posso ficar aqui enquanto ele vê o vídeo. Não posso.

Mal consigo pensar enquanto corro para o quarto. Ignoro a minha mala. Não quero saber dela. Só tenho de me ir embora daqui. Mal consigo respirar. Visto uma camisola extra e um segundo par de meias, depois arranco uma página do meu caderno de desenhos e escrevo uma nota rápida. No corredor, o Riven ladra algo que não percebo. Dou um salto, com o coração a bater forte.

— Eli — rosna ele. Ouve-se um silvo de rádio.

Que merda. Ele deve estar a dizer aos outros para voltarem. Atravesso a sala de estar, pego na carteira e calço um par de raquetes de neve, enfiando casaco. Quando abro a porta da frente, tenho de me encostar à parede durante alguns segundos. Sinto-me fraca. O meu peito está a arder. As lágrimas correm-me pela cara.

A neve está mais pesada do que nessa manhã, mas devo conseguir caminhar sobre ela. O Riven estava lá fora ainda há uma hora. Tudo o que preciso de fazer é chegar à aldeia; depois, posso encontrar um sítio para ficar até o tempo melhorar. Posso pegar no meu carro, ir para uma cidade nova e esquecer que isto tudo aconteceu.

Ganho balanço ao afastar-me da parede e começo a caminhar pela neve. Não posso continuar naquela casa com ele. Não posso ficar ali sentada enquanto ele vê aquele vídeo. Só de pensar nisso, os meus pulmões apertam-

se e o meu estômago revira-se.

A minha visão começa a escurecer nas extremidades. Flocos gordos e gelados picam-me os olhos e as bochechas. Engulo um soluço conforme avanço.

Oh, meu Deus! Estou outra vez sozinha.



Eu e o Cole tiramos a pele de alce do carro, depois afasto-me enquanto o homem conta o dinheiro. É um dos nossos clientes habituais, um artesão sami que faz roupa com a pele. O Cole foi chamado para limpar os animais mortos na estrada há uns dias e agora a pele vai ter um bom uso.

Cruzo os braços sobre o peito. Estou a congelar. A neve está a cair muito mais espessa agora e o vento está a tornar-se desconfortável.

O Cole conclui a transação. O homem agradece-nos e depois olha para o céu.

— Têm de ir para casa — diz ele, com ar sombrio. — As estradas não vão manter-se seguras por muito mais tempo.

Ambos acenamos com a cabeça. É bastante claro que a tempestade que está prestes a chegar vai ser muito má.

— Temos de acabar isto depois de a neve desaparecer — diz o Cole por cima do vento, quando voltamos para o carro. Aceno com a cabeça, demasiado frio para falar, e deslizo para dentro, fechando a porta. De imediato, reparo num *bip* frenético. O rádio que temos no tablier está a funcionar mal. Pego nele.

— Olá...

A voz do Riven ladra do outro lado da linha.

— *Venham para casa. Agora.*

— Eu sei, eu sei. Não vamos ser apanhados pela tempestade. — O Cole liga o motor e fazemos marcha-atrás até à estrada. — Estamos a regressar agora.

— *Não quero saber da porcaria da tempestade* — diz ele. Franzo o sobrolho, endireitando-me no assento. Há muito, muito tempo que não ouvia o Riven tão zangado. Ele mantém sempre a calma durante as crises. O que significa que o que quer que esteja errado está muito, muito errado.

— Ena, pá! — digo eu, com ligeireza. — Obrigado por estares ralado com a nossa segurança. Por um segundo, pensei que estavas preocupado.

Ele respira fundo.

— *É a Daisy.*

O Cole olha para ele com atenção.

— O que é que tem a Daisy? — pergunta ele, levantando a voz. — Ela está bem? Aconteceu alguma coisa. — Ele carrega pisa um pouco o acelerador, aumentando a velocidade.

— *Ela tem andado a mentir-nos.*

— Sobre o quê?

— *Sobre tudo.*

Fazemos uma curva na estrada, entrando na floresta, e o rádio estala na minha mão quando perdemos a ligação. Olho para o céu. Está a escurecer a um ritmo preocupante.

— Estamos em perigo? — pergunto ao Cole. — Nunca vi uma tempestade chegar tão depressa.

— Vamos conseguir — murmura ele.

Sáímos do bosque e a voz do Riven volta a ouvir-se.

— *Tudo o que ele disse sobre ela era verdade. Tudo. Ele...*

Eu interrompo-o.

— Olha, meu, não apanhámos nada do que disseste. Aguenta até chegarmos aí. Não pode ser assim tão mau.

— *Não, eu...*

— O Cole está a tentar conduzir no meio de um nevão. Cala-te até chegarmos aí.

Volto a meter o rádio no coldre.

Quando chegamos à cabana, a neve está a cair com muita força e o vento está a aumentar. Não temos tempo para estacionar o carro no celeiro; temos de o abandonar na entrada e caminhar a passos largos até à porta. Assim que entramos, vejo o Riv a andar de um lado para o outro diante da lareira. Nem sequer espera que tiremos os sapatos.

— Ela *mentiu-nos* — anuncia ele, girando sobre o calcanhar. — O seu nome é *Jenny Adams*.

— O quê? — Desenrolo o meu cachecol e passo por ele em direção à lareira. — Podes dar-me um segundo para aquecer?

— A Daisy — insiste ele. — O nome verdadeiro dela é Jenny Adams. Ela nunca viveu em Londres. Não trabalhava na escola que nos disse. Não está de férias, foi *despedida*.

Franzo o sobrolho.

— Espera, o quê? Como é que sabes tudo isto?

— Passei os últimos vinte minutos a falar com o namorado dela na rádio. Ela desapareceu de repente, e ele estava preocupadíssimo, por isso seguiu-a até aqui.

Sinto que estou a cair.

— Ela *o quê?* — rosna o Cole.

— O namorado dela — responde o Riven. — Ela tem namorado. Da maneira como ele estava a falar dela, acho que estão prestes a ficar noivos.

O meu coração dispara. A Daisy não tem namorado. Não pode ser.

— Vi o passaporte e a carta de condução dela — continua ele. — Tudo o

que ele disse era verdade.

— Porque é que ela iria mentir? — pergunto. — Ela deve ter alguma razão. Ela mencionou que tinha um ex manipulador; talvez seja ele?

Os olhos dele estão a arder.

— Não me interessa. Assim que a tempestade acabar, vais levá-la diretamente ao aeroporto.

— Precisamos de falar com ela — diz o Cole. — Ela pode explicar-se.

Dirijo-me para o corredor para a encontrar, mas o Riv agarra-me o braço.

— Não vale a pena. Ela já provou que não se pode confiar nela. Vai mentir ainda mais para se safar.

— Não sabes se é assim...

— *Sim, sei* — rosna ele. — Já aconteceu antes. Ou já te esqueceste?

Franzo o sobrolho.

— A Daisy não se parece nada com a Johanna.

Ele abana a cabeça.

— Não vamos falar com ela. Temos de ser nós a descobrir a verdade. — Ele estende a mão. — Dá-me o teu telemóvel.

— O quê?

— Dá-me o teu telemóvel. Capta melhor a rede do que o meu. Quero ligar o portátil ao ponto de acesso.

Olho para o meu ecrã.

— Não tenho rede.

— Vou encontrar um sítio nesta maldita casa que tenha sinal. Dá cá. Dá-me. O teu. Telefone.

Suspirando, entrego-lho. Ele senta-se à mesa da sala de jantar e mexe no aparelho, ligando-o ao portátil, e depois abre o motor de busca. Quando a página não carrega, ele bate com a mão na mesa.

— *Merda!* — dispara.

Eu dou um salto.

— Jesus, meu!

Nunca tinha visto o Riven tão zangado. Jamais. Parece que está prestes a perder a cabeça. Ponho-lhe uma mão no ombro.

— Acalma-te. Que raio se passa contigo?

Ele passa uma mão pela cara.

— Estive prestes a fazer o mesmo.

— Como assim?

— Quase que nos lixava a todos. Eu tinha acabado de lhe pedir para ficar connosco. — Ele respira fundo, tentando acalmar-se.

— O quê?

— Para se mudar para cá. Para namorar connosco. Oficialmente. Pedi-lho

literalmente há uma hora.

O meu coração dá um salto.

— O que é que ela disse?

— E isso importa? É óbvio que já não vai acontecer. — Ele passa uma mão pelo cabelo. Por baixo de toda a raiva, ele parece um autêntico infeliz.

— Tu ama-la — apercebo-me. — Caraças. Estás completamente apaixonado por ela.

Ele aperta os lábios com força, sem o negar.

— Eu devia ter percebido. — É tudo o que ele diz.

Franzo o sobrolho.

— Na verdade, ainda não sabemos *nada*. Isto pode ser tudo um grande mal-entendido.

Ele faz-me uma careta.

— Como? Eu vi o cartão do cidadão dela, ela deu-nos um nome falso! Porque é que estás do lado dela?

— Ela acreditou em mim quando lhe contei da minha pena de prisão. Eu disse literalmente a esta miúda que ela estava presa nas montanhas com um *criminoso*, e ela nem sequer pestanejou. Acho que ela merece o benefício da dúvida. — Ele não diz nada. Eu suspiro. — Olha, a Johanna mentiu-te durante anos. Mas já te disse, meu, a culpa não foi tua.

Ele clica para atualizar a página *web* uma e outra vez.

— Foi sim. Foi por minha causa que aconteceu tudo. Fui *eu* que a pedi em casamento. Fui eu que testemunhei contra ti em tribunal. Tudo estava bem, até *eu* me apaixonar por ela.

Sacudo a cabeça.

— Foi por causa *dela* que aconteceu tudo. Não por causa de ti. Ela é que era uma cabra malvada.

— Disse a mim mesmo que nunca mais iria deixar que uma mulher me enganasse daquela maneira. E a Jenny *enganou-me*. Fez *muito pior* do que a Johanna. Pelo menos a Johanna deu-nos o nome verdadeiro!

De repente, o ecrã do portátil fica branco quando o *Google* carrega por fim.

— Finalmente. — O Riven inclina-se para a frente e digita *Jenny Adams* na barra de pesquisa.

Deixo-me cair numa cadeira e fico a olhar, com o coração acelerado. Não faço ideia do que se está a passar, mas a única coisa que sei é que confio na Daisy. Sei que, seja o que for que ela tenha feito, é boa pessoa.

O nome gera milhares de resultados. Olho de soslaio para o primeiro título. É uma notícia do *The Express*. *Professora de Liceu Despedida Depois de Revelado o Seu Passado Como Estrela Porno*.

— A Daisy faz pornografia?

— *Jenny* — insiste o Riv. — O nome dela é Jenny.

— Para mim, é Daisy.

Estico a mão por cima do ombro dele e clico no artigo, abrindo-o.

Em Brighton, uma professora de arte de uma escola secundária está a ser alvo de críticas depois de terem vazado vídeos seus para adultos ao corpo docente e aos pais de vários alunos. Uma mãe, que recebeu o conteúdo inapropriado por correio eletrónico, mostrou-se «horrorizada» com o facto de «alguém tão depravado ter autorização para educar adolescentes», enquanto outra receia que «o processo de seleção de professores não fosse suficientemente rigoroso».

Após uma investigação exaustiva, a Escola Secundária de Alton despediu a Senhora Adams com celeridade, deixando uma turma de finalistas em sarilhos, a poucos meses dos exames.

Estreito os olhos. É difícil imaginar a Daisy como estrela porno. Quer dizer, ela tem certamente corpo para isso, é *sexy* como o raio. Mas lembro-me de como ela ficou zangada quando o Riv lhe pediu para tirar a camisola.

— Acho que é por isto que ela não queria que soubéssemos o seu verdadeiro nome — murmura o Riv.

— Mas porquê? O que é que nos interessa se ela fez pornografia? É um assunto dela.

Sim, é muito estranho e merdoso que os vídeos tenham sido enviados aos pais dos alunos dela, mas o artigo diz que *vazaram*. Não é como se ela os estivesse a passar na sala de aula.

O Cole não diz nada.

O Riv volta à página de pesquisa e percorre os resultados. Há um *monte* de *sites* pornográficos na lista. Ele clica num deles ao acaso.

Eu faço uma careta.

— Meu. Não devíamos ir chamá-la por causa disto? Ela está literalmente no quarto ao lado. É estranho estarmos a ver um vídeo dela a ter sexo sem ela.

— Eu quero saber a verdade — diz ele. Suspiro quando Daisy aparece no ecrã. O Riv sempre foi assim. Quando se vê confrontado com um problema, tem de o resolver. Ele vai fazer de Sherlock neste mistério até perceber exatamente o que se está a passar.

Concentro-me no vídeo. É a Daisy sentada numa cama, de *t-shirt* e roupa interior, a beijar um homem. Fico surpreendido com o ciúme que me atravessa

quando vejo a mão dele na coxa dela.

— Temos de ver isto? — gemo. — Eu disse que gosto de ver, mas não gajos ao acaso...

— Cala-te.

— Ele está completamente ao lado daquele ponto no pescoço que ela gosta...

— *Eli. Bico. Calado.*

Suspiro, recostando-me na cadeira, e deixo o filme rolar. Tenho um mau pressentimento sobre isto. Quanto mais avançamos no vídeo, pior fica.

Não me quero gabar, mas estou bastante familiarizado com pornografia. Sinceramente, tenho alguns conhecimentos. Prefiro ter uma mulher real nos braços, mas depois de cinco anos a viver no meio do nada, preso dentro de casa durante o mau tempo, fiquei bastante familiarizado com os vídeos de sexo.

Isto não é uma vídeo de sexo.

Isto não é sexo num vídeo de sexo. Não há conversa porca ou *striptease*. Nada parece ensaiado. Ela não está a tentar posicionar-se para ficar bem na câmara, não arqueia as costas nem encolhe a barriga. Ela está a usar roupa interior preta simples. Sim, é evidente que lhe fica muito bem; mas, se eu fosse uma mulher a filmar-se a si própria a fazer sexo, é provável que escolhesse uma coisinha mais composta.

Os dois começam a envolver-se. Quando ela rebola para cima do gajo, ouço-a falar das aulas do dia. A cara dele foi cortada, mas a dela está perfeitamente nítida.

Isto não é pornografia, apercebo-me. Não é um espetáculo de todo. É apenas sexo doméstico, confortável, com um parceiro afetivo. Ela não olha para a câmara uma única vez enquanto pega na bainha da camisa.

Quando ela começa a levantá-la, eu bato com o meu dedo no botão de espaço, parando o vídeo. Sinto-me mal.

— Meu. Acho que ela não sabia que estava a ser filmada.

O Cole levanta-se, arrastando a cadeira.

— Que se lixe isso. Vou buscá-la. Desliga essa merda.

O Riven franze o sobrolho.

— Espera...

— Não — responde o Cole, saindo da sala. — *Desliga isso.*

Fecho o vídeo, consulto o resto da página e sinto-me arrepiado ao ver o número de visualizações do vídeo. Oh, meu Deus!

O Riv tira os óculos e esfrega os olhos.

— Ela disse que alguém a usou — diz ele, em voz baixa. — Lembras-te? Na primeira noite em que dormimos com ela.

— Pelos vistos, *alguém* é o raio da *internet* inteira — digo, com os dentes cerrados. — Ela chegou à página das tendências.

Acho que, depois de ela ter aparecido nas notícias, o vídeo deve ter explodido. Desço até aos comentários.

Ouvi dizer que és professora. No próximo vídeo devias bater-te a ti mesma com uma régua, com a farda escolar.

Vim aqui por causa do artigo do Express, porra, não estava à espera de um rabo desses.

Punha-te nos píncaros, sua porca ordinária.

Tenho de desviar o olhar quando a náusea me sobe à garganta. Meu Deus. Há quanto tempo é que ela aguenta isto? Olho para a data de carregamento. O vídeo só foi lançado cerca de uma semana antes de a conhecermos. Tudo começa a encaixar-se. Alguém publicou este vídeo dela na *internet* e enviou-o aos professores da sua escola. Tornou-se viral depois de um monte de sites de notícias terem relatado a história. Ela fez as malas e foi-se embora.

— Ela disse que um ex a tinha manipulado para a obrigar a ficar com ele — recordo. — Achas que *ele*...

A cara do Riven fica sem um pingo de cor. Ele levanta-se, mas, antes de a ir procurar, o Cole reaparece à porta.

— Seu idiota — rosna ele. — Seu. *Idiota. De Merda.*

— Onde é que ela está? — pergunta o Riven em voz baixa.

O Cole não diz nada. Limita-se a bater com um pedaço de papel na mesa e dirige-se para a porta da frente. Começa a remexer nos casacos. O Riven não se mexe, por isso pego no papel para o ler em voz alta.

Cole, Eli e Riven. Só queria pedir-vos desculpa. Peço desculpa por vos ter mentido. Nenhum de vocês merecia. Foram todos muito simpáticos e eu aproveitei-me disso. Vocês os três salvaram-me a vida, e as últimas semanas ajudaram-me mais do que podem imaginar.

Praticamente tudo o que vos disse sobre mim era mentira. Onde vivia, onde trabalhava, porque é que estou aqui. O meu nome. Nunca quis magoar nenhum de vocês. Mas quebrei a confiança de todos, e isso foi uma coisa horrível de se fazer. Vou apanhar o próximo voo de regresso a casa.

Sinto muito, muito, muito,
Daisy.

Pouso o papel. O silêncio enche a sala.

— Não — diz o Riven. A sua voz soa baixo. — Não.

Viro-me para olhar pela janela. A tempestade atingiu-nos com toda a força. O vento está a soprar e a neve está a cair com tanta densidade que só se vê branco.

Não consigo falar. O meu coração está disparado no meu peito.

— O casaco, a carteira e os sapatos dela desapareceram — diz o Cole, avançando na nossa direção. — Há quanto tempo é que ela saiu?

— Eu não sei. Eu não a vi sair.

— É óbvio que ela saiu à pressa. Não levou nenhuma das suas coisas. — Os olhos azuis do Cole estão a arder. — Quando é que discutiste com ela?

— Eu acho que... há trinta minutos?

Eu fecho os olhos. Ela está morta. Não há maneira de ela ter chegado à aldeia a tempo. E não há maneira de ela sobreviver no nevão durante esse tempo todo. Teria sido apanhada pela tempestade ainda antes de chegar à estrada.

Ela está morta.

O Riven levanta-se e dirige-se para a porta da frente.

— Vou à procura dela. — Ele pega no casaco e veste-o, as mãos a debaterem-se com os botões.

— Não. — O Cole empurra-o para trás. — Não terias qualquer utilidade. Fica aqui para o caso de ela voltar. — Ele calça as próprias botas. — Eli, onde estão os meus pacotes de sobrevivência?

Eu não digo nada. Continuo a olhar pela janela. É como se as minhas entranhas tivessem sido congeladas.

Ela está *morta*.

Ela está morta, e eu tenho quase a certeza de que estou apaixonado por ela.

— Eli! — ladra o Cole. — Onde estão os pacotes de sobrevivência?

Eu obrigo a minha boca a trabalhar.

— Na prateleira de cima.

Ele grunhe e pega numa das mochilas, colocando-a sobre o ombro.

O Riven também pega numa.

— O Eli pode ficar aqui. Eu também vou.

— Não! — O Cole vira-se para ele. — *Escuta*. Este é o meu *trabalho*, por isso deixa-me fazê-lo!

— Mas ela pode estar a morrer!

— Só me vais atrasar. Terei de manter duas pessoas vivas.

— Eu sei olhar por mim.

— Seria uma missão suicida.

— Não me interessa.

As narinas do Cole dilatam-se. Num movimento rápido, agarra o Riv pela parte da frente da camisola e atira-o com força contra a parede.

— *Tu. Vais. Ficar. Aqui.*

— Mas...

— NÃO VOS VOU PERDER AOS DOIS! — troveja o Cole, avançando direito à cara dele. — JÁ MA TIRASTE, NÃO VAIS MORRER TAMBÉM, PORRA!

O Riven fica pálido. O Cole mantém-no imóvel por alguns segundos, com o peito a arfar. Por fim, o Riven faz-lhe um pequeno aceno de cabeça.

— Vai — diz ele, rouco.

O Cole afasta-se, coloca os óculos de proteção e abre a porta da frente. O vento empurra-a instantaneamente com a sua força. O barulho é ensurdecedor. A neve entra pelo corredor, a rodopiar sobre os dois homens, cobrindo o chão.

Fecho os olhos. É impossível que ela tenha conseguido. De maneira nenhuma.

O Cole aperta as mãos na mochila e sai para o exterior. O Riven fecha a porta atrás dele. Quando o rugido do vento se cala, a casa fica estranhamente silenciosa.

— Eu gritei com ela — diz ele, numa voz vazia.

Humedeço os lábios.

— Acho que a amava.

Ele mete o rosto entre as mãos.

— Peço imensa desculpa — diz ele. — Eu pensei...

— *Tu pensaste.* — Ponho-me de pé. A raiva queima-me a garganta. — *Pensaste. Não sabias.* Nem sequer lhe *perguntaste*, por amor de Deus.

Viro-me para ir embora.

— Eli...

— Não fales comigo, porra.

Dirijo-me para o meu quarto, deixando-o sozinho na sala de estar, com o portátil ainda aberto no vídeo dela.



Estou perdido.

Estou cá fora há dez minutos e estou completamente perdido.

A coisa mais perigosa numa tempestade de neve não é necessariamente o frio, ou o vento. Os humanos conseguem sobreviver a isso, desde que voltem para dentro o mais depressa possível. É a desorientação. Quando tudo à nossa volta está branco e em movimento, mal conseguimos distinguir o que está em cima do que está em baixo, ou a esquerda da direita. Podemos sair de casa para despejar o lixo e morrer a três metros da porta, porque não sabemos de que direção viemos.

Quando saí pela primeira vez, a visibilidade era quase nula. Esperava que a Daisy tivesse deixado algum tipo de rasto, mas é claro que as suas pegadas já estavam encobertas há muito tempo. Tudo o que pude fazer foi abrir caminho pelo meio do vento, a tentar orientar-me de memória.

Segundo o meu palpite, ela teria chegado quase à estrada antes de se aperceber que não conseguiria ir mais longe. Tento manter um mapa do terreno na minha cabeça enquanto avanço por entre a neve rodopiante, a rezar para estar a seguir na direção certa. O vento forte empurra-me para trás e os flocos de neve gelada picam a pequena faixa de pele deixada a descoberto entre os óculos e o cachecol. Estou a perder a esperança. Tanto quanto sei, posso estar a andar em círculos. Posso chegar à porta da frente a qualquer momento. Posso...

Quase caio ao bater contra uns arbustos. Estão completamente cobertos de branco e estou tão cego por causa da neve que mal os consigo distinguir, mas reconheço-os como sendo os arbustos que ladeiam o fim da estrada. Tenho estado a avançar na direção certa. Ocorre-me um pensamento. A Daisy é esperta. Se ela chegou até aqui, ter-se-ia escondido debaixo do arbusto para se abrigar.

E, se ela não tiver chegado ao arbusto, então está morta. Por isso, não tenho outra hipótese.

Começo a caminhar ao longo da sebe, à procura de protuberâncias no chão. Mal dou dez passos e tropeço em algo macio. Caio de joelhos, a afastar freneticamente a neve. Uma mancha cor-de-rosa surge debaixo das minhas mãos. O casaco dela. É *ela*. Está coberta de neve, mas o abrigo proporcionado pelo arbusto impediu-a de ficar enterrada nela. Limpo-lhe a cara. Há neve no seu cabelo, a cair pelo seu casaco e a colar-se às suas pestanas. Tem os olhos fechados. Está imóvel como um cadáver no meu colo.

— Daisy — arfo, acariciando-lhe o rosto. — Daisy. Daisy, por favor. Vá

lá, querida. Não estejas morta.

Após alguns segundos aterradores, ela abre os olhos. Abre a boca, mas não sai nenhum som. Estou capaz de chorar de alívio.

Olho para ela, passando em revista os seus lábios e pele azuis. Ela não está a tremer, o que é um sinal muito, muito mau. Está com hipotermia. Preciso de a aquecer, agora. A maneira mais rápida seria através do calor do meu próprio corpo, mas, para isso funcionar, teríamos de nos despir, e não podemos fazer isso até estarmos num lugar seco.

Eu sacudo-a um bocado. Ela oscila nos meus braços e pestaneja, sonolenta.

— Daisy. Consegues manter-te acordada? Consegues falar comigo?

Os seus lábios azuis e gretados movem-se. Inclino-me, aproximando o ouvido da boca dela.

— Ursinho — murmura ela. O meu coração aperta-se.

— Sim. Estou aqui. Estou aqui, vais ficar bem.

— Desculpa.

Os olhos dela estremecem, mas ela não diz mais nada. Está a perder as forças. Tentando equilibrar a mochila nas costas, meto as mãos por baixo dos seus sovacos e puxo-a para cima, balançando-a nos meus braços. Ela não pesa quase nada. A minha mochila é mais pesada do que ela, por amor de Deus. Assim que a levar de volta para a cabana, vou trancá-la lá dentro e alimentá-la. Talvez assim ela deixe de ser levada pelo vento.

— Agarra-te ao meu pescoço — grito.

Sinto os braços dela a rodearem-me debilmente o pescoço e viro-me, olhando em volta. É tudo um borrão branco. Para que lado ficava a casa? Raios, não me consigo lembrar. O meu rasto na neve já está completamente coberto. Sinto o medo a apertar-me a garganta. Forçando-me a manter a calma, demoro um segundo para me reorientar, depois viro-me num ângulo de noventa graus para a esquerda. Este deve — *deve* — ser o caminho de volta a casa. Avanço aos tropeções na neve. O meu ombro queima quando o peso da Daisy distende a minha mordidela de *husky*, mas ignoro. Tenho de a levar para dentro de casa. Tenho de a pôr a salvo.

Grunho quando algo bate na minha anca. É fino e tenso, quase como um corrimão ou um estendal. Franzo o sobrolho, apalpando-o, afastando a neve. É uma espécie de corda. A corda que a Daisy montou para nos guiar até casa quando a visibilidade é má. O meu coração dispara.

Não tenho uma mão livre, por isso apoio-me nela com a anca, seguindo-a para diante. Mal dou cinco passos e caio, tropeçando numa pedra coberta de neve.

Demoro quase trinta segundos a levantar-me. Dou uma palmadinha na

Daisy, para ver se não está ferida, depois ponho-a nos braços e continuo a andar. Da próxima vez que caio, levo um minuto inteiro a equilibrar-me sobre os meus pés. A neve está a ficar cada vez mais espessa e mais pesada. A cada vez que caímos, começa a cobrir-nos de imediato, ameaçando enterrar-nos completamente até eu me forçar a levantar-nos de novo.

Acontece outra, e outra, e outra vez. Avançamos a um ritmo de caracol. Parece que a cada passo que dou, fico mais fraco. Os meus membros estão a ficar dormentes. A temperatura do meu corpo está a baixar.

Da vez seguinte que tropeço, nem sequer caio em cima de nada; simplesmente tropeço na minha própria bota. Volto a cair de joelhos, dobrado. A Daisy quase rola para fora dos meus braços, mas eu agarro-a, ofegante. O meu ombro está a arder como fogo.

Não vamos conseguir. Eu sei a distância que percorri desde casa. Foi quatro ou cinco vezes esta distância. Mesmo que eu tenha escolhido a direção certa, não vamos conseguir.

Já tive algumas experiências de quase-morte antes. Fui apanhado por tempestades, espancado em ringues de luta e atacado por animais selvagens. De todas as vezes, no momento em que me apercebi que podia mesmo morrer, fui invadido por uma estranha sensação de calma. Senti-me quase em paz. Quando ficamos sem escolha, não há mais nada com que nos preocuparmos.

Mas, neste momento, não estou em paz. Estou-me nas tintas se morro, mas isto não tem nada a ver comigo. Tem a ver com *ela*.

Nem pensar que a vou deixar morrer. Não enquanto tiver fôlego no corpo. Vou lutar até ao último segundo.

Solto um rugido contra o vento selvagem enquanto me obrigo a levantar-me de novo, levantando-a nos braços. Dou um passo, e depois outro, e continuo a avançar.

Aos poucos, por entre a neve, começa a surgir algo cinzento à minha frente. Estreito o olhar, limpando desajeitadamente os óculos de proteção no ombro. Mais alguns passos cambaleantes nessa direção e o objeto torna-se visível.

É o casebre. A caverna de pedra em ruínas que abandonámos quando nos mudámos para a cabana. Esta rapariga *genial* e bondosa pôs o *casebre* na rota de resgate. Apesar de eu lhe ter dito que não se incomodasse com isso.

Bem, hoje, a sua própria bondade vai salvar-lhe a vida. Dou os últimos passos cambaleantes na neve e quase caio no abrigo. O barulho ensurdecador do vento lá fora é imediatamente abafado pelas paredes de pedra. Continua a estar um gelo ali dentro, mas pelo menos estamos protegidos da humidade e do vento.

Deito a Daisy no chão. O chão está gelado, e eu solto uma imprecação.

Não posso deixá-la assim.

— Temos de te tirar do chão — digo-lhe, acariciando-lhe a bochecha. Os seus olhos voltaram a fechar-se. Tenho demasiado receio de lhe medir o pulso. Claro que ela está viva. Não há alternativa. — Estás a perder demasiado calor — acrescento. — Aguenta só um instante.

Ela não responde.

Volto lá para fora e corto alguns ramos cobertos de folhas de um arbusto próximo. Mal consigo ver o que estou a fazer, e quase arranco o raio do meu polegar, mas acabo por ficar com os braços cheios de ramos. Carrego-os de volta para dentro. A Daisy não se mexeu.

— Vou fazer-te uma cama — informo. — Um minuto.

Ponho os galhos no chão, cobrindo o revestimento de pedra gelada, e depois posiciono-a cuidadosamente em cima deles. De seguida, viro-me para o meu saco. Guardo um estojo de primeiros socorros para hipotermia no fundo de todas as minhas mochilas de sobrevivência. Desempacoto um cobertor espacial, um cobertor de aquecimento químico e um saco-cama de nevão, desdobrando-os a todos. Apesar de cada um ser suficientemente grande para a envolver por completo, estão todos dobrados e embalados em pequenos pacotes do tamanho de envelopes, que dão um trabalhão do caraças a abrir quando estamos a tremer convulsivamente. Eu cerro os dentes, praguejando, enquanto as minhas mãos escorregam no plástico pela quinta vez. Por fim, consigo tirá-los todos para fora. Viro-me para a Daisy.

As roupas dela estão molhadas de neve, por isso têm de ser removidas. Começo a tirar-lhe o casaco, depois as calças e a camisola. Até a roupa interior está húmida. A neve deve ter-lhe entrado na roupa quando ela caiu. Tiro-lhe o sutiã cor-de-rosa e as cuecas, pondo-os de lado, e depois envolvo o seu corpo nu nos cobertores. Quando ela está bem aconchegada, embrulho-a no saco-cama, fechando-o com fita-cola para que nenhum calor possa escapar. Ela parece um pequeno burrito cor de laranja no meu colo, só com a cara branca a espreitar.

Sento-me nos meus quadris, ofegante, e fecho os olhos. Estou exausto. A minha energia já estava no fundo do poço quando a encontrei. Agora sinto-me completamente esgotado. Só quero abraçá-la e adormecer, mas sei que, se parar de me mexer, vou acabar tão mal quanto ela. Não posso parar de me mexer. Não posso parar de me mexer até ela estar bem.

Forço-me a voltar à minha mochila e tiro a pequena tenda de *nylon* para duas pessoas, sacudindo-a para a abrir. Uso uma pedra para cravar as estacas no chão gelado. Estou a ficar muito fraco; preciso de me encostar às paredes da cabana algumas vezes, mas acabo por conseguir montar a tenda. Levanto a Daisy com cuidado, deito-a lá dentro, depois tiro uma lata de combustível de

atrito e acendo-a com um fósforo à prova de água. Não vai ajudar muito a aquecer a tenda, mas é melhor do que nada. Tirando um par de latas de metal da mochila, dirijo-me à porta da cabana e recolho alguma da neve branca e fofa que foi varrida para o interior. Ela precisa de água.

Quando rastejo de volta para a tenda, os seus olhos estão entreabertos. Podia chorar de alívio. Corro o fecho da tenda e depois acaricio-lhe a testa.

— Daisy. Senta-te. Tens de ficar acordada.

Tiro as luvas para lhe tocar na cara. Acho que ela está a aquecer. A manta térmica deve estar a fazer o seu trabalho. Os olhos dela tremelicam.

— Diz qualquer coisa — ordeno, pondo a lata com neve no aquecedor para a derreter.

Ela geme.

Dou-lhe outra palmadinha na cara.

— Daisy. Diz qualquer coisa. Ou atiro-te neve para a cara.

— D-d-d-dizer o quê?

— Não interessa. Qualquer coisa. Diz-me como te sentes. Canta-me uma canção. Continua a falar.

Obedientemente, ela começa a murmurar baixinho. Não percebo, e não me interessa.

— Linda menina. — Deixo a lata de neve no aquecedor até derreter e aquecer, depois deito-lhe uma saqueta de chocolate quente seco, misturando-o para lho dar. — Toma. Senta-te e bebe.

Ela olha para baixo, para si própria.

— Não tenho mãos — murmura.

Apercebo-me de que as mãos dela estão presas no saco-cama. Puxo-a para cima e encosto-a a mim, levando-lhe a lata aos lábios. Ela bebe devagar, engasgando-se um pouco com o líquido quente. Dou-lhe a bebida aos goles até a lata ficar vazia. Ela relaxa contra o meu peito.

— Sentes-te melhor?

Ela acena com a cabeça, encostando a cara ao meu pescoço.

— Cansada. Mas. Bem.

— Como está o teu coração?

Os seus lábios curvam-se para baixo.

— Dorido — sussurra ela.

Merda. Deslizo a mão pelo saco-cama, afastando as camadas de cobertor aquecido, e pressiono entre os seus seios nus, sentindo-lhe o batimento cardíaco. Ela suspira, esfregando-se na minha mão. Em qualquer outra altura, a sensação das suas mamas macias e quentes contra a minha mão iria deixar-me duro como uma rocha em segundos; mas, neste momento, acho que os meus tomates estão congelados. De qualquer forma, não estou exatamente

com disposição. O coração parece-me forte e firme.

— O que queres dizer com isso?

— Está um bocado partido — diz ela.

— Eu quis dizer fisicamente. Está a bater palmas? — Merda. *Hjärtklappning*. Que raio de inglês é este? — Está a bater muito rápido? Ou a saltar batidas? — Tento.

Ela boceja.

— Não.

Ela contorce-se contra a minha mão, e eu acaricio-lhe o peito da forma mais reconfortante que consigo.

— Sabes o que fizeste? — pergunto-lhe. — O Riven e o Eli estão doidos. Pensam que estás morta.

— Desculpa. — Ela enruga o rosto. — Desculpa. Eu não estava a pensar. Não conseguia respirar ali dentro. Eu simplesmente...

— Fugiste. — Não a posso censurar por isso. Raios, quando me partiram o coração, deixei a civilização por completo. — Eles acham que a culpa foi deles.

Os olhos dela arregalam-se.

— Meu Deus. Eles não andam por aqui à minha procura, pois não?

Eu abano a cabeça.

— Eles estão seguros lá dentro. A subir às paredes.

Ela franze o sobrolho.

— Porque vieste buscar-me? Podias ter morrido.

— Nem todos somos uns fracotes de metro e meio que não conseguem andar na neve.

Ela olha para baixo, com os olhos ensombrados. Parece incrivelmente triste.

— S-sinto que toda a vida senti a tua falta — sussurra.

— Acabámos de nos conhecer — digo eu, estupidamente.

Ela suspira.

— Eu sei. Quero dizer que sinto que faltava alguma coisa dentro de mim, mas não sabia o quê. E és tu. São vocês todos. — A boca dela curva-se para baixo. — E agora estraguei tudo.

O meu peito está a arder. Tenho de engolir com força.

— Não. Não. Não estragaste nada, querida. Não fizeste nada de mal.

Os olhos dela brilham. Ela fica calada por muito, muito tempo. Quase consigo ver as engrenagens do seu cérebro a girarem.

Sacudo-a suavemente.

— Continua a falar.

— Falaste com o Riven?

— Sim.

— Oh! — Ela aperta os lábios. — Viste o vídeo?

— Os primeiros segundos — admito.

Ela fecha os olhos. As lágrimas descem-lhe pelas faces. A sua respiração fica entrecortada quando começa a chorar.

— Eu não concordei. Não sabia que estava a ser filmada.

Merda. Eu embalo-a suavemente.

— Shh. Shh. Eu sei. Eu percebi. — Não sei o que dizer. Esta não é a minha função. O Eli é o único que sabe acariciar e mimar. O Riven consegue acalmar as pessoas quando estão a sofrer. E, normalmente, sou eu quem as magoa.

Mas, neste momento, sou o único que está por perto. Por isso, tenho de fazer alguma coisa. Puxo-a para junto de mim e ela aconchega-se ao meu peito.

— S-s-sinto-me nojenta — gagueja ela.

— Não és nada disso.

— Eu *sei* que não sou. Mas é como me sinto. Sinto-me... usada. Como um lenço usado. Um bocado de lixo.

— Sinto muito.

Ela abana a cabeça, a fungar.

— Obrigada. Por o teres desligado.

Franzo o sobrolho.

— Querida. Claro que desliguei.

Que tipo de homem é que ela pensa que sou?

Ela arrepia-se delicadamente.

— Adoro quando me chamas isso. — Ela boceja novamente. — Acho que estou bêbeda. Mas não bebi nada.

— Mantém-te acordada. Vou preparar-te comida.

Ela não pode dormir até a pele ter uma cor. Volto a vasculhar na mochila. O Eli acha que sou paranoico com as mochilas de sobrevivência. Graças a Deus que sou. Temos comida suficiente para aguentar alguns dias. Uma semana, se nos esticarmos muito. Mas duvido seriamente que fiquemos aqui tanto tempo. As tempestades nesta área tendem a ser curtas e repentinas. Um par de dias, no máximo.

Estendo os pacotes de comida desidratada.

— Chili com carne picada ou guisado de carne picada?

— Qual é a diferença?

— Um deles tem feijão.

Aquilo arranca-lhe um pequeno sorriso.

— Tanto faz.

Derreto mais um pouco de neve, depois deito um pacote de guisado na lata. Esta porcaria é bastante nojenta, mas à medida que o cheiro salgado e saboroso enche a tenda, o meu estômago ronca. De repente, apercebo-me da fome que tenho.

— Fala — ordeno, enquanto misturo a papa castanha com um garfo. — Fala-me do vídeo.

— A sério?

Levanto uma sobranceilha.

— Tens alguma coisa melhor para fazer?

Ela hesita enquanto reflete, e depois suspira.

— Era o meu ex-namorado. O Sam. Ele gravou-nos em segredo, quando ainda estávamos juntos. Deve ter posto o telemóvel na estante, ou assim.

A raiva invade-me. O que é que deu a esse gajo? A *internet* está cheia de pornografia, de mulheres que se despem de livre vontade, e ele teve de enganar a Daisy para fazer um vídeo de sexo contra a vontade dela? É repugnante.

— Quando tentei acabar com ele — continua ela —, ele enviou-me o ficheiro. Disse que, se eu não ficasse com ele, o punha *online*. Eu pensei que fosse só garganta. Não pensei que ele fosse mesmo fazer isso. Não pensei que alguém que um dia ameí pudesse ser tão *mau*. — Ela arrepia-se. — Ele ameaçou-me com isso durante uns meses, mas, quando percebeu que eu não ia mesmo voltar atrás, fê-lo. Pô-lo a circular na *internet*, num monte de *sites* pornográficos, e deu-lhe o meu nome verdadeiro. — Ela olha para mim por entre as pestanas. — Chamo-me Jennifer Adams.

— O Riven contou-me — digo eu. Os ombros dela descaem. — Onde é que foste buscar Daisy?

— É o meu nome do meio. E Whittaker é o nome de solteira da minha mãe. — Ela tosse. — O Sam disse que só tirava o vídeo de circulação se eu voltasse para ele. Como é evidente, eu jamais voltaria, por isso... Acho que devo ter entrado algumas vezes nas minhas contas de redes sociais a partir do computador dele. Ele tinha as minhas palavras-passe guardadas. Ele enviou *links* para o vídeo a toda a gente. Para todos os meus amigos do *Facebook*. Para a minha família. Para todas as pessoas na minha lista de contactos de correio eletrónico do trabalho. Para todos os pais das crianças a quem eu dava aulas. T-toda a gente. — O seu lábio inferior treme e ela olha para baixo. — Desculpa. Não consigo.

— Vem cá — digo-lhe com aspereza, puxando-a para o peito. — Está tudo bem. Está tudo bem. Não foi culpa tua.

Assim que digo aquelas palavras, ela desfaz-se contra mim. Começa a soluçar no meu peito como se alguém tivesse morrido. Esfrego-lhe as costas,

sentindo-me completamente impotente.

— A minha mãe e o meu pai não falam comigo — sussurra ela. — Não acreditam em mim, que eu não filmei aquilo de propósito. Achem que o fiz para ganhar dinheiro fácil. A maior parte dos meus amigos eram outros professores da escola. Todos me culpam. Disseram que não era correto um professor ser visto a fazer aquele tipo de coisa. Recebi mensagens de praticamente todos os pais cujos filhos eu ensinava, a chamarem-me de escória, de ordinária e um «perigo para a sociedade». Perdi o meu emprego. O meu rendimento. Apareci nas notícias, muitos canais fizeram a cobertura da história. Chamaram-me a *Professora Estrela Pornográfica*. E sempre que alguém pesquisa o meu nome, vê um vídeo de mim a ser c-comida por trás. Não sei o que fazer.

Não tenho nada a dizer, por isso fico calado. Limito-me a abraçá-la com mais força, enquanto aperto o punho livre com tanta força que cravo as unhas na palma da mão.

Quando isto tudo acabar, quando a Daisy estiver segura e quente e de volta à cabana, vou encontrar o ex-namorado dela. Não me interessa por onde ele anda. Se está na Suécia, ou na Inglaterra, ou na maldita floresta da Amazônia. Vou encontrá-lo, e ele vai pagar por a ter magoado tanto.

A Daisy faz um pequeno barulho contra mim, e apercebo-me de que a estou a apertar com demasiada força. Forço-me a relaxar o aperto. O guisado começa a borbulhar na lata, por isso pego no garfo e dou-lho a comer. Ela come devagar, a fungar, e depois vira a cara para o meu peito.

— Posso dormir agora, por favor? — sussurra.

Deito-a no chão com cuidado e envolvo-a com o meu corpo. Com ela assim embrulhada, é como abraçar uma lagarta. Ela adormece quase de imediato, com a respiração ainda a estremecer em pequenos soluços.

Daisy



Quando volto a acordar, o Cole está encolhido ao meu lado, com um braço pendurado de forma protetora sobre a minha cintura. No exterior da tenda, ainda ouço a neve a cair pesadamente. Tento sentar-me, mas estou embrulhada em cerca de cinquenta camadas de cobertor. Os meus braços estão presos aos meus flancos por um saco-cama cor de laranja brilhante. Franzindo o sobrolho, tento libertar-me.

— Não — diz uma voz baixa ao meu lado. Olho para o Cole. Pensei que ele estivesse a dormir, mas os seus olhos estão alerta. — Tens de te manter quente — murmura ele, esticando a mão para puxar as fitas que prendem o saco-cama.

Sinto-me bastante quente neste momento. Na verdade, sinto-me demasiado quente; suada, suja e claustrofóbica debaixo de todas as camadas de proteção.

— Eu estou bem.

— Não estás nada bem.

— Não consigo respirar aqui dentro. — Tento libertar as mãos.

— Estarias morta sem isso.

— Por favor, tira-me daqui. Eu estou mesmo bem...

— Tu *não* estás BEM! — ruge ele, de repente, sentando-se. Os meus olhos arregalam-se. Ele parece furioso. — Quase *morreste*, Daisy. Se eu te tivesse encontrado um bocado mais tarde, teríamos passado o dia de amanhã a desenterrar o teu cadáver debaixo de um monte de neve. Por isso, não me digas que estás *bem*!

O vento uiva lá fora como um animal moribundo. As paredes de *nylon* da tenda sacodem-se violentamente.

— Desculpa — digo, baixinho.

— *Meu Deus*. — Ele abana a cabeça. — Eu não estou zangado — murmura ele. — Não contigo.

— Devias estar. Eu fui estúpida.

— Nenhum de nós viu a tempestade chegar — diz ele, com aspereza. — Eu e o Eli quase fomos apanhados nela. Às vezes não há aviso.

Eu tento sorrir.

— De certeza que não me queres chamar de parva? É o que costumavas fazer. Não me trates bem só porque estive quase a morrer.

Era suposto ser uma piada, mas ele passa uma mão sobre a boca e pragueja novamente.

— Sentes-te mesmo melhor?

Aceno com a cabeça.

— Praticamente normal.

— Praticamente?

— Sinto-me um pouco fraco. Mas, tirando isso, estou bem.

Ele suspira.

— Então, senta-te.

Eu sento-me, deixando que ele me liberte do colete de forças. Ele deixa as mantas ao meu redor. Olho para baixo, para mim própria.

— Despiste-me.

— A roupa molhada mata. — Ele remexe na mochila e tira uma barra de chocolate. Remove o invólucro amarelo e enfia-a na minha mão. — Come.

— Não tenho muita fome.

— Precisas de energia para te manteres quente. *Come*.

E eu como. Parto a barra de chocolate em pedaços e meto-a na boca.

— Posso beber um pouco de água? — murmuro.

Ele estende-me uma lata e eu sugo-a, observando-o com atenção. Ele está encolhido no canto da tenda, curvado. De vez em quando, uma vaga de arrepios percorre-lhe o corpo, e ele cerra os dentes com força até que termine. Acho que ele está a tentar disfarçar, mas já deve ter os testículos congelados.

— Vem para aqui. — Levanto a aba da manta. — Há espaço suficiente para os dois.

Ele abana a cabeça.

— É melhor agasalhares-te. A temperatura pode voltar a descer.

Para alguém que passa tanto tempo a chamar-me parva, ele também se revela bastante teimoso.

— Sabes o que seria bom para mim — tento —, partilhar o calor corporal, e assim. Acho que este cobertor aquecido ficou sem energia.

Ele suspira.

— Vou ter de tirar a roupa — avisa. — Ou vai estragar o isolamento.

— Esperava que o fizesses.

Ele olha-me fixamente, tirando rapidamente o casaco e, depois, as camadas de camisolas e de roupa térmica que tem por baixo. Passo os olhos pelo seu tronco nu, registando a visão dos seus abdominais sólidos e dos braços largos e musculados.

— Também podias tirar as calças — encorajo, e o meu olhar desce para os seus boxers. Pensava que era suposto que os pénis ficassem mais pequenos quando está frio. Confio que o do Cole desafia as leis da física. — Não iria incomodar-me nada.

Ele ignora a minha excitação flagrante, enfiando-se debaixo do cobertor e abrindo os braços.

— Vem — diz ele com aspereza. Obedientemente, viro-me para ele e ele puxa-me para mais perto, encostando o peito às minhas costas. Sinto o seu suspiro de alívio por entre o cabelo e ele relaxa um pouco.

— Desculpa — diz ele, depois de algumas batidas de coração. — Por ter sido tão idiota para ti.

— Como assim?

— Achas que te vou chamar parva por causa *disto*? Por estares assustada e ferida? — A voz dele é sombria. — Eu devo ter sido muito mau para ti para pensares uma coisa dessas.

— Só estou a seguir o padrão — murmuro.

Ele abana a cabeça.

— Desde que te conheci que tenho sido muito ríspido contigo. Devia ter confiado mais em ti. Desculpa.

Respiro fundo.

— Foi por causa da Johanna?

Ele fica tenso.

— O quê?

— Os outros dois falaram-me dela. — Faço uma pausa. — E do Rickard.

— Eles não são nada — diz ele. — Não têm nenhuma importância.

Eu viro-me para ficarmos frente a frente. Os nossos peitos apertam-se um contra o outro. Ele fecha os olhos quando a protuberância nos seus boxers roça entre as minhas pernas.

— Isso não é verdade — digo baixinho. — Podes contar-me.

— Parece que já sabes a história.

— Não por ti. Imagino que sejas a melhor pessoa para a contar. — Ele não diz nada, e eu levanto uma sobrancelha. — Tens alguma coisa melhor para fazer?

Ele rosna. Sinto o som a ribombar-lhe no peito e aproximo-me mais um pouco. O seu abraço torna-se instantaneamente mais apertado.

— Não há muito a dizer. Quando conhecemos a Johanna, foi como se ela nos tivesse enfeitado aos três. Foi uma merda quando ela ficou noiva do Riven, mas eu não podia ficar zangado com ele por querer assentar com ela. Eu tê-lo-ia feito, se ela mo tivesse pedido. — Ele engole com dificuldade. — Mas depois ela falou-me do miúdo. Isso foi diferente.

— Tu amava-lo.

— Eu fui pai, durante algum tempo. Ou pensava que era. — Ele aperta-me o braço. — Essa foi a parte mais difícil. Não foi perder a mulher que eu amava. Nem sequer foi perder um bebé. Foi perder uma... — interrompe-se.

— Família — digo, baixinho. — Durante algum tempo, tiveste uma família.

Apesar de muito estranha, em que a mãe do bebé ia casar com o seu melhor amigo; mas, ainda assim, uma família.

Ele não diz nada.

— É natural que estejas magoado — digo-lhe, levantando o rosto para olhar para ele. — É cruel que te tenham tirado isso.

Ele encolhe um ombro largo.

— É o que é.

— Que filosófico — provoco-o. — E então? Foi por isso que foste tão hostil comigo? Achavas que eu ia meter-me entre vocês e destruir tudo outra vez?

— Demorei anos a chegar a um ponto em que consegui construir um lar. E pensei que ias estragar tudo. Pensei que ias magoar o Riven e o Eli. — Ele segura-me no rosto, os olhos azuis encontram os meus. — Desculpa.

Eu pondero, depois fungo com altivez.

— Bem. Eu não te perdoo.

Ele olha para baixo, deixando cair a mão.

— É justo.

— Vais ter de me compensar — decido.

— Como?

— Beija-me.

Os olhos dele escurecem.

— O quê?

— Beija-me.

— Não. — O seu olhar desliza para a minha boca. — Já te disse. Eu não beijo.

— Porque não?

— É desnecessário. Quando durmo com uma rapariga, é para me libertar. Não é um romance a fingir.

— Eu sei que queres. O Riven contou-me. Disse-me que tinham falado em namorar-me. Disse que tu concordaste.

O Cole resfolega.

— Isso não quer dizer que eu queira beijar-te.

— É exatamente isso que quer dizer.

Ele faz uma careta.

— Achas que, só porque impedi que morresses congelada, te quero beijar? O meu trabalho é ajudar criaturas fracas que não se aguentam na neve.

Recuso-me a ficar ofendida com o tom dele.

— Estás a fazer a mesma coisa. A afastar-me, porque tens medo. Não vou cair nessa outra vez. Podes ser tão rabugento quanto quiseses. — Deslizo para mais perto dele, pressionando o meu corpo contra o dele, e encosto a cabeça

no seu ombro. — Sabes porque é que eu acho que tu não beijas?

— Tenho a certeza de que me vais dizer.

— Acho que tens medo de te apaixonares por alguém. Tens medo do amor e do romance. Levanto-me e percorro a sua maçã do rosto com a ponta de um dedo. — É mais fácil fazer sexo, não é? É só foder sem pensar. Mas, quando olhas uma mulher na cara e a beijas, estás a abrir-te a ela. Estás a tratá-la como se gostasses mesmo dela. E isso significa que ela pode magoar-te.

— Muito perspicaz — diz ele.

Eu aproximo-me ainda mais.

— Mas já não precisas de ter medo. A Johanna seguiu em frente. Está na altura de fazeres o mesmo.

Ele irrita-se.

— Não quero falar nela.

— Que pena.

— *Desculpa?*

Eu encolho os ombros.

— Eu vou falar sobre ela. E tu estás como que preso a mim neste momento, não estás? A não ser que prefiras atirar-te para um monte de neve para evitar que eu te confronte com o teu passado traumático.

— Devia ter-te deixado a morrer naquele arbusto — murmura ele.

— Excelente conclusão — digo, com doçura.

— Ainda posso atirar-te de novo para lá.

— Não. Não podes. — Este homem iria magoar-se a si próprio antes de magoar outra pessoa, e ambos sabemos disso. Levo as mãos ao seu rosto, obrigando-o a olhar para mim. — Eu percebo. Ela magoou-te. Perdeste a tua família e todos os que amas. Isso não significa que nunca mais vais voltar a amar alguém. A única pessoa que te está a impedir de ter uma família és *tu*, Cole. Tu, ao afastares toda a gente, ao tentares afugentar as pessoas que gostam de ti, ao isolares-te no raio do *Círculo Polar Ártico* só para nunca mais teres de fazer contacto visual com uma mulher.

Ele pestaneja. Abre a boca. Eu cubro-a com a minha mão.

— Podes ter um filho. Podes ter uma mulher e uma família. E sim, eles podem magoar-te. Acabamos por perder as pessoas que amamos. Isso não quer dizer que não valha a pena *tentar*.

Ele abana a cabeça, lentamente.

— Tu não sabes de nada.

— Eu conheço-te — insisto. — Na verdade, tu não odeias as pessoas. No fundo, és bondoso e gentil. Então, porque não ceder?

— Eu não posso passar por tudo de novo! — diz ele, cortando-me a

palavra. — O Riven contou-te como me encontrou, depois de eu perceber que o miúdo não era meu? Estava a viver num apartamento num bairro de prostituição em Estocolmo, a levar porrada todas as noites por diversão.

Eu pestanejo.

— O quê?

— Eu estava no circuito de lutas clandestinas. Era a única forma de sentir alguma coisa. Se tivesse continuado, teria morrido. Eu *queria* morrer.

A raiva, misturada com a dor, atravessa-me. Baixo os olhos para as cicatrizes que lhe atravessam o peito.

— Isso foi de...

— Sim. — O músculo do seu maxilar treme. — Eu não consigo sobreviver a isso de novo. *Não consigo*.

As minhas narinas dilataram-se. Vou direita à cara dele.

— Sim. Consegues — rosno, prestes a mostrar-lhe os dentes. — Por amor de Deus, o teu trabalho é lutar com alces e lobos e enfrentar tempestades, e achas que não és forte o suficiente para aguentar que te partam o coração algumas vezes? Se o resto do mundo consegue, tu também consegues. És o homem mais forte que alguma vez conheci. — Estou tão perto dele que consigo sentir o seu coração a bater-lhe no peito. Os seus olhos gelados penetram os meus quando a sua mão desliza até à minha anca, cingindo-a. Eu afasto-a. — Não. Eu não vou dormir contigo. Achas que quero dormir com um tipo que é demasiado covarde para me dar um beijo na boca?

Ele aperta-me com força.

— Não sou covarde — diz ele, com a voz perigosamente baixa.

— Então prova! Recompõe-te e segue em frente! Liberta-te dessa relação com um fantasma! Há pessoas por todo o planeta que iriam gostar de te ter na sua família. Que iriam *amar-te*, Cole, se as deixasses...

Ele corta o meu discurso com a boca.

Daisy



É incrível como três beijos podem ser tão diferentes. O beijo do Eli iluminou-me por dentro, encheu-me de energia e felicidade até me sentir tonta e esvoaçante.

O beijo do Riven silenciou o resto do mundo, aqueceu-me como uma chama.

O beijo do Cole faz com que me sinta como um para-raios no meio de uma tempestade. Eu gemo na sua boca quando os nossos lábios colidem. É como se cada nervo do meu corpo irrompesse em chamas.

Ele força a minha boca a abrir-se e introduz a língua em mim com força. Eu tremo e derreto quando as nossas línguas se juntam. O Cole beija como se estivesse a lutar. A lutar comigo, a tentar levar a melhor. Adoro isso. Faz-me sentir perigosa, alimenta as minhas inclinações selvagens, transforma-me numa espécie de animal primitivo. Ele agarra o meu cabelo com o punho, segurando-o como um rabo-de-cavalo, e puxa-me a cabeça para trás. Cravo as minhas unhas no seu pescoço e depois desço-as pelos seus ombros. Ele *estremece* e aproxima-se mais ainda. O seu beijo parece desesperado, como se o desejasse há muito, muito tempo, e agora que finalmente o conseguiu não consegue parar. Aproximamo-nos cada vez mais, beijando-nos, mordiscando-nos, sugando-nos. Mordo-lhe o lábio, com força, e ele solta um ruído baixo vindo do fundo do peito, puxando-me para o seu colo.

De repente, sinto a sua ereção, dura como uma rocha, a roçar em mim. Ambos suspiramos e olhamos para baixo. A única coisa que nos separa nesse momento é o tecido dos seus boxers. Lentamente, o Cole estende a mão e toca-me na cintura, pousando as suas mãos grandes sobre as minhas costelas. Fecho os olhos, sentindo arrepios por todo o corpo. As pontas dos seus dedos ásperos e calejados descem até às minhas ancas, apertando a pele macia, e eu não consigo evitar esfregar-me nele.

As mãos dele imobilizam-se.

— Mas que raio estou a fazer? — murmura ele.

Eu abro os olhos.

— A apalpar-me — lembro-lhe. — De seguida, porque não tentas tocar nas minhas mamas? Têm recebido críticas excelentes.

Ele abana a cabeça, pestanejando com força, como se estivesse tonto.

— Tu não queres fazer isto. Tu gostas dos outros.

— A sério? O que é que te fez chegar a essa conclusão?

— Só me fodes quando um deles está por perto — diz ele, simplesmente.

Fico a olhar para ele.

— Hum. Não. *Tu* só me fodes quando um deles está por perto. Há muito tempo que espero por uma oportunidade para estar a sós contigo, mas tu

desapareces sempre que tento.

O maxilar dele aperta-se. Segura-me o rosto, obrigando-me a olhar para ele.

— Ouve. O Eli e o Riven vão ser bons para ti. Eu não.

— Eu é que decido o que é bom para mim, muito obrigada.

— Seja o que for que achas que queres de mim, não to posso dar. Diabos, eu só sugeri «namorar» contigo porque sabia que isso iria deixar os outros felizes.

Sinto-me ofendida.

— A sério? Qual era a tua ideia? Deixavas os outros lidarem com a parte do romance e usavas-me como um brinquedo sexual? — Eu balanço as minhas ancas contra ele, e a sua boca abre-se. — Seu *parvalhão*.

— Não é que eu não queira... — Ele deixa a frase a meio e a garganta emite um rosnado. — Eu não sei ser *romântico*. Não sei ser *mole*. *Não sei*.

— Isso é evidente. — Passo a mão sobre a sua ereção, sentindo-o contorcer-se desesperadamente sob a minha palma. Não há nada mole aqui. Os meus dedos sobem até à cintura elástica da sua roupa interior. Dou-lhe um puxão. — Tira isso.

Com um gemido baixo, ele fá-lo, deslizando-a pelas coxas musculadas. Fico de água na boca quando ele se livra do tecido. É tão grande. Eu inclino-me para a frente, alcançando-o.

— Posso?

Ele grunhe que sim.

Acaricio-lhe o pénis, primeiro suavemente, sentindo-lhe a textura aveludada da pele, e ele sibila, o corpo todo a contrair-se. Desço a mão por baixo para lhe tocar nos testículos pesados e sinto o seu pénis a pulsar. Ele remexe-se, de dentes cerrados.

— Desejas-me? — pergunto, apertando-o ligeiramente.

Os seus olhos não se afastam dos meus enquanto ele é percorrido por um arrepio.

— Sim.

— Então aproveita.

Quando ele não se mexe, empurro-o pelos ombros largos de volta ao chão da tenda e subo para cima dele. Ele rosna enquanto eu me roço na sua virilha. Fecho os olhos. Deus, quero-o tanto. Lá no fundo, sinto o meu núcleo a apertar-se, a doer e a latejar. Enquanto me esfrego contra ele, sinto o seu líquido pré-ejaculatório a misturar-se com a minha excitação.

Ele agarra-me pelas ancas e tenta virar-me, mas eu não deixo.

— Vira-te — ordena ele.

— Não — respondo-lhe. — Se vais comer-me, tens de olhar para a minha

cara.

Ele franze o sobrolho.

— Eu não fodo assim.

Eu bufo.

— Sim, tenho a certeza que não. É demasiado íntimo, se puderes olhar-me na cara, não é? Demasiado *romântico*, se estabelecermos contacto visual e te lembrares que eu sou uma mulher de quem gostas e não um buraco quente e molhado para enfiar a pila. — Eu rebolo as ancas, a ponta do seu pénis desliza entre os meus lábios pulsantes. — Deus te livre de sentir alguma coisa, tipo *sentimentos*. — Levo a boca ao seu pescoço e mordisco-lhe a maçã de Adão, fazendo-o estremecer. — E, se eu conseguisse que sentisses alguma coisa, depois podia *magoar-te*, não é?

— Cala-te. — Ele enterra os dedos nas minhas ancas. As suas palavras têm um tom de aviso. Como se eu devesse ter *medo* dele. *Medo* deste homem que arriscou a vida para me salvar. Eu não teria medo do Cole se ele entrasse no meu quarto com uma serra elétrica. O mais provável era que estivesse a construir-me uma mesa de cabeceira ou algo do género. — Eu. Não. Fodo. Assim.

Suspiro e afasto-me dele com relutância.

— Está bem. Então vou-me embora.

Ele franze o sobrolho, engolindo com dificuldade. Consigo ver o seu pulso a bater no fundo da garganta.

— O quê?

— Não vou obrigar-te a fazer algo que não queres. — Ponho o cabelo atrás das orelhas e abano-me. — Credo. Que cura excelente para a hipotermia. Devias escrever um artigo de investigação. — Sento-me, abrindo as coxas. O olhar dele foca-se entre as minhas pernas e eu começo a tocar-me, lentamente. Só estou a provocá-lo. Depois daquele beijo, preciso mesmo, mesmo de me vir.

O Cole percorre o lábio inferior com a língua.

— Vais mesmo fazer isso? Eu já vi o Eli a comer-te de quatro. Tu gostas.

— Sim, bem, o Eli grita o meu nome quando se vem e beija-me sempre que me vê. — Eu faço círculos com os dedos sobre a humidade que se vai acumulando, mexendo-me ligeiramente no chão da tenda. — Já há demasiados homens que me veem como uma queca anónima. Não vou deixar que os homens com quem durmo também me façam isso. Tenho a certeza de que sabes tomar conta de ti.

Deixo que os meus olhos se fechem e introduzo um dedo na minha vagina. Na minha cabeça, não estou a tocar-me. As mãos grandes, firmes e fortes do Cole estão a fazer o trabalho por mim. Passam vários segundos de

acalorada tensão. Sinto-me cada vez mais molhada enquanto fantasio. A minha respiração ofega, as minhas costas arqueiam-se levemente.

— Oh, por amor de Deus — murmura ele, agarrando-me e puxando o meu corpo contra o seu. — Ganhaste — rosna ele. Eu rosno de volta, e depois subo para cima dele, montando-o.

— Olha para a minha *cara* — ordeno, segurando-lhe o queixo e obrigando-o a olhar para mim. Os seus olhos azuis gelados não se desviam dos meus enquanto me posiciono e depois desço devagar sobre a sua pila.



A Daisy é quente e suave como o pecado enquanto se afunda em mim. Meu Deus, é mesmo apertada. Nem sequer tenho a certeza se ela vai conseguir acomodar-me, mas ela limita-se a apertar os lábios e continua a deslizar para baixo até estar completamente preenchida. Abre os lábios num suspiro silencioso. Os seus olhos castanho-chocolate derretem-se nos meus, cheios de suavidade, raiva e paixão que eu não mereço.

Por que raio é que ainda estou a olhar para os olhos dela?

Agarro-lhe nas ancas e invisto com força, enterrando-me o mais fundo que consigo. Ela grita, agarrando-se a mim. Juntos, damos início a um ritmo rápido que se vai tornando cada vez mais frenético. Ela monta-me com força, rebolando as ancas. Cravo os dedos na carne macia do seu rabo e depois dou uma palmada com força numa das suas nádegas. Ela silva por entre os dentes e eu acaricio-lhe a pele com a mão, sentindo-a aquecer.

Ela parece absolutamente irreal em cima de mim, as curvas nuas ruborizadas e luzidias de suor, os longos caracóis escuros soltos à volta dos ombros. As suas mamas estão na minha cara, tremendo e oscilando a cada investida. Consigo ver-lhe os mamilos de um rosa-pálido a aumentarem e a diminuírem mesmo diante dos olhos. Inclino-me para a frente e apanho um com a boca, mordiscando-o com força, e ela geme, esfregando o seio contra mim como se estivesse desesperada por mais.

— Cole — arqueja ela. — Cole. Jesus, desculpa, eu não consigo... eu não consigo...

— Não consegues o quê? — obrigo-me a perguntar, segurando-a com mais força.

As suas estocadas começam a ficar débeis e irregulares, depois ela para completamente de se mexer. Ela cai sobre mim.

— Não consigo... — Ela suspira. — As minhas pernas...

Estou tão excitado que demoro uns segundos a perceber qual é o problema. Agarro-a pela cintura e faço-nos girar até ficar deitado em cima dela. A tenda estremece quando deslizamos sobre as mantas. Apoio o punho sobre a cabeça dela e continuo a mover-me dentro dela.

— Tiveste hipotermia — murmuro, entre as investidas. — Achas que tens energia para ficar por cima? Mal consegues andar.

— Para a próxima — sussurra ela —, costumo ser boa nisso.

— Oh, tu és muito *boa* nisso.

Ela grita quando eu lhe levanto as ancas, ajustando o ângulo. A cabeça da minha pila encontra o feixe sensível de nervos dentro dela, e eu avanço contra ele, uma e outra e outra vez. Ela grita a cada estocada, com arrepios a percorrerem-lhe o corpo.

— Caraças. Sim. *Sim*. Cole, Deus, *sabe tão bem...* oh...

Adoro o barulho que ela está a fazer. Com o vento a uivar lá fora, é bom que faça. Ninguém no mundo a pode ouvir a não ser eu.

Puxo-a para mais perto, tocando-lhe na mama, saboreando o seu calor suave.

— Oh —arfa a Daisy, debaixo de mim. — Oh, Deus. Cole. — Sinto-a enfraquecer à medida que a libertação se aproxima. As suas coxas começam a tremer. As suas mãos deslizam pelas minhas costas e agarram-se desesperadamente aos meus ombros. — *Oh*. Estou prestes a...

— Vir-te — digo, rouco, afundando-me com mais força. A minha pila está a ponto de rebentar, como uma garrafa de champanhe que foi agitada durante meia hora. A pressão é quase dolorosa.

Ela contorce-se debaixo de mim, quente, escorregadia e desesperada.

— Por favor — engasga-se. — Por favor, Cole.

— Por favor o quê?

Ela força-se a abrir os olhos e agarra o meu rosto, puxando-o para o dela. Beijo-a com força e ela desfaz-se em convulsões nos meus braços. O seu sexo contrai-se, apertando-me em ondas rítmicas. É o suficiente para me levar ao limite. Atiro a cabeça para trás e grito ao explodir dentro dela. Ela grita em simultâneo, enquanto me arranha as costas com as unhas.

Durante alguns segundos, a minha mente fica vazia e sem ideias. Esqueço-me de quem sou. Esqueço-me da minha história. Esqueço-me de que *não* devia estar a fazer sexo com esta rapariga doce, gentil e ferida no meio de uma tempestade de neve. Pela primeira vez em anos, tenho nos braços uma mulher de quem gosto, e sinto-me como se estivesse a voltar para casa.

Depois a sensação desvanece-se e volto à Terra. Olho à volta da tenda. Há roupa, latas e outras provisões espalhadas por todo o lado. A Daisy está deitada debaixo de mim, com o peito a arfar enquanto tenta recuperar o fôlego.

Merda.

Eu retiro-me do seu interior com cuidado, saindo de cima dela.

— Não devíamos ter feito isto — murmuro.

Ela olha-me fixamente.

— Vai-te lixar — cospe.

Sou sacudido pela surpresa.

— Desculpa?

Ela apoia-se debilmente sobre um cotovelo. Os seus olhos brilham.

— Eu gostei. Tu gostaste. Por isso deixa-te dessa treta de que *foi um erro*. Eu diverti-me bastante.

— O que *quero dizer* — esclareço, entre dentes —, é que ainda estás

fraca. Acabaste de gastar uma energia dos diabos. Se conseguires andar amanhã, é uma sorte.

— Pelo menos aqueci — murmura ela, virando-se de lado e fechando os olhos.

Suspiro e meto a mão na mochila, à procura de um pacote de lenços de papel. Tiro dois, livro-me rapidamente das provas e depois passo-os nas manchas de humidade nas coxas dela. Ela murmura qualquer coisa, enrolando-se na minha mão.

O meu coração para. Não faço ideia do que hei de fazer agora. É evidente que ela quer algum tipo de conforto, e eu não sou pessoa que saiba dar-lho.

— Eu não fico abraçado depois do sexo — desabafo.

Ela olha para mim com um ar sonolento.

— O que é que fazes?

— Vou-me embora.

— Está bem, então. — Ela acena para a entrada da tenda. — Vai lá.

Eu faço-lhe uma careta. Ela faz o mesmo.

— Passaste literalmente a noite toda a abraçar-me. Mas é nisto que traças o limite? — Ela vira-se de lado, aconchegando-se no cobertor. — Talvez não tenhas reparado, mas eu não te *pedi* nenhum abraço. Idiota.

— Ótimo.

— Ótimo.

Ficamos em silêncio durante alguns minutos. Dou um jeito à tenda, depois acendo outra lata de combustível de atrito para nos mantermos quentes. A Daisy continua quieta, a respirar com regularidade, mas noto que está acordada. Encontrou a camisola, que secou durante a noite, e aperta-a contra o peito como se estivesse a cobrir-se. Enquanto a observo, ela enrola-se mais um pouco, a tremer.

O meu coração parte-se.

Ela tem razão. Eu sou um parvalhão. Ela tem frio, está nua e assustada. Estamos no meio de um nevão. É provável que ela esteja com receio de *morrer*, e eu nem sequer lhe dou um abraço depois de a foder. Fecho os olhos.

— Daisy.

Ela ignora-me. Ocorre-me um novo pensamento. Que merda. Talvez ela esteja a sentir-se *usada*. É a última coisa que quero, depois de tudo o que ela já passou. Apertando o maxilar, deito-me ao lado dela.

— Vem cá — digo, baixinho.

Ela não se mexe.

— Eu abraço-te.

Ela funga.

— Não tens de fazer esse frete.

Meu Deus.

— Vem cá, querida — insisto, com uma voz suave.

Ela hesita, depois enrola-se em mim, enterrando a cara no meu peito. Adormece em segundos e a sua respiração começa a vibrar contra a minha pele. Fico a olhar para ela, com o coração a pulsar na garganta.

Dormir com ela foi uma estupidez. Mas, para ser sincero, beijá-la foi o meu maior erro.

Um beijo. Foi tudo o que bastou para que ela me desvendasse por completo.

Daisy



Quando acordo, o Cole está a dormir profundamente, com os braços à minha volta. Para um homem que, segundo consta, detesta abraços, faz conchinha com muito entusiasmo; agarra-se a mim como se eu fosse um ursinho de peluche, de cara enterrada na curva do meu pescoço. Ele resmunga contra a minha pele quando eu me liberto cuidadosamente do seu aperto. Sentada, olho para ele, absorvendo a imagem. Ele tem sempre um ar tenso e sombrio; nunca o tinha visto tão tranquilo. O rosto é suave, os lábios cheios estão ligeiramente entreabertos. Todos os seus músculos estão suaves e relaxados. O seu peito sobe e desce devagar debaixo da minha mão.

Ele é lindo assim.

Tenho sede. Procuo uma das latas que bebemos ontem à noite na tenda. Encontro uma e agarro-a, mas está vazia. Precisamos de mais neve. Levanto-me com cuidado, com uma dor entre as pernas. Não é uma dor *má*, de forma alguma. Na verdade, gosto da sua picada. Embora o Cole esteja a dormir profundamente, é como se ainda o sentisse dentro de mim.

A minha mente recorda a noite anterior. Lembro-me da forma como as suas mãos quentes tocaram os meus seios e estremeço. *Meu Deus*. Ainda consigo senti-lo perfeitamente na minha pele. O calor chispa na minha barriga e sinto um toque de humidade entre as coxas.

Meu Deus.

Não tenho tempo para isso. Precisamos de água. E de comida. E se calhar devia acender outro daqueles aquecedores. Vejo a camisola interior térmica do Cole amarrotada a um canto e visto-a, bem como com a minha roupa interior e as botas. Depois, saio silenciosamente da tenda. A súbita onda de frio que me castiga a pele é surpreendentemente boa, depois de ter estado presa durante tantas horas numa tenda.

Atravesso a abertura do casebre, já a começar a tremer, e inclino-me para apanhar alguma da neve que se espalhou pelo chão. Estou tão concentrada na tarefa que demoro um segundo a aperceber-me de que alguma coisa está diferente. Dou um passo para o exterior, de olhos esbugalhados.

Deixou de nevar. Está tudo imóvel. O céu é de um azul muito límpido e pálido e a paisagem à minha frente está completamente coberta de branco, com vários metros de espessura. Todas as sebes e arbustos estão cobertos. É como se alguém tivesse pegado numa borracha e apagado metade da montanha. Todo aquele cenário brilha suavemente à luz do sol.

É lindo.

— Daisy!

Viro-me mesmo a tempo de ser abalroada por um homem da montanha gigante e nu. O Cole agarra-me pela cintura.

— Estás bem? — pergunta ele, desvairado.

— Olha! Parou de nevar!

Os seus olhos não se desviam da minha cara.

— Estás bem? — repete, com a voz rouca de pânico. As mãos percorrem-me o corpo, como se estivesse à procura de ferimentos. — Acordei e tinhas desaparecido. Pensei que te tinhas ido *embora* outra vez.

— Desculpa, eu só estava...

— *Por amor* de Deus — rosna ele, puxando-me para um abraço de urso que me levanta no ar. — Da última vez que desapareceste, quase morreste. Morrias se ficasses dentro do meu ângulo de visão?

— Desculpa — digo, arrependida. — Estava só a ir buscar água. Mas olha! Isto significa que podemos voltar para a casa?

Ele pausa-me de volta ao chão e observa a paisagem, com uma expressão avaliadora.

— Sim. Eu vou primeiro e depois os outros vêm ajudar-te. Arrastam-te pela neve num trenó.

Eu faço uma careta.

— Oh, nem pensar. Eu consigo andar sem qualquer problema.

Ele suspira, de ombros descaídos.

— Está bem. Veste-te.

Eu pestanejo.

— Já está? Nem sequer me vais rosnar?

— Não vale a pena. Ias seguir-me até casa, de qualquer maneira.

Dou-lhe uma palmadinha na face.

— Oh, Ursinho. Estás mesmo a começar a conhecer-me.

Estou mortinha por voltar para a cabana — uma parte de mim está aterrorizada com a possibilidade de a neve recomeçar e ficarmos presos por mais tempo — mas o Cole insiste para comermos qualquer coisa quente antes de partirmos. Depois de devorarmos uma lata de chili e um pouco de café liofilizado, arrumamos a tenda e todo o equipamento, preparando-nos para a caminhada de regresso a casa. O Cole preocupa-se comigo como se fosse uma mãe galinha, por isso certifica-se de que tenho camadas de roupa suficientes, que o meu casaco está bem fechado, que o meu cachecol está bem apertado à volta do pescoço. Por fim, deixo de protestar e deixo-o fazer como entender. Preguei-lhe um susto. Se ele precisa disto para se sentir mais calmo, seja.

Passam-se quase quarenta minutos até sairmos da cabana. O sol já está a nascer e tenho de estreitar os olhos por causa da claridade que cintila na neve.

Não estamos muito longe da casa; são apenas uns cem metros.

— Mantém-te perto de mim — ordena o Cole, a segurar a alça da mochila.

Eu concordo com um aceno. Ele faz-me uma última vistoria e depois afundamo-nos na neve. É quase como se estivéssemos a nadar; nevou tanto durante a noite que a neve dá-nos pela cintura.

Bem. Pela minha cintura. No caso do Cole, só chega até às coxas. Ele vê que estou a debater-me e torce a boca numa careta.

— Porque é que és tão pequena?

— Encolhi na lavagem.

— Vamos lá.

Ele tenta pegar em mim, e eu recuo aos tropeções.

— Não! O teu ombro!

— Está tudo bem. Não quero que apanhes demasiado frio.

— Eu consigo — insisto. Ele volta a agarrar-me e eu olho para ele. — Se me levantares, dou-te um pontapé com tanta força na pila que os tomates te saem pela boca.

Com um suspiro, ele vira-se e continua a avançar. Eu sigo-o com determinação, percorrendo o caminho que o seu corpo enorme vai abrindo na neve espessa. Sinto a energia a deixar-me a cada passo. A cabana está cada vez mais próxima e os nervos começam a revirar-se no meu estômago. Lembro-me da cara do Riv quando gritou comigo. Não posso ficar demasiado entusiasmada. Não estou à espera de uma receção calorosa.

Mesmo assim, não consigo evitar a onda de alívio que se apodera de mim quando avanço os últimos passos aos tropeções até à porta da frente, apoiando-me com firmeza na parede. Estou a tremer por todo o lado, a suar debaixo dos casacos. Acho que o Cole estava certo quando disse que ainda estou fraca.

— Tens chave? — pergunto, ofegante, quando ele se aproxima de mim.

— Eles devem ter deixado a porta destrancada para ti. — Ele ajeita a mochila no ombro, mas não estende a mão para a maçaneta. Eu olho para ele. — Abre — ordena.

Com o coração a bater na boca, fecho os dedos à volta do puxador da porta e empurro-a para o interior.

Os dois homens estão na sala de estar, sentados em silêncio à mesa de jantar, com canecas com alguma bebida à frente. Ambos levantam o olhar quando entramos. O Eli fica de boca aberta. O Riven estremece como se tivesse sido atingido.

Por um instante, ficamos todos em silêncio.

— Encontrei-a — diz o Cole, com aspereza.

Eu atiro-lhes um sorriso tímido. Não sei bem o que dizer. *Surpresa? Desculpem lá se quase morri? Interromperam a minha saída dramática, posso ficar aqui mais uns dias até poder tentar de novo?*

— Parece uma casa de pássaros — digo ao Eli. Ele fecha a boca, põe-se pé de repente e atravessa a sala em dois passos largos. Dou um grito quando ele me agarra pela cintura, puxando-me do chão para os seus braços.

— Não faças *isso* — ordena, enterrando a cara no meu cabelo. — *Nunca mais faças isso.*

Ele encosta os lábios à minha testa. Está a respirar depressa e com dificuldade, como se não conseguisse levar ar aos pulmões. Tem os olhos vermelhos. Esteve a chorar.

Fecho os olhos, respirando o seu aroma suave a pinheiro.

— Viste o vídeo? — sussurro.

Ele não responde, apenas me aperta com força.

— Que raio aconteceu? — berra. — Estás bem? Como é que estás aqui? Não percebo.

— Eu estou bem — digo, com gentileza. — Eli. O vídeo.

Ele recua para poder olhar para o meu rosto, afastando-me o cabelo para trás das orelhas. Tem as faces molhadas.

— Eu... sim — acaba ele por articular. — Nós vimos os primeiros segundos. Parámos assim que nos apercebemos do que era. Desculpa, querida. Meu Deus. Não acredito que estás bem.

Sinto-me mal.

— Não sabia que ele estava a gravar... eu... eu...

Respiro fundo e as palavras secam na minha boca.

— O ex dela pegou no vídeo e meteu-o *online* como chantagem para ela voltar para ele — explica o Cole, sem rodeios. — Ela usa o seu nome do meio para impedir que as pessoas o vejam.

Confio nele para resumir o pior acontecimento da minha vida em duas frases.

— Oh, querida. — O Eli começa a beijar-me freneticamente a lateral do rosto. — Por amor de Deus, eu não quero saber do teu nome, ou do vídeo, ou do que quer que seja.

Uma cadeira raspa no chão. Desvio-me e vejo o Riven a sair da sala.

— Riv — chamo, estendo-lhe a mão, mas ele limita-se a abanar a cabeça e vai-se embora. Vejo-o partir e o meu coração afunda-se. O Cole murmura qualquer coisa em sueco, beija-me o rosto com força e também desaparece. Ficamos só eu e o Eli, abraçados no meio da sala.

Sem uma palavra, o Eli puxa-me contra o peito e aperta-me. Encosto-me a ele, respirando o seu cheiro quente. Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Estou bem. Estou bem e ele está aqui, e continua a preocupar-se comigo.

Não sei durante quanto tempo ficamos ali agarrados um ao outro. Aos poucos, a respiração irregular do Eli começa a acalmar-se. Ele acaba por se afastar, ofegante, segurando o meu rosto entre as mãos. Os olhos verdes ardem ao encontrar os meus.

— Estás bem? — pergunta ele, a voz rouca.

Eu aceno com a cabeça.

— Estou bem.

Eu suspiro quando ele me beija, com força, avidez e desespero. As mãos percorrem-me o corpo todo, como se não conseguisse acreditar que ainda é possível tocar-me.

— Querida — murmura ele, contra os meus lábios. — Não voltes a fazer isso. Não posso perder-te. Juro, o meu coração parou. — Ele agarra na minha mão e pressiona-a contra o peito. Consigo sentir o seu coração a bater na caixa torácica. — Raios, eu amo-te.

— Eu também te amo — respondo. Nem sequer preciso de pensar nisso. Sei que é verdade.

Ele estremece, afastando-se ligeiramente.

— Não precisas de dizer isso, Sininho.

Eu estreito os olhos.

— Achas que estou a mentir?

— Não — diz ele, a lutar com as palavras. — Mas. *Eu?*

— É assim tão difícil de acreditar?

Ele passa uma mão pelo cabelo, despenteando os caracóis.

— Normalmente, as raparigas preferem os outros. Eu sirvo mais para... passar um bom bocado do que para um compromisso sério.

Levanto a mão e acaricio-lhe a face por barbear. Ele inclina-se para o meu toque, roçando os lábios nos meus dedos.

— Acho que vos amo a todos — digo, baixinho.

Não preciso de refletir sobre isso. Sei que amo. Só não sei o que raio fazer em relação a isso.

Ele faz um ruído suave no fundo da garganta e puxa-me para outro beijo. Dessa vez é suave e demorado, quase insuportavelmente terno. Quando os nossos lábios se tocam, sinto uma luz quente na barriga, a aquecer-me como uma dose de conhaque. Solto um queixume quando ele se afasta, correndo a mão pelo meu braço.

— Eu sei, querida — murmura ele —, mas estás gelada. Vamos tomar um duche.

Antes que eu possa protestar, ele passa os braços à volta da minha cintura e levanta-me do chão, levando-me para a casa de banho como se eu fosse uma

noiva.

Eu empurro-o pelo peito.

— Eu consigo andar.

— Muito bem.

— Põe-me no chão.

Ele dá-me um pequeno abanão.

— Pensei que estavas *morta*, mulher. Preciso de te sentir nos braços, porra.

Eu fecho a boca. Ele leva-me para o chuveiro, depois despe-nos aos dois e entra comigo. Estou à espera de mãos errantes, mas ele não tenta apalpar-me de todo; apenas ensaboa as mãos e ajuda-me a lavar-me. Acho que ele só quer continuar a tocar-me. A água corre pelas minhas costas, quente e fumegante, e eu estremeço enquanto ele massaja o champô com gentileza no meu couro-cabeludo.

Depois de limpa e seca, aconchegada na sua camisola de capuz, ele aquece um pouco de guisado que sobrou e puxa-me para o seu colo no sofá da sala. Põe a passar um filme no portátil, mas nenhum de nós está realmente a assistir. Estamos apenas agarrados um contra o outro, a respirar um no outro. O fogo crepitante aquece-me a pele aos poucos, enquanto as mãos dele descrevem círculos lentos nas minhas coxas e costas.

Afasto os seus caracóis avermelhados para trás.

— Amo-te — digo-lhe de novo. Ele fecha os olhos. Aperta os braços ao meu redor.

— És tão especial — diz ele, esfregando a bochecha áspera contra a minha.

— Tu também.

Ele respira fundo, como se eu lhe tivesse tirado o ar do peito. Eu sei como ele se sente. Eu também não sinto que tenha fôlego suficiente. O fogo estala na grelha e eu enrosco-me nos seus braços como um gato, deixando-me envolver por todo o amor que ele me oferece.

Não sei se me vão deixar ficar aqui. Não sei se o Riven vai voltar e expulsar-me a qualquer instante. Mas, neste momento, estou feliz. E isso tem de ser suficiente.



O lho de soslaio para o registo do doente à minha frente, mas as letras estão todas desfocadas. É a quinta vez que o leio e continuo a não fazer ideia do que diz. Não consigo concentrar-me. A minha mente está noutro lugar.

Estou sempre a imaginar a Daisy, encolhida na neve, aterrorizada ao sentir o seu corpo a começar a desligar-se. A resignar-se a morrer ali fora, completamente sozinha, congelada no frio.

A porta do meu quarto abre-se e o Cole entra de rompante, sem se dar ao trabalho de bater. Levanta uma sobrancelha ao ver-me sentado à secretária, no escuro.

— Escondido?

— Estou a dar-lhes algum tempo sozinhos — digo, sem desviar os olhos da página. — Acho que o Eli não está com vontade de a partilhar agora.

O Cole bufa.

— Mentiroso.

Eu não digo nada. Ele posiciona-se atrás de mim.

— O que foi? — pergunta ele, bruscamente. — Ela está viva. Porque é que tens de estar chateado?

Humedeço os lábios.

— Como é que a encontraste?

— Não sei se ela durava mais dez minutos.

Fecho os olhos.

— Eu quase a matei.

Ele não nega. Em vez disso, levanta-se.

— Ela precisa de ti.

Eu olho para ele. Está de maxilar cerrado.

— O quê?

— Ela precisa de ti — repete ele, com firmeza. — Ela precisa que a abrace e que lhe digas que ainda gostas dela.

Eu abano a cabeça.

— Ela não me quer...

Os olhos dele estão sérios.

— Sim, quer. E tu já saberias disso, se não te estivesse a esconder aqui como um coelho assustado.

— Eu...

— Recompõe-te. És melhor do que isto. Cometeste um erro. Pede desculpa. É tão simples quanto isso.

Antes que eu possa responder, ele vira-se e sai de novo, os passos

pesados a afastarem-se pelo corredor.

Olho para as minhas mãos. Estão a tremer. Fecho-as em punhos.

Já fiz muitas coisas difíceis na minha vida. Segurei as mãos de doentes enquanto morriam. Já disse a pessoas que os seus entes queridos partiram. Uma vez, fiz uma traqueotomia de emergência no chão de um restaurante, abrindo um buraco na garganta de uma mulher que estava a sufocar até à morte.

Nunca tive tanto medo como agora.

Quando entro na sala de estar, a Daisy está sentada entre o Cole e o Eli, aninhada entre eles. O Eli está a brincar com as pontas do cabelo dela, e o Cole...

O Cole tem a mão entrelaçada na dela sobre o joelho. Não me lembro da última vez que o vi de mãos dadas com uma mulher. É possível que esta seja, literalmente, a primeira vez.

Mantenho-me à distância por alguns segundos, apenas a observá-la. Ela parece tão tranquila entre os meus amigos. A luz do fogo cintila na sua pele, lambendo-a com um suave brilho dourado. Ela é a mulher mais bonita que alguma vez vi.

E eu quase a matei.

O pensamento faz-me estremecer, e ela olha para cima. Esbugalha os olhos. Desliza para fora do sofá.

— Riven — começa ela. — Lamento imenso...

— Para. — Atravesso a sala e puxo-a para os meus braços. Ela enrosca-se no meu peito, a tremer ligeiramente. Passo uma mão pelo seu cabelo comprido, com *ódio* de mim mesmo. — Desculpa — peço-lhe, fechando os olhos e respirando o seu doce aroma a pêssego-com-natas. — Devia ter-te perguntado o que se passava, em vez de explodir daquela maneira. Não foi justo para ti. Devia ter deixado que te defendesses.

Ela abana a cabeça.

— Foi uma reação normal — murmura, contra a minha camisola. — Eu ficaria chateada se descobrisse que um tipo com quem ando a dormir me mentiu sobre a pessoa que era. Ia sentir-me zangada. E assustada. E desrespeitada. Foi uma coisa estúpida de se fazer. — Ela afasta-se. Há lágrimas gordas a brilharem nos seus olhos. — Não o teria feito se achasse que tinha escolha. Mas, se eu te tivesse dito o meu nome verdadeiro, terias ido pesquisar-me. Para ver o meu *Facebook*, ou as minhas pinturas *online*, ou verificar se eu não era uma assassina, ou o que quer que fosse. E eu estava nas notícias, por isso não podia dizer onde vivia, nem o nome da minha escola. Se tivesses feito uma pesquisa na *internet*, terias encontrado o vídeo.

— Eu não teria pensado em ti de forma diferente — digo-lhe, suavemente.

Ela franze o sobrolho.

— Não se trata apenas de *ti*. Trata-se de *mim*. Não percebes? A quantidade de homens que nunca conheci e que me viram nua. Eles masturbaram-se a pensar em mim. Deixaram comentários a chamarem-me de *puta* e *ordinária*. — Ela estremece. — Sempre que alguém vê aquele vídeo, sinto-me completamente violada. Achas que me sentiria segura se ficasse numa casa com três homens estranhos gigantes, sabendo que, mais cedo ou mais tarde, eles iam ver-me a ser fodida por trás?

— Podias ter-nos dito para não vermos o vídeo — diz o Eli, calmamente. — Não teríamos visto.

— Eu não vos conhecia! Como é que era suposto eu acreditar em qualquer coisa que dissessem? — Ela cruza os braços. — Eu não confio em ninguém que diga que não vai ver o vídeo. Como é que sei que não vão ficar curiosos? Eu faria *qualquer coisa* para impedir que as pessoas me vissem assim. Qualquer coisa. Sinto-me suja sempre que penso nisso. — Dói-me o peito. Ela limpa as bochechas com as laterais das mãos. — Mas eu estava a falar a sério na carta. Tenho de vos agradecer. Não só me salvaram a vida, como ma devolveram. Nestes últimos meses, desde que o Sam me ameaçou pela primeira vez, tenho andado triste, ansiosa e assustada a toda a hora. Evitava as pessoas na rua. Tinha medo de que os homens me reconhecessem. Sentia-me tão culpada. Estava a transformar-me numa pessoa completamente diferente e nem sequer me apercebi disso. Eu não sou uma pessoa tímida e assustada. Adoro sexo. Adoro o meu corpo. Adoro ser aventureira. Estar aqui em cima, num sítio onde ninguém me conhecia... permitiu-me voltar a ser eu mesma. Obrigada por isso. Obrigada. Mesmo que queiram livrar-se de mim, ajudaram-me muito.

O Eli engasga-se. O Cole endireita-se e o olhar fica mais aguçado. Os três viram-se para olhar para mim.

Meu Deus.

Eu acaricio-lhe a face.

— Querida. Nós não queremos livrar-nos de ti.

Ela afasta os lábios.

— Não querem? Mas eu menti-vos a todos.

— Não foi para nos manipular ou enganar. Estavas apenas a tentar manter-te segura — diz o Cole, levantando-se. Ele leva as mãos aos ombros da Daisy.

— Olha para mim — exige, e ela inclina a cabeça para trás, encontrando o seu olhar. — Deves fazer *sempre* o que for preciso em nome da tua

segurança — diz ele, com aspereza. — Sempre. Sem exceções. Depois lidamos com as consequências. Nunca debes pôr a tua segurança em risco só para fazer alguém feliz. — Ela olha para ele. — Fizeste bem em mentir-nos — continua ele. — Éramos estranhos e estavas presa aqui connosco. Tens razão; enquanto esse vídeo estiver no ar, estás em risco de sofrer mais violência.

Lembro-me do homem a gritar com ela na rua, e aperto os punhos.

— Prefiro de longe descobrir que me mentiste do que saber que te puseste em perigo. Fizeste o que era *certo* — sublinha o Cole. — Por isso, para de pedir desculpa.

— Obrigada — sussurra ela. Ele aperta-lhe os ombros e volta a afastar-se. Ela comprime os lábios. Olha para as próprias mãos. — Mas eu não quero viver o resto da minha vida assim. A esconder a minha identidade para me manter segura. A dar um nome falso. Nada disso é culpa minha; não é justo que eu tenha de fazer nada disso.

— Não terás de fazer — digo eu. — Partilhar fotografias íntimas de alguém sem o seu consentimento é ilegal. Se levasse o caso a tribunal, conseguirias que o vídeo fosse retirado e, provavelmente, o teu ex teria de cumprir pena de prisão. Tento não parecer demasiado entusiasmado com a ideia.

Ela abana a cabeça.

— Ele tem dinheiro. Eu nunca conseguiria pagar um advogado suficientemente bom para o enfrentar. Tudo o que ele tem de fazer é dizer que fui eu que pus o vídeo no ar. Não tenho nenhuma prova de que isso não seja verdade.

— Os meus pais têm tentado subornar-me para os visitar no verão. Eles fariam isso por mim. Conhecem alguns dos melhores advogados de Inglaterra. Arranjam-te um advogado e *financiam* o teu caso. — Deus sabe que eles merecem, depois do que fizeram ao Eli.

Olho para ela à espera de a ver aliviada, mas ela esmorece.

— Não sei se posso — diz ela, baixinho.

Eu pestanejo.

— Não queres?

— Oh, *eu quero*... Mas não sei se entendes o que teria de fazer. Teria de assistir ao vídeo com a polícia E depois teria de me sentar numa sala de tribunal, com o Sam, enquanto homens discutem se sou ou não mentirosa à minha volta. É... como *poderia* fazer isso?

O Eli puxa-a para ele, pressionando-lhe a têmpora com os lábios.

— É a pior sensação do mundo — diz-me ele.

Praguejo. Por que raio é que isto tem de ser tão humilhante para ela? Ela

não fez absolutamente nada de errado, e vai ter de passar por imensa dor apenas para que seja feita justiça.

— Bem — digo, depois de um momento. — Claro que não a vamos obrigar a fazer nada. Mas se calhar é a única maneira de conseguir que o vídeo saia do ar.

Ela funga, limpando a cara.

— Não. Não. Tens razão. Tenho de fazer isso. Não vou ser feliz enquanto não o fizer. — De alguma forma, ela consegue parecer feroz, mesmo com os olhos molhados e o nariz rosada. — Eu consigo. É provável que vá precisar de muitos abraços. Mas eu consigo.

— Nós estaremos contigo a cada etapa do caminho — promete o Eli. — A distribuir abraços.

O Cole acena com a cabeça. Eu estico o braço e aperto a coxa dela. Ela sorri, debilmente.

— Obrigada — sussurra ela. — Obrigada.

O resto do dia passa preguiçosamente. Juntamo-nos todos na sala de estar, e só nos levantamos de vez em quando para ir buscar comida. Depois de um dia tão horrível, queremos estar todos juntos. Eu, o Eli e o Cole esparramamo-nos no sofá, e embrulhamos a Daisy em mantas pesadas e vamo-la passando entre nós. Nunca há um instante em que alguém não esteja a tocá-la ou a segurá-la. Ela parece gostar disso, aninha-se nos braços de todos. É óbvio que ela quer esse conforto, e Deus sabe que nós também precisamos disso.

Conforme as horas avançam para a noite, todos bebemos canecas de chocolate quente, enroscados uns nos outros. O Eli está a contar uma história tola sobre um dos seus alunos de esqui. Eu estou a ouvir parcialmente, enquanto observo o Cole com a Daisy.

Ele tem-na ao colo. De minuto a minuto, dá-lhe um beijinho na têmpora ou na face.

Não o via ser tão carinhoso com alguém desde que o Rickard nasceu. É tão estranho voltar a ver esse lado dele, depois destes anos todos. É como reencontrar um velho amigo.

Enquanto observo, o telemóvel dele toca. Ele tira-o do bolso, olha para o ecrã e depois levanta-se.

— Preciso de ir tratar de uma coisa — murmura. Abro os braços e a Daisy acede ao convite, aconchegando-se ao meu pescoço. O Cole veste as roupas de inverno, pega numa pá e vai lá para fora. É um comportamento bastante normal para o Cole, por isso ninguém o questiona.

Alguns minutos depois, a nossa conversa é interrompida pelo som de algo a raspar acima das nossas cabeças.

A Daisy franze o sobrolho e olha para o teto.

— Ele está a limpar a neve do telhado? Neste preciso instante?

Eu e o Eli encolhemos os ombros.

— As prioridades dele são estranhas — explica o Eli. — Ei, tenho uma pergunta.

Ela acomoda-se mais perto da curva do meu braço.

— Dispara.

— Queres que comecemos a chamar-te Jenny?

Ela estremece delicadamente.

— Meu Deus. Nem sequer gosto de vos ouvir dizer isso. Não. Acho que gosto mais de Daisy. Tecnicamente, continua a ser o meu nome, e desde que o tenho usado... encolhe os ombros. — Não sei. A minha vida tem sido muito melhor. Deixei de dar aulas e comecei a pintar. Finalmente vim de carro para a Suécia. Comecei uma nova relação. Sinto que é como um novo começo. Olho para trás, para quem eu era antes, e mal me reconheço.

— Então fica Daisy — prometo, beijando-lhe a ponta da orelha. Ela sorri, pega na minha mão e entrelaça os dedos nos meus.

O barulho para e o Cole volta para o interior, a sacudir a neve das botas.

— A tempestade passou — diz ele à Daisy.

Ela pestaneja.

— Sim, eu sei. Teve um papel importante no meu dia.

— O céu está limpo — sublinha ele.

Ela acena lentamente com a cabeça.

— Ainda bem?

Ele estende-lhe a mão.

— Vem ver.

Com relutância, deixo-a deslizar de cima de mim e segui-lo lá para fora.

O Eli espreguiça-se ao meu lado, deixando a cabeça cair no meu ombro.

— Não consigo acreditar em como ele é querido com ela. Nunca pensei...

— Eu sei. — Depois de ter perdido o Rickard, pensei que ele tinha descartado o seu lado meigo. Mas talvez ele só precisasse de alguém como ela. A peça do *puzzle* que nos faltava.

Os meus pensamentos são interrompidos por um arquejo vindo do exterior.

— Riven! Eli! Venham ver!

Confusos, pegamos nos casacos e vamos ter com eles. Assim que saímos, torna-se claro o que a deixou tão entusiasmada. A aurora boreal está a brilhar.

Mesmo depois de ter vivido aqui a maior parte da minha vida, continua a deixar-me sem fôlego. Está suspensa sobre as nossas cabeças, uma cortina de

luz verde brilhante, como uma faixa de seda ondulante. Enquanto observamos, com o frio a morder-nos a cara, oscila e desloca-se, espalhando-se pelo céu escuro.

A Daisy faz um pequeno ruído e eu viro-me para olhar para ela. Ela está a chorar, as lágrimas escorrem-lhe pelas faces. O seu rosto cintila em verde e azul sob a luz colorida. Levo a mão às suas costas, descrevendo círculos no seu casaco, e ela deita a cabeça no meu peito.

— É tão bonito — sussurra ela.

Ficamos ali durante cinco, dez minutos, enquanto as luzes explodem e flamejam sobre nós. Ela chora baixinho o tempo todo, e nós juntamo-nos à volta dela para a manter quente. A certa altura, porém, ela começa a tremer demasiado para o podermos ignorar. Estudo-lhe o rosto. Os lábios estão a ficar azuis.

— Tens de voltar para dentro.

— Mas...

O Cole põe uma mão no ombro dela, virando-a em direção à cabana.

— Limpei a neve da claraboia do quarto do Riven. Podes ir para lá admirá-la.

— Oh! — Limpando a cara, ela corre praticamente para dentro de casa.

Olhamos todos uns para os outros e nenhum de nós consegue conter o sorriso.

Daisy



Acomodo-me no meio da cama da Riven, esticando o pescoço para ver as luzes a moverem-se através da claraboia de vidro térmico. Os rapazes atravessam a porta e eu estendo os braços.

— Venham cá. — Eles caem todos na cama à minha volta, aproximando-se o suficiente para eu poder tocar-lhes a todos ao mesmo tempo.

— Quanto tempo é que vai durar? — sussurro.

— É difícil dizer. — O Riven encolhe os ombros. — Às vezes, quinze minutos. Às vezes, a noite toda. Hoje estão bem nítidas.

— E agora que a época das tempestades está a acabar, vais poder vê-la com bastante frequência aqui em cima — acrescenta o Eli. — É provável que dure pelo menos até abril. — Ele faz uma pausa cheia de significado. — Isto é, se ficares aqui.

— Porque eu *posso* ficar aqui — digo, lentamente.

— Eu era capaz de chorar se não ficasses — diz o Eli.

— E vocês perdoam-me mesmo? — pergunto. — Vocês todos? — Não quero continuar a bater no ceguinho, mas ainda me custa a acreditar.

— Não voltes a pedir perdão — ordena o Cole, puxando-me para o colo. — Não há nada a perdoar.

Eu aceno com a cabeça, olhando para baixo.

— Como é que te sentes? — pergunta o Riven. — Agora que nos contaste?

Pondero no assunto, remexendo-me um pouco no colo de Cole. Ele grunhe quando me esfrego nele e atiro-lhe um sorriso por cima do ombro.

— Ótima. Mais leve. Como se não tivesse mais nada a esconder. Como se pudesse fazer tudo o que quisesse. — Engulo em seco, pego numa das mãos grandes do Cole e entrelaço os dedos nos dele. — Quero dizer, no meu íntimo, é evidente que eu sabia que não sou fácil, nem porca, nem o que qualquer uma daquelas pessoas estava a dizer sobre mim.

— Não — diz o Riven, com firmeza. O Eli começa a acariciar-me o tornozelo. O Cole desliza a mão livre pela parte de trás das minhas calças, apertando-me as nádegas. Eu contorço-me contra ele, sentindo-o a endurecer debaixo do meu rabo.

— Mas é o que toda a gente à minha volta estava a dizer. Toda a gente de quem eu gostava. Parecia que aquilo em que eu acreditava não tinha importância. Se o mundo inteiro acredita em alguma coisa, a verdade não conta para nada, não é?

O Eli franze o sobrolho.

— Não é assim que funciona.

— Não. Não é. — Respiro fundo, olhando entre eles. — Hum. Acho que quero experimentar uma coisa, na verdade. Se... tu quiseres.

Como se soubesse o que estou prestes a dizer, o Cole desliza a mão entre as minhas nádegas. Eu solto um grito quando ele beija a curva da minha orelha, esfregando o polegar no meu ânus. Sinto todos os músculos do meu rabo a contraírem-se.

— Gostas? — murmura ele, junto do meu ouvido.

— Sim — balbucio. — Eu adoro. Mas...

— O vídeo — presume ele. Eu olho para ele com olhos grandes, e ele faz uma careta. — Eu *não* vi. O Riven contou-me o que o tipo da praça te gritou, quando fomos mandar arranjar o teu carro.

O Riven encolhe-se.

— Que gostavas de...

— Sexo anal? — sugere o Eli.

O Riven acena com a cabeça.

Eu suspiro.

— Sim, eu estava a fazer sexo anal no vídeo. Sinceramente, acho que foi por isso que ninguém acreditou em mim quando eu disse que não sabia que estava a ser filmada. As pessoas pensaram que, como eu estava a fazer sexo de uma «forma não convencional», *devia* ser alguma estrela porno depravada.

O Cole exerce mais pressão com o polegar e eu dou um salto.

— Tu és bastante depravada — diz ele, ao meu ouvido. As minhas pestanas tremem. Para ser sincera, neste momento teria de concordar. Eu empurro o meu corpo em direção à mão dele e ouço-o sibilar entre dentes.

— Esses coitados — suspira o Eli, cheio de pesar. — Aposto que todos se limitam a ter sexo insatisfatório uma vez por ano, em posição de missionário, e depois ficam acordados durante a noite a sonhar que estão a fazer sexo anal. Aposto...

— Lubrificante — interrompe o Cole.

O silêncio estende-se por alguns instantes.

— Eu sei que és um bocado homem das cavernas, Nalle — diz o Eli —, mas essa deve ser a frase de uma só palavra mais estranha que alguma vez proferiste.

O Cole rosna-me ao ouvido.

— Alguém tem?

O Eli zomba.

— Se pensas que vou partilhar o meu lubrificante superestimulante feminino extra-formigante, quente e com sabor a cereja, estás muito enganado.

— Estás disposto a partilhar a mulher, mas não o lubrificante? — pergunta o Riven, seco.

O Eli encolhe os ombros.

— O lubrificante é meu. A mulher não.

O Riven levanta-se.

— Tenho muito lubrificante para finalidades médicas nos meus *kits*.

— Por *incrivelmente sexy* que isto soe — interrompo, tirando a camisola com capuz do Eli. — Eu tenho. Podes ir buscá-lo? Está na minha malinha de higiene.

Os três homens viram-se e olham para mim.

Eu coro.

— O quê foi?

— Isso é *sexy* — diz o Riven, ao sair.

— É com sabor a cereja? — pergunta o Eli.

— Não.

Ele cai para trás, aliviado, e olha para mim enquanto eu tiro a *t-shirt*.

— Graças a Deus. Ainda tenho alguma coisa para oferecer nesta relação.

— Podemos *avançar com isto*? — rosna o Cole. Tiro as calças de *jogging* e seguro-lhe o queixo quadrado, beijando-o com força. Ele aperta-me com vigor, enfia a língua na minha boca e enterra uma mão áspera no meu cabelo. Fico sôfrega quando os seus dedos grandes me puxam pela raiz, disparando ligeiras faíscas de dor pelo meu couro cabeludo.

Quando nos separamos, ofegantes, o Riven já está de volta e deixa cair o meu frasco de viagem de lubrificante na colcha. Toco a minha boca, sentindo os lábios a formigar.

— Se alguma vez quiseres que *eu* me cale — diz o Eli, tirando a camisola —, é possível que isso também funcione comigo. Não sei. Talvez. Acho que só há uma maneira de descobrir.

A rir, eu inclino-me para a frente para o beijar, mantendo o rabo no colo do Cole. Ouço a tampa do frasco a abrir e fico tensa nos braços do Eli, subitamente nervosa. Sinto a boca seca.

— Já há algum que não faço isso.

— Vamos devagar — promete o Riven, desapertando o cinto. Faz uma pausa. — Bem. Pelo menos de início.

— Depois vamos com força — conclui o Eli, com um sorriso, lambendo-me o lábio inferior. Eu dou um pulo quando o Cole me puxa as cuecas para baixo e me afasta gentilmente as nádegas. O frio toca a minha pele sensível. Ele passa um dedo humedecido à volta do anel de músculo, espalhando o lubrificante escorregadio. A cada círculo que desenha, acrescenta mais pressão, até que não consigo deixar de soltar um gemido, afastando-me.

— Relaxa — murmura ele, atrás de mim. — Estás muito tensa.

— D-desculpa. É só que... — Estou surpresendida com o meu nervosismo. O meu coração bate ainda mais depressa no meu peito. — Não consigo.

Não consigo. Caramba. O que é que se passa comigo? Mesmo num ambiente completamente seguro e empático, é como se não conseguisse livrar-me dos últimos resquícios de vergonha. Não quero ter vergonha de fazer sexo. Não quero que isto faça parte da minha vida.

— Ei. — O Cole aperta-me as ancas. — Nunca peças desculpa. Não és um brinquedo sexual. Não fazes nada que não queiras fazer.

— Mas eu *quero*. — É praticamente um queixume e volto a recuar até ele. — Só que... acho que ainda não fiz nada assim desde que o Sam me contou sobre o vídeo.

— Mexe-te — ordena o Riven, e o Eli muda de posição, ficando os dois ajoelhados à minha frente, só de boxers. Ele segura-me na cara, o polegar a acariciar-me a maçã do rosto. — Está tudo bem — diz ele, baixinho. — É como eu disse. Começamos devagar. — Ele olha para o Eli. — Porque não a soltas um pouco?

O Eli sorri, estendendo a mão para tocar nos meus lábios. Eu abro a boca automaticamente, sugando seus dedos, e vejo-lhe os olhos verdes a escurecerem enquanto os percorro com a língua. Aos poucos, ele volta a tirá-los e passa-os pelo meu corpo; entre os meus seios, sobre a curva do meu estômago, depois entre as minhas pernas. Fecho os olhos e ele começa a brincar comigo, de início com suavidade. As pontas dos dedos sobem e descem pelo meu sexo, separando os lábios macios, traçando o meu clitóris. Observo o seu rosto, sombrio e atento, com um toque de rubor nas maçãs do rosto, e sinto-me a ficar toda quente. Atrás de mim, o Cole continua a esfregar o meu olho do cu com dedos grossos, fazendo-me tremer. Riv inclina-se e começa a beijar o meu pescoço, com chupadelas lentas e deliciosas. Ao lado dele, Eli desenha círculos à volta da minha entrada, provocando dentro e fora, até sentir que estou a tremer e a contrair-me. A humidade começa a acumular-se entre as minhas pernas.

— Vai logo — digo, de dentes cerrados.

Ele sorri, empurrando obedientemente os dois dedos para o interior. Começo a suspirar, aliviada, quando, de repente, o Cole faz mais pressão. Dou um salto, contorcendo-me, quando a ponta do seu dedo entra em mim.

Oh, meu Deus!

O Eli tem dois dedos no meu sexo; o Cole tem um no meu traseiro. Eu sinto que cada centímetro do meu interior está molhado e acariciado. De repente, estou tão quente que não sei o que fazer. É de loucos. Estou

completamente desesperada por alívio. Sinto os dedos de ambos a moverem-se dentro de mim, a dispararem ondas em mim. Tento esfregar-me na mão do Eli e também na do Cole, oscilando, impaciente, entre elas.

— Calma — ordena o Riven em voz baixa, tomando o meu rosto entre as mãos. — Beija-me.

Beijo-o. Beijo-o com força e desespero, mas isso só piora as coisas. Sinto-me cada vez mais a arder enquanto a língua do Riv desliza sobre a minha e o Eli dobra os dedos dentro de mim, massajando o meu ponto G.

O Cole introduz outro dedo, esticando-me, e a eletricidade corre pelas minhas veias. O Riv puxa-me para mais perto, sugando o meu lábio inferior para dentro da boca, e a ânsia em mim torna-se dez vezes pior, cola-se à minha barriga. Tenho de recuar para poder gemer. A minha cabeça está a girar. Não consigo recuperar o fôlego. Ajusto a minha posição uma e outra vez, mas não consigo aliviar a pressão que está a crescer dentro de mim. Sinto-me inchada, escorregadia e zangada, encharcada. Sinto a pele tenra a doer e a latejar. Não posso continuar a fazer isto. A pontada de excitação na minha barriga está cada vez pior, arde e ruge em mim. Nunca fui tão provocada na vida.

Nas minhas costas, o Cole acrescenta um terceiro dedo. Tremo perante a sensação de alongamento, depois engasgo-me quando o Riv começa a brincar suavemente com os meus seios. O calor dispara para o interior das minhas pernas. Sinto o clímax a começar, a aumentar dentro de mim, e fecho os olhos, torcendo os lençóis nas mãos, a preparar-me para a onda que me vai atingir.

E, então, ela afasta-se de novo, quando o Cole e o Eli tiram os dedos ao mesmo tempo. Eu choramingo, contraindo-me automaticamente, a tentar mantê-los dentro de mim.

O Eli ri-se.

— Não te preocupes, Sininho. De onde isso veio há mais.

Eu *sei*, mas isso não muda o facto de que agora estou vazia, dorida e oca nos dois lados. Contorço-me, ofegante. Sinto-me inflamada e trémula. Volto a insinuar-me contra o Cole.

— Por favor — ofego.

— Estás pronta? — Ele parece cético.

— Eu não sei — diz o Eli, devagar. — Acho que podíamos brincar mais um bocadinho com ela.

— É melhor prevenir do que remediar — concorda o Riv.

— *Se ninguém enfiar uma pila em mim nos próximos cinco segundos, juro por Deus que as arranco a todas.*

Ouçoo três gargalhadas profundas à minha volta.

— Não estou a brincar — sibilo. — Por favor, *por favor*...

— Shh — murmura o Cole ao meu ouvido. As suas mãos grandes massajam-me as nádegas. De repente, aplica uma bofetada vigorosa numa delas, deixando-me a arfar. — Queres-me aqui atrás?

— Sim — sopro. Ouço a tampa do lubrificante estalar outra vez, e depois suspiro quando sinto a cabeça grossa e escorregadia dele a pressionar a entrada do meu traseiro. — *Meu Deus*.

Registo vagamente o Riv e o Eli a murmurarem em sueco. Empurrando o Eli para fora do colchão, o Riv estende-se de costas no meio da cama, tentando alcançar-me. Afastando-me do Cole, subo obedientemente para cima dele e monto-me nos seus quadris. Os seus braços fortes e escuros envolvem a minha cintura enquanto desço cuidadosamente sobre a sua pila, suspirando ao sentir como ele me preenche tão profundamente. Juro que está a tocar em partes de mim que nunca tinham sido tocadas antes. Aparentemente, ele também gosta da sensação, porque cerra o maxilar. Rodando as ancas, começo a cavalgá-lo devagar e deixo que os meus olhos se fechem. Acabei de atingir um ritmo constante quando as mãos ásperas do Cole me tocam nos ombros, inclinando-me para a frente. O Riv envolve-me as nádegas quando me dobro sobre ele, exibindo o meu traseiro ao Cole. Uma vez mais, sinto a cabeça grossa do Cole a pressionar-me — e depois a avançar para dentro de mim lentamente. A minha boca descai, mas não me sai nenhum som quando o sinto a vencer o anel apertado de músculos. A sensação de estiramento é irreal — quase dolorosa, mas dolorosa de uma forma que põe fogo a correr pelas minhas veias. O Cole fica imóvel por um momento, e eu ouço o seu gemido abafado no meu ouvido enquanto ele avança. Por baixo de mim, o Riv leva uma das minhas mamas à boca, mordiscando-a de repente. Eu sacudo-me, soltando um grito, e o Cole aproveita a distração para se introduzir por completo no meu rabo.

Arregalo os olhos. Tento falar, mas não consigo dizer nada. Fico ali, de quatro, preenchida por baixo e por trás, imóvel e ofegante.

Cheia. Sinto-me tão cheia. Não sabia que podia sentir o meu corpo *assim*, distendido e preenchido. Até os meus pulmões estão cheios e prestes a rebentar. A dor que os rapazes estiveram a provocar em mim durante a última meia hora, diminui para um palpar constante quando me aperto. Ouço um gemido, sinto as ancas do Cole a agitarem-se um pouco enquanto ele tenta manter-se quieto.

Meu Deus, como *senti falta* disto.

Alguém me faz uma carícia no rosto.

— É demais?

— Mais — digo, numa voz rouca. — Mais, eu preciso, eu... porra, *mexe-*

te...

O Cole retira-se, depois volta a entrar e reviro os olhos. Sinto um latejar profundo e palpitante na barriga quando ele arremete dentro de mim. O rosto do Riven está tenso e aguçado debaixo de mim, e começo a balançar-me lentamente para a frente, aumentando gradualmente o ritmo. Estou demasiado sobrecarregada para o montar como deve ser, mas ele assume o controlo, deslizando as mãos por baixo das minhas ancas e começando a investir contra mim. Os dois homens organizam-se num ritmo constante. O Riv desliza para fora, enquanto o Cole avança para dentro. Fecho os olhos, a arfar e a contorcer-me, enquanto o meu corpo tenta compreender tantas sensações no meu interior, todas ao mesmo tempo. O meu coração agita-se no peito como um pássaro assustado. Agarro-me aos ombros do Riven com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

— Respira, Daisy — ordena ele, e eu obedeco, forçando-me a respirar fundo algumas vezes. É difícil não me sentir dominada por todas as sensações que me atravessam.

De repente, sinto algo suave e macio a tocar-me os lábios, e olho para cima. O Eli está de pé ao lado da cama, com a mão a segurar o pénis. Sem esperar que ele diga nada, abro a boca e recebo-o. Ele é largo e lateja contra a minha língua enquanto o lambo desajeitadamente. Duvido seriamente que seja o melhor broche da minha vida, ainda assim ele está a tremer de olhos fechados. Torço a mão na base da sua pila, empurrando-a para trás enquanto o Cole e o Riven entram e saem de mim, um por baixo, outro por trás. Estão a acelerar, cada vez mais depressa, à medida que me penetram. Continuo a balançar-me e a montar, deixando que o Eli entre e saia da minha boca. Parece que todas as partes do meu corpo estão a ser estimuladas. Depressa começo a tremer, a contorcer-me e a arfar. É como se estivesse prestes a sair da minha pele. Preciso de me libertar. Enquanto sobe ao meu encontro, o Riv estende a mão e passa dois dedos entre as minhas pregas. Eu aperto a sua mão, indefesa, e ele geme.

— Foda-se, ela está a pingar em cima de mim — diz, numa voz rouca.

O Eli solta um ruído de dor, e eu deslizo a cabeça para cima para lhe chupar a ponta.

— Jesus. Querida.

Eu choramingo. É demais. É demais. Estou a tremer por todo o lado. Não consigo *respirar*, o meu corpo está a arder. Preciso de me vir.

— Abre os olhos — ordena o Cole, e eu abro, olhando para a claraboia por cima da minha cabeça. As luzes ainda estão a brilhar. Mudaram ligeiramente de cor, de verde para azul, com uma aura cor-de-rosa numa das extremidades. Consigo ver as estrelas através delas. São tão bonitas que estou

capaz de chorar. Sustenho a respiração.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Todo o meu corpo está a gritar. Faço círculos frenéticos com a minha língua sobre o Eli, levantando uma mão para lhe dar um aperto no pénis, segurando-lhe também os testículos.

— *Foda-se.* — O Eli retira-se da minha boca, esfregando o cabelo com a mão. — Beija-me, querida.

Ele ajoelha-se ao lado do colchão e leva a minha boca até à sua. Eu tento retribuir o beijo, mas não consigo concentrar-me. O Riv está a acariciar as minhas pregas e o Cole está a massajar-me as nádegas, enquanto os dois investem contra mim. O prazer está a ondular e a crescer no meu corpo. Não consigo que os meus lábios funcionem corretamente. Atiro a cabeça para trás enquanto todos os músculos do meu corpo se esforçam, desesperados por se libertarem.

E então, por baixo de mim, Riv levanta as ancas, roçando-se contra mim. Eu salto violentamente para a frente, a gritar enquanto me venho. Há mãos a tocarem-me por todo o lado, a acariciarem-me enquanto ofego e me contraio. Simplesmente não acaba. Contraio-me uma, e outra, e outra vez, e continuo a ser atingida por ondas de prazer que me arrancam todo o ar dos pulmões.

Por fim, as ondas recuam e eu caio, sem vida, em cima do Riv. Trémula, tento inspirar, aspirando o cheiro reconfortante e amadeirado da sua água-de-colónia, mas não consigo respirar fundo. Demoro alguns segundos a aperceber-me de que nem o Riven nem o Cole pararam. O Riv continua a esfregar os testículos contra mim; o Cole continua com as estocadas no meu traseiro. Tremo com o excesso de estimulação, mas não consigo afastar-me deles. Eles continuam a entrar e a sair de mim. Sou percorrida por um formigueiro e sinto outro clímax a começar a ferver.

O Eli levanta-se e acaricia-me a face.

— Estás pronta para mim outra vez, querida?

Apercebo-me que ele ainda está a acariciar-se e atiro-me para a frente, apanhando a sua pila com a boca. Ele ri-se e arqueja ao mesmo tempo, agarrando-me a cabeça com as duas mãos enquanto eu o acomodo. Atrás de mim, o Cole dá-me um beliscão no rabo, continuando a mover-se a um ritmo constante. O Riv começa a acariciar-me com um dedo delicado enquanto se lança para cima, batendo repetidamente no meu ponto G. Eu gemo à volta do Eli. Parece que cada milímetro dentro de mim está a arder, a formigar e a doer, a implorar por mais. Contorço-me, a tentar roçar-me contra todos, para obter a pressão de que preciso, mas mal consigo mexer-me, encurralada por todos os lados. É uma tortura. Não consigo aguentar. Sinto o calor a ferver dentro de mim outra vez, a borbulhar à superfície.

Tento avisá-los.

— E-eu... eu... oh, oh, *foda-se*, oh... — Não consigo verbalizar as palavras entre as respirações e gemidos selvagens.

O Eli recua alguns centímetros para me deixar falar.

— Querida?

— Eu vou... e-eu vou...

De repente, debaixo de mim, o Riv dá um puxão num dos meus mamilos, com força. Eu grito, as minhas ancas sacodem-se sobre as dele, empurrando-o para ainda mais fundo em mim — e é o suficiente para o atirar do abismo. O seu aperto na minha cintura aperta-se de repente, as unhas curtas cravam-se com força na minha pele enquanto todo o seu corpo estremece debaixo de mim. Sinto-o a ter um espasmo enquanto a sua ejaculação quente entra em mim, preenchendo-me a um nível profundo. Suspiro, a adorar a sensação. Como se tivesse desencadeado uma reação em cadeia, o Eli geme, derramando-se na minha boca. Eu ofego, engolindo o líquido quente e salgado que enche a minha garganta. Cada músculo do meu corpo fica tenso enquanto eu me aproximo cada vez mais de outro clímax. O Cole engasga-se atrás de mim enquanto eu o aperto, gemendo profundamente quando as suas ancas começam a ficar descoordenadas. Sinto-o endurecer de uma forma que me preenche ainda mais; depois agarra as pontas do meu cabelo e deixa-se ir. Um calor sedoso entra a fundo no meu traseiro, enchendo-me de humidade.

Depois, é a minha vez. Ainda estou vacilante à volta do Eli quando sinto uma onda de calor a subir pelo meu corpo. Começa nos dedos dos pés e sobe cada vez mais alto, formigando e queimando nas minhas coxas, na minha barriga, no meu peito, até que finalmente me atinge. Quase desmaio, juro por Deus. Nunca senti um orgasmo como este em toda a minha vida. Parece que dura para sempre, e eu tremo e ofego, quase alarmada com a força da sensação. Há mãos a acariciarem-me o corpo, a mexerem-me nos mamilos, a massajarem-me o clitóris, a fazerem círculos à volta do meu ânus, enquanto tenho espasmos, tremo, sacudo-me e, *por fim*, colapso, completamente exausta. Fico deitada entre eles, com o suor a escorrer-me pelo cabelo e pela pele. Quando me viro lentamente, sinto-me tão cheia de líquido que quase ouço um ruído de borracha. Alguém faz um som suave, acariciando a minha face molhada, e apercebo-me que estou a chorar. Mas não estou triste. Abro os olhos e olho para cima através da claraboia. Ali deitada, enquanto os meus rapazes se juntam à minha volta e a aurora boreal brilha sobre a minha cabeça, sinto-me mais feliz do que nunca.

Mais do que isso. Nunca pensei que voltaria a ter sexo tão bom. Pensei que nunca iria encontrar pessoas em quem confiasse o suficiente. Pensei que não iria confiar *em mim* o suficiente. Mas confiei, e sinto que o meu corpo me pertence outra vez. É meu, e posso fazer o que quiser com ele.

Pestanejando para afastar as lágrimas, agarro o rosto mais próximo do meu e puxo-o para um beijo.

Daisy



Estou a tremer bastante quando saímos da sala de audiências. O Cole mantém um braço firme à volta da minha cintura enquanto me conduz de volta ao átrio. A minha cabeça está a girar. Sinto-me como se estivesse num sonho.

Mal avançámos três passos para fora da porta quando o Eli se aproxima de mim, me tira dos braços do Cole e me puxa para um beijo. Eu guincho de surpresa, depois derreto-me nele. Ao nosso redor, os passos ecoam no chão de mármore, enquanto pessoas de fato e com aparência formal atravessam o corredor, mas eu não ligo aos olhares de desaprovação que é provável que estejam a atirar-nos. Estou demasiado feliz para isso.

A dada altura, temos de ir apanhar ar. Ele encosta a testa à minha.

— Estou tão orgulhoso de ti, Sininho — murmura ele, ajeitando uma madeixa de cabelo que caiu do meu coque. — Portaste-te tão bem.

Eu aconchego-me no seu peito, inalando o cheiro da sua camisa.

— Eu estava tão assustada.

Tão assustada. Quase não dormi nada nos últimos dois dias, preocupada com o julgamento contra o Sam. Passei a maior parte da noite passada a hiperventilar no chão do nosso quarto de hotel em Brighton. Eles fizeram turnos, passando-me de um para o outro, a fim de me acalmarem e reconfortarem — mas eu conseguia ver que eles estavam quase tão ansiosos quanto eu.

O Eli beija o meu cabelo.

— Eu sei — sussurra ele. — Eu sei, querida. Foste incrível.

O Eli é o mais stressado de todos. Pensei que ele ia vomitar quando entrámos na sala de audiências esta manhã. O que é compreensível. Da última vez que ele esteve numa, foi condenado a perder um ano de vida. O juiz escolheu acreditar na história de outra pessoa em vez de na verdade.

Mas não hoje.

Hoje, depois de um debate tenso, *longo* e aceso, Samuel Warner foi finalmente considerado culpado da divulgação de imagens sexuais privadas e condenado a dois anos de prisão. Também foi obrigado a registar-se como agressor sexual, por isso, mesmo quando sair da prisão, a sua vida estará arruinada. Deram-me o direito de exigir que os vídeos sejam retirados das páginas *web* e dos resultados dos motores de busca. O Riven deixou um homem a postos, à espera da autorização para enviar os pedidos de cessação e

baixa, pelo que isso deve estar a acontecer neste preciso momento. Enquanto falamos, aquelas imagens estão a ser todas apagadas.

Consgo praticamente senti-lo a acontecer. É como se uma faixa de ferro estivesse a afrouxar em redor da minha caixa torácica. Por fim, posso voltar a respirar.

Dou outro beijo ao Eli, mas afasto-me quando vejo os meus pais a saírem da sala de audiências, a conversar com o Riven. Paro por um momento para apreciar o excelente aspeto do Riv no seu fato azul-marinho elegante. Os rapazes estão todos bem vestidos: o Eli parece um modelo no seu fato de três peças cinzento-prateado, e o Cole conseguiu enfiar os ombros largos e as coxas grossas num conjunto preto cheio de estilo. Recusou-se terminantemente a usar uma gravata e, com o colarinho da camisa aberto na garganta, tem um ar incrivelmente *sexy*, e incrivelmente desconfortável.

Forço-me a parar de olhar para os meus namorados e presto atenção à conversa dos meus pais.

— Muito obrigada pelo apoio à minha filha — diz o meu pai. — Ela tem muita sorte em ter-te como amigo.

— Acreditem em mim — diz o Riv —, eu é que tenho sorte. Não há nada que eu não fizesse pela Daisy. — Ele olha para mim nos braços do Eli, com uma expressão de saudade estampada no rosto, e a minha mãe olha-o com simpatia. É evidente que ela acha que está a sofrer por causa de amor não correspondido.

Mal ela sabe. É muito, *muito* correspondido. Ela dá um passo em frente, pegando nas minhas mãos.

— Querida — começa ela. — Pedimos tanta, *tanta* desculpa por não te termos ouvido.

Tenho de me obrigar a sorrir. Para ser sincera, não perdoo os meus pais. Sei que um dia hei de perdoar, mas, neste momento, a ferida ainda está demasiado aberta. É de partir o coração que tenha sido preciso um juiz e um júri para os convencer a acreditar em mim, quando eu tenho estado a dizer a verdade este tempo todo.

— Deviam ter ouvido — resmunga o Cole atrás de mim.

A mãe olha para cima.

— Desculpe?

— Deviam ter acreditado nela — repete ele. — É ridículo que não tenham acreditado.

O meu pai franze o sobrolho, irritado.

— Desculpe, quem é você? E porque é que está aqui?

Os rapazes hesitam todos, olhando para mim. Ainda não contei aos meus pais sobre a nossa relação. Tanto quanto a minha mãe e o meu pai sabem, eles

são apenas amigos que fiz durante a viagem.

Acho que está na altura de esclarecer tudo.

— Ele está aqui porque é meu namorado — digo, numa voz muito clara.

O rosto do Cole fica vermelho por baixo da barba. É adorável.

A minha mãe olha entre mim e o Cole.

— Ele é teu namorado? *Ele?*

— Sim — digo, simplesmente. — Estamos juntos há meses.

— Mas... — O meu pai aponta para o Eli. — Vocês dois não acabaram de...

— Nos beijarmos? Sim. — Eu endireito as costas. — Eu também namoro com o Eli.

O Eli faz um sorriso sardónico dirigido aos dois.

— Surpresa.

Os olhos do meu pai arregalam-se.

— Tu és *o quê?*

— E... — Estendo a mão ao Riven. Ele dá um passo em frente e os nossos dedos entrelaçam-se. — O Riv também. Ando com os três.

Os meus pais parecem completamente horrorizados.

Para ser sincera, acho que é muita coisa para lhes dizer ao mesmo tempo. Na verdade, queria ter-lhes contado mais cedo, mas o advogado que o pai do Riven me arranjou aconselhou-nos a manter a relação em segredo até depois da audiência. Uma treta qualquer sobre o facto de os jurados poderem pensar que sou uma depravada, se se soubesse que ando com três homens.

Acho que é uma parvoíce. Deixem as pessoas amarem quem quiserem, não devia ser assim tão difícil.

— Com os três? — pergunta a minha mãe, roucamente, olhando entre nós. — Como é que isso é possível?

Eu encolho os ombros.

— Cada um deles tem dois dias por semana comigo, e ao domingo estamos todos juntos.

Ela fica de boca aberta. O Eli bufa baixinho atrás de mim. Eu suspiro e descaio os ombros. — Não sei o que dizer, mãe. Eu amo os três. Os três amam-me. É tudo o que há a dizer. Não me vou desculpar por quem amo.

A cara do meu pai está a ficar perigosamente roxa.

— Então, como é? Vais viver com estes homens nas montanhas? Sozinha? Eles podem fazer o que quiserem contigo! — Vira-se para o Cole. — Olha, eu não sei que raio de porcária é que estás a tentar fazer com a minha filha, mas...

Os olhos do Cole ardem.

— *Nós* andamos a fazer porcária com a sua filha? — Ele dá um passo à

frente, aproximando-se do meu pai. — Não fomos *nós* que a magoámos.

O meu pai irrita-se.

— Não uses esse tom comigo. Nem eu. Não fui *eu* que gravei o vídeo.

— Vocês magoaram-na — insiste o Cole. — Magoaram-na ao duvidar dela. A forma como trataram a vossa própria filha é nojenta. Ela foi vítima de um *crime sexual* e, quando vos contou, culparam-na. — Ele abana a cabeça. — E agora, acham que a podem julgar pelas relações que ela escolhe? Acham que a vossa opinião é importante para ela? Para qualquer um de nós? Vocês não merecem pertencer à família dela. Não merecem ter qualquer parentesco com ela. Ela é uma pessoa melhor do que vocês alguma vez serão.

Ele dá um passo atrás, com o peito a arfar. Há uma pausa muito longa, muito incómoda.

O meu pai passa a língua pelos lábios e vira-se lentamente para mim.

— Querida...

— Está tudo bem — digo eu. — A sério. E a vossa opinião é importante para mim. Não o suficiente para me fazer mudar de ideias sobre os rapazes, mas gostava que ficassem felizes por mim.

— Então... como vai ser? Vais mudar-te para a Suécia? — pergunta a mãe, com a testa cheia de preocupação.

Eu aceno com a cabeça.

— Sim. Já estou a frequentar as aulas de sueco para imigrantes para aprender a língua.

— Ela é péssima — interrompe o Eli. — Nunca conheci literalmente ninguém com um sotaque tão mau.

— Parece que ela está a gargarejar com pedras — acrescenta o Riven em voz baixa.

— Vou acabar por conseguir. — Aceno-lhes. — Vou mudar-me para a cabana deles.

Ela esbugalha os olhos.

— Mas o que é que vais *fazer* lá, nas montanhas? Como é que vais encontrar um lugar para ensinar?

— Eu nunca quis dar aulas, mãe — digo-lhe, suavemente. — Sempre quis pintar. E agora as minhas pinturas a óleo estão a dar-me um rendimento bastante estável. Na verdade, é uma história engraçada. Quando estávamos a falar com os pais do Riven sobre arranjarem-me um advogado, disse à mãe do Riven que pintava a óleo. Ela ficou tão entusiasmada que encomendou um retrato dele para o aniversário do pai, e, agora, todos os advogados ricos que visitam a casa deles querem ter as suas próprias peças da *artista promissora*. Estou a pensar fazer uma coleção inteira inspirada em Kiruna — continuo. — Há tantas coisas bonitas para pintar. A aurora boreal. O sol da meia-noite. As

aldeias. As renas e os *huskies* e as montanhas e... — Acabo por calar-me, com a emoção a fluir em mim. — Fico tão inspirada lá em cima.

— E eu — diz o Eli. — Eu sou um modelo excelente.

Sinto-me a ruborizar. A última vez que o Eli foi meu modelo, eu não produzi grande coisa. Ele insistiu para que o pintasse nu. Foi uma grande distração.

Os meus pais continuam a parecer preocupados. Faço-lhes o meu sorriso mais convincente.

— Eu estou bem, mãe, pai. A sério. Estou mais feliz agora do que estive em anos. Acho que talvez nunca tenha sido tão feliz.

O meu pai abana a cabeça.

— Podemos falar disto em casa — diz ele, sem rodeios. — Vamos lá. Se nos despacharmos, podemos apanhar o comboio rápido.

Eu dou um passo atrás.

— Não vou para casa contigo, pai.

Ele franze ainda mais o cenho.

— Não sejas tola. Fizeste este caminho todo de avião; o mínimo que podes fazer é ficar connosco. Talvez assim consigamos meter-te juízo na cabeça.

Abano a cabeça.

— Lamento. Não posso. Prometi que ia mostrar Brighton aos rapazes antes de voltarmos. Já reservámos um quarto no hotel.

— Claro — murmura ele, limpando a testa. — Só um quarto para vocês os quatro.

— Tivemos de reservar a *suite* de lua de mel — esclarece o Eli. — É a única que tem uma cama grande o suficiente.

Eu dou-lhe um pontapé no tornozelo.

— Eu vou voltar em breve — prometo. — Embora só de visita. Agora já encontrei a minha própria casa.

A minha mãe pestaneja para afastar as lágrimas.

— Não vamos conseguir fazer-te mudar de ideias, pois não, querida?

Eu abano a cabeça.

— Se pudéssemos deixar de discutir e passar diretamente à aceitação, poupávamos muito tempo — digo, esperançosa.

Ela ri-se com lágrimas nos olhos.

— Sempre foste tão teimosa. — Ela olha por cima do meu ombro, lançando um olhar severo aos três homens. — Tomem conta dela lá em cima, está bem?

— Sim, senhora — diz o Riven. O Cole e o Eli acenam com a cabeça.

— Está bem, então. — Ela limpa as faces. — Temos de ir andando se

queremos apanhar o comboio, Harry.

— Mas...

— Deixa-a. Ela é adulta. Tem de tomar as suas próprias decisões. Acho que, depois dos últimos meses, lhe devemos um voto de confiança. — Ela dá um passo em frente e aperta-me num grande abraço. — Ele há de mudar de ideias — sussurra ela. — Está apenas chocado. Nunca gostou quando trazias um rapaz para casa. Acho que três é um bocado demasiado para ele conseguir lidar.

Concordo com a cabeça. Sei que o meu pai só precisa de tempo. Ela afasta-se e ele toma o seu lugar. Ficamos a olhar um para o outro por um momento. Eu aperto o maxilar, à espera de que ele recomece a discussão.

Em vez disso, ele inclina-se e puxa-me para um abraço forte.

— Tens a certeza de que não podes vir para casa connosco? — murmura ele no meu ouvido.

— Não. Não, desculpa. Nós temos planos.

Ele suspira.

— Muito bem. — Ele afasta-me, mantendo-me à distância de um braço.
— Liga-nos esta noite, está bem? Quando estiveres instalada.

Eu aceno com a cabeça e ele aperta um beijo na minha testa.

— Estou muito orgulhoso de ti, Jennifer. Tens sido muito forte.

A minha mãe puxa-lhe a manga e ele vira-se para partir. Fico a vê-los sair pelas grandes portas de vidro do tribunal, sentindo o meu coração a inchar no peito. Eles cometeram um erro — um erro grave — mas ainda me amam. Eu acredito nisso. E isso basta para mim. As portas fecham-se atrás deles, deixando-me com os meus três homens da montanha no meio do átrio.

— Ótimo. — O Eli junta as próprias mãos. — Podemos sair daqui, por favor? Estes advogados todos estão a pôr-me ansioso. E a Sininho fica mesmo *sexy* nas suas roupas de tribunal.

Passamos o resto do dia em Brighton, a passear pela minha cidade natal. Mostro-lhes todos os sítios que frequentei quando era miúda. A minha antiga escola, o salão de jogos, as lojinhas pitorescas perto do mar. Quando chega a hora de jantar, apresento-lhes o peixe com batatas fritas. Nunca vi o Cole comer tanto e tão depressa. Depois da comida, descemos o cais e vamos até à praia, parando para comprar um 99 numa carrinha de gelados. O sol está a pôr-se sobre o mar, refletindo-se nas ondas suaves em clarões de luz dourados e laranja. O ar está quente e arejado. Os rapazes tiram os casacos dos fatos e arregaçam as mangas das camisas, e eu descalço os sapatos de salto alto, enterrando os dedos dos pés na areia. O Riven e o Cole dão-me as mãos enquanto passamos pelos pequenos grupos de pessoas estendidas nas toalhas.

— Não como gelado há *séculos*. — O Eli está praticamente a gemer. — Faz muito frio lá em cima.

Eu ponho-me em bicos de pés para lamber o líquido que escorre pela lateral do cone.

Depois, lambo uma mancha no seu lábio inferior. Ele sorri, aconchegando-se a mim.

— Os assuntos legais deixam-te excitada, querida? Mal consegues manter as mãos afastadas de nós. É compreensível, no meu caso, mas não percebo quanto a esses dois.

Passo a palma da mão pelo peito do Riven, sentindo os músculos por baixo da camisa de bom corte.

— Vocês ficam todos tão giros nos vossos fatos. Não sei lidar. — Aperto o colarinho do Riv e ele apanha a minha mão, roçando os lábios nos nós dos meus dedos.

— Aquelas pessoas estão a olhar — avisa o Cole, e o Riven fica paralisado.

Olho para cima e sigo o seu olhar até ver um casal a olhar para nós, aos sussurros. Enquanto observo, a rapariga aponta para mim, dando um empurrãozinho ao namorado.

Os três homens posicionam-se automaticamente à minha frente. Ainda acontece com frequência quando estou em público. As pessoas reconhecem-me por causa do vídeo. Detesto isso. Odeio ter pessoas a olhar para mim, a julgarem-me, a despirem-me nas suas cabeças.

Mas tenho quase a certeza que não é por isso que este casal está a olhar. É mais provável que tenha a ver com o facto de eu estar agarrada a três homens diferentes. Fico à espera que a pontada de nervos e de embaraço me atinja, mas, em vez disso, não sinto nada. Apenas o brilho quente da felicidade no meu peito e a doçura do gelado de baunilha na minha boca.

— Vou dar-lhes uma palavrinha — murmura o Riven, largando a minha mão.

— Espera. — Agarro-lhe no braço. — Está tudo bem. Não me incomoda. O Cole franze o sobrolho.

— Tu detestas quando as pessoas olham para ti em público. Assustas-te. — A ruga entre as suas sobrancelhas aprofunda-se. — Não precisas de ter medo.

— Bem, acho que já não me importo com isso. Na verdade, sinto-me um bocado... orgulhosa. — Levantam-se três pares de sobrancelhas. Eu encolho os ombros. — Eu não escolhi publicar o vídeo. Mas escolhi-vos. É diferente. — Olho para o casal, que ainda está a olhar-nos como peixes, e sorrio quando me ocorre uma ideia. — Porque é que não lhes damos algo para onde olhar?

Antes que qualquer um deles possa reagir, ponho-me em bicos de pés, passo as mãos à volta da nuca do Cole e beijo-o com toda a intensidade que consigo. Ele puxa-me pela cintura, e o calor percorre-me, enquanto a sua língua me assalta a boca. Quando nos separamos, sinto-me quente e arrepiada por todo o lado. A seguir, agarro o Riv, torcendo as mãos no seu colarinho e puxando-o para baixo, para o meu nível. Ele enrola os dedos no meu cabelo e passa a língua entre os meus lábios, enrolando-a contra os meus. Os seus braços fortes à minha volta fazem-me sentir tão segura e acarinhada que mal consigo recuperar o fôlego.

Por fim, viro-me para o Eli, respirando com dificuldade. Ele está a observar-me com as bochechas rosadas, os caracóis a ondularem sobre a testa com a brisa do mar.

— A deixar o melhor para o final? — Provoca ele, enquanto eu passo as mãos pelo seu peito.

— Já te disse. Não estou a classificar a tua técnica a beijar.

— Claro, claro. Mas isso é só para proteger os seus egos frágeis, certo? — Ele baixa o tom de voz. — *Nós* sabemos a verdade.

— Oh, beija-me, porra.

E ele assim faz. Passando o resto do gelado ao Cole, puxa-me para si e pressiona a boca sobre a minha. Lambo-lhe a boca, sentindo o sabor da baunilha e do açúcar — e depois o mundo gira de repente, quando ele me deixa de rastos. O meu estômago dá voltas enquanto o céu se inclina sobre a minha cabeça. É um beijo digno de um filme romântico, mesmo no meio do cais. Estou a rir-me contra os seus lábios quando ele me pousa por fim.

— Uau! Jesus, malta. — Passo uma mão sobre as minhas faces ardentes, depois endireito a saia. — Eles ainda estão a olhar?

— Uh. Sim. — O Riv olha em redor. — Há muita gente a olhar.

— Provavelmente, estão impressionados com o meu talento para beijar — diz o Eli.

Eu encolho os ombros. Estamos numa praia, a ver o pôr do sol sobre o mar. Os casais à nossa volta estão a beijar-se por todo o lado. Por que razão *eu* não haveria de beijar os homens que amo?

— Ótimo. Agora toda a gente sabe. Toda a gente sabe o quanto vos amo *aos três*.

Eles partilham um olhar suave sobre a minha cabeça.

— O que foi?

— Nada — diz o Riven. — Mas já pareces muito mais relaxada.

Olho para o mar que se agita sobre a areia. O vento aumenta um pouco, fazendo o meu cabelo rodopiar à volta da minha cara.

— Tive imensa vergonha, durante muito tempo. Mas já não tenho. Sinto-

me... — Fico sem palavras, a debater-me para encontrar a certa.

— Segura? — Tenta o Cole.

— Feliz? — sugere o Riven.

— Excitada? — pergunta o Eli.

— Livre — decido. — Nunca me senti tão livre. Como se pudesse fazer o que quisesse. Qualquer coisa mesmo.

O Eli passa um braço sobre os meus ombros.

— Que bom. Por onde é que vamos começar?

Eu penso por alguns segundos, depois sorrio.

— Aposto que chego primeiro que vocês à água.

Levanto voo, avançando pela praia em direção ao mar. Os rapazes podem ser melhores do que eu a andar na neve, mas a areia é o meu território. O Eli alcança-me mesmo quando estou a chegar à rebentação. Levantando-me nos braços, carrega-me para as ondas, beijando-me com força. O Cole e o Riv seguem-nos, arregaçando as pernas das calças enquanto nos aventuramos mais. Juntam-se à minha volta e atiram-me para a água gelada. Uma onda varre-me e caio de novo nos braços de alguém. Um deles beija-me o pescoço enquanto outro passa os lábios quentes pelas minhas bochechas. Mãos deslizam sobre as minhas ancas, os meus braços, a minha cintura, mantendo-me de pé. O mar está cor de laranja à nossa volta, a refletir o pôr do sol. Deixo que os meus olhos se fechem e sinto, simplesmente.

— Nós também — diz o Riven, junto do meu ouvido, a sua voz baixa e áspera.

— Hum? — Eu encosto-me preguiçosamente a um peito musculado, exaurida de felicidade.

— Também nos sentimos todos livres outra vez.

Sorrio e inclino o rosto para um beijo, ou três.

1 Um cone de gelado, geralmente de baunilha, com uma barra de chocolate *Cadbury* espetada ao centro. (N. de T.)

Epílogo



-Desculpe, senhor? Quer uma toalha quente?

O Cole olha para a hospedeira de bordo, irritado.

— O que é que eu faria com uma toalha quente?

A mulher mostra-lhe um sorriso cheio de batom.

— Refresque-se, senhor.

— *O quê?*

Inclino-me sobre ele.

— Estamos bem, obrigada — digo, educadamente.

Ela sorri de volta, distraída, sem sequer se dar ao trabalho de olhar para mim. Os seus olhos azuis permanecem fixos no rosto do Cole.

Esta é a sexta vez que ela flutua até nossos assentos para nos oferecer alguma coisa. Cobertores, almofadas, champanhe, lenços de papel, revistas. De todas as vezes, aproveita para tocar no ombro do Cole, ou para se inclinar sobre ele para lhe meter as mamas na cara. Parece evidente que está à procura de uma rapidinha na casa de banho do avião.

Não estou com ciúmes; honestamente, acho que é muito engraçado. Se eu fosse ela, também me estaria a atirar a ele.

Mas é óbvio que o está a irritar, e esta situação já é suficientemente stressante para ele, por isso intervenho.

— Importas-te de nos deixar em paz? — pergunto, tão gentilmente quanto possível. — O meu marido costuma ficar nervoso quando voa, e está a tentar dormir um pouco.

O Cole resmunga quando digo a palavra *marido*. Percebo que ele está contente. Ele adora quando lhe chamo isso.

— M-marido? — gagueja a mulher.

— Sim! — Mostro-lhe a minha mão. Ela vê as três alianças de ouro empilhadas no meu dedo anelar.

Os rapazes deram-mas há um par de meses. Fizeram-no um de cada vez: o Eli no topo de uma pista de esqui com as montanhas à nossa volta; o Cole num passeio no bosque; e depois o Riven, ajoelhado ao lado da cama antes de eu adormecer nessa noite. Cada anel tem o nome do homem gravado no interior.

Como é óbvio, não temos um pedaço de papel a dizer que estamos casados. Mas temos o amor, o compromisso e todas as promessas. O que julgo que seja a parte mais importante.

A assistente de bordo levanta-se, numa atitude subitamente profissional.

— Claro, minha senhora — diz ela, suavemente. — Vamos aterrar em

Arlanda dentro de quarenta e cinco minutos. Desfrute do resto do seu voo.

— Ótimo. Obrigada!

Ela volta para o corredor e eu viro-me para o Cole. Ele está com um ar bastante fofo, com o corpo enorme encolhido num assento de avião. Mas eu sei que ele está desconfortável. Apoio a cabeça no seu ombro.

— Estás bem?

— Odeio isto. — Ele olha pela janela para as nuvens brancas e fofas e faz uma careta. — Por que raio é que alguém se mete nisto?

— Está quase a acabar — prometo-lhe. — Daqui a nada vais estar a cortar árvores e a salvar alces.

Ele bufa.

— Tenho a certeza de que os alces estão bem. Tens estado longe das estradas.

Passámos a última semana em Londres. Fiz uma exposição dos meus quadros numa das galerias do centro da cidade. Foi incrível; toneladas de entusiastas e críticos de arte apareceram para ver a minha última coleção. Vendi muitos dos quadros e diverti-me imenso ao conhecer tantos outros artistas. Mal posso acreditar que esta é a minha vida agora. No último ano, também tive exposições em Dublin, Edimburgo, Gotemburgo e Estocolmo. Normalmente, o Eli e o Riven acompanham-me à vez nas viagens, mas, desta vez, o Cole ofereceu-se para vir comigo. Tenho quase a certeza de que ele detestou praticamente tudo o que se passou em Londres, mas esteve sempre ao meu lado, a apoiar-me.

Os olhos dele voltam a pousar na janela. Ele faz uma careta para as nuvens como se elas lhe tivessem causado uma ofensa pessoal.

— Até lá — ponho uma mão na sua coxa —, posso pensar numa maneira de passar o tempo.

Ele desliza uma mão pela minha nuca e puxa-me para um beijo áspero e profundo. Já passaram dois anos, e os seus lábios ainda me fazem sentir como se me tivessem pegado fogo. Quando muito, a sensação tornou-se mais forte.

Desta vez, quando a hospedeira de bordo passa por nós, não se detém.

Depois de Estocolmo, temos mais duas horas de voo até Kiruna. O voo está atrasado e, enquanto me sento na zona de espera do terminal, o Cole passa o tempo de espera a resmungar e a andar de um lado para o outro entre as lojas e os cafés bem iluminados. De vez em quando, entra numa loja, compra qualquer coisa, depois traz-ma e deixa-a na pequena mesa de plástico ao meu lado. Até agora, ganhei dois romances, uma chávena de café, uma salada, um pão de canela e um pacote de doces. Aparentemente, tentar manter-me satisfeita é a única coisa que o mantém são neste momento.

Sento-me na minha cadeira de plástico e bebo o meu café, observando-o.

Quando ele veio ter comigo e me disse que queria vir comigo nesta viagem, fiquei surpreendida. Nunca o tinha convidado antes — pensei sinceramente que ele não ia querer ir. O Eli sente-se em casa na cidade, embora sinta falta das pistas. O Riven lida bem com isso. Mas o Cole não foi feito para multidões, filas de espera e cadeias de restaurantes.

Vejo-o sair de uma loja e voltar para junto de mim.

— Toma. — Pousa uma garrafa de água de plástico junto à minha mão.
— Devias beber água.

— Obrigada. — Ele assente e vira-se para se ir embora, mas eu pego-lhe na mão, puxando-o para a cadeira ao meu lado. — Significa muito — digo-lhe, com sinceridade —, que tenhas vindo aqui comigo.

— Eu queria ver o teu trabalho — murmura ele. — És incrível.

— Bem, obrigada por teres vindo. Tens sido espetacular.

Ele fica a olhar para mim durante alguns segundos, com os olhos azuis gelados a penetrarem-me. Depois passa um braço à volta da minha cintura e levanta-me. Eu guincho quando sou içada para o seu colo, mesmo no meio do aeroporto. Algumas pessoas viram-se e ficam a olhar, mas eu não me importo. Já não me importo com o facto de as outras pessoas me julgarem. Não importa o que as outras pessoas pensam de mim.

O Cole relaxa visivelmente quando aterramos em Kiruna. A viagem de regresso a casa é praticamente silenciosa. Olho pela janela, a contemplar a neve que vai ficando mais espessa e as árvores mais esparsas à medida que subimos as montanhas. A minha garganta aperta-se sempre que passamos por uma pequena aldeia, ou quando vejo um dos pastores de renas a levarem os seus animais para casa durante a noite.

Estou em casa.

Está escuro lá fora quando finalmente paramos à porta da nossa cabana na montanha. O Cole vai estacionar o carro na garagem, enquanto eu me arrasto pela neve até à porta da frente. O meu estômago dá voltas de excitação. Ainda nem sequer levei a chave à fechadura e a porta já se abriu. Sou praticamente atacada pelo Eli, que me envolve nos braços e me puxa para dentro, diretamente para o seu peito. Eu sorrio, respirando o cheiro quente a pinheiro.

— Tive saudades tuas, Sininho — murmura ele no meu pescoço, apertando-me com força. — Meu Deus. Da próxima vez vou contigo, está bem? Não me interessa de quem é a vez. Vou eu. É a minha vez. Vou contigo.

— Bem, não sei. O Cole já é um aviador experiente. Talvez tenhas de lutar com ele.

Abraço-o de novo com força.

— Também tive saudades tuas. *Muitas*.

Ele suspira feliz, segurando no meu rosto e puxando-me para um beijo profundo. Eu amoleço-me contra ele enquanto ele enrola possessivamente a língua entre os meus lábios.

— Eli — diz uma voz fria. — Partilha.

O Eli resmungo e afasta-se para que o Riven me possa dar as boas-vindas. O homem mantém-me à distância por um momento, percorrendo-me com os olhos. Os olhos dele demoram-se nos meus seios ligeiramente inchados e pergunto-me se o médico vai descobrir o segredo que andei a guardar durante a viagem. A julgar pelo pequeno sorriso nos seus lábios, talvez tenha descoberto. Puxa-me para um abraço caloroso e dá-me um beijo firme nos lábios.

— Não estamos completos sem ti — murmura ele, contra a minha bochecha.

O Eli pega na minha mão e os nossos dedos entrelaçam-se. Sinto o Cole a aproximar-se de mim por trás, o seu peito encostado às minhas costas. Qualquer tensão que restasse no meu corpo desaparece enquanto estou cercada pelos meus homens da montanha. Os meus maridos.

Às vezes, não consigo acreditar que esta é a minha vida. Não acredito que tive esta sorte. Estou rodeada de amor a toda a hora. O amor envolve-me. Envolve-me e mantém-me segura e quente. A nossa relação não é convencional, mas é a melhor relação que consigo imaginar.

E nunca fui tão feliz.

Epílogo Bónus



-Eli. — O Riv parece exausto. — O bebé não vai precisar de galochas.

— Mas são adoráveis! — protesta o Eli. — Olha, querida.

Ele mostra-mas. São pequeninas, verdes e têm caras de sapo.

Eu pestanejo.

— Ela não vai poder andar durante um ano, ou assim. Porque é que fazem galochas tão pequenas?

— É *moda* — insiste o Eli. — Porque são adoráveis. Tal como tu, quando dizes *galochas*.

Ele beija o topo da minha cabeça.

— Ela não é uma boneca para tu vestires — murmura o Riven, virando-se para fazer sinal a um funcionário. — Desculpe? Pode dar-me alguma informação sobre estas fórmulas de leite?

O Cole não diz nada, olha em volta da loja bem iluminada, com o maxilar tenso. Eu sigo-lhe o olhar. Ele está a olhar atentamente para um bebé minúsculo num carrinho de bebé. O bebé retribui o olhar. Enquanto observo, a sua carinha enrugase e ele começa a gritar.

Eu bufo.

— Para de olhar para os bebés com esse olhar assassino — murmuro.

O Cole lança-me um olhar cortante que não compreendo e depois vira costas.

Hoje, estamos numa espécie de excursão. Conduzimos durante algumas horas até à cidade para a minha última consulta pré-natal e agora vamos a uma loja de artigos para mães e bebés para comprar itens de última hora. Estou com pouco mais de oito meses, por isso o tempo está a esgotar-se.

Não que eu ache que vamos ter problemas. Os rapazes têm estado a preparar-se para a Baby desde que lhes dei a notícia. O quarto da bebé está montado há meses e acho que temos fraldas suficientes até ela aprender a ir à casa de banho.

Doem-me os quadris. Encosto-me pesadamente ao Cole, arqueando as costas para tentar aliviar alguma da pressão. Agradeço a Deus todos os dias o facto de eles estarem tão envolvidos na gravidez, porque eu própria não me sinto capaz de fazer grande coisa. Não sei como é que as mulheres que têm apenas um homem conseguem preparar-se para ter um bebé. Fico tonta só de pensar no que as mães *solteiras* têm de enfrentar.

Embora, para ser sincera, eu esteja sempre tonta. Estou tão farta de estar grávida. Estou sempre inchada, sempre a sofrer, preciso de fazer chichi constantemente e mal consigo dormir. Acho que não tive sorte, porque nunca senti que estivesse a «cintilar» nos últimos meses. Senti-me sempre uma desgraça.

Mesmo assim. Penso na pequena cópia da ecografia que o Cole guarda na carteira e o meu coração derrete-se. Vai tudo valer a pena. Só preciso de aguentar mais umas semanas. Ela vai estar cá fora em breve. E, depois, terei três pares de mãos para fazer turnos noturnos e mudar fraldas.

A vendedora acaba de falar com o Riven e vira-se para mim, a sorrir, enquanto o Cole me massaja as costas.

— É bom ver que tem tanto apoio. Qual de vocês é o pai?

— Eu — dizem o Riven e o Eli, em simultâneo. O Cole fica em silêncio.

A funcionária fica a pensar. Ela é mais velha, provavelmente na casa dos sessenta, e tenho a certeza de que a chocámos.

— Desculpem... Não sabem quem é o pai?

— É uma espécie de mistério — digo-lhe eu. — Na verdade, pode ser qualquer um dos três.

As sobrancelhas dela levantam-se.

— E vocês... concordam todos com isso?

— Oh, sim. — O Eli sorri. — Nós adoramos partilhar. No entanto, a criança é minha. — Ele estica o pescoço. — Eu vou dar uma olhadela *naquele* corredor. Acho que estou a ver um tutu.

— Ela ainda nem nasceu — murmura o Riv. — Acho que não vamos precisar de nos preocupar com aulas de *ballet* durante uns tempos.

— É bom encorajar as paixões desde tenra idade — insiste o Eli, que se afasta com o carrinho.

Desvio-me para uma prateleira cheia de peluches. Um urso com ar rezingão chama-me a atenção. É parecido com o Cole. Talvez devesse escolher um brinquedo para a Baby que lhe recorde cada um dos seus pais, pondero, examinando a prateleira. Para o Eli, algo energético, como um tigre de peluche. E, para o Riven, algo inteligente e fixe. Um lobo, ou uma pantera...

Sinto que está alguém parado ao meu lado e viro-me para descobrir que a empregada da loja me seguiu. Preparo-me para os comentários críticos, mas ela limita-se a piscar-me o olho.

— Bom negócio, quando é possível, hum?

Eu pestanejo.

— Sem dúvida.

Ela estende-me a mão.

— Amanda. Prazer em conhecer-te. — Ela olha em redor, com os olhos a brilhar. — Sabes, já há algum tempo que ando a pensar num... acordo semelhante.

Tento não parecer surpreendida. A Amanda tem o cabelo prateado preso num carrapito e óculos de massa de aspeto severo. Não é o tipo de pessoa que

eu teria imaginado a fazer sexo em grupo. Mas, por outro lado, nunca se sabe.

— Força, se é isso que queres. Pode mesmo resultar.

— Talvez faça isso. — Ela inclina a cabeça. — De certeza que estás ocupada agora, mas importas-te de me dar o teu endereço de *e-mail*? Tenho tantas perguntas.

— Claro! — Fico sempre feliz por fazer amigas. Ou, tipo, fazer contacto visual com uma mulher. Adoro viver nas montanhas com os meus homens, mas às vezes sinto-me um pouco em desvantagem.

Um pontapé na barriga lembra-me de que em breve não estarei tão em desvantagem. Dou o meu *e-mail* à Amanda e parto em busca dos rapazes.

Encontro o Eli na secção de roupa de bebé, a olhar para os laços de cabelo. Vejo-o pegar num cor-de-rosa e num prateado brilhante e a estudá-los atentamente, antes de os deixar cair no carrinho.

Aproximo-me e pouso a cabeça no braço dele.

— E se ela não gostar de laços? Pode ser uma maria-rapaz.

— Então podes usá-los tu, Sininho. — Ele dá um puxão na ponta da minha trança. — Ei, olha só. — Ele remexe na pilha de roupa que acumulou no carrinho e tira um vestido verde-claro com a Sininho estampada na saia. — Ela vai ficar igualzinha à mãe.

Reviro os olhos, examinando a pilha de roupa que ele meteu no carrinho. Ele pensou em tudo: *t-shirts*, vestidos, saias, pijamas, meias pequeninas. Há aqui um chapéu de sol e um par de protetores de orelhas de lã.

— Talvez tenhas razão — pondera ele, enquanto eu vasculho a pilha. — Também devíamos comprar algumas roupas de maria-rapaz. Só para prevenir. Não quero que ela cresça a sentir-se pressionada para ser feminina, se não quiser. — Ele olha em volta e pega num par de calções de ganga.

Eu abano a cabeça.

— A sério que não vamos precisar disto tudo. As coisas vão deixar de lhe servir num instante. E, provavelmente, ela vai vomitar em cima de tudo.

— Mas é bom ter opções — protesta ele. — Eu quero que ela tenha tudo.

Eu tento não sorrir. É fofa que ele esteja tão entusiasmado, mas tenho mesmo de bater o pé. Estamos a vestir uma criança, não uma pré-escola inteira.

— Bem, acho que não precisamos deste vestido às bolinhas em *três* cores. — Pego nele e tiro-o do carrinho. — Um está ótimo. — Inclino-me para o voltar a pendurar no cabide. — E depois dou um grito quando sou atravessada por uma dor. — *Foda-se!* — sibilo, deixando cair o cabide, enquanto a dor sobe da minha virilha. O mundo escurece à minha volta e tenho de respirar fundo e obrigar o ar a entrar nos meus pulmões.

Há já alguns meses que tenho estas contrações, desde o segundo

trimestre. Agora que estou tão perto da data prevista para o parto, estão a piorar muito. Parece que cada vez que faço um movimento brusco, a minha pélvis fica dividida ao meio. Os médicos dizem que é normal, mas, obviamente, todos os rapazes agem como se eu tivesse acabado de ser esfaqueada.

Começam a juntar-se à minha volta, a tagarelar. Aperto os olhos para não sentir a dor e mãos pressionam-me os ombros, empurrando-me para um banco que atravessa a extremidade da sala. Alguém me toca no cabelo. Outra pessoa ajoelha-se à minha frente. Cheira-me a sabonete e a linho, e sei que é o Riven que está a segurar-me no rosto.

— É muito mau? — pergunta, com insistência. — É a mesma dor aguda?

— *Cala-te* — balbucio.

Isto foi giro, tipo, nas primeiras três vezes que aconteceu. Mas depressa se tornou bastante irritante. Quando sentimos tanta dor que achamos que vamos vomitar, a última coisa que queremos é ter pessoas à nossa volta, a tocar-nos e a fazer-nos perguntas rápidas que nem sequer conseguimos ouvir, porque só conseguimos pensar em como nos *dói*. Quero estar *sozinha*, enrolada num quarto escuro, a passar por isto. Só eu e a Baby.

— Abre os olhos, Daisy — ordena o Riv. Ignoro-o.

— Ela está bem? — perguntam por cima da minha cabeça. — Precisas que chamemos alguém?

— Ainda não. Mas, Cole, põe o 112 a postos.

Eu cerro os dentes.

— Eu. Não. Preciso. De uma. Ambulância. Seu. *Idiota*.

Obviamente, ninguém quer saber do que *eu* tenho a dizer sobre o meu próprio corpo. A conversa continua. As mãos acariciam-me as costas e os ombros, apesar de eu tentar sacudi-las uma e outra vez.

— Estão a piorar?

— Estão mais próximas.

— Mas isso é normal, não é?

— Era o que dizia na *internet*.

— Devíamos levá-la de novo ao médico. Só para prevenir.

— Vou marcar uma consulta.

De repente, não consigo aguentar mais.

— *Parem com isso!* — grito, abrindo os olhos. — *Parem*, eu estou *bem*, parem de me *afagar* e de falar de mim e de pairar sobre mim como se eu fosse uma inválida, *não aguento* mais! Podem *deixar-me em paz*, por favor?

A minha voz ecoa pelos corredores da loja. Algumas pessoas olham para mim. Os meus rapazes ficam calados, chocados.

— Querida. — O Eli dá um passo em frente e eu afasto-o, com a pele a

arrepia-se.

— Para de *me tocar*, por amor de Deus, isso está a pôr-me *doida*. — Vejo o clarão de dor que lhe atravessa o rosto, enquanto me encolho sobre mim mesma, curvando as mãos sobre o estômago. É como se não conseguisse respirar.

— Daisy... — começa o Riven, penteando-me o cabelo para trás.

Empurro-o de cima de mim e desato a chorar, mesmo no meio do *BabyWorld*.

— Oh, deixem-na em paz. — A Amanda aproxima-se, segurando uma caixa de lenços de papel. — Sinceramente. Se a pobre rapariga diz que está bem, deviam dar-lhe ouvidos. — Ela afasta-os a todos e senta-se ao meu lado, entregando-me os lenços. Tiro um, assoando o nariz.

— Desculpa — murmuro. — Não queria dar espetáculo.

— Não sejas tola — diz ela, com firmeza. — Isto é uma loja de bebés. Está sempre cheia de dramas. Águas a rebentar, desmaios, vômitos. Já tivemos de tudo.

Eu limpo os olhos.

— Não sei o que se passa comigo.

Na maior parte do tempo, adoro que me toquem e que cuidem de mim. Faz-me sentir segura e bem cuidada. De vez em quando, porém, torna-se cansativo. E, neste momento, não consigo parar de me irritar com tudo. Detesto sentir-me zangada com os rapazes. Mal discutimos durante todo o tempo em que estivemos juntos, e agora estou a agir como uma cabra, a gritar com eles em público.

Ela responde, num tom de troça:

— Não há nada de errado contigo. Cabe-lhes a *eles* — olha para os rapazes com severidade — *ouvir* quando dizes que precisas de espaço.

— Só estamos preocupados — diz o Eli, remexendo os pés.

— Claro que estão. Mas sufocá-la não lhe vai fazer bem nenhum. — Ela dá-me palmadinhas nas costas. — Ela é adulta. É tua igual. Trata-a como tua companheira, não como tua filha. Não tomes decisões por ela.

A Baby começa a contorcer-se e eu passo a mão por cima dela, enquanto a dor das contrações desaparece por fim. Inspiro um fôlego trémulo e olho para cima. Os rapazes afastaram-se, mas ainda estão por perto, a olhar para mim com preocupação na cara.

— Peço desculpa — murmuro. — Não queria ficar zangada.

Eles olham entre si como se não soubessem o que fazer. Não os posso censurar. *Eu* não sei o que fazer. Sinto-me irritada, zangada e triste. Só me apetece enroscar-me na Baby e desaparecer.

— Daisy. — O Cole ajoelha-se à minha frente, ficando ao nível dos meus

olhos. Não tenta tocar-me. — O que é que tu queres?

Eu fungo.

— Um hambúrguer.

— Num restaurante? Ou para levar?

— Para levar.

— Está bem. — Ele dá-me a mão, ajudando-me a pôr-me de pé.

A Amanda também se levanta.

— Ótimo. Depois ligo-te.

Umás horas mais tarde, com a barriga cheia de comida e o cérebro entorpecido por uma mão-cheia de orgasmos, sinto-me muito menos agitada. Estamos os quatro esparramados na cama gigante do Riven, enroscados uns nos outros.

Bem, três de nós estão esparramados. O Cole está sentado na ponta do colchão, a olhar para o espaço. Os rapazes estão a falar, mais uma vez, sobre a quem acham que a Baby pertence. Eu entro e saio da conversa.

— Esperemos que seja minha, para bem dela — diz o Eli, esticando-se languidamente. — Definitivamente, os meus genes são os melhores de nós os três.

O Riv ri-se.

— Ah, sim?

— Claro. Basta olhar para mim. — Agita o rosto. — A Baby vai estar garantida para toda a vida, com uma aparência destas.

Eu reviro os olhos.

— Ela vai ser de vocês todos. Todos serão o pai. Vamos criá-la todos juntos. — Olho diretamente para o Cole, que não diz nada. Acho que ele não disse uma palavra desde que voltámos para casa.

— Claro. Claro. — O Eli faz uma pausa. — Mas, ainda assim, também vai ser minha.

— Sim, Eli. Também vai ser tua.

Ele sorri, deitando a cabeça na almofada.

— Estou tão animado — murmura ele. — Vou ter uma filha. Vou ser *pai*.

Eu sorrio, mas sinto-me vazia por dentro. A culpa está a atormentar-me. Ainda me sinto supermal por ter gritado com eles.

O Riven deve sentir que algo se passa, porque vai para trás de mim, puxando-me para junto do peito.

— Sentes-te melhor? — sussurra. Aceno com a cabeça, aconchegando-me no seu cheiro limpo, macio e quente, mas dói-me o peito.

Os rapazes acabam por adormecer à minha volta, e eu deixo-me cair num sono inquieto nos braços de Riv.

Parece que adormeci há poucos minutos quando volto a acordar. Há um pé pequenino a pressionar abaixo da minha caixa torácica. Suspiro. Estou exausta como o caraças. Passamos por isto todas as noites; assim que me aconchoo na cama, a Baby transforma-se na estrela de um espetáculo de *cancan*. Acaricio-a, enquanto ela me desfaz as entranhas em bocados e, por fim, volta a ficar quieta. Rolo para os braços do Eli, em busca de uma posição mais confortável. Ele murmura qualquer coisa, puxando-me para mais perto, e eu acomodo-me com a cabeça na almofada dele. Estou prestes a adormecer quando ela me dá outro pontapé. E outro. E depois outro. Quando aquilo não provoca qualquer reação, ela faz o que parece ser uma cambalhota completa, rolando na minha barriga. Agarro na barriga, sentando-me.

Foda-se.

Não há maneira de conseguir dormir assim. A conter um gemido, deslizo para fora da cama e saio para o corredor em pezinhos de lã. Preciso de apanhar ar. Um pouco de ar frio. Deitar-me entre vários homens é bom, mas torna-se quente, e eu sinto-me quase sempre suada e sobreaquecida nestes dias. Dirijo-me à porta da frente, visto o meu casaco de esqui e saio para a rua. Estamos em julho e a temperatura é, de facto, bastante quente. A neve derreteu toda e, apesar de já passar das três da manhã, o sol está bem alto no céu. No verão, nunca escurece.

Vou descalça até ao pequeno pátio. O Cole construiu-o no meu primeiro verão aqui, quando eu disse que seria bom ter um sítio para comer ao ar livre. É bastante simples; temos uma mesa de jantar e alguns sofás cobertos de almofadas. Há salpicos de tinta espalhados por todo o lado, devido a todas as vezes que vim trabalhar para aqui.

Franzo o sobrolho quando vejo o Cole sentado, curvado, num dos sofás pequenos. Ele tem um pedaço de madeira numa mão e uma faca de talhar na outra.

— Ei.

Ele olha para cima e vê-me. Os seus olhos descem para a minha mão na barriga.

— Querida — diz ele, suavemente.

— Não faças isso — aviso-o. — Não aguento mais atenções sufocantes. Vou rasgar-te ao meio.

Ele estreita os olhos.

— Eu não sou o Eli. Ou o Riven. — Ele olha-me de cima a baixo. — Porque estás aqui fora?

Dirijo-me ao sofá e deito-me nele. A estrutura de madeira range. O que é falta de educação.

— Estava demasiado calor lá dentro. E a Baby está a dar-me uma coça.

— Hum. — Salto quando ele encosta uma mão grande à minha barriga.
— Acalma-te — ordena ele, com firmeza. — Estás a magoar a tua mãe.

Como se ela o pudesse ouvir, a Baby para de dar pontapés e acalma-se. Suspiro, inclinando a cabeça para trás contra o encosto, respirando o ar fresco da noite. Estou tão pronta para ter este bebé. Estou tão pronta para a conhecer. Não suporto toda a espera, preparação e preocupação.

O Cole mantém a mão na minha barriga durante alguns minutos, firme e reconfortante, depois volta ao que estava a fazer. Ouço o raspar suave de uma faca contra a madeira e abro os olhos para o ver a talhá-la. De momento, o pedaço de madeira não parece grande coisa, mas os seus olhos estão atentos e concentrados enquanto esculpe.

— O que é isso?

Ele vira-se e pega numa espécie de engenhoca de madeira e cordas do chão, entregando-ma.

Eu pego-lhe. É um móbil. Quatro pequenos elefantes de madeira pendem de um fio numa estrutura em forma de estrela. Três grandes, um médio e — olho para as mãos dele. Está a fazer um bebé minúsculo. Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

— É lindo — sussurro, passando os dedos pela madeira.

Ele encolhe os ombros perante o elogio.

— Não conseguia dormir. Precisei de manter as mãos ocupadas.

— Quase não dormiste na última semana — observo, pousando cuidadosamente o móbil no chão.

Ele grunhe. Estudo-lhe o rosto. Tem sombras escuras debaixo dos olhos e a boca está marcada por uma linha sombria. Não me lembro da última vez que o vi sorrir. Estico a mão e toco-lhe na bochecha, roçando o polegar sobre as cerdas. Os olhos dele fecham-se.

— Estás com medo?

— Sim — diz ele, em voz baixa.

— Queres fazer um teste de ADN? Prometo que não te enganei. Mas não fico ofendida se quiseses verificar.

— Não tenho medo *disso*. — Ele parece irritado.

— Então o que é?

Ele fica em silêncio durante algum tempo. Eu deixo-o pensar, olhando para o horizonte. É lindo aqui fora no inverno, mas é deslumbrante no verão. Todos os abetos estão verdes e viçosos, e vemos a montanha estender-se até à aldeia.

— Ela vai gostar mais deles — murmura o Cole.

Eu pestanejo.

— O quê?

As suas bochechas aquecem sob a barba. Ele pega na faca outra vez e começa a fazer sulcos no tronco.

— Não sou como o Riven e o Eli.

— Já tinha reparado. É o que mais gosto em ti.

Ele grunhe.

— Nunca tive um pai. Mal tive uma mãe. Não sou... gentil o suficiente.

— Ele engole com dificuldade, e eu percebo que os seus dedos fortes estão a tremer ligeiramente. — Vou assustá-la.

Eu rio-me dele.

— Não vais assustá-la. E és muito gentil.

— Assustei aquele miúdo na loja. Nem sequer era minha intenção. Estava só a olhar para ele.

Jesus.

— Cole, não foste tu. Os bebés choram a toda a hora. — Dou-lhe um encontrão no braço. — Sei que te achas um bruto grande e mau, mas ser um bocado *rabugento* não é o mesmo que ser *mau*. Nunca senti que me amasses menos do que o Eli ou o Riven. A Baby vai adorar-te, tal como eu. — Aconchego-me melhor nele, encostando o rosto ao seu pescoço. — Vais ser um pai espetacular. Juro.

— *Eu* é que juro — murmura ele, dando-me uma palmadinha na barriga. Ficamos em silêncio durante algum tempo. Uma brisa fresca sopra das montanhas e eu tremo.

Ele solta-se e levanta-se.

— Estás fria.

Eu gemo.

— Oh, meu Deus, eu estou *bem*, não quero voltar já lá para dentro.

— Não foi isso que eu disse.

Ele vai lá dentro e volta uns segundos depois com um pedaço de tecido cor-de-rosa dobrado.

Eu endireito-me.

— O que é isto?

— Comprei. Na loja. — Ele abre-a e eu percebo que é uma manta, com padrões de pequenos elefantes cinzentos. Ele alisa-a sobre mim. — Era para o teu berço, mas a tua mãe já pode ficar com ele — diz ele à minha barriga.

Passo os dedos sobre o tecido macio, a minha garganta aperta-se. Não há dúvida nenhuma. O Cole vai ser um pai incrível. A sua forma de amar é muito mais silenciosa do que a do Eli e do Riv; ele nem sempre gosta de falar disso. Mas demonstra-o sempre, sempre. Aconchego-me debaixo do cobertor e encosto-me ao peito do Cole, deixando que os meus olhos se fechem. Ele solta um murmúrio baixo e satisfeito, baixando a cabeça para respirar no meu

cabelo.

Estou quase a dormir quando ouço a porta da frente a abrir-se. O Riven e o Eli saem para o alpendre, a pestanejarem ensonados.

O Eli suspira, apontando um dedo na nossa direção.

— Eu sabia! Vocês os dois estão a ter um caso!

Estendo-lhe a mão.

— Vêm juntar-se a nós?

— Um *ménage* a quatro. Que atrevido. — Ele instala-se ao meu lado, espremendo-se contra mim. — De certeza que não queres que te deixe em paz? Não quero incomodar.

O meu estômago aperta-se uma vez mais de culpa quando me recordo da cara dele na loja.

— Não — digo baixinho. — Eu quero-te aqui. — Inclino-me para ele, esfregando a minha face na sua, e ele quase começa a ronronar.

— Menina bonita — murmura ele. — Cole, partilha.

— Não — diz o Cole.

O Riv senta-se lentamente do outro lado do Eli.

— Está tudo bem? — pergunta com cuidado, os seus olhos escuros na minha cara.

Eu aceno com a cabeça, pestanejando com força.

— Sim. Só não conseguia dormir.

— Parece que estás prestes a chorar, amor.

Eu rio-me.

— Estou sempre prestes a chorar. Tem sido assim nos últimos oito meses. — Enquanto o digo, a minha voz vacila. Olho para o meu colo. — Hum. Peça desculpa.

As sobrancelhas dele franzem-se.

— Desculpa? De quê?

Dou um puxão à parte de baixo da minha camisola.

— Por ter estado tão irritada hoje. Fui uma verdadeira cabra. Deves estar arrependido de me teres engravidado.

O Eli franze o sobrolho.

— Como te atreves? Nunca me vou arrepender de te ter engravidado! — Ele olha em volta para nós. — Porque fui *eu* — esclarece.

Eu suspiro.

— Eu simplesmente... odeio isto. Odeio sentir que não consigo controlar as minhas emoções. Odeio não poder *andar* sem que tudo me doa. Odeio sentir-me doente a toda a hora. Eu só... *Uh!* — Ponho a cabeça entre as mãos.

— Está quase a acabar — diz o Riv em voz baixa. — Acredita em mim. Nenhuma mulher grávida com quem eu tenha falado gostou desta última parte

da gravidez.

— Eu só... sinto que estou a ser uma má companheira. Estou sempre a chorar e a ser uma cabra. Se não consigo lidar com três homens adultos, como é que vou ter paciência para cuidar de um bebé? — Limpo a bochecha. — O mais provável é que vos assuste a todos e que vocês se vão embora, e a Baby vai convosco e eu fico sozinha outra vez...

O Riven põe-me uma mão firme nas costas.

— Estás a extrapolar.

— Vês! — Levanto as mãos. — Nem sequer consigo pensar com clareza! É como se *soubesse* que estou a ser irracional, mas não consigo evitar!

— Estás com dores. As tuas hormonas estão todas desreguladas. É normal. — Ele limpa as lágrimas da minha maçã do rosto com o polegar. — Amor, acho que não tens noção do que isto significa para nós. Estás a dar-nos o maior presente que alguma vez poderias dar. Uma família. — Ele passa uma mão pela minha barriga. — Estás a sacrificar o teu corpo e o teu conforto para nos dares um filho. Nunca seremos capazes de te compensar por isso. Para de te preocupar tanto.

— Vamos amar-te sempre — corta o Eli. — Sempre. Saíste literalmente por uns vinte minutos e eu senti tanto a tua falta que tive de ir à tua procura.

— E isso nunca vai mudar — diz o Riven, com firmeza. — Porque agora somos uma família. — Ele pega na minha mão e beija as alianças de casamento. — Jurámos que era para sempre, lembras-te?

Eu fungo.

— Amo-vos a todos.

— Nós também te amamos.

— Para sempre — acrescenta o Eli, aproximando-se mais e pondo a cabeça no meu ombro.

O Cole desloca-se para trás de mim, envolvendo-me com um braço e oferecendo-me o seu calor. Passa a mão grande pela minha barriga, e eu sinto a Baby contorcer-se contra ela.

— Mais do que podes imaginar — murmura ele.

Fecho os olhos e inspiro tudo, o conforto e a segurança desabrocham no meu peito como uma flor.

— Acho que posso — sussurro. — Acho que posso mesmo.

Mensagem final

Obrigada pela leitura!

Biografia

LILY GOLD vive em Londres. É uma grande defensora de relações pouco convencionais e acredita que o amor é melhor se for partilhado. Escreve histórias sobre mulheres fortes e os haréns de homens de corações generosos por quem elas se apaixonam.

Quando não está a escrever, lê, mata acidentalmente as suas plantas ou mima qualquer dos animais a que consegue deitar mão. Mais informações em lilygoldauthor.com | @authorlilygold

Mais informações em

www.sde.pt